



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – POSLA

MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

RAQUEL LEITE SABOIA DA COSTA

**CULTURAS DISCIPLINARES E ARTIGOS ACADÊMICOS EXPERIMENTAIS: UM
ESTUDO COMPARATIVO DA DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA**



FORTALEZA - CEARÁ

2015

RAQUEL LEITE SABOIA DA COSTA

CULTURAS DISCIPLINARES E ARTIGOS ACADÊMICOS EXPERIMENTAIS: UM
ESTUDO COMPARATIVO DA DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cibele Gadelha Bernardino.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Costa, Raquel Leite Saboia da.

Culturas disciplinares e artigos acadêmicos experimentais: um estudo comparativo da descrição sociorretórica [recurso eletrônico] / Raquel Leite Saboia da Costa. - 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 242 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.^a Dra. Cibele Gadelha Bernardino.

1. Artigo acadêmico experimental. 2. Organização sociorretórica. 3. Culturas disciplinares. 4. Linguística. 5. Medicina. I. Título.

RAQUEL LEITE SABOIA DA COSTA

CULTURAS DISCIPLINARES E ARTIGOS ACADÊMICOS EXPERIMENTAIS:
UM ESTUDO COMPARATIVO DA DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 27/02/2015.

BANCA EXAMINADORA

Cibele Gadelha Bernardino

Profa. Dra. Cibele Gadelha Bernardino (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Júlio César Araújo

Prof. Dr. Júlio César Araújo (1º Membro)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Antonia Dilamar Araújo

Profa. Dra. Antonia Dilamar Araújo (2º Membro)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À minha avó Rosimar Leite Saboia (*in memoriam*), por ter participado dos momentos mais importantes da minha vida, dando-me desmedido amor e preciosa educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha força e meu sustento diariamente.

À Maria Santíssima, mãe de Deus, por ser minha mãe e minha maior intercessora junto a seu filho, Jesus Cristo.

Ao Gilson, meu namorado, meu amigo, meu amor, por acompanhar, pacientemente, essa minha jornada, sempre estando ao meu lado sem economizar esforços para me fazer feliz.

À Roseane, minha mãe, pelos sacrifícios feitos, muitas vezes, para me garantir educação de qualidade.

Ao Tiago, meu irmão, por me servir de exemplo na difícil tarefa de estudar e conquistar sonhos e objetivos e por sempre estar disposto a me ajudar, não me negando favores.

À Andrea, companheira de graduação, diletta amiga e irmã de coração, por confiar a mim sua amizade, a qual muito me conforta, por me ouvir e me aconselhar, sabendo o que dizer até nos momentos mais difíceis, e, principalmente, por se alegrar sempre com minhas conquistas.

À Cibele, orientadora querida, por acreditar em mim, dando-me uma oportunidade ainda na graduação, por fazer, inúmeras vezes, o papel de amiga, por me encorajar e me aconselhar em momentos de dificuldade e por me orientar com tanta competência na graduação e no mestrado, concedendo-me seu olhar crítico e acadêmico, sem o qual eu não chegaria até aqui.

À Alana, companheira de graduação, pela ajuda com alguns detalhes acadêmicos, pela amizade e pelos momentos vividos dentro e fora da academia, especialmente aqueles com conversas descontraídas.

À Lígia, minha mais recente amiga, por ter sido uma grata surpresa e uma verdadeira parceira de orientação.

À Andrezza, colega de graduação e de mestrado, pela amizade e pelos bons momentos compartilhados dentro e fora da universidade.

Ao Daniel, por me ajudar com a aplicação do questionário.

Ao professor Júlio Araújo, por compor minha banca de qualificação, contribuindo grandemente com meu trabalho, por me ajudar, compartilhando textos quando pedi, e por aceitar compor minha banca de defesa.

À professora Dilamar Araújo, por compor, ao lado do professor Júlio, minha banca de qualificação, tecendo comentários enriquecedores, e por aceitar compor minha banca de defesa.

Aos membros das culturas disciplinares que aceitaram colaborar com esta pesquisa pela disposição em ajudar.

À Keiliane, por sempre auxiliar a todos com presteza e simpatia na secretaria do programa.

À Universidade Estadual do Ceará (UECE) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) pela oportunidade de cursar o mestrado.

À Fundação Cearense de Apoio ao Pesquisador – Funcap pelo financiamento.

RESUMO

Nesta pesquisa, a partir da comparação entre exemplares do gênero artigo acadêmico experimental, investigamos de que modo membros experientes das áreas disciplinares de Linguística e de Medicina organizam sociorretoricamente seus textos, observando em que medida as especificidades de cada área interferem nesse processo. Como objetivo principal, com base na hipótese de que campos disciplinares distintos constroem diferentemente gêneros acadêmicos, evidenciando em seus textos caracterização sociorretórica peculiar, pesquisamos como diferentes culturas disciplinares (HYLAND, 2000, 2009) influenciam na elaboração de artigos experimentais. Como objetivos específicos, descrevemos as culturas disciplinares das áreas de Linguística e de Medicina, relacionando-as com a prática e o consumo de artigos experimentais; relacionamos os propósitos comunicativos do gênero artigo experimental às culturas disciplinares, considerando a compreensão dos pesquisadores das áreas investigadas; descrevemos a organização retórica do artigo, considerando seus propósitos comunicativos e as culturas em que estão situados, e analisamos, comparativamente, as descrições sociorretóricas das referidas áreas disciplinares. Como norte teórico, utilizamos a proposta teórico-metodológica de Swales (1990, 1992, 1998, 2004) acerca de comunidades discursivas e de gêneros textuais, as apreciações de Hyland (2000, 2009) sobre culturas disciplinares, as contribuições de Motta-Roth e Hendges (2010) a respeito do artigo experimental e as propostas de descrição retórica de Swales (1990) (modelo CARS – *Create a Research Space*), de Motta-Roth e Hendges (2010), de Oliveira (2002, 2003), de Yang e Allison (2003) e de Nwogu (1997) para análise das unidades retóricas, dos movimentos e dos passos que compõem o gênero em destaque. Compusemos o *corpus* com 20 exemplares de artigos experimentais, sendo dez de cada área, selecionados de periódicos *Qualis* A e B e de anais de congressos. Para o reconhecimento das unidades informacionais dos exemplares do gênero, identificamos as pistas léxico-gramaticais, o conteúdo propriamente dito e a disposição de blocos textuais, como títulos e parágrafos. Para a caracterização das culturas disciplinares das áreas de Linguística e de Medicina, coletamos dados em relatórios de área da Capes, em periódicos especializados e em respostas de pesquisadores obtidas por meio de um questionário. Os resultados apontaram para a influência dos elementos inerentes às culturas disciplinares na distribuição das informações nos textos, bem como revelaram descrições sociorretóricas distintas para artigos das duas áreas, evidenciando que cada comunidade

acadêmico-científica possui convenções, normas, nomenclaturas, objetos de estudo e metodologias particulares para a composição de seus gêneros.

Palavras-chave: Artigo acadêmico experimental. Organização sociorretórica. Culturas disciplinares. Linguística. Medicina.

ABSTRACT

In this research, from the comparison of different examples of the genre experimental articles, we investigated how expert members in the Linguistic and Medicine areas organize their texts socio-rhetorically, observing the extent to which each area's specificities interfere in that process. As a main purpose, based on the assumption that different disciplinary fields construct academic genres differently, showing in their texts peculiar socio-rhetorical characterization, we examined how differently disciplinary cultures (HYLAND, 2000, 2009) influence the elaboration of experimental articles. As specific objectives, we described the disciplinary cultures of Linguistic and Medicine areas, relating them to the practice and consumption of experimental articles; we related the genre experimental articles' communicative purposes to disciplinary cultures, considering the researchers' understanding of the investigated areas; we described the rhetorical organization of the academic article, considering its communicative purposes and the culture to which it belonged, and we analyzed, comparatively, the articles' socio-rhetorical descriptions of the previously mentioned areas. As a theoretical north, we used Swales's (1990, 1992, 1998, 2004) theoretical-methodological framework about discursive communities and textual genres, Hyland's (2000, 2009) concept of disciplinary cultures, Motta-Roth & Hedges's (2010) premises about experimental articles and the rhetorical descriptions by Swales (1990) (CARS model – *Create a Research Space*), by Motta-Roth & Hedges (2010), by Oliveira (2002, 2003), by Yang & Allison (2003) and by Nwogu (1997) for the analysis of rhetorical units, moves and steps that comprise the genre in evidence. We composed a *corpus* of 20 examples of the experimental articles, ten articles of each area, selected from A and B *Qualis* journals and from annals of congress. In order to recognize examples of genre's informational units, we identified lexical traces, the content itself and the arrangement of textual blocks, like titles and paragraphs. For disciplinary cultures' characterization of Linguistic and Medicine areas, we collected data in Capes' reports of areas, specialized journals and researchers' answers obtained through a questionnaire. Our results indicated that the disciplinary culture elements have influence on distribution of information in the texts and revealed different socio-rhetorical descriptions for articles of the two areas, showing that each academic and scientific community has particular conventions, norms, nomenclatures, objects of study and methodologies for the composition of their genres.

Keywords: Academic experimental article. Socio-rhetorical organization. Disciplinary cultures. Linguistics. Medicine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Metáforas de gênero	49
Figura 2 - Procedimento sistemático de análise textual	53
Figura 3 - Procedimento sistemático de análise contextual.....	54
Figura 4 - Modelo CARS (<i>Create a Research Space</i>)	71
Figura 5 - Descrição retórica da unidade de Introdução da área disciplinar de Medicina	74
Figura 6 - Descrição retórica da unidade de Revisão de Literatura	77
Figura 7 - Descrição retórica da unidade de Metodologia da área disciplinar de Linguística Aplicada.....	79
Figura 8 - Descrição retórica da unidade de Metodologia da área disciplinar de Medicina ..	81
Figura 9 - Descrição retórica da unidade de Resultados e Discussão	83
Figura 10 - Descrição retórica da unidade de Resultados da área disciplinar de Linguística Aplicada.....	85
Figura 11 - Descrição retórica da unidade de Resultados da área disciplinar de Medicina	86
Figura 12 - Descrição retórica da unidade de Discussão	87
Figura 13 - Descrição retórica da unidade de Discussão da área disciplinar de Linguística Aplicada.....	88
Figura 14 - Descrição retórica da unidade de Discussão da área disciplinar de Medicina	90
Figura 15 - Descrição retórica da unidade de Conclusão da área disciplinar de Linguística Aplicada.....	92
Figura 16 - Propostas de descrição retórica para a análise de artigos de Linguística	99
Figura 17 - Propostas de descrição retórica para a análise de artigos de Medicina	101
Figura 18 - Frequência das unidades retóricas em artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (10 artigos analisados).....	121
Figura 19 - Descrição das unidades retóricas de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística.....	124
Figura 20 - Frequência de unidades informacionais em introduções de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (10 artigos analisados).....	125
Figura 21 - Descrição retórica da unidade de Introdução de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística	132

Figura 22 - Frequência de unidades informacionais em revisões de literatura de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (8 artigos analisados)	134
Figura 23 - Descrição retórica da unidade de Revisão de Literatura de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística	138
Figura 24 - Frequência de unidades informacionais em metodologias de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (5 artigos analisados)	140
Figura 25 - Descrição retórica da unidade de Metodologia de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística	144
Figura 26 - Frequência de unidades informacionais em resultados e discussões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (9 artigos analisados)	146
Figura 27 - Descrição retórica da unidade de Resultados e Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística	151
Figura 28 - Frequência de unidades informacionais em conclusões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (10 artigos analisados)	152
Figura 29 - Descrição retórica da unidade de Conclusão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística	155
Figura 30 - Frequência de unidades informacionais em referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (10 artigos analisados)	156
Figura 31 - Descrição retórica da unidade de Referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística	157
Figura 32 - Descrição retórica de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística	157
Figura 33 - Frequência das unidades retóricas em artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados)	178
Figura 34 - Descrição das unidades retóricas de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	181
Figura 35 - Frequência de unidades informacionais em introduções de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados)	183
Figura 36 - Descrição retórica da unidade de Introdução de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	188

Figura 37 - Frequência de unidades informacionais em metodologias de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados).....	189
Figura 38 - Descrição retórica da unidade de Metodologia de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	195
Figura 39 - Frequência de unidades informacionais em resultados de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (8 artigos analisados).....	197
Figura 40 - Descrição retórica da unidade de Resultados de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	200
Figura 41 - Frequência de unidades informacionais em discussões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (8 artigos analisados).....	201
Figura 42 - Descrição retórica da unidade de Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	205
Figura 43 - Frequência de unidades informacionais em conclusões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (5 artigos analisados).....	206
Figura 44 - Descrição retórica da unidade de Conclusão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	208
Figura 45 - Frequência de unidades informacionais em referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados).....	209
Figura 46 - Descrição retórica da unidade de Referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	210
Figura 47 - Descrição retórica de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	211
Figura 48 - Descrições retóricas da unidade de Introdução de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina	219
Figura 49 - Descrições retóricas da unidade de Metodologia de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina	222
Figura 50 - Descrições retóricas da unidade de Resultados e Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística e das unidades de Resultados e de Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina	224
Figura 51 - Descrições retóricas da unidade de Conclusão de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina	227
Figura 52 - Descrições retóricas da unidade de Referências de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina	228

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias de análise e suas definições	103
Tabela 2 - Perfil e percentual de periódicos em cada estrato (Medicina I e Medicina II)	167
Tabela 3 - Perfil e percentual de periódicos em cada estrato (Medicina III)	168

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	A PROPOSTA TEÓRICA DE JOHN SWALES	26
2.1	AS COMUNIDADES DISCURSIVAS.....	27
2.1.1	Comunidade de fala X Comunidade discursiva	29
2.1.2	O conceito de comunidade discursiva	30
2.1.3	Revisitando o conceito de comunidade discursiva	31
2.2	OS GÊNEROS TEXTUAIS	37
2.2.1	O conceito de gênero textual	38
2.2.2	O repropósito do gênero	52
3	AS CULTURAS DISCIPLINARES	56
3.1	O DISCURSO ACADÊMICO.....	56
3.2	AS COMUNIDADES ACADÊMICAS.....	58
3.3	AS DISCIPLINAS ACADÊMICAS.....	61
4	O GÊNERO ARTIGO ACADÊMICO	66
4.1	O ARTIGO CIENTÍFICO NA ACADEMIA.....	66
4.2	O ARTIGO EXPERIMENTAL.....	67
4.2.1	A estrutura do artigo experimental	68
4.2.2	O modelo CARS (<i>Create a Research Space</i>)	69
4.2.3	Introdução	74
4.2.4	Revisão de Literatura	76
4.2.5	Metodologia	78
4.2.6	Resultados, Discussão e Conclusão	82
4.2.6.1	Resultados.....	84
4.2.6.2	Discussão	87

4.2.6.3	Conclusão.....	91
5	METODOLOGIA.....	94
5.1	O TIPO DE PESQUISA	94
5.2	O INSTRUMENTO DA PESQUISA	95
5.3	OS SUJEITOS DA PESQUISA	95
5.4	O <i>CORPUS</i>	96
5.5	OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	96
5.6	SÍNTESE DAS METODOLOGIAS E DOS CONCEITOS PERTINENTES À ANÁLISE DE DADOS	98
5.7	DEFINIÇÕES DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	102
6	A CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DISCIPLINAR DE LINGUÍSTICA E A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA DO ARTIGO EXPERIMENTAL	105
6.1	UM OLHAR PARA A CULTURA DISCIPLINAR.....	105
6.2	UM OLHAR PARA A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA	120
6.2.1	Unidades retóricas	120
6.2.2	Introdução	125
6.2.3	Revisão de Literatura	133
6.2.4	Metodologia	139
6.2.5	Resultados e Discussão	145
6.2.6	Conclusão.....	152
6.2.7	Referências	155
7	A CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE MEDICINA E A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA DO ARTIGO EXPERIMENTAL	159
7.1	UM OLHAR PARA A CULTURA DISCIPLINAR.....	159
7.2	UM OLHAR PARA A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA	177
7.2.1	Unidades retóricas	177
7.2.2	Introdução	182

7.2.3	Metodologia	188
7.2.4	Resultados.....	197
7.2.5	Discussão.....	200
7.2.6	Conclusão.....	206
7.2.7	Referências	209
8	UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS CULTURAS DISCIPLINARES DAS ÁREAS DE LINGUÍSTICA E MEDICINA.....	213
9	CONCLUSÃO.....	229
	REFERÊNCIAS.....	232
	APÊNDICES	236
	APÊNDICE A – Questionário respondido pelos membros das culturas disciplinares	237
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido	238
	APÊNDICE C – Referências do <i>corpus</i> de análise	240

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, em notória ascensão, os estudos sobre gêneros textuais vêm ocupando importante espaço na Linguística Aplicada (LA) tanto no âmbito internacional quanto no âmbito nacional. Tais estudos, a exemplo das contribuições de Swales (1990, 2004), Bhatia (1993, 2004), Motta-Roth (1995), Araújo (1996) e Biasi-Rodrigues (1998), são considerados referências fundamentais por diversos pesquisadores da área principalmente no que tange aos trabalhos sobre análise de gêneros. Nessa esteira, os gêneros textuais, vistos como espaço de interação, de negociação entre pares e de construção de posicionamentos (BERNARDINO, 2007), são encontrados em todas as esferas de interação humana e funcionam como base para a realização de práticas sociais e profissionais, tornando-se objeto de estudo essencial na LA.

Sob essa ótica, gêneros textuais como a resenha, o resumo e o artigo científico permeiam o meio universitário, que está essencialmente ligado à atividade de pesquisa. Nesse meio, docentes e discentes desenvolvem estudos que são compartilhados com a comunidade acadêmica por meio de apresentações em congressos e de publicações em revistas especializadas. Vale ressaltar, ainda, que nenhuma descoberta possui significado até estar disponível para a academia e que os créditos só serão dados aos autores e à universidade após a sua publicação (HYLAND, 2009).

Ao serem publicadas, as descobertas estabelecem uma reputação acadêmica por meio do discurso acadêmico (HYLAND, 2009). Esse discurso, segundo Hyland (2009), responsável pela criação de um conhecimento disciplinar aprovado, refere-se aos caminhos de pensamento e de uso da língua existentes na academia. Seus significados residem no fato de que as atividades sociais complexas, como disseminar ideias e construir conhecimentos, dependem da língua utilizada para realizá-las.

Para o autor, a língua é usada para entender questões de formas específicas para grupos sociais particulares, de modo que realidades sociais, identidades pessoais e instituições profissionais se formam. Para apreciá-la no contexto social, precisamos focar não somente a língua de forma isolada, mas os discursos, já que estes são formas de comportamento, interação, valoração, pensamento, crenças. O discurso passa a ser a forma como os indivíduos colaboram e competem entre si para criar conhecimento e definir alianças acadêmicas.

Hyland (2009) afirma também que o discurso acadêmico, além de permitir que a universidade continue com o trabalho de ensino e pesquisa, constrói as regras e os relacionamentos sociais que sustentam a academia, as disciplinas e a criação do conhecimento próprio. Para o autor, o estudo desse discurso revela, portanto, a dinâmica da vida acadêmica, além de ser uma rica fonte de informação sobre as práticas sociais dos acadêmicos e da própria sociedade.

Nesse mesmo contexto, Hyland (2000) pontua que textos escritos constituem uma das formas de realização do discurso acadêmico e que a escrita acadêmica deve ser entendida como prática social coletiva. Os textos são uma espécie de força vital da academia por meio da qual os indivíduos produzem e compartilham conhecimento, estabelecem hierarquias e mantêm autoridade cultural. É, então, nesse âmbito teórico que enxergamos a importância de gêneros acadêmicos para a realização e a manutenção das atividades da universidade.

Diante disso, a partir da proposta de Swales (1990), entendemos que gêneros emergem e se desenvolvem no interior de comunidades discursivas (CD), que podem ser entendidas como redes sociorretóricas formadas para objetivos comuns, em que membros conhecem e utilizam gêneros. Nesse sentido, Swales (1990) afirma que o conceito de gênero está intimamente ligado ao conceito de comunidade discursiva e comenta a importância de se observar como podemos definir uma CD considerando a atividade discursiva relevante e os propósitos comunicativos comuns e partilhados. Destarte, como temos visto, compreender gêneros implica, necessariamente, compreender sua origem, seu meio de produção, circulação e consumo, haja vista que gêneros pertencem a comunidades e não a indivíduos.

Ainda, tendo como norte Hyland (2008), podemos afirmar que o conceito de gênero se baseia na premissa de que membros de uma comunidade geralmente possuem pouca dificuldade em reconhecer semelhanças em textos que utilizam frequentemente e são capazes de entendê-los e produzi-los com relativa facilidade. Ao se comunicarem, autores são guiados por convenções que os permitem expressar coleguismo, resolver desentendimentos, negociar conhecimentos, por exemplo. Nesse cenário, os gêneros podem ser compreendidos como a face mais concreta, pública e acessível de uma prática social coletiva, a saber: a escrita acadêmica (HYLAND, 2000), permitindo-nos ir além das fronteiras do conteúdo e da configuração retórica.

Com base nos pressupostos de Hyland (2000, 2008, 2009) e de Swales (1990), temos que os gêneros acadêmicos permeiam comunidades discursivas acadêmicas permitindo a interação entre membros, a criação e o compartilhamento de conhecimento disciplinar, a

inovação nas práticas sociais e o alcance de objetivos comuns socialmente acordados, o que mantém a dinamicidade do meio acadêmico e as práticas profissionais. Além disso, percebemos que o conhecimento disciplinar aprovado construído e disseminado por meio do discurso revela-nos a existência de instâncias dentro da própria comunidade discursiva da academia, já que esse espaço parece ser composto por metodologias, normas, nomenclaturas, práticas e convenções diversas.

É nessa perspectiva, pois, que recorreremos às contribuições de Hyland (2000, 2009) acerca dos conceitos de cultura disciplinar e de disciplina. Para o autor, disciplinas são espécies de sistemas em que crenças e práticas interagem com normas, nomenclaturas, campos de conhecimentos, conjuntos de convenções, objetos e metodologias de pesquisa. Esses sistemas constituem uma cultura disciplinar que se manifesta pelos respectivos discursos disciplinares. Desse modo, culturas disciplinares diferem entre si quanto ao conhecimento, aos objetivos, aos comportamentos sociais, às relações de poder.

Nesse mesmo sentido, Hyland (2000) afirma que os gêneros são sensíveis a variações disciplinares, de modo que compreender a produção, a circulação e o consumo de gêneros como práticas institucionais particulares implica compreender como as diferentes áreas disciplinares constroem seus conhecimentos e suas crenças, seus objetos de estudo, seus métodos, suas formas de interação. Assim, gêneros textuais encontrados na comunidade discursiva da academia constituem um espaço no qual determinada cultura disciplinar é construída e permitem-nos compreender como culturas disciplinares criam sua própria visão de mundo, uma vez que tais culturas determinam aquilo que deve ser compartilhado e o modo mais adequado de se compartilhar.

Em virtude do que expusemos, considerando que cada comunidade acadêmico-científica possui convenções, normas, nomenclaturas e metodologias particulares para a produção de seus textos, observamos a pertinência da reflexão acerca das diferentes formas de se construírem gêneros acadêmicos, investigando aquilo que constitui nosso objeto de pesquisa: a natureza sociorretórica de gêneros acadêmicos em diferentes culturas disciplinares, dando especial atenção à hipótese de que campos disciplinares distintos evidenciam em seus gêneros uma caracterização sociorretórica peculiar devido às diferentes metodologias de pesquisa, convenções e normas. Assim sendo, a fim de nos debruçarmos mais profundamente no entendimento da relação entre diferenças disciplinares e gêneros acadêmicos, pretendemos investigar como membros experientes das áreas de Linguística e

Medicina organizam seus textos e em que medida as diferenças disciplinares interferem nesse processo.

Diante de tal pretensão, identificamos, no artigo experimental, o instrumento de análise mais propício para nossa investigação, uma vez que esse é o gênero que considera mais rigorosamente requisitos acadêmicos em termos de organização textual e escolhas linguísticas (LIM, 2006), tendo em vista as complexas atividades que desempenha, como compartilhar ideias, construir conhecimentos, definir alianças acadêmicas. Sua importância reside, também, no fato de, segundo Hyland (1997), a divulgação de pesquisas por meio de artigos científicos ser primordial para a cultura acadêmica tanto em relação à promoção de diversas disciplinas quanto em relação à construção da reputação pessoal de pesquisadores. Ademais, observando as lacunas teóricas nos estudos de gêneros, Bernardino (2007) aponta para o artigo acadêmico como um *locus* fértil de análise que provoca questões relevantes a um ambiente teórico.

Quanto à escolha das áreas disciplinares, inicialmente, é necessário pontuar que essa pesquisa está inserida em um projeto maior intitulado *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas*¹, que tem como objetivo investigar como campos disciplinares distintos constroem gêneros acadêmicos em termos de organização sociorretórica e construção do metadiscorso. Esse projeto contempla as grandes áreas Linguística, Letras e Artes, Ciências Exatas e da Terra e Ciências da Saúde e possui um extenso *corpus* composto por artigos de Linguística, Geografia Física e Medicina. A partir disso, considerando a íntima ligação entre o projeto maior e nossa investigação, optamos por manter parte desses exemplares já compilados para efeito de análise.

Tais artigos, junto a exemplos de outros gêneros, podem ser vistos como fundamentais e necessários à sobrevivência das referidas áreas disciplinares, uma vez que, no ambiente acadêmico, a produção de gêneros é um dos fatores essenciais para a manutenção das atividades profissionais. Apesar de sua importância, tal produção é conduzida por regras como as da Associação Brasileira de Normas Técnicas, doravante ABNT, que parecem generalizar questões referentes à organização textual para as diversas áreas disciplinares, contrariando o que diz Hyland (2008) sobre a necessidade de o ensino da escrita acadêmica ser mais crítico, situado socialmente e menos mecânico. Com base nessa ótica, questionamos se esse tipo de generalização pode ser visto como uma prática que auxilie a construção de

¹ Projeto coordenado pela Professora Doutora Cibele Gadelha Bernardino no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

textos escritos que, com efeito, sejam capazes de definir e refletir disciplinas da comunidade discursiva da academia.

Ainda, no que diz respeito à organização textual e às escolhas linguísticas, os estudos dos gêneros vêm ganhando força e destaque nas pesquisas em Linguística Aplicada. Nesse contexto, gêneros acadêmicos já foram descritos e analisados, de modo que várias descrições sociorretóricas já foram apresentadas. Entre elas, podemos destacar a de Biasi-Rodrigues (1998) para o resumo, a de Motta-Roth (1995), a de Araújo (1996) e a de Bezerra (2001) para a resenha e a de Swales (1990), a de Bernardino (2007) e a de Motta-Roth e Hendges (2010) para o artigo.

Mais particularmente sobre o artigo acadêmico, no Brasil, apesar do relativo número de estudos que contemplam as partes do artigo experimental, ainda existem lacunas referentes a uma investigação que procure abarcar a configuração retórica de artigos como um todo, especialmente, em áreas disciplinares diferentes, de modo semelhante ao que fez Costa (2012). Nesse sentido, é importante destacar o trabalho de Oliveira (2002, 2003), que fornece um modelo de organização retórica para a unidade de Metodologia de artigos de Linguística Aplicada, o de Silva (1999), que oferece uma descrição para a seção de Resultados e Discussão de artigos da área de Química, e o de Motta-Roth e Hendges (2010), que oferecem modelos de configuração retórica para as unidades de Revisão de Literatura e de Resultados e Discussão.

Saindo da esfera nacional, já em relação a outros autores, temos a valiosa contribuição de Nwogu (1997), que descreve as unidades retóricas de artigos da área de Medicina, os estudos de Lim (2006), que descreve metodologias de artigos de Administração, e os trabalhos de Yang e Allison (2003), que descrevem as unidades de Resultados, Discussão e Conclusão de artigos de Linguística Aplicada.

Além das limitações já apontadas, existem outras questões complexas, por exemplo, em relação às unidades de Resultados, Discussão e Conclusão. Parece-nos que existe uma questão ainda não acordada entre os pesquisadores no que diz respeito à forma como tais seções devem ser apresentadas: ora Resultados e Discussão aparecem em uma única unidade, ora aparecem separadamente; ora Discussão e Conclusão aparecem em uma única unidade retórica, ora aparecem separadamente.

Quanto a isso, Lim (2006), em sua análise de artigos de Administração, opta por usar a terminologia *Resultados e Discussão/Conclusão*, o que nos permite inferir que existe a

possibilidade de se apresentar essa seção junta ou separadamente. Da mesma forma, Motta-Roth e Hendges (2010) afirmam que a Conclusão pode aparecer como uma seção da discussão dos resultados ou pode aparecer como uma unidade independente. Em contrapartida, Bernardino (2007), ao descrever a organização retórica do gênero artigo acadêmico da área de Linguística, apresenta as Considerações Finais como uma unidade independente.

Diante desse cenário, é possível percebermos que, apesar de gêneros, especialmente os acadêmicos, permitirem um maior controle do poder de generalização, agrupando textos com semelhanças em termos de objetivos retóricos, forma e audiência (HYLAND, 2005), muito ainda há para se pesquisar em relação às diferenças entre eles principalmente em áreas disciplinares distintas, já que gêneros possibilitam-nos conhecer aquilo que está implícito em culturas acadêmicas diversas (HYLAND, 1997).

Assim, considerando as lacunas nos estudos de artigos científicos, algumas inquietações nos impulsionaram à elaboração de questionamentos capazes de conduzir esse estudo. Nesse sentido, a fim de responder a tais questionamentos, apoiando-nos em Hyland (1997) quando esse autor afirma que os textos revelam valores e crenças compartilhadas de grupos por meio de operações retóricas de rotina e são escritos para serem entendidos dentro de certos contextos culturais, elencamos objetivos capazes de nortear essa empreitada. Vejamos, então, a seguir, as questões e os objetivos que movimentaram a pesquisa:

- Questão geral

Como diferenças disciplinares influenciam na produção e no consumo do gênero artigo acadêmico experimental?

- Questões específicas

- 1) De que maneira as culturas disciplinares das áreas de Linguística e de Medicina se relacionam com a produção e o consumo de artigos experimentais?

- 2) Como os propósitos comunicativos do artigo experimental se situam nas culturas disciplinares e são compreendidos pelos pesquisadores das áreas investigadas?

- 3) Que relações existem entre a organização retórica do artigo experimental e as culturas disciplinares em que estão situados?

4) Quais as semelhanças e as diferenças entre as áreas disciplinares quanto à configuração sociorretórica e aos objetivos comuns partilhados em exemplares do gênero artigo experimental?

- Objetivo geral

Analisar, comparativamente, a produção e o consumo do artigo experimental nas áreas de Linguística e Medicina, considerando as culturas disciplinares dessas áreas, os propósitos comunicativos do gênero e a sua relação com as práticas de organização retórica adotadas por cada área.

- Objetivos específicos

1) Descrever as culturas disciplinares das áreas de Linguística e de Medicina, relacionando-as com a prática e o consumo de artigos experimentais.

2) Relacionar os propósitos comunicativos do gênero artigo experimental às culturas disciplinares, considerando a compreensão dos pesquisadores das áreas investigadas.

3) Descrever a organização retórica do artigo experimental, considerando seus propósitos comunicativos e as culturas disciplinares em que estão situados.

4) Analisar, comparativamente, as propostas de descrição sociorretórica das referidas áreas disciplinares.

Alcançando os objetivos propostos, acreditamos que essa pesquisa, a partir da análise da descrição sociorretórica de gêneros, além de indicar como estruturas sociais são instituídas e construídas por meio da linguagem, possa conduzir-nos ao entendimento daquilo que permeia culturas disciplinares, contribuindo para a descrição da escrita acadêmica, especialmente no que diz respeito à investigação da produção de gêneros nas áreas de Linguística e de Medicina.

Mais especificamente, buscamos contribuir com o ensino nas universidades, auxiliando docentes e discentes de graduação e pós-graduação, ao fornecermos um norte teórico capaz de ajudá-los no processo de elaboração do gênero artigo acadêmico. Dessa forma, esperamos que nossos achados e nossas considerações interpretativas contribuam para

a produção de material didático para as áreas a serem descritas capaz de auxiliar escritores, principalmente aqueles ainda inexperientes, a construírem as unidades informacionais de seus textos, bem como funcionem como um convite a pesquisas futuras, com o intuito de estender a investigação a outras áreas disciplinares.

Cabe destacar ainda que não nos propomos a fornecer uma concepção prescritiva acerca de gêneros. Buscamos, na verdade, reconhecer e investigar a razão que existe por trás dos gêneros, a lógica subjacente que determina o leque possível de escolhas diante das convenções genéricas. Com isso, esperamos contribuir com um processo de ensino que resgate variedades reais de gêneros como resposta a propósitos comunicativos e a situações também reais, visto que mudanças disciplinares podem, constantemente, ocorrer através dos anos, influenciando, sobremodo, o decurso da escrita e os modos de comunicação carregados de capital cultural e revelando a necessidade de estudos contínuos e atualizados acerca de estruturas genéricas.

Por fim, no que diz respeito à tessitura do texto da dissertação, para efeito de organização, dividimos esse trabalho em cinco etapas. No primeiro momento, preocupamo-nos em apresentar os conceitos teóricos que fundamentam os objetivos aqui propostos e orientam a análise dos artigos experimentais. No segundo, tratamos do percurso metodológico da pesquisa. Já na terceira etapa, apresentamos a análise dos artigos experimentais com ênfase na relação entre a descrição do referido gênero e as culturas disciplinares em que se situam. Na quarta e última etapa, sistematizamos os resultados e apresentamos as considerações interpretativas acerca da análise.

2 A PROPOSTA TEÓRICA DE JOHN SWALES

Neste tópico, trataremos da contribuição teórica de John Swales (1990, 1992, 1998, 2004), pesquisador voltado para os estudos do Inglês para Propósitos Específicos², uma vertente que tem sido capaz de mostrar como diferentes influências e mudanças dos propósitos comunicativos podem operar no discurso escrito ou falado de grupos sociais, de modo que, segundo Bawarshi e Reiff (2013), tais propósitos se tornam mais específicos e atribuíveis.

Tendo se tornado referência obrigatória para analistas de gêneros, particularmente, a partir da publicação, em 1990, do livro *Genre Analysis: English in academic research settings*, com uma proposta inovadora e uma metodologia baseada em *corpus*, Swales (1990, 1992, 1998, 2004) estabelece uma íntima e indissociável ligação entre estruturas genéricas e grupos sociais particulares, dando ênfase a critérios de caracterização e reconhecimento de gêneros e de comunidades discursivas. Assim, adepto de uma perspectiva sociorretórica, esse autor estuda gêneros dentro de grupos profissionais e de áreas de interesse, dando atenção especial a fatores sociais na produção e no reconhecimento de tipos especializados de escrita.

Mais especificamente no Brasil, em meados da década de 1990, os estudos swalesianos foram introduzidos por meio dos trabalhos de doutorado de três pesquisadoras, a saber: Désirée Motta Roth, Antonia Dilamar Araújo e Bernardete Biasi-Rodrigues, que, em 1995, 1996 e 1998 respectivamente, apresentaram aos estudiosos principalmente da Linguística Aplicada a possibilidade de novas implicações analíticas no que concerne aos gêneros acadêmicos.

Vale ressaltar que, apesar de os trabalhos de Swales terem como foco o estudo de grupos profissionais, muitos autores estenderam a perspectiva desse estudioso à análise de outros grupos. Como exemplo, no contexto brasileiro, podemos citar o trabalho de Bernardino (2000) acerca da comunidade discursiva dos Alcoólicos Anônimos, o estudo sobre a comunidade discursiva virtual Sociedade Senhor dos Anéis de Gaede-Sakata (2003, 2009), o estudo de Lima (2008) sobre a comunidade discursiva dos blogueiros e o trabalho de Araújo (2009) sobre a comunidade discursiva dos Tananans. Tais pesquisas, concordando com Araújo (2009), por expandirem-se extrapolando as fronteiras acadêmicas e por adentrarem os espaços recreativos, mostram que os pressupostos de Swales (1990, 1992, 1998, 2004) não

² Área conhecida como ESP (*English for Specific Purposes*).

somente se limitam a comunidades acadêmicas ou profissionais, revelando-se grandes contribuições para os estudos de análise de gêneros diversos.

Já no tocante ao âmbito profissional, mais particularmente o acadêmico, autores como Motta-Roth (1995), Araújo (1996), Biasi-Rodrigues (1998), Silva (1999), Bezerra (2001) e Motta-Roth e Hendges (2010), voltando-se especificamente à análise da organização retórica de estruturas genéricas, aprofundaram seus estudos a partir da teoria de gêneros proposta por Swales (1990). É nessa perspectiva que a contribuição desse autor nos interessa de modo particular, fato que nos revela a necessidade de adentrarmos a teoria swalesiana antes de analisarmos o *corpus*.

Desse modo, inicialmente, por compreendermos que os gêneros estão relacionados a comunidades discursivas, acreditamos ser mais adequado conceituarmos e descrevermos gêneros após considerarmos sua origem. Nesse sentido, no subtópico a seguir, traçaremos um percurso construindo e apresentando o conceito de CD por considerarmos-lo mais amplo e por entendermos que esse conceito servirá de base para a compreensão do conceito de gênero.

2.1 AS COMUNIDADES DISCURSIVAS

Para Swales (1990), *comunidade discursiva* (CD) é um termo apropriado para pesquisadores adeptos da Visão Social (FAIGLEY³, 1986) do processo de escrita. Seguindo essa noção, Herzberg⁴ (1986 *apud* SWALES, 1990) afirma que o discurso opera dentro de convenções definidas por comunidades acadêmicas ou sociais e pensa a noção de CD para significar um conjunto de ideias: a linguagem usada nas comunidades é uma forma de comportamento social, enquanto o discurso é o meio de manutenção e extensão do conhecimento do grupo e da iniciação de novos membros. Diante disso, para o autor, há um problema definicional, e a ideia de CD não é bem esclarecida. Comunidade discursiva refere-se, assim, a um centro de ideias não bem estabelecidas, mas suficientemente explícitas para outros serem capazes de aceitá-la, modificá-la ou rejeitá-la com base em critérios propostos.

³ FAGLEY, Lester. Competing theories of process: a critique and a proposal. **College English** 48, p. 527-42. 1986.

⁴ HERZBERG, Bruce. **The politics of discourse communities**. Paper presented at the CCC Convention, New Orleans, La, March, 1986.

Nesse contexto, Swales (1990) ressalta que essa noção apresentada por Herzberg⁵ (1986 *apud* SWALES, 1990) não aponta critérios que definem uma CD e que é importante, assim, ter conhecimento de como comunidades particulares usam convenções do discurso para iniciar novos membros ou como o discurso de outros ratifica ou altera valores ou crenças particulares.

Quanto a um conceito para comunidade discursiva, alguns autores veem o termo como forte e útil, mas também levantam questionamentos sobre o que seria uma CD. Com base em Swales (1990), podemos afirmar que Porter⁶ (1988) indaga se uma CD pode ser determinada por objetos de estudo compartilhados, metodologias de pesquisas comuns, oportunidades e frequência de comunicação, gêneros e convenções de estilo. Já Fenell, Herndl e Miller⁷ (1987, *apud* SWALES, 1990) afirmam que é preciso ter consciência das incertezas na definição de comunidades discursivas bem como da relação de reciprocidade entre discurso e comunidade, visto que comunidade constrói discurso e discurso constrói comunidade.

Nessa perspectiva, considerando-se as incertezas e as definições não tão desenvolvidas, a fim de eliminar controvérsias, Swales (1990) busca esclarecer o que é entendido como CD e oferecer critérios de identificação, considerando qualquer atividade discursiva relevante para a consolidação desse conceito. Não se trata apenas de objetos de estudo compartilhados, ou metodologias de pesquisa, ou procedimentos comuns, ou interação ou convenções de discurso acordados, mas sim da combinação de todos esses critérios, de modo que a ausência de um elemento pode comprometer a formação de uma comunidade.

Contraopondo-se à visão de Swales, Freed e Broadhead⁸ (1987 *apud* SWALES, 1990) parecem compartilhar da ideia de que não há necessidade de se esclarecer o que é entendido como comunidade discursiva, uma vez que o conceito de CD se trata de uma espécie de tradução do conceito de comunidade de fala (CF). Nesse tocante, vejamos, no subtópico a seguir, a caracterização de CD e de CF com o intuito de entender as diferenças entre essas duas comunidades e de corroborar a necessidade de se estabelecer um conceito singular para comunidade discursiva.

⁵ Conferir nota de rodapé 4.

⁶ PORTER, James E. **The problem of defining discourse communities**. Paper presented at CCC Convention, St Louis, March, 1988.

⁷ FENNEL, Barbara; HERNDL, Carl; MILLER, Carolyn. **Mapping discourse communities**. Paper presented at the CCC Convention, Atlanta, Ga, March, 1987.

⁸ FREED, Richard C.; BROADHEAD, Glenn J. Discourse communities, sacred texts, and institutional norms. **College Composition and Communication** 38, p.154-65. 1987.

2.1.1 Comunidade de fala X Comunidade discursiva

O conceito de comunidade de fala vem sofrendo variações na Linguística, e, segundo Swales (1990), seus critérios vêm sendo discutidos por vários autores. Enquanto Bloomfield⁹ (1993 *apud* SWALES, 1990) aponta que uma CF é formada pelo compartilhamento de regras linguísticas similares as quais legitimam a fala da comunidade, Fishman¹⁰ (1971, *apud* SWALES, 1990) fala em padrões regulares do uso da linguagem. Já Hymes¹¹ (1974 *apud* SWALES, 1990) afirma que uma CF é definida como uma comunidade de compartilhamento de regras que conduzem e interpretam a fala. Esse compartilhamento inclui o conhecimento de pelo menos uma forma de fala e o conhecimento de formas padrões de uso, sendo as duas condições necessárias. Assim, uma comunidade de fala parece ser composta pelo compartilhamento de regras funcionais que determinam a apropriação de expressões.

Opondo-se ao proposto por Freed e Broadhead¹² (1987 *apud* SWALES, 1990), Swales (1990) aponta três razões para se separar os conceitos de comunidade de fala e de comunidade discursiva. A primeira razão diz respeito àquilo que a atividade literária implica em uma comunidade, considerando que a fala não é um modificador exclusivo de determinada comunidade engajada com a escrita. A segunda razão aponta para a necessidade de se diferenciar grupo sociolinguístico de grupo sociorretórico. Em relação à comunidade de fala sociolinguística, as necessidades comunicativas de um grupo, como a socialização ou a solidariedade, tendem a predominar no desenvolvimento e na manutenção das características do discurso, enquanto, em relação à comunidade discursiva sociorretórica, pessoas se ligam em um grupo, para buscar objetivos, *a priori*, para socialização e solidariedade. Desse modo, no primeiro caso, os determinantes linguísticos são sociais, ao passo que, no segundo, esses determinantes são funcionais.

Em relação à terceira razão, comunidades de fala são centrípetas – empurram as pessoas para dentro da sociedade –, enquanto comunidades discursivas são centrífugas – separam as pessoas por ocupação ou por grupos de interesse. A primeira herda seus membros por nascimento, acidente ou adoção, já a segunda recruta seus membros por persuasão,

⁹ BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt & Company. 1993

¹⁰ FISHMAN, Joshua (ed.). **Sociolinguistics: a brief introduction**. Rowley, Mass: Newbury House, 1971.

¹¹ HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974

¹² Conferir nota de rodapé 8.

treinamento ou qualificação relevante. Nesse sentido, Hyland (2009) afirma que o conceito de CD proposto por Swales (1990) difere-se da noção de comunidade de fala na medida em que dá menos importância à proximidade geográfica e atende àquilo que as pessoas fazem, e Swales (1990) pondera que uma comunidade discursiva arquetípica tende a ser um grupo específico de interesse.

Finalizando, vistas as diferenças entre CF e CD, podemos, de fato, no próximo subtópico, tratar do conceito de comunidade discursiva proposto por Swales (1990).

2.1.2 O conceito de comunidade discursiva

Em sua proposta de 1990, Swales afirma que o conceito de comunidade discursiva está ligado ao conceito de gênero. Assim, comunidades discursivas, para o autor, são redes sociorretóricas formadas para objetivos comuns, nas quais membros estabelecidos possuem familiaridades com gêneros particulares usados como espaço interativo para mostrar seus objetivos. Como consequência, os gêneros estão ligados à comunidade e não ao indivíduo.

O autor comenta, ainda, sobre a importância de se observar quais critérios podem definir uma CD, considerando a atividade discursiva relevante para a consolidação desse conceito. Para Swales (1990), nem todo grupo que interage verbalmente pode ser reconhecido como CD, e, como meio de responder a críticas acerca do esvaziamento e da circularidade do termo que estava sendo empregado de forma indeterminada, esse analista de gêneros elaborou, então, seis critérios definidores considerados por ele necessários para identificar um grupo de indivíduos de uma comunidade. Vejamos, abaixo, esses critérios.

1) Uma CD concorda amplamente com os objetivos públicos comuns associados a um discurso específico. Esses objetivos devem ser estabelecidos em documentos escritos ou em acordos tácitos.

2) Uma CD possui mecanismos de intercomunicação entre os membros que variam de acordo com cada comunidade. Bernardino (2000) afirma que, para existir uma comunidade discursiva, não é preciso haver contato direto entre os membros, sendo indispensável apenas que eles interajam por meio de mecanismos comunicativos comuns.

- 3) Uma CD usa mecanismos de participação a fim de compartilhar informações e promover *feedback*.
- 4) Uma CD utiliza e compartilha gêneros. Esses gêneros são utilizados de modo a compartilhar o conhecimento, tendo em vista os propósitos da comunidade.
- 5) Além dos gêneros, uma CD possui um léxico específico. Os itens lexicais, incluindo as abreviaturas, são conhecidos pelos membros, especialmente os experientes. Sujeitos estranhos à comunidade costumam não compreender esse léxico.
- 6) Uma CD possui membros mais experientes e menos experientes. A sobrevivência da comunidade depende do equilíbrio entre esses membros.

Nesse sentido, temos, com base em Swales (1990), que as comunidades irão variar com as perspectivas dos membros e com o quanto eles impõem sua visão de mundo. Elas irão variar, também, na medida em que se desenvolvem ou na medida em que se definem e se estabelecem.

Ao oferecer os seis critérios pragmáticos e operacionais para caracterizar um grupo de uma determinada comunidade discursiva, Swales (1990) foi alvo de críticas por manter o sentido de CD um tanto distante da realidade, e, como afirma Harris¹³ (1989, *apud* SWALES, 1990), isso chega a ser utópico e livre de tensões, descontinuidades e conflitos comuns encontrados na fala e na escrita diárias de determinados grupos. Nesse contexto, consideramos pertinente destacar a afirmação de Bizzell¹⁴ (1987, *apud* SWALES, 1990) de que comunidades podem ser saudáveis mesmo que contenham contradições.

De modo mais específico, quanto às críticas à noção proposta por Swales em 1990, Atkinson¹⁵ (1999, *apud* HYLAND, 2009) pontua que os critérios definicionais de CD, que enfatizam objetivos comuns, práticas discursivas, gênero, léxico e experiência, referem-se somente a comunidades estabelecidas e maduras. Com base nisso, Hyland (2009) afirma que a ideia de CD não dá conta de mudanças e de possíveis inovações e que os critérios negligenciam a forma como comunidades emergem e se desenvolvem, os mecanismos pelos

¹³ HARRIS, Joseph. The idea of community in the study of writing. **College Composition and Communication** 40, p. 11-22. 1989.

¹⁴ BIZZELL, Patricia. Cognition, convention, and certainty: what we need to know about writing. **PRE/TEXT** 3, 213-41. 1982.

¹⁵ ATKINSON, D. **Scientific Discourse in Sociohistorical Context**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1999.

quais os indivíduos se tornam ou deixam de tornar-se membros de uma comunidade e o modo pelo qual esses membros são introduzidos por meio de práticas de socialização.

Diante das lacunas encontradas no conceito de CD proposto em 1990, Swales, em 1992 e em 1998, revisita sua proposta, a fim de oferecer um conceito capaz de dar conta daquilo que, de fato, caracteriza comunidades discursivas. No que diz respeito às modificações propostas pelo autor, passemos ao próximo subtópico.

2.1.3 Revisitando o conceito de comunidade discursiva

Em 1992, ao revisitar a proposta de 1990, Swales reconhece a existência de questões e incertezas e a importância de manter o estudo sobre comunidade discursiva, principalmente quando esta é vista como veículo de controle para produção e administração de gêneros. Dessa maneira, Swales (1992) afirma que seus critérios apresentados em 1990 não sobreviveram ao teste do tempo por manifestarem tendências reducionistas, utópicas e estáticas, por esquecerem e obscurecerem, de certo modo, a participação e a contribuição individual em múltiplas comunidades e por não fazerem referência expressa à possibilidade de busca do novo, como novas maneiras de agir, novos gêneros, novos temas, novos produtos, novos espaços de pesquisa.

É, então, sob esse viés que o autor reapresenta seus seis critérios, dessa vez, exceto o segundo, modificados para representar um mundo mais complexo. Abaixo, vejamos tais critérios.

- 1) Uma CD possui um conjunto de objetivos que, no todo ou em parte, podem ser aceitos por seus membros e podem ser formulados pública e explicitamente. Tais objetivos, ainda que distintos, precisam estar relacionados.
- 2) Uma CD possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros.
- 3) Uma CD usa mecanismos de participação não somente para compartilhar informações e promover *feedback*, mas também para promover o incremento dessas informações e desse *feedback*, para canalizar a inovação, para manter o sistema de crenças e de valores da comunidade e para aumentar o espaço profissional.

- 4) Uma CD utiliza uma seleção crescente de gêneros para o alcance de seu conjunto de objetivos e para a prática de seus mecanismos de participação.
- 5) Uma CD continua buscando uma terminologia específica apesar de já possuí-la.
- 6) Uma CD possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

Nesse novo contexto, percebemos que as reformulações de Swales (1992) permitiram a ampliação e a flexibilização do conceito de comunidade discursiva, uma vez que:

[...] consideraram a possibilidade de modificação do gênero textual, a expansão do léxico, a importância da manutenção de um sistema de crenças e de um espaço profissional e a composição hierárquica implícita e explícita da comunidade (BERNARDINO, 2007, p. 32).

Apesar da tentativa de reformulação da proposta de 1990, as mudanças, para Swales (1992), ainda não satisfazem o conceito de CD por embaçar as fronteiras entre discurso e fala, acentuar os subagrupamentos dentro das comunidades discursivas e simplificar a realidade quando o objetivo é auxiliar no processo de iniciação. Em contrapartida, o autor afirma que a ideia de CD, enquanto concepção para investigação de como e por que o discurso assume formas diversas em contextos institucionais, revela-se excelente e necessário para o combate da prescrição, uma vez que quem opera com o conceito de CD geralmente investiga estruturas discursivas e retóricas.

O autor prossegue pontuando que tal relevância ocorre por entendermos a comunidade discursiva como uma matriz e que, independentemente de inclinações acadêmicas, seu conceito, ainda que imprecisamente, estabelece uma rede de conexão interdisciplinar. Assim, apesar da existência de certas tendências universalizantes, as variações disciplinares são conhecidas, de modo que as características da comunidade afetam os gêneros que nela se inserem (SWALES, 1992).

Em nosso entendimento, considerando o princípio norteador dessa empreitada, que é perceber diferenças disciplinares na construção de gêneros acadêmicos, com base nas contribuições apresentadas por Swales (1992), parece-nos que a universidade constitui essa matriz permeada por uma rede de conexão interdisciplinar a que o autor se refere. Dessa

forma, a universidade constitui a comunidade discursiva da academia, que, estabelecendo um íntimo elo, é formada por áreas disciplinares distintas, as disciplinas (HYLAND, 2000, 2009). Tal relação, porém, será mais bem elaborada em subtópico posterior no qual trabalharemos a noção de cultura disciplinar (HYLAND, 2000, 2009).

Ampliando a perspectiva quanto às propostas apresentadas em 1990 e em 1992, autores como Gaede-Sakata (2003, 2009) e Lima (2008) buscaram reformular os critérios apresentados por Swales ao questionarem que o autor não delimitou o que diferenciaria os três critérios que tratam de mecanismos de intercomunicação, de mecanismos de participação e de gêneros. Nesse contexto, Lima (2008) ressalta que tais critérios dizem respeito a ideias semelhantes, e Gaede-Sakata (2003, 2009) pontua que mecanismos de participação são também mecanismos de intercomunicação, já que a comunicação é condição sem a qual não há participação. Esses autores parecem, então, entender o termo *mecanismo* como o meio ou a forma como a participação e a comunicação se estabelecem.

Nesse mesmo cenário, Lima (2008), ainda mais enfático, afirma que os critérios para a descrição de uma CD elencados por Swales (1990, 1992) possuem redundâncias desnecessárias e aglomera, em sua própria matriz analítica, em um mesmo critério, aqueles que tratam de mecanismos de intercomunicação, de mecanismos de participação e de gêneros. O autor engloba, também, além dos outros critérios oferecidos por Swales (1990, 1992), que tratam dos objetivos, do léxico específico e da hierarquia de uma CD, outros três que abordam o contexto em que a CD se insere, o processo de admissão dos membros e as normas e os valores da comunidade.

A visão de Lima (2008) e a de Gaede-Sakata (2003, 2009) parecem-nos coerentes se pensarmos que descrever qualquer grupo reconhecendo-o como comunidade discursiva não é tarefa simples. Delimitar um mecanismo como de intercomunicação ou de participação e *feedback* significa estabelecer uma linha extremamente tênue de distinção que, possivelmente, não existe, uma vez que todo membro que busca a comunicação participa da CD e nela promove *feedback*. Seguindo essa mesma ideia, pensar em gêneros isoladamente, excluindo-o da possibilidade de serem vistos como mecanismo de intercomunicação e, conseqüentemente, de participação, reduz, sobremaneira, a íntima dependência entre gênero e propósito comunicativo. Sabemos, no entanto, que somente os gêneros não esgotam as possibilidades existentes de mecanismos de intercomunicação e participação, também existindo outros.

Ainda nesse âmbito teórico, acreditamos que os critérios propostos por Swales (1990, 1992), a partir das contribuições de Gaede-Sakata (2003, 2009) e Lima (2008), em um

período de quase 20 anos, avançaram positivamente para a construção do conceito de CD ao fornecerem margens para uma análise mais aprofundada acerca de fatores institucionais, sociais, culturais e profissionais, especialmente, da comunidade discursiva acadêmica, que é nosso foco principal.

Retomando o panorama de Swales, já em 1998, modificando a perspectiva de seu conceito, o autor “passa a considerar a comunidade discursiva sob um ponto de vista capaz de abrigar a instabilidade, a tensão e as divergências entre seus membros” (BERNARDINO, 2007, p. 32). Nesse mesmo ano, Swales destaca a necessidade de critérios para diferenciar as várias agregações humanas e, pautando-se em Killingsworth e Gilbertson¹⁶ (1992), apresenta-nos a noção de comunidade discursiva local e comunidade discursiva global. Segundo Killingsworth e Gilbertson¹⁷ (1992 *apud* SWALES, 1998), o primeiro tipo de comunidade diz respeito a grupos de leitores e escritores que habitualmente trabalham juntos em companhias, departamentos, agências governamentais ou a outros grupos definidos por características demográficas específicas. Já o segundo, refere-se a grupos de escritores e leitores definidos exclusivamente pelo comprometimento com tipos particulares de ação e de discurso, independentemente de onde e com quem eles trabalham.

A partir da visão desses dois autores, Swales (1998) desconsidera a comunidade discursiva global, por esta não ser a orientação central de seu trabalho em 1998, e assume a noção de comunidade local, apresentando-nos uma nova concepção para comunidade discursiva, que passou a ser chamada pelo autor de *comunidade discursiva de lugar* (CDL).

Nessa perspectiva, Swales (1998) caracteriza a comunidade discursiva de lugar como um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas, o qual tipicamente possui um nome. Membros da CDL têm consciência dos papéis que desempenham, das regras e dos propósitos de sua agregação. Durante sua existência, a CDL evolui por meio de gêneros usados para canalizar, desenvolver e monitorar essas regras e esses propósitos. Para os mais experientes, esses gêneros possuem características retóricas e discursivas evidentes e são vistos como um sistema interativo ou uma rede que valida as atividades da comunidade fora de sua própria esfera.

Em uma CDL, existe um consenso em relação ao ritmo de trabalho, ao nível de produtividade, aos horizontes de expectativas e às regras e aos relacionamentos. Em suas

¹⁶ KILLINGSWORTH, M. J.; GILBERTSON, M. K. **Signs, genres, and communities in technical communication**. Amityville, NJ: Baywood, 1982.

¹⁷ Conferir nota de rodapé 16.

práticas comunicativas, a comunidade desenvolve um léxico específico, como as abreviações, além de desenvolver um conjunto de valores considerados importantes para o trabalho. Ela tem noção de sua história e tenta comunicar sua tradição a seus novos membros, legitimando sua participação, incluindo-os dentro de práticas discursivas apropriadas.

Em relação à noção de comunidade discursiva de lugar, percebemos que Swales (1998) oferece certo avanço ao conceito de CD proposto em 1990, apesar de também considerar características ligadas a esse mesmo conceito, como os propósitos comunicativos, o repertório de gêneros e o léxico específico. Esse avanço, concordando com Lima (2008), reside no fato de o autor assumir a importância de um conjunto de valores importantes para o trabalho ao considerar que membros de uma CDL têm noção dos papéis que assumem, das decisões dos projetos do grupo, das rotinas de trabalho, além de manterem um consenso quanto aos ritmos de trabalho, aos níveis de produtividade e aos horizontes de expectativa.

Em contrapartida, ainda concordando com Lima (2008), ao assumir o conceito de comunidade discursiva de lugar, Swales (1998) tentou diminuir o problema da amplitude do conceito, delimitando sua aplicação a comunidades menores e restringindo seu uso a fatores territoriais, fato que indica um retrocesso. É nessa perspectiva que pensamos na universidade como uma comunidade discursiva e não como uma comunidade discursiva de lugar. Na universidade, não há necessariamente um contato físico, e seus membros interagem por meio de publicações sem se conhecerem na maioria das vezes. Assim, o conceito de CDL parece-nos mais restritivo em relação ao conceito de CD.

Já em 2000, abandonando a proposta de comunidade de lugar, retornando à discussão sobre o conceito proposto em 1990 e enfatizando que o conceito de CD tem sido um dos mais problemáticos desde a primeira vez em que o termo foi usado, Swales e Feak questionam o que seria de fato uma comunidade discursiva em um grupo com várias instâncias. Os autores discutem sobre os limites de uma CD e se questionam sobre como devemos conceituar uma universidade, por exemplo, indagando se essa instituição seria uma única comunidade separada, ou algo que consiste em várias comunidades, ou um conjunto de departamentos com culturas disciplinares próprias.

Em termos gerais, reconhecemos que a análise de gêneros envolve, como já dissemos, o reconhecimento de seu meio e que a concepção de CD proposta em 1990 e repensada posteriormente – em 1992 por Swales, em 2003 por Gaede-Sakata e em 2008 por Lima – é a que, possivelmente, mais contribui com o trabalho do analista de gêneros. Diante disso, nessa pesquisa, no entanto, além de questões de insuficiência de tempo e de recursos,

por termos como foco a associação entre diferenças disciplinares e gênero artigo experimental, não aprofundaremos o estudo com a descrição da comunidade discursiva da academia. Diferentemente, em posterior capítulo de análise, descreveremos e caracterizaremos as áreas disciplinares (HYLAND, 2000, 2009) que estão em evidência em neste trabalho e que compõem a universidade, enfatizando que nossa escolha não significa abandonar a relação entre artigo experimental e comunidade acadêmica, mas sim redirecionar o enfoque para os subgrupos os quais são os principais responsáveis pelas variações encontradas em gêneros acadêmicos.

Finalizada esta etapa, passemos ao subtópico seguinte, em que veremos a noção de gênero textual proposta por Swales (1990, 2004) bem como a contribuição de outros autores acerca desse tema.

2.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS

Diariamente, os gêneros textuais são facilmente usados com referência a categorias distintas do discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias. No ambiente de ensino e aprendizagem, tais gêneros, muitas vezes, são expostos aos aprendizes como fórmulas prontas a serem seguidas, de modo que aspectos sociais, institucionais e disciplinares ficam à margem nesse processo. Diante dessa problemática, com o fito de construir uma nova visão de gênero que fugisse da ideia de fórmula textual considerada reducionista, baseando-se em quatro campos de conhecimento distintos: Folclore, Literatura, Linguística e Retórica, Swales (1990) apresenta-nos sua abordagem de pesquisa, a qual se volta para a análise e o reconhecimento de gêneros.

Quanto a uma discussão sobre esses quatro campos, optamos aqui por não fazê-la, uma vez que vários autores, como Bernardino (2000), Biasi-Rodrigues e Hemais (2005), Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009) e Bawarshi e Reiff (2013), já abordaram questões delimitando os vários contextos de uso do termo *gênero*. Outrossim, optamos por revisitar a literatura da área apresentando contribuições teóricas relacionadas intimamente à análise. Assim, deter-nos-emos, mais especificamente, na contribuição de Swales quanto à conceituação de gênero textual.

2.2.1 O conceito de gênero textual

Em sua abordagem de pesquisa, a Análise de Gêneros, Swales (1990, 2004) busca reconhecer os gêneros textuais e as práticas sociais que os envolvem. Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009) pontuam que essa abordagem teórica relaciona-se à ideia de que, para o entendimento e a interpretação de um texto, o contexto é fundamental e de que somente os elementos linguísticos não são suficientes para a análise e o reconhecimento de gêneros. Sob essa mesma ótica, a fim de trabalhar o conceito de gênero de modo a considerar características formais e funcionais, levando em consideração as práticas sociais, Swales (1990) cria uma série de critérios que contribuem para a construção desse conceito, os quais listamos a seguir.

1) Um gênero é uma classe de eventos comunicativos.

Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009) relacionam esse primeiro critério à ideia de classe, considerada uma categoria em que se encaixam textos semelhantes pertencentes a um mesmo gênero. Para Swales (1990), um evento comunicativo é aquele em que a linguagem desempenha um significativo e indispensável papel. Um evento comunicativo de uma classe particular irá variar na sua ocorrência do mais extremamente comum ao mais relativamente raro. Classes com poucas instâncias precisam ter proeminência dentro da cultura relevante para existir como uma classe de gênero. Por fim, o evento comunicativo compreende não só o discurso e seus participantes mas também o papel do discurso no ambiente de sua produção e recepção, incluindo suas associações históricas e culturais.

2) A principal característica para o reconhecimento de um gênero é o conjunto de propósitos comunicativos compartilhados.

Segundo Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009), o propósito seria o ponto fundamental para a definição de gênero, uma espécie de força motivadora do evento. Para os autores, o gênero seria a realização dos objetivos do evento comunicativo nas situações cotidianas, profissionais e acadêmicas. Swales (1990) destaca ainda que, às vezes, os propósitos não estarão evidentes de modo que não funcionarão sempre como principal critério.

3) Exemplares ou exemplos de gêneros variam na sua prototipicidade.

Para o reconhecimento do gênero, além dos propósitos comunicativos, existem características adicionais em que pode basear-se tal reconhecimento. Nesse contexto, Swales (1990) cita duas abordagens que permitem aos indivíduos perceberem essas características: a abordagem definicional e a abordagem de semelhanças de família.

O autor explica que a visão definicional é mais bem estabelecida e sustenta a criação que está nos dicionários e nos glossários. Pelo menos em teoria, é possível produzir um pequeno conjunto de simples propriedades que são individualmente necessárias e suficientes para identificar todos os exemplares de uma categoria particular a partir de qualquer outro objeto no mundo.

Já a abordagem das semelhanças de família tem como base Wittgenstein¹⁸ (1958), quando esse autor diz que não consegue encontrar melhor expressão para caracterizar similaridades entre membros de uma família. A discussão do autor deu origem ao protótipo ou à teoria dos aglomerados designada para dar conta da nossa capacidade de reconhecer casos de categorias. A categoria mais típica são os protótipos, a exemplo de uma maçã como protótipo de fruta e uma cadeira como protótipo de mobília.

Mais detalhadamente, com base em Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009), podemos dizer que um texto será identificado como parte de determinado gênero, como membro da classe de eventos comunicativos, se realizar as características desse mesmo gênero. Textos que possuem características que melhor tipificam os textos de determinado grupo são aqueles que mais se integram no gênero, que são vistos como protótipos e que são mais facilmente reconhecidos pelos usuários.

Como temos notado, os propósitos comunicativos têm sido denominados como a propriedade privilegiada do gênero. No entanto, outras propriedades, como a forma, a estrutura e as expectativas da audiência, também operam para identificar a extensão de um exemplar, tornando-o prototípico ou não de um gênero particular.

4) A razão por trás do gênero estabelece restrições em certas contribuições de conteúdo, posicionamento e forma.

¹⁸ WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations* (G. E. M. Anscombe, Trans.) Oxford: Blackwell, 1958.

Membros estabelecidos de uma comunidade discursiva (CD) empregam gêneros para realizar comunicativamente os objetivos de suas comunidades. O quadro de propósitos compartilhados é assim reconhecido por membros estabelecidos de uma CD. Esses propósitos podem ser parcialmente reconhecidos por membros aprendizes e podem ser reconhecidos ou não por não membros.

O reconhecimento de propósitos fornece uma razão, uma lógica subjacente ao gênero, enquanto essa razão dá origem a convenções restritas. Essa lógica, desse modo, determina, segundo Martin¹⁹ (1985 *apud* SWALES, 1990), as estruturas esquemáticas do discurso, incluindo também escolhas lexicais e sintáticas, e compreendê-la facilita tanto a recepção como a produção de gêneros. Nessa perspectiva, podemos dizer que essa razão subjacente ao gênero cumpre as convenções do gênero em função do propósito (BIASI-RODRIGUES; HEMAIS; ARAÚJO, 2009).

Por fim, resumindo, tal lógica determina o leque possível de opções substanciais, estruturais, sintáticas e lexicais do gênero, e um texto define seu pertencimento a determinado gênero na medida em que se realiza dentro desse leque de opções (BAWARSHI; REIFF, 2013).

5) A nomenclatura da comunidade discursiva para gêneros é uma importante fonte de *insight*.

O conhecimento sobre convenções de gênero e sobre sua lógica subjacente é essencial para aqueles que rotineira ou profissionalmente operam dentro de gêneros ao invés daqueles que se envolvem ocasionalmente. Como consequência, membros ativos de comunidades discursivas tendem a ter um grande contato com gêneros específicos e dão nomes de gêneros a classes de eventos comunicativos que eles reconhecem como uma ação retórica recorrente.

Para Bawarshi e Reiff (2013), a nomenclatura fornecida por membros é uma importante fonte de conhecimento, uma vez que a lógica subjacente ao gênero e as suas convenções esquemáticas, sintáticas, lexicais são definidas contra o pano de fundo dos objetivos compartilhados de uma CD, de modo que definir gêneros é importante para a compreensão de sua estrutura e sua função pelos analistas.

¹⁹ MARTIN, J. R. **Process and text:** two aspects of human semiosis. In: Benson and Greaves (eds.): 248-74, 1985.

Ainda sobre essa nomenclatura, citando Swales (1990), Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009) afirmam que há fatores problemáticos nesse critério. Sugerindo certa fragilidade na terminologia, a comunidade pode identificar o mesmo evento por mais de um termo. Além disso, um termo que identifica determinado gênero pode não sofrer alteração, apesar de a atividade que o realiza sofrer modificação significativa no seu processo de evolução.

Após trabalhar as características que contribuem para a conceituação de gênero, Swales (1990) propõe uma definição:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério privilegiado que faz com que o escopo do gênero se mantenha relacionado estreitamente com uma determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes que são herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém tipicamente precisam de validação adicional (p. 58, tradução de Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo, 2009).

Diante dessa definição, para Bawarshi e Reiff (2013), ao sugerir que “Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos”, Swales (1990) considera que gêneros são, antes de tudo, ações linguísticas e retóricas as quais envolvem o uso da linguagem para comunicar algo a alguém, em algum momento, em algum contexto, para algum propósito. Os autores afirmam ainda que:

Enquanto o evento comunicativo pode ser aleatório, idiossincrático e motivado por um propósito único e distintivo, o gênero representa uma classe de eventos comunicativos que se forma em resposta a um conjunto partilhado de propósitos comunicativos. O gênero, conseqüentemente, é uma classe relativamente estável de “eventos” linguísticos e retóricos tipificados pelos membros de uma comunidade discursiva, a fim de atender e atingir objetivos comunicativos compartilhados (p. 65-66).

Em linhas gerais, o conceito proposto por Swales (1990) evidencia a íntima relação entre gênero e comunidade discursiva bem como o importante papel dos propósitos comunicativos para a manutenção da interação em uma CD. Desse modo, endossamos o posicionamento de Bernardino (2000) quando a autora afirma que descrever gênero significa necessariamente descrever a relação entre gênero, comunidade e propósitos comunicativos.

Após a contribuição de Swales em 1990, Bhatia, em 1993, oferece sua definição de gênero:

Gênero é um reconhecido evento comunicativo caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos e identificados e mutuamente entendidos por membros da comunidade acadêmica ou profissional em que ocorrem regularmente. Frequentemente, o gênero é altamente estruturado e convencionalizado com restrições quanto a contribuições admissíveis em termos de intenção, posicionamento, forma e valor funcional. Essas restrições, porém, são constantemente exploradas por membros experientes da comunidade discursiva para alcançar intenções particulares dentro de um quadro de propósitos socialmente reconhecidos (p. 13, tradução nossa²⁰).

Mesmo estabelecendo esse conceito, o linguista indiano reconhece que existem vários aspectos que precisam de melhor elaboração, o que abordaremos nos quatro pontos a seguir.

1) Quanto a afirmar que “Gênero é um reconhecido evento comunicativo caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos e identificados e mutuamente entendidos por membros da comunidade acadêmica ou profissional em que ocorrem regularmente”, o autor destaca que o propósito comunicativo é o principal aspecto para a caracterização do gênero, embora existam outros fatores, como o conteúdo, a forma, o público-alvo, que influenciam sua natureza e sua construção. Esse quadro de propósitos compartilhados influencia o gênero e fornece sua estrutura interna. Qualquer maior mudança no propósito comunicativo provavelmente originará mudanças no gênero ou surgimento de um novo gênero.

²⁰ [...] it (genre) is a recognizable communicative event characterized by a set of communicative purpose(s) identified and mutually understood by the members of the professional or academic community in which it regularly occurs. Most often it is highly structured and conventionalized with constraints on allowable contributions in terms of their intent, positioning, form and functional value. These constraints, however, are often exploited by intentions within the framework of socially recognized purpose(s).

2) Ao afirmar que, “frequentemente, o gênero é altamente estruturado e convencionalizado”, Bhatia (1993) complementa que membros especialistas de uma comunidade profissional ou acadêmica recebem créditos pelo conhecimento não somente dos objetivos comunicativos de sua comunidade mas também pela estrutura interna dos gêneros que estão presentes no dia a dia profissional. O autor comenta ainda que esse conhecimento é resultado de longa experiência ou de treinamento com a comunidade especialista que utiliza o gênero e que fornece sua estrutura interna convencionalizada.

3) Quanto aos gêneros possuírem “restrições quanto a contribuições admissíveis em termos de intenção, posicionamento, forma e valor funcional”, Bhatia (1993) nos diz que isso significa que o autor deve se adequar a um certo padrão de práticas dentro dos limites de um gênero particular, conquanto ele tenha certa liberdade de usar recursos linguísticos. Bhatia (1993) afirma também que os especialistas podem explorar as regras e as convenções do gênero a fim de alcançar intenções particulares, mas não podem fugir das restrições. Qualquer incompatibilidade no uso de características genéricas é entendida como algo estranho não somente por membros da comunidade de especialistas mas também por bons usuários da língua em geral.

4) Ao afirmar que “Essas restrições, porém, são constantemente exploradas por membros experientes da comunidade discursiva para alcançar intenções particulares dentro de um quadro de propósitos socialmente reconhecidos”, o autor complementa que os membros mais experientes da comunidade acadêmica ou profissional possuem maior conhecimento sobre o propósito convencional e a construção e o uso específico de gêneros por estarem mais familiarizados com a estrutura genérica em relação aos indivíduos que não são considerados especialistas.

Em suma, Bhatia (1993) afirma que cada gênero é uma instância de uma bem-sucedida realização de propósitos comunicativos com base em um convencionalizado conhecimento de recursos linguísticos e discursivos. Uma vez que cada gênero estrutura um mundo de experiências ou uma realidade de modo particular, uma mesma experiência ou uma mesma realidade exigirá diferentes modos de estruturação se operar em gêneros diferentes. Ademais, o autor salienta que, embora muitos indivíduos consigam explorar as características

dos gêneros para alcançar originalidade em seus textos, muitos ainda operam bem dentro de uma ampla gama de regras e convenções genéricas.

Além de trabalhar a conceituação de gênero textual, Bhatia (1993) oferece sua contribuição no que diz respeito à análise de gêneros desconhecidos, com o intuito de, segundo Araújo (2004), mostrar a conexão existente entre um gênero e sua estrutura cognitiva típica. Nesse sentido, o linguista indiano sugere que o analista deve:

- 1) procurar inserir os exemplares de determinado gênero em um contexto situacional, atentando-se à sua experiência prévia e ao seu conhecimento enciclopédico;
- 2) revisar as pesquisas existentes sobre o gênero em questão;
- 3) refinar a análise, definindo as relações entre falante e audiência, objetivos e contextos histórico, social, cultural e filosófico da comunidade em que o discurso está inserido;
- 4) coletar um *corpus* do gênero;
- 5) localizar o contexto institucional, observando as regras e as convenções linguísticas, sociais, culturais, acadêmicas e profissionais que orientam o uso da linguagem em ambientes institucionais;
- 6) decidir qual nível de análise linguística é a mais apropriada, observando três possíveis níveis principais: análise de características léxico-gramaticais, análise de padrões de textualização e análise da estrutura retórica do gênero;
- 7) checar se seus resultados estão ou não de acordo com as informações de membros especialistas da cultura disciplinar em que o gênero é utilizado.

Tendo em vista que, nas palavras de Motta-Roth (2011), determinado conjunto de dados relativos a um gênero exige uma abordagem investigativa feita sob medida, os procedimentos apontados por Bhatia (1993) devem ser entendidos como uma importante colaboração ao trabalho de analistas de gêneros principalmente por destacar fatores relevantes ao contexto em que o gênero está inserido. Como já enfatizamos anteriormente, consideramos essencial investigar o gênero após a tentativa de investigar sua origem, seu contexto de produção, circulação e consumo, buscando compreender o funcionamento do ambiente institucional a partir de regras, objetivos, expectativas da audiência, convenções linguísticas e

sociais que orientam o uso da linguagem. Desse modo, todos os procedimentos sugeridos pelo autor estão essencialmente ligados aos procedimentos da pesquisa, não havendo uma ordem obrigatória a ser seguida.

Por exemplo, nessa pesquisa, optamos por trabalhar com a análise da organização retórica sugerida por Bhatia (1993) no procedimento seis, o que significa refinar a análise com o intuito de alcançar nossos objetivos. O sétimo procedimento, do mesmo modo, também é essencial em nessa empreitada por considerarmos importante conferir os resultados de análise com informações de membros experientes que utilizam e compartilham gêneros em culturas disciplinares. Assim, reafirmamos a relevância da contribuição de Bhatia (1993) e concordamos com o autor quanto a relacionar a análise de gêneros à necessidade de se observar o contexto, os objetivos e o conhecimento sobre o gênero a ser investigado.

Já em 2004, o autor, ampliando seu horizonte de análise, aborda as complexidades do mundo do discurso a partir do ponto de vista do analista de gêneros. Para ele, tais complexidades percorrem a existência de uma gama diversa de engajamentos multidisciplinares com práticas discursivas de culturas disciplinares e profissionais. O autor afirma que uma visão multidimensional e multidisciplinar de análise de gênero é benéfica e que há um crescente interesse em integrar metodologias de pesquisa e quadros de análise de práticas e de discursos profissionais. Dessa maneira, o foco de analistas foi moldado com o intuito de dar conta não somente de gêneros textuais, mas também do modo como gêneros influenciam destinatários do discurso e são influenciados por eles, exigindo uma metodologia de pesquisa mais complexa.

Nesse contexto, para o autor, somente uma análise textual não é suficiente por não abarcar a totalidade dos gêneros. Para compreendê-los de modo pleno, é necessária uma gama de procedimentos metodológicos bem integrados como uma ferramenta analítica coerente que raramente tem sido considerada por analistas. A construção desses procedimentos, para uma investigação compreensiva de gêneros no mundo real do discurso, envolve, segundo Bhatia (2004), o entendimento de três conceitos de espaço:

- 1) o espaço textual, que dá conta do uso de características internas da linguagem, como a léxico-gramática e seus valores no contexto de movimentos retóricos, as estratégias de discurso, as regularidades de organização, a intertextualidade e os aspectos de interdiscursividade;

- 2) o espaço sociocognitivo, que dá conta de aspectos táticos de uso da linguagem, como, em particular, a correlação entre fatores textuais internos e externos e os fatores de interdiscursividade;
- 3) o espaço profissional, o qual abarca as relações entre participantes e suas contribuições para o processo de construção, interpretação e exploração de gêneros em contextos de práticas e restrições disciplinares, profissionais e institucionais.

Dessa maneira, na visão do linguista indiano, é possível oferecer um espaço social capaz de abranger a investigação da influência de ações sociais as quais criam e sustentam identidades, estruturas sociais e funcionamento de práticas institucionais. Além dos conceitos de espaço, o autor elenca objetivos a serem alcançados com a análise de gêneros do discurso escrito. Vejamos, então, a seguir, esses objetivos.

- 1) Entender e dar conta de realidades do mundo do discurso.

Contra-pondo-se a estudos anteriores que tinham como foco a padronização e a convencionalização de formas genéricas para o ensino e a aprendizagem de língua, fato que encorajava analistas somente a buscarem formas genéricas puras e idealizadas, Bhatia (2004) considera as realidades do mundo profissional, as quais são complexas e dinâmicas e estão em constante mudança. Em outras palavras, para o autor, o importante é olharmos o mundo como o encontramos e não como gostaríamos de vê-lo.

- 2) Entender intenções particulares dentro de grupos profissionais.

Bhatia (2004) foca-se na manipulação do discurso por membros experientes de comunidades profissionais. Embora a liberdade de explorar fontes disponíveis para a intenção de expressões particulares pareça ir de encontro ao conceito de gênero como construção social, é comum que membros experientes olhem para as inovações com o fito de alcançar seus objetivos individuais e institucionais simultaneamente.

- 3) Entender identidades individuais, organizacionais, institucionais e sociais construídas por meio de práticas do discurso dentro de culturas disciplinares.

O autor afirma que, embora seja relativamente fácil ver a relação entre estruturas sociais e discursos profissionais, é difícil perceber e investigar as tensões entre, de um lado, identidades sociais e profissionais e, de outro, práticas profissionais e organizacionais. Isso se dá devido ao fato de o profissional poder assumir identidades diversas para negociar e expressar-se em um mesmo fragmento de discurso, a exemplo da identidade profissional como membro de uma comunidade disciplinar particular, da identidade organizacional como membro de uma instituição ou organização específica, da identidade social como membro valorizado de um ou mais grupos sociais e da identidade individual como indicador de expressão própria.

4) Entender como limites profissionais são negociados por meio de práticas do discurso.

Para Bhatia (2004), a recontextualização do discurso, em contextos profissionais e institucionais, é tópico essencial em investigações baseadas no gênero, por levantar questões significativas sobre variações em práticas institucionais e disciplinares. Diante disso, o autor ressalta a necessidade de um enquadramento metodológico para, por exemplo, haver adequação ao ambiente profissional com relevante motivação.

5) Investigar a linguagem como ação em ambientes de crítica social.

Na recente literatura, a ênfase na ação social cresce. Bhatia (2004) ressalta que aspectos do discurso público permanecem como uma das principais preocupações da teoria do discurso baseada no gênero, fato importante para revelar a relação entre analistas de texto e ação social.

6) Oferecer soluções pedagógicas efetivas.

O linguista indiano comenta que a teoria do gênero tem sido capaz de oferecer contribuições linguísticas para o ensino e para a aprendizagem, no entanto os estudantes ainda deparam com um problema: os modelos de análise de gêneros chocam-se com a complexa realidade daquilo que é exigido no ambiente de trabalho. Quanto a isso, percebemos uma íntima ligação entre esse objetivo e essa pesquisa, haja vista que, com esse trabalho, esperamos contribuir com um ensino explícito de gêneros que contemple os aspectos sociais

os quais influenciam a produção e o consumo de textos em ambientes acadêmicos e profissionais.

7) Negociar interações entre práticas do discurso e práticas profissionais

Bhatia (2004) evidencia a dificuldade em lidar com tensões entre práticas discursivas e práticas organizacionais ou profissionais. O autor comenta que, frequentemente, é comum encontrarmos concepções de que duas culturas disciplinares não podem compartilhar a mesma linguagem. Nessa perspectiva, a identidade de comunidades profissionais diferentes estabelece tensões em vez de preencher possíveis lacunas entre orientações epistemológicas variáveis mesmo em um contexto vantajoso quanto à colaboração e à cooperação. Assim, uma das principais preocupações de qualquer quadro metodológico para o estudo do discurso escrito é criar um entendimento de preocupações que podem ser compartilhadas por comunidades profissionais diversas.

Diante da metodologia de análise de gêneros apontada por Bhatia (2004), percebemos que esse estudo se relaciona, sobretudo, aos objetivos um, dois, quatro, seis e sete propostos pelo autor, por nosso intuito ser focar-nos nas possibilidades de variações que refletem influências disciplinares e intenções particulares e institucionais e oferecer auxílio pedagógico a estudantes e professores, tornando evidente o comportamento sociorretórico do gênero artigo experimental em áreas disciplinares distintas.

Mudando o enfoque, mas permanecendo ainda no âmbito da conceituação e da análise de gênero, Swales, em 2004, apresenta notável modificação em sua proposta de 1990 por considerar que o conceito apresentado não poderia ser plenamente aceitável em contextos e momentos históricos diversos. Nesse sentido, o autor busca fornecer uma caracterização de gênero multifacetada, explorando um número de metáforas e caracterizando o gênero como um esforço essencialmente metafórico.

Na figura 1, abaixo, vejamos as metáforas propostas por Swales (2004):

Figura 1 – Metáforas de gênero

Metáforas		Resultados variáveis	
Quadros de ação social	→	Princípios norteadores	} G Ê N E R O S
Padrões de linguagem	→	Expectativas convencionais	
Espécies biológicas	→	Historicidades complexas	
Famílias e protótipos	→	Ligações variáveis com o centro	
Instituições	→	Papéis em contextos específicos	
Atos de fala	→	Discursos direcionados	

Fonte: Swales (2004, p. 68, tradução nossa²¹).

Com sua proposta de 2004, como afirma Bernardino (2007), Swales busca conceituar gênero a partir da articulação de diferentes abordagens sem se preocupar em estabelecer um conceito definitivo que contemple a totalidade da noção de gênero. Nessa ótica, com base em Swales (2004), compreendendo melhor a figura 1, quanto à primeira metáfora, gênero como quadros de ação social, baseada em Bazerman²² (1997), entendemos que gêneros não são apenas estruturas, mas são formas de vida, formas de ser. Os gêneros são vistos como quadros de ação social e não somente como ação social em si. Esse quadro é o ponto inicial, a orientação inicial da interação, é o local em que significados são construídos. Destarte, como afirma Bernardino (2007), o gênero parece ser um dos fatores responsáveis pelo sucesso da ação comunicativa, sendo frequentemente necessário, mas não sendo condição suficiente para isso.

No que diz respeito à segunda metáfora, a noção de gênero enquanto padrões de linguagem, baseada em Devitt²³ (1997), podemos dizer que existe uma comparação entre gênero e padrões de limitações e escolhas. Essa metáfora relaciona-se à ideia de que padrões de linguagem oferecem regras de etiqueta linguística, sendo essas regras concebidas em

²¹ Metaphors / Variable Outcomes

Frames of Social Action / Guiding Principles ----- G
 Language Standards / Conventional Expectations ----- E
 Biological Species / Complex Historicities ----- N
 Families and Prototypes / Variable Links to the Center ----- R
 Institutions / Shaping Contexts; Roles ----- E
 Speech Acts / Directed Discourse ----- S

²² BAZERMAN, Charles. The life of genre, the life in the classroom. In: BISHOP, W.; OSTRUM, H. (Eds.). **Genre and writing**. Portsmouth, NH: Boynton/Cook, p. 19-26, 1997.

²³ DEVITT, A. J. Genre as language standard. In: BISHOP, W.; OSTRUM, H. (Eds.). **Genre and writing**. Portsmouth, NH: Boynton/Cook, p. 45-55, 1997.

termos daquilo que é social e retoricamente mais apropriado. Ainda sobre essa questão, vale destacar a necessidade de equilíbrio entre restrições e escolhas.

Nesse contexto, quanto à relação entre padrões convencionalizados e escolhas individuais, Bhatia (2004) afirma que os gêneros não são estáticos, embora sejam frequentemente identificados em sua integridade, a qual é reflexo de suas características convencionalizadas. Gêneros são dinâmicos e propensos à inovação e ao desenvolvimento, e, ainda que haja integridade genérica frequentemente mantida na prática social, é possível que escritores mais experientes tenham liberdades com as convenções de gêneros.

Quanto à terceira metáfora, gênero enquanto espécies biológicas, pautada no trabalho de Fishelov²⁴ (1993), temos uma comparação entre especiação na natureza e generificação na cultura, evidenciando, metaforicamente, desenvolvimento, expansão e declínio de gêneros textuais. A partir dessa metáfora, os gêneros são como espécies biológicas que emergem em pequenas populações isoladas na periferia de seu território. Em analogia, essa periferia pode ser um lugar onde algum avanço tecnológico se enraíza, a influência de algum indivíduo notável ou o desenvolvimento de algum grupo de destaque.

Em relação à quarta metáfora, gênero como famílias e protótipos, também pautada em Fishelov²⁵ (1993), podemos afirmar que exemplares de gêneros são como membros de uma família. Essa metáfora assemelha-se à teoria de semelhanças de família de Wittgenstein²⁶ (1958), o qual destaca que, conquanto membros de uma família não possam compartilhar um núcleo comum de características físicas, eles podem compartilhar uma história genealógica comum. Por comparação, um membro da família/exemplar de gênero pode assumir muitas características de outro membro/exemplar como parte do processo de evolução genérica.

Quanto à quinta metáfora, gênero como instituições, a última pautada em Fishelov²⁷ (1993), podemos afirmar que o gênero é visto como uma complexa instituição que envolve processos de produção tipificados e que pertence a uma ampla rede de valores que o sustenta. Nesse sentido, podemos dizer que os gêneros posicionam seus usuários em papéis institucionais.

²⁴ FISHELOV, D. **Metaphors of genre**: The role of analogies in genre theory. University Park: Pennsylvania State University press, 1993.

²⁵ Conferir nota de rodapé 24.

²⁶ Conferir nota de rodapé 18.

²⁷ Conferir nota de rodapé 24.

No que diz respeito à sexta e última metáfora, gênero como atos de fala, Swales (2004) baseia-se em Bazerman²⁸ (1994). Nas palavras de Bernardino (2007, p. 38), temos que “um texto composto por vários atos de fala somente pode ser reconhecido como um único ato de fala se for identificado por um gênero, posto que isto o eleva ao *status* de um tipo singular de ação social”.

Considerando o que expusemos, após compreendermos as metáforas propostas por Swales (2004), apoiando-nos nas contribuições de Bernardino (2007, p. 38), podemos afirmar que:

[...] a proposta de percepção multifacetada do conceito de gênero apontada por Swales parece sugerir um percurso metodológico de análise que investigue os exemplares de um gênero sob aspectos múltiplos e não mais, preponderantemente, retóricos.

Diante disso, notamos que a totalidade da noção de gênero, em 2004, de certo modo, dispersou-se por não haver um conceito categórico bem estabelecido como ocorre com a proposta de 1990, que associa, objetivamente, propósitos comunicativos, comunidades discursivas, razão subjacente ao gênero, prototipicidade e nomenclatura, oferecendo ao analista de aspectos retóricos um modo de estudo engendrado menos complexo, porém suficientemente completo. Diferentemente, uma análise pautada na proposta de 2004 revela-se uma tarefa demorada e detalhada, apesar de, possivelmente, contribuir, sobremaneira, com resultados fulcrais para o desenvolvimento produtivo dos estudos de gêneros.

É nessa perspectiva, pois, que, para o alcance de nossos objetivos, considerando, como já citamos, as limitações de tempo e de recursos, julgamos suficientes os aspectos ponderados por Swales (1990), entendendo ainda que, com base em Bawarshi e Reiff (2013), o conceito proposto em 1990 serve como ponto de partida para análises de gêneros pelo fato de o propósito comunicativo fornecer a lógica subjacente ao gênero e moldar sua estrutura interna. Apesar de nossas inclinações nesta pesquisa, ressaltamos que, de modo algum, abandonamos completamente as contribuições de Swales (2004), visto que, no que tange ao seu conceito de gêneros pautado em metáforas, voltamos o olhar para um empreendimento de doutorado.

²⁸ BAZERMAN, Charles. Systems of genres and the enactments of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Frances, p. 79-101, 1994.

Por fim, encerradas as questões que envolvem a conceituação e a análise de gênero, trataremos, em seguida, de uma revisão sugerida por Askehave e Swales (2001) do papel dos propósitos comunicativos para a análise e o reconhecimento de gêneros textuais na proposta elaborada em 1990 por Swales.

2.2.2 O repropósito do gênero

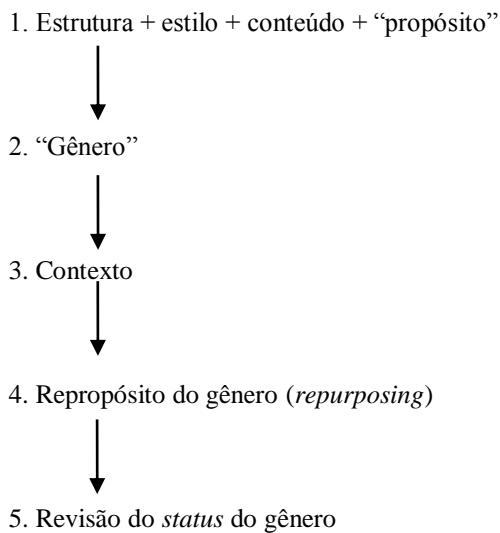
Em sua abordagem de pesquisa, Swales (1990) considera o propósito comunicativo um critério privilegiado para a análise e o reconhecimento de gêneros. Em 1998 e em 2004, Swales questiona essa ideia, e o propósito passa, na verdade, a ser associado a outros fatores, como a forma, a estrutura, as expectativas da audiência, tendo em vista que não é fácil reconhecer os propósitos comunicativos, pois um único gênero pode ter vários, sendo uns mais explícitos que outros.

Já Askehave (1999) pontua que, se aceitarmos que gêneros servem a diferentes propósitos, a noção do propósito como principal critério é problemática e questiona como tais propósitos são usados para decidir se um texto particular pode ser visto como um gênero específico em oposição a outro se são múltiplos, complexos e subjetivos. O autor questiona ainda como o propósito pode ser critério privilegiado se somente é estabelecido após uma pesquisa considerável e se pode provocar o desacordo entre analistas de gêneros experientes e inexperientes. Assim, orientados por essa visão, em 2001, Askehave e Swales tentam demonstrar que propósitos comunicativos não podem ser critério principal para a identificação e o reconhecimento de discursos que pertencem a certos gêneros, uma vez que nem sempre estão explícitos.

Nessa perspectiva, para a análise de gêneros, os autores sugerem abandonar o propósito comunicativo como um critério imediato de classificação de discursos em categorias genéricas e propõem um novo processo de análise conhecido pelo neologismo *repropósito* do gênero, com o intuito de capturar o tipo de experiência investigativa e oferecer dois procedimentos sistemáticos de análise: textual ou linguístico e contextual ou etnográfico.

No que diz respeito ao primeiro procedimento, que permite uma análise a partir do texto, vejamos a figura 2 abaixo:

Figura 2 – Procedimento sistemático de análise textual



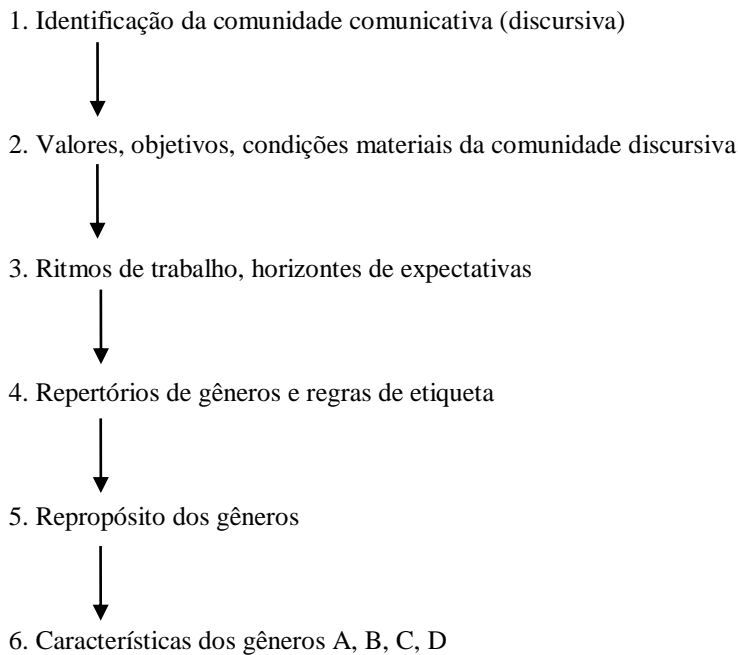
Fonte: Askehave; Swales (2001, p. 207, tradução de Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo, 2009).

Quanto à interpretação do procedimento apresentado na figura 2, Askehave e Swales (2001) propõem cinco passos de análise, os quais devem ser seguidos na ordem em que aparecem. Inicialmente, o analista deve examinar a estrutura, o estilo, o conteúdo e o propósito de determinado texto para se reconhecer determinado gênero. Em seguida, após avaliar o contexto e revisar o propósito comunicativo, o analista precisa rever o *status* do gênero, confirmando-o ou redefinindo-o.

As palavras entre aspas indicam uma condição provisória em determinada etapa do procedimento, podendo essa condição ser modificada em etapa posterior de análise. Assim, a revisão do *status* do gênero, para Askehave e Swales (2001), é pensada como uma categoria aberta, que pode envolver a revisão dos limites do gênero. Além disso, os autores não discutem ou definem o que é entendido como contexto, limitando-se a dizer que os analistas operam de acordo com circunstâncias particulares. Quanto a isso, Swales (2004) complementa afirmando que o contexto é também considerado uma categoria aberta, pelo menos parcialmente delimitada por restrições de tempo, recursos, disponibilidade e acesso. Ainda em relação a esse procedimento de análise, Swales (2004) pontua que os cinco passos são designados para sugerir que o analista tente avaliar as implicações daquilo que encontrou no fim do processo.

Já no tocante ao segundo procedimento, na figura 3 abaixo, apresentamos a análise de gêneros a partir do contexto:

Figura 3 – Procedimento sistemático de análise contextual



Fonte: Askehave; Swales (2001, p. 208, tradução de Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo, 2009).

Sobre a compreensão do procedimento apresentado na figura 3, Askehave e Swales (2001) propõem seis passos de análise que envolvem, além do propósito comunicativo, a identificação da comunidade discursiva, dos seus valores, dos seus objetivos, das suas condições materiais, dos seus ritmos de trabalho, dos seus horizontes de expectativas e do seu repertório de gêneros. Após essa identificação, o analista precisa revisar o propósito comunicativo para, em seguida, reconhecer as características textuais de gêneros diversos.

Como afirmam Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009), os dois procedimentos de análise valorizam o dinamismo do gênero. Swales (2004) pontua que esses procedimentos podem ser combinados e são considerados úteis, uma vez que comunidades e gêneros sofrem mudanças. Ainda nesse sentido, considerando a conceituação baseada em metáforas proposta em 2004, Swales (2004) comenta que os quadros de ação social podem mudar, que os padrões de linguagem podem sofrer modificações, que a especiação pode ocorrer, que as características não prototípicas podem ocupar posição mais central, que atitudes institucionais podem se tornar mais ou menos amigáveis para estranhos e que atos de fala podem dar origem a diferentes interpretações.

Finalizando as apreciações sobre o repropósito do gênero, concordamos com Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009) quando salientam que a confirmação do propósito

comunicativo não depende somente do analista, devendo o pesquisador elaborar dispositivos metodológicos que lhe permitam extrair tal confirmação com a ajuda de produtores e consumidores de gêneros.

Encerrado o panorama sobre gêneros textuais, passemos à discussão proposta por Hyland (2000) sobre culturas disciplinares, tema fulcral nessa pesquisa.

3 AS CULTURAS DISCIPLINARES

3.1 O DISCURSO ACADÊMICO

Em 2000 e em 2009, Hyland faz um panorama geral acerca daquilo que o discurso acadêmico significa, principalmente, dentro da comunidade discursiva da academia. O autor, em 2009, pontua que discursos acadêmicos, comunidades, disciplinas e culturas disciplinares são inseparavelmente entrelaçados, de modo que o entendimento de um destes conceitos somente ocorre com referência aos outros.

Nesse cenário teórico, Hyland (2009) afirma que a escrita acadêmica pode ser tomada como o protótipo do discurso acadêmico e que esse discurso não somente se refere a regularidades de um tipo peculiar de estilo, já que evoca o meio social em que escritores ativam respostas de rotina específicas e reconhecíveis para a realização de tarefas recorrentes. Assim, segundo Fagley²⁹ (1986 *apud* HYLAND, 2000), a escrita pode ser entendida somente a partir da perspectiva social em detrimento da perspectiva individual e, segundo Geertz³⁰ (1983 *apud* HYLAND, 2000), depende de ações de membros de comunidades. Textos são escritos em termos do conhecimento que autores têm da realidade, e esse conhecimento, por sua vez, sofre influência de membros de grupos sociais os quais, por meio da linguagem, expressam certos modos de falar sobre determinado fenômeno (HYLAND, 2009). O discurso acadêmico pode ser visto, portanto, como uma espécie de reservatório de significados que dão identidade a determinada cultura.

Hyland (2009) atesta também que o discurso se refere aos modos de pensamento e de uso da linguagem dentro da academia e enfatiza que a academia não pode ser separada de seus discursos e não pode existir sem eles. Além disso, o autor destaca a relação entre discurso e linguagem ao comentar que atividades acadêmicas, como disseminar ideias e construir conhecimento, dependem da linguagem utilizada para realizá-las. Ao utilizá-la, indivíduos se inserem em grupos sociais particulares, formando realidades sociais, identidades pessoais e posições profissionais.

²⁹ FAIGLEY, L. Competing theories of process: a critical and proposal. **College Composition and Communication**, 48, 527-42, 1986.

³⁰ GEERTZ, C. **Local knowledge**: further essays in interpretive anthropology. New York: Basic Books 1983.

O autor comenta ainda que, para podermos apreciar essa linguagem no contexto social, precisamos não somente observá-la, mas também observar os discursos, que são formas de comportamento, interação, valorização, pensamento, crença e fala, sendo, assim, com base em Gee³¹ (1996 *apud* HYLAND, 2009), formas de vida, formas de ser no mundo.

Em 2000, Hyland salienta que o discurso é resultado de uma multiplicidade de práticas e estratégias, variando quanto à sua estrutura e dependendo de sua audiência. Nesse sentido, as possíveis variações são produtos de forças institucionais e interacionais resultantes de práticas sociais em campos de conhecimento particulares. O autor pontua que o discurso, então, não é algo uniforme e monolítico diferenciado apenas por tópicos especialistas e léxico específico.

No que diz respeito, mais especificamente, à academia, o discurso, além de permitir que universidades continuem com o trabalho de ensino, pesquisa e extensão, constrói papéis sociais e relacionamentos que sustentam as disciplinas e a criação do conhecimento (HYLAND, 2009). Segundo Hyland (2009), por meio dele, os indivíduos colaboram e competem entre si, criam conhecimento e definem alianças acadêmicas. Nessa perspectiva, para o autor, o estudo do discurso, além de ser uma rica fonte de informação sobre práticas acadêmicas, também revela a realização da vida na universidade.

O modo como esse discurso representa a realidade acadêmica é manifestado por meio de gêneros falados ou escritos produzidos para serem entendidos dentro de certos contextos culturais, revelando valores e crenças compartilhados de grupos por meio de operações retóricas de rotina (HYLAND, 1997). Tais gêneros revelam ainda atividades genéricas e respostas retóricas repetidas para situações similares (HYLAND, 2000). Nessa ótica, conforme Hyland (2000), devemos perceber a escrita acadêmica como prática social coletiva e os textos públicos, que somente se realizam em gêneros, como a mais concreta e mais acessível realização dessa escrita. Esses textos correspondem a uma espécie de força vital da academia por meio da qual o discurso de membros produz e compartilha conhecimento, estabelece hierarquias e mantém autoridade cultural (HYLAND, 2000).

Ainda nesse contexto, o autor pontua que, em campos acadêmicos, os gêneros que fazem parte de uma rotina comunicativa de comunidades sociais incorporam negociação social de pesquisa, revelando como o conhecimento é persuasivo por meio de discursos. Quanto a isso, Hyland (2000) explica que o poder de persuasão é resultado de práticas

³¹ GEE, J. **Social Linguistics and Literacies: Ideology in Discourses**. London: Taylor and Francis, 1996.

retóricas efetivas aceitas pelos membros de comunidades e é, essencialmente, demonstração de credibilidade que envolve controle de metodologias de pesquisa e capacidade de empregar formas de discurso aprovadas pela comunidade. O autor explica também que gêneros são considerados persuasivos quando os autores empregam convenções linguísticas e sociais a fim de convencer seus pares.

No que diz respeito ao discurso acadêmico disciplinar, com base em Hyland (2000), entendemos que disciplinas são definidas por sua escrita e que essa escrita revela a competência profissional de práticas em disciplinas diversas. Os gêneros e suas regularidades parecem refletir as atividades disciplinares, contribuindo com o entendimento necessário para as interações sociais. O discurso disciplinar, portanto, fornece solidariedade, facilita atividades, oferece condições para o alcance de objetivos pessoais e contribui para o desenvolvimento de comunidades (HYLAND, 2000).

Em linhas gerais, podemos dizer que, de acordo com Hyland (2009), o discurso acadêmico liga-se não somente ao modo como o conhecimento é estabelecido, negociado e disseminado, mas também àquilo que o conhecimento significa e à forma como é modificado e reconhecido. Esse discurso é essencial para a maneira como os indivíduos se constroem como acadêmicos competentes, como constroem visibilidade profissional e como estabelecem reputações, revelando sua íntima relação com comunidades acadêmicas, o que será mais bem aprofundado no subtópico seguinte.

3.2 AS COMUNIDADES ACADÊMICAS

Trabalhar o conceito de cultura disciplinar implica, necessariamente, na visão de Hyland (2000, 2009), trabalhar a noção de comunidade e a de disciplina. Assim, em 2009, o autor esmiúça aquilo que considera necessário sobre a concepção de comunidade, a fim de preparar a base teórica para a construção da definição de disciplina e, conseqüentemente, de cultura disciplinar.

Para ele, o conceito de comunidade contribui, sobremaneira, para o entendimento do discurso acadêmico. Nesse sentido, Hymes³² (1966 *apud* HYLAND, 2009) adverte para a necessidade de manter o foco no entendimento de suposições culturais e nas práticas de

³² HYMES, D. Two types of linguistic relativity. In: Bright, W (ed.). **Sociolinguistics**. The Hague: Mouton, p. 114-67, 1966.

grupos sociais em detrimento da dependência de regras abstratas da comunicação. A noção de comunidade alerta-nos para a ideia de que nós não usamos a linguagem para nos comunicar com o mundo em geral, mas com os outros membros de nossos grupos sociais, tendo cada grupo normas próprias, categorizações e quadros de convenções (BARTHOLOMAE³³, 1986 *apud* HYLAND, 2009). Assim, o valor do termo *comunidade* reside em manter escritores, leitores e textos em um mesmo espaço retórico, sendo isso uma das bases da comunicação necessárias para uma efetiva interpretação dos discursos dos outros (HYLAND, 2009).

Nessa ótica, segundo Hyland (2009), buscando objetivos pessoais e profissionais, membros de comunidades tentam firmar a fala e a escrita em um mundo social particular. O modo como nos comunicamos com os outros, como trocamos informações e como trabalhamos varia de acordo com os grupos a que pertencemos e com suas convenções, as quais são meios que favorecem solidariedade e controle social, permitindo o estabelecimento de limites por meio da identificação de membros e da exclusão de outros. Tais convenções, ao mesmo tempo em que restringem se algo pode ser dito, autorizam escritores como membros competentes para dizê-lo.

Ainda nesse âmbito teórico, com base em Cutting (2002)³⁴, Hyland (2009) reconhece que comunidades oferecem a forma principal de compreender como o significado é construído e comenta que a ideia de comunidade relaciona-se a três aspectos sobre o contexto que são considerados essenciais para a produção e o entendimento do discurso falado e escrito. Vejamos, a seguir, esses critérios:

- 1) o contexto situacional, que diz respeito àquilo que as pessoas sabem sobre o que podem ver;
- 2) o contexto de conhecimento geral, que diz respeito àquilo que as pessoas sabem sobre o mundo, sobre os aspectos da vida e sobre uns e outros;
- 3) o contexto cotextual, que diz respeito àquilo que as pessoas sabem sobre o que dizem.

Diante disso, com base em Hyland (2009), podemos perceber que os aspectos contextuais contribuem com o entendimento de que comunidades fornecem o principal meio

³³ BARTHOLOMAE, D. Inventing the university. *Journal of Basic Writing*, 5, p. 4-23, 1986.

³⁴ CUTTING, J. *Pragmatics and discourse. A resource book for students*. London: Routledge, 2002.

de entender como o significado é produzido na interação e é, portanto, útil na identificação da forma como nos comunicamos.

Enfatizando que a noção de comunidade não somente é vista com frequência no estudo do discurso, o autor afirma que, possivelmente, a visão de Swales (1990, 1992) acerca de comunidade discursiva (CD) é a melhor tentativa de definir comunidades por enfatizar heterogeneidade e natureza sociorretórica e por focar em coletividade, com partilha de objetivos e interesses ocupacionais e recreacionais e com emprego de gêneros particulares. Ampliando a perspectiva, o conceito de CD proposto por Swales (1990, 1992), nas palavras de Hyland (2000), provou ser útil por procurar localizar escritores em determinados contextos particulares com o intuito de identificar como estratégias retóricas dependem dos propósitos comunicativos e do público-alvo.

De modo geral, Hyland, em 2000, afirma que comunidades são, compostas por indivíduos com experiências, especialidades, comprometimentos e influências diversas e são, frequentemente, entendidas como pluralidades de práticas e crenças que acomodam o desacordo, o que, sem comprometer a capacidade de compromisso em ações comuns, permite aos indivíduos e aos grupos a possibilidade de inovação dentro das margens de suas práticas e varia na medida em que seus membros se identificam com objetivos, métodos, crenças, atividade, convenções, valores.

Em 2009, Hyland reconhece que as concepções para comunidade ainda não encontraram concordância universal. Ele, então, cita autores como Canagarajah³⁵ (2002), Pennycook³⁶ (1994) e Prior³⁷ (1998), que veem o termo *comunidade* como algo demasiadamente estruturalista, estático e determinista com ênfase nos valores compartilhados que removem o discurso de situações atuais nas quais os indivíduos constroem significados. Tais críticas alertam-nos para o perigo de enxergar comunidades como algo estável, com regras de grupos conformados que aderem a um conjunto de valores, apoiando um modo único de comunicação consensual.

É nessa perspectiva que, de acordo com Hyland (2009), entendemos que comunidades acadêmicas são, na verdade, um estado constante de mudança conduzido pela busca de novidade e pela preocupação com o novo. Esse estado depende intimamente da

³⁵ CANAGARAJAH, S. **Critical Academic Writing and Multilingual Students**. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2002.

³⁶ PENNYCOOK, A. **The Cultural Politics of English as an International Language**. London: Longman, 1994.

³⁷ PRIOR, P. **Writing/Disciplinarity: A Sociohistoric Account of Literate Activity in the Academy**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998.

realização do discurso acadêmico, revelando relações de poder e identidade no interior de grupos acadêmicos. Como afirma Bloemmaert³⁸ (2005 *apud* HYLAND, 2009), identidades somente são bem sucedidas na medida em que são reconhecidas por outros membros, o que significa adotar, construir e transformar discursos reconhecíveis. O discurso, portanto, além de negociar conhecimento e credibilidade, ajuda a produzir e sustentar *status*, privilegiando modos particulares de construir significado e encorajando performances de identidades de tipos específicos de profissionais e estudantes, no interior de comunidades acadêmicas (HYLAND, 2009).

Em suma, em 2009, Hyland reconhece comunidades acadêmicas como instituições humanas em que ações e entendimentos são influenciados por aspectos pessoais, biográficos, culturais e institucionais e em que diferentes visões de mundo ou usos de linguagem se cruzam como resultados de uma quantidade indeterminada de experiências e de interações.

Por fim, feitas as considerações necessárias acerca de comunidades, especialmente as acadêmicas, esmiuçaremos, a seguir, perpassando o entendimento de disciplina, a noção de cultura disciplinar, a fim de melhor compreender sua importância e seu papel nessa pesquisa, além de sua ligação com discurso acadêmico e comunidades acadêmicas.

3.3 AS DISCIPLINAS ACADÊMICAS

Em 2009, considerando as contribuições de Swales (1990), Hyland afirma que disciplinas acadêmicas parecem ser boas candidatas a comunidades discursivas. Nesse sentido, o autor oferece uma alternativa ao conceito de CD e trabalha o conceito de cultura disciplinar com o intuito de dar conta de seu principal objeto de estudo: o discurso acadêmico. Diante disso, de acordo com Motta-Roth (2011), tendo em vista um tratamento mais genérico do termo, *cultura* pode ser entendida como o conhecimento sobre práticas sociais compartilhado por qualquer grupo social. Para a autora, o conceito de cultura é complexo e pode sofrer diferentes recortes, a exemplo da concepção da cultura acadêmica/universitária, a qual pode ser identificada a partir de um recorte profissional-educacional em relação a outros contextos de trabalho pedagógico.

³⁸ BLOEMMAERT, J. **Discourse**. Cambridge: CUP, 2005.

Ampliando a perspectiva teórica, Motta-Roth (2011) comenta sobre a pluralidade da ideia de cultura, a qual envolve práticas sociais localizadas, definidas por objetivos de determinada atividade humana mediada pela linguagem em um dado contexto. Assim, com base em Holliday³⁹ (1999) e Laraia⁴⁰ (1986), a autora afirma que cultura é um conjunto de processos sociais dinâmicos sujeitos a mudanças por não serem fixos dentro de fronteiras sociais, econômicas ou nacionais, é o conhecimento apreendido no processo histórico e social, é uma rede complexa que liga conhecimento, moral, crenças, leis, artes ou quaisquer hábitos adquiridos por indivíduos como membros de um grupo que tenha caráter local e dinâmico, construído via interação linguística.

Mais especificamente, já com o objetivo de explorar a noção de cultura disciplinar, Hyland (2009) reflete sobre o conceito de disciplina, comentando que estas são como instituições humanas com ações e entendimentos influenciados por relações pessoais e interpessoais bem como por questões institucionais e socioculturais, associadas a amplas áreas de conhecimento e dependentes de reconhecimento institucional. Em 2009, o autor comenta que *disciplina* parece ser um bom termo usado para descrever e diferenciar conhecimento, estruturas institucionais, pesquisadores e estudantes no âmbito acadêmico.

Ainda em 2009, Hyland alerta-nos para a necessidade de olharmos com cuidado para a noção de disciplina, uma vez que pesquisar e ensinar são atividades complexas socialmente organizadas e conduzidas e que os limites do conhecimento e do ensino são progressivamente mudados e dissolvidos. O autor, então, endossa esse pensamento ao afirmar que disciplinas não são uniformes ou estáveis, mas sim locais nos quais predominam as competições individuais, as teorias e as metodologias diversas responsáveis por seu reconhecimento e por sua ascensão. Dessa forma, de modo geral, com base em Hyland (2000), disciplinas são como sistemas em que múltiplas práticas e crenças interagem.

Nos termos de Bhatia (2004), disciplinas possuem características típicas e devem ser compreendidas a partir de conhecimento específico, metodologias e práticas compartilhadas pelos membros de determinada comunidade. Em outras palavras, elas devem ser vistas a partir de seus modos de pensar, de construir e de consumir conhecimento, suas normas, suas epistemologias específicas, seus objetivos típicos e suas práticas disciplinares orientadas para alcançar seus objetivos. Nesse cenário, o autor comenta sobre a importância

³⁹ HOLLIDAY, A. Small cultures. *Applied Linguistics*, 20(2), p. 237-64, 1999.

⁴⁰ LARAIA, R. B. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

de distinções disciplinares em locais de práticas profissionais, uma vez que limites são renegociados e originam discursos interdisciplinares.

Claramente, na visão de Hyland (2009) e de Bhatia (2004), disciplinas não são instituições monolíticas de geração de conhecimento, mas sim contingentes contextualizados dependentes de reconhecimento, de rotulação e de lutas institucionais que garantem a instabilidade de limites e a mutabilidade de objetos de estudo. Assim, reconhecer o que pode ser delimitado como disciplina dentro de universidades pode não ser tarefa fácil, uma vez que procuramos entidades fluidas e permeáveis impossíveis de serem estabelecidas com perfeita precisão.

Nesse tocante, retomamos a discussão pautada por Swales (1992) já feita, em subtópico anterior, a respeito de a universidade corresponder a uma matriz principal permeada por uma rede de conexão interdisciplinar. Ao que parece, essa rede é formada pelas disciplinas, as quais são responsáveis pelas variações vistas em gêneros acadêmicos, diferindo entre si por seu tipo de conhecimento, suas normas, seus valores, suas crenças, suas metodologias de pesquisa, suas nomenclaturas, suas convenções.

Partindo disso, é possível percebermos o diálogo constante entre Swales (1990, 1992) e Hyland (2000, 2009), especialmente se buscarmos concatenar, diretamente, as contribuições de cada autor. Parece-nos que, evidentemente, uma das características centrais das disciplinas é a pertença à comunidade discursiva acadêmica. Em uma íntima relação, tais disciplinas, assim como, conseqüentemente, a própria academia, refletem-se no discurso acadêmico realizado por meio dos gêneros. Desse modo, é possível inferir que, em muitos casos, convenções, normas, crenças e valores disciplinares confundem-se com convenções, crenças, normas e valores acadêmicos, enquanto tais aspectos disciplinares peculiares também podem servir de base para o estabelecimento de limites entre disciplinas distintas.

Nesse contexto, de acordo com Sullivan⁴¹ (1996 *apud* HYLAND, 2000), existem quatro mecanismos centrais que determinam limites disciplinares: perspectiva ideológica de disciplina e de mundo; pressuposições sobre a natureza das coisas e das metodologias; sistema de relações hierárquicas de poder e acervo de conhecimento doutrinal a respeito da realidade externa. Considerando tais categorias e as contribuições de Hyland (2000, 2009), temos, por conseguinte, que disciplinas são muito mais determinadas pelo seu poder social como categorias epistemológicas.

⁴¹ SULLIVAN, D. Displaying disciplinarity. **Written Communication**, 13 (2), p. 221-50, 1996.

Tendo em vista a noção construída até então, percebemos que o entendimento daquilo que uma cultura disciplinar (HYLAND, 2000, 2009) significa nasce da evidência de que disciplinas constituem formas particulares de construção de significado, sofrem mudanças que se refletem no processo de escrita e dependem de suas práticas particulares, as quais envolvem procedimentos instrumentais, critérios para julgar relevância e validade, convenções para aceitar formas de argumentação. Esse entendimento parece alinhar-se ao conceito de cultura proposto por Geertz (1973), o qual atravessa a ideia de que culturas, sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, são mais bem vistas como um conjunto de mecanismos de controle para governar o comportamento e não como complexos padrões concretos desse comportamento.

Em outras palavras, na visão de Hyland (2000), cada cultura é constituída como um grupo acadêmico com normas particulares, nomenclaturas, acervo de conhecimentos, convenções e modos particulares de pesquisa, e, para participarem dela como membros, indivíduos adaptam-se e empregam o tipo de discurso mais apropriado. As culturas, assim, ao sofrerem variações em dimensões sociais e cognitivas, diferem-se em seus objetivos, seus comportamentos sociais, suas relações de poder, seus interesses políticos, seus padrões de escrita. Quanto a esses padrões, para Hyland (2009), tais culturas produzem, suportam e autorizam determinada escrita como forma de poder e representação de discurso legítimo que ajuda a definir e manter epistemologias e limites disciplinares particulares.

Ao percorrermos a linha teórica de Hyland (2000, 2009), percebemos que culturas disciplinares são diferenciadas, principalmente, pela forma como expressam conteúdo por meio do discurso e da escrita, envolvendo compromisso social com colegas. Como textos são escritos para serem entendidos em certos contextos culturais, a análise de gêneros-chave pode fornecer *insights* que revelam o que é implícito em culturas disciplinares particulares.

Diante disso, concordamos com Hyland (2000) quando esse autor elege variações na estrutura do texto e nos tipos de estratégias retóricas como foco de um estudo que pretende caracterizar culturas disciplinares diversas. Assim, é com base nisso que buscamos perceber, nessa pesquisa, a relação entre distinções disciplinares e produção de gêneros, especialmente no que tange à descrição retórica, ao analisarmos exemplares de artigo experimental.

Para tanto, faz-se necessário descrever e caracterizar as áreas disciplinares que estão em evidência nesse estudo. No entanto, diferentemente de Swales (1990, 1992), que oferece critérios operacionais fixos que permitem a análise e o reconhecimento de determinado grupo como comunidade discursiva, Hyland (2000, 2009) não nos

proporciona uma matriz com categorias para um exercício analítico, conseqüentemente, não facilitando o trabalho de identificação de determinada área como disciplina. Perante essa lacuna, com o intuito de alcançar nossos objetivos, tomaremos como ponto de partida o principal aspecto comum entre áreas disciplinares, que é a pertença à comunidade acadêmica, e alguns aspectos que as diferenciam, como as epistemologias, os objetos de estudo, as metodologias.

Finalizadas as considerações sobre culturas disciplinares, vejamos o subtópico seguinte, em que abordaremos um dos principais meios de realização do discurso acadêmico: o gênero artigo científico.

4 O GÊNERO ARTIGO ACADÊMICO

4.1 O ARTIGO CIENTÍFICO NA ACADEMIA

Com base em Hyland (2009), podemos dizer que o discurso acadêmico é a base de toda atividade da universidade e que, por meio desse discurso, as instituições legitimam o conhecimento, regulam a admissão de novos membros e controlam as interações. Tendo em vista que o meio universitário liga-se essencialmente à atividade de pesquisa (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), a academia tem como foco principal a produção de conhecimento por meio de pesquisas acadêmicas, e os gêneros que contribuem para isso merecem atenção especial (HYLAND, 2009).

Dentre esses gêneros, destacamos o artigo científico por ser o meio mais utilizado na divulgação do discurso acadêmico. Por meio dele, professores e alunos de graduação e pós-graduação divulgam estudos e pesquisas e, frequentemente, enfrentam os desafios referentes à escrita e à publicação, haja vista o clima competitivo diário e as rejeições de periódicos.

Esse gênero, no entanto, nem sempre possuiu a mesma descrição, tendo, primeiramente, características de narrativas em primeira pessoa. Sob essa ótica, em meados do século XVII, na medida em que a ciência foi se desenvolvendo, aumentou a necessidade de se criar um veículo por meio do qual fosse possível disseminar o conhecimento para um seletivo e influente grupo de cientistas. Nessa perspectiva, com base em Swales (1990), o artigo acadêmico, além de surgir como alternativa às cartas informativas que eram utilizadas pela comunidade científica na difusão de descobertas entre seus membros, nasceu, em 1665, concomitantemente ao estabelecimento do primeiro periódico científico de que se tem notícia: *The Philosophical Transactions of the Royal Society*. Diante disso, atravessando um período de mais de 300 anos de existência, o gênero artigo científico vem passando por mudanças que o levaram à sua construção retórica atual bastante distinta de sua inicial natureza epistolar.

A partir da propagação de revistas científicas, esse gênero passou a divulgar fenômenos com descrição da realidade, fato dependente de um consenso alcançado por meio de persuasão retórica (SWALES, 1990). Indo ao encontro dessa noção, Hyland (1997) afirma que o artigo é um instrumento ideológico da comunidade acadêmica o qual permite que proposições reflitam formas de conhecimento culturalmente determinadas.

Para Hyland (2009), o artigo é resultado de um prolongado e, muitas vezes, torturante processo de escrita que exige, a fim de garantir um trabalho considerado mais maduro, a revisão de pares. O artigo, considerado o gênero com mais *status* na divulgação do saber especializado (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), o meio principal de veiculação de informação e de materialização de pesquisa (OLIVEIRA, 2002) e o gênero central na produção de conhecimento (YANG; ALLISON, 2003), é entendido, segundo Silva (1999), como uma prática dialógica por permitir a interação entre leitores e escritores acadêmicos.

Além disso, Hyland (2000) aponta que, na academia, artigos podem estabelecer ineditismo de posicionamentos, reconhecer trabalhos anteriores, situar produções dentro de contextos disciplinares, oferecer garantias acerca de determinados pontos de vista baseados em argumentos e procedimentos específicos da comunidade acadêmica ou, ainda, demonstrar identidade disciplinar apropriada. Nesse sentido, para o autor, o gênero em questão, ao mesmo tempo em que é construído por determinada cultura disciplinar, perpetua convenções que regem a comunidade que dele faz uso.

Diante disso, temos que o artigo acadêmico é escrito dentro de um contexto social e histórico e deve concordar com a epistemologia e os objetivos da disciplina da qual faz parte, de modo que argumentos acatados por determinada audiência dependem da apresentação de alegações consideradas razoáveis pela comunidade acadêmica.

Finalizando essas breves considerações acerca do papel do artigo na academia, com base em Swales (2004), afirmamos que nem todos os artigos são experimentais, existindo, ainda, o de revisão de literatura e o teórico. De forma breve, considerando não serem esses dois últimos nosso foco de pesquisa, podemos dizer que o artigo de revisão de literatura apresenta, como objetivo central, “um panorama histórico de uma determinada área de estudo” (BERNARDINO, 2007, p. 125) e que o artigo teórico, como objetivo principal, realiza “uma discussão, prioritariamente teórica, sem necessariamente recorrer à análise de dados” (BERNARDINO, 2007, p. 122). Já o AE objetiva analisar dados de qualquer natureza apresentando as unidades retóricas de Resultados e de Discussão (SWALES, 2004), tópico que será mais bem elaborado em subtópico posterior.

4.2 O ARTIGO EXPERIMENTAL

Considerando as contribuições de Motta-Roth e Hendges (2010), podemos dizer que o artigo experimental é um texto elaborado para publicação de resultados de uma pesquisa em periódicos especializados. Com base nas autoras, para se descrever um AE, os aspectos de forma e de conteúdo devem ser considerados, de modo que o autor deve desenvolver atividades que consistem em selecionar bibliografia, delimitar e analisar um problema, discutir e avaliar os resultados do estudo. Motta-Roth e Hendges (2010) afirmam ainda que o objetivo básico desse gênero é o de fazer referência a um estudo, sendo, dessa forma, necessário descrevê-lo, expor e avaliar seus resultados, utilizando modos particulares e convenções próprias da área em que o estudo está inserido.

Nesse contexto, para Amirian, Kassaian e Tavakoli (2008), as diferenças como estrutura da organização, convenções e características da linguagem presentes em artigos refletem os valores e as crenças que são mantidos por pesquisadores de uma comunidade particular. Corroborando isso, Holmes (1997) afirma que, cada vez mais, o discurso acadêmico é realizado no contexto de comunidades disciplinares que são formadas pela variedade de pressões institucionais e sociais. Já Oliveira (2003) afirma que cada área de conhecimento possui paradigmas peculiares que orientam e fundamentam a prática de pesquisa.

Nesse sentido, no que tange à estrutura retórica do AE, podemos afirmar, com base em pesquisas prévias, que as crenças, os valores e as convenções de cada área moldam e conduzem a forma como os autores devem apresentar seus estudos. Quanto às diferenças estruturais do artigo em áreas distintas, abordaremos mais detalhadamente a organização retórica do referido gênero no subtópico seguinte.

4.2.1 A estrutura do artigo experimental

Iniciando uma abordagem de análise de gêneros com o livro *Genre analysis: English in academic research settings*, em 1990, Swales descreve a organização retórica do gênero artigo acadêmico apresentando quatro unidades básicas: Introdução, Métodos, Resultados e Discussão, organização retórica conhecida como IMRD. Considerando a importância dessa organização, Hyland (1998b) relaciona as escolhas e os objetivos que subjazem a macroestrutura IMRD à habilidade de um escritor de, simultaneamente,

demonstrar factualidade empírica e obter reconhecimento de suas descobertas pela comunidade acadêmica.

Embora, de modo geral, essa estrutura seja referência para a construção de artigos acadêmicos, em 2004, Swales afirma que essa caracterização possivelmente sofre mudanças em diferentes áreas de conhecimento, e, em 2007, Bernardino aponta ainda que tal caracterização refere-se, mais precisamente, à descrição do AE. Nessa perspectiva, Motta-Roth e Hendges (2010), ao descreverem o gênero artigo experimental, acrescentam, em sua proposta de organização retórica, a unidade de Revisão de Literatura e uma possível unidade separada para Conclusão, podendo esta última aparecer também no final da Discussão. Essa visão das autoras interessa-nos de modo particular, uma vez que o *corpus* dessa pesquisa parece ser composto também por artigos com seções de Revisão de Literatura e Conclusão apresentadas em unidades isoladas.

Já Yang e Allison (2003), ao analisarem artigos de Linguística Aplicada, enfatizam a ideia de que existe uma unidade para o encerramento do artigo e criticam o fato de muitos pesquisadores analisarem Discussão e Conclusão como se fossem uma só seção sem fornecer qualquer evidência para isso. Ademais, esses autores não veem, de modo claro, nos diversos estudos, a relação entre Resultados e Discussão ou Conclusão. Ampliando a estrutura retórica básica inicialmente sugerida por Swales (1990), Amnuai e Wannaruk (2013), com base nos estudos de Yang e Allison (2003), analisam artigos de Linguística Aplicada e apontam para um novo padrão de organização retórica que envolve a Conclusão em uma unidade separada: IMRDC, o que, nesse trabalho, é de extrema relevância.

Finalizando este subtópico, voltando-nos aos estudos de Swales (1990), apresentaremos, em seguida, a configuração retórica da unidade de Introdução, a partir do modelo CARS (*Create a Research Space*), importante contribuição metodológica que serve de base para outras descrições retóricas.

4.2.2 O modelo CARS (*Create a Research Space*)

Em relação à análise de gênero proposta por Swales em 1990, citando Bhatia (1993) e Swales (1990), Amirian, Kassaian e Tavakoli (2008) pontuam que essa abordagem procura, como objetivo principal, identificar a estrutura esquemática, as estratégias possíveis que permitem aos usuários do gênero alcançar seus propósitos comunicativos e as escolhas

linguísticas possíveis para realizar essas estratégias. Essa mesma abordagem, que serve como norte para esse estudo, é baseada no movimento⁴², que é uma unidade retórica ou discursiva que realiza função comunicativa coerente no discurso falado ou escrito (SWALES, 2004) ou, ainda, uma unidade semântica associada ao propósito do gênero (AMNUAI; WANNARUK, 2013; AMIRIAN; KASSAIAN; TAVAKOLI, 2008), isto é, moldada por uma função comunicativa específica (HOLMES, 1997).

Já para Nwogu (1997), o movimento significa um grupo de características linguísticas, como os significados lexicais, os significados proposicionais, as forças ilocucionárias, que orientam o segmento textual em relação ao conteúdo. Nesse sentido, Yang e Allison (2003) destacam que um movimento pode ser realizado por qualquer passo⁴³ ou combinação de passos. Esses autores afirmam também que o movimento captura a função e o propósito do segmento de texto em um nível mais geral, enquanto o passo implica, mais especificamente, o significado retórico da realização dessa função. O quadro de passos é, assim, um quadro de escolhas retóricas que permitem aos autores realizarem seus propósitos (YANG; ALLISON, 2003). É importante esclarecer, ainda, que, na atual literatura, existem terminologias diferentes para movimento, a saber: unidade retórica (BIASI-RODRIGUES, 1998), e para passo, a saber: subfunção (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), subunidade retórica (BIASI-RODRIGUES, 1998).

Nesse contexto, quanto à terminologia utilizada na análise, optamos por chamar as seções mais amplas, como Introdução e Metodologia, de *unidades retóricas* com base em Bernardino (2007), e as unidades informacionais que constituem essas seções de *movimentos* e de *passos*. A justificativa para essa escolha pauta-se no fato de que, em nosso entendimento, os termos *movimento* e *passo*, além de serem uma tradução literal da proposta de Swales (1990), já possuem ampla significação construída a partir dos estudos desse mesmo autor e de estudos posteriores, sendo isso já bem reconhecido por membros da área disciplinar em que se insere esse léxico considerado específico.

Ainda nesse âmbito teórico, a fim de melhor compreender a relação entre movimento e passo, Motta-Roth (1995, p. 60, tradução nossa⁴⁴) nos fornece a seguinte definição:

⁴² Tradução do termo *move* proposto por Swales (1990) no modelo *CARS*.

⁴³ Tradução do termo *step* proposto por Swales (1990) no modelo *CARS*, que indica as unidades que compõem o movimento (*move*).

⁴⁴ Due to the difficulty in attaining consensus as to the definition of move and step, for the purposes of analysis, move is defined here as a text block, a stretch of discourse that can extend for one or more sentences, that realizes a specific communicative function, and that together with other moves constitute the whole information

Devido à dificuldade em atingir um consenso para a definição de movimento e passo, para fins de análise, movimento é definido aqui como um bloco textual, um trecho de discurso, que pode se estender para uma ou mais sentenças, que realiza uma função comunicativa específica e que, com outros movimentos, constitui a estrutura informacional total a qual deve estar presente no texto para permitir que este seja reconhecido como um exemplar de determinado gênero. Cada movimento representa um estágio no desenvolvimento de uma estrutura geral de informação a qual é comumente associada com o gênero como padrão de discurso.

Um movimento engloba uma série de unidades funcionais menores [...], que realizam as intenções dos escritores de acordo com restrições impostas pelo gênero, que eu simplesmente chamarei de subfunção de cada movimento (em vez de outro termo como, por exemplo, “passo”, na terminologia de Swales).

Essa abordagem de análise de gêneros baseada em movimentos e passos é apresentada no modelo CARS (*Create a Research Space*), proposto por Swales (1990) para análise de introduções de artigos acadêmicos. Tentando compreender as estratégias usadas por autores na elaboração de seus textos, Swales (1990) oferece uma importante contribuição metodológica baseada em *corpus*, a qual, segundo Silva (1999), é formada por unidades esquemáticas retóricas, que realizam ou adicionam informação ao texto, ou seja, por categorias de análise não firmadas *a priori*, mas elaboradas após a observação e a interpretação de elementos textuais recorrentes e, portanto, convencionais entre exemplares de um mesmo gênero.

Vejamos, então, o modelo CARS, com uma regularidade de quatro movimentos, elaborado a partir de uma analogia ecológica:

Figura 4 – Modelo CARS (*Create a Research Space*)

Movimento 1: Estabelecer o território

Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou

Passo 2 – Fazer generalizações quanto ao tópico e/ou

Passo 3 – Revisar a literatura (pesquisas prévias)

Movimento 2: Estabelecer o nicho

Passo 1A – Contra-argumentar ou

structure that must be present in the text to allow it to be recognized as an exemplar of a given genre. Each move represents a stage in the development of an overall structure of information that is commonly associated with the genre as a pattern of discourse.

A move encompasses a series of smaller functional units or speech acts, such as reporting or questioning, that realize the writer's intentions in accordance with the constraints imposed by the genre, which I will simply call sub-function of each move (instead of other term as, for instance, ‘step’, in Swales' terminology).

Passo 1B – Indicar lacuna(s) no conhecimento ou

Passo 1C – Provocar questionamento ou

Passo 1D – Continuar a tradição

Movimento 3: Ocupar o nicho

Passo 1A – Delinear os objetivos ou

Passo 1B – Apresentar a pesquisa

Passo 2 – Apresentar os principais resultados

Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo

Fonte: Swales (1990, p. 141, tradução de Biasi-Rodrigues, 1998).

Entendendo melhor o modelo proposto por Swales (1990), com base em Silva (1999), no primeiro movimento (*Estabelecer o território*), o autor apresenta a área de estudo na qual o trabalho se insere, o que estabelece o território da pesquisa. No segundo (*Estabelecer o nicho*), o autor estabelece um tópico a ser estudado e, no terceiro (*Ocupar o nicho*), oferece sua pesquisa para ocupar esse tópico (o nicho).

No tocante à descrição dos passos, com base em Swales (1990), sobre o movimento 1 (*Estabelecer o território*), no passo 1 (*Estabelecer a importância da pesquisa*), o autor pode indicar a relevância da pesquisa apresentando interesse, referindo-se a características centrais de pesquisa ou afirmando que existem muitos outros pesquisadores em atividade na área. No Passo 2 (*Fazer generalização/ões quanto ao tópico*), o autor apresenta informações mais gerais. Esse passo pode aparecer de várias formas, mas geralmente se apresenta em duas categorias: afirmações sobre conhecimento ou prática e afirmações sobre fenômenos. O terceiro e último passo (*Revisar a literatura (pesquisas prévias)*) traz a revisão de itens da literatura prévia considerados importantes para o estabelecimento da pesquisa.

Em relação ao movimento 2 (*Estabelecer o nicho*), intimamente associado ao passo 3 (*Revisar a literatura (pesquisas prévias)*) do movimento anterior (*Estabelecer o território*), o estabelecimento do nicho não necessariamente ocorre logo após o término desse passo, podendo aparecer seguindo a revisão de itens individuais. Assim, no passo 1A (*Contra-argumentar*), o autor apresenta evidências contrárias às pesquisas prévias; no passo 1B (*Indicar lacuna(s) no conhecimento*), o autor indica lacunas no conhecimento, muitas vezes, afirmando que são poucos os estudos sobre determinado objeto de análise; no passo 1C

(*Provocar questionamento*), o autor faz questionamentos acerca da literatura revisada e, no passo 1D (*Continuar a tradição*), o autor continua a tradição de um estudo prévio.

A respeito do movimento 3 (*Ocupar o nicho*), sua principal característica é adequar o nicho estabelecido no movimento 2 (*Estabelecer o nicho*) dentro de um espaço de pesquisa que justifique o artigo. Iniciar esse movimento pelo passo 1A (*Delinear os objetivos*) ou pelo 1B (*Apresentar a pesquisa*) é bastante comum, porém somente o passo 1A é obrigatório. Esses dois passos são marcados pela ausência de referência a pesquisas prévias e pelo uso de expressões como “este trabalho apresenta”, “nós objetivamos”, “esse trabalho é”. No passo 2 (*Apresentar os principais resultados*), o autor adianta os principais resultados de sua pesquisa e, no passo 3 (*Indicar a estrutura do artigo*), se ocorrer, indica a estrutura do trabalho no final do artigo.

Explicada a proposta de Swales (1990), quanto a fornecer um modelo de organização retórica que sirva de base para análise de gêneros, endossamos o pensamento de Swales (2009) sobre a necessidade humana de algum tipo de suporte. O autor destaca a importância de se perceber a totalidade de determinado texto, salientando como modelos de configuração retórica podem contribuir para isso. Nesse sentido, vejamos o que diz o autor:

Essencialmente, os “bons” modelos devem causar em seus leitores, ou pelo menos em boa parte deles, certo senso de revelação; precisam evocar, pelo menos no início, algum sentimento como: “Ah, agora entendo o que está acontecendo aqui, de uma maneira que eu não percebia antes; antes eu só via os detalhes, agora tenho uma visão do todo”. Desse modo, nossa percepção original, confusa e incipiente, sobre uma narrativa oral, um breve relatório técnico, uma transação comercial ou uma introdução de artigo de pesquisa é substituída pelo esquema que o modelo nos impõe (p. 39).

Ainda nesse tocante, conforme Motta-Roth (2011), haja vista a proposta Swalesiana ter sido recebida, em um primeiro momento, como uma análise essencialmente linguístico-textual, com uma replicação, ampliação ou adaptação do modelo CARS, a tendência dos estudos, nos últimos 15 anos, é ampliar a análise do texto como produto em suas características estruturais até a análise do texto em seu contexto como processo de interlocução.

Finalizando, feitas as considerações necessárias sobre o modelo CARS, passemos à caracterização e à descrição de unidades retóricas de um artigo, a saber: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados, Discussão e Conclusão, apresentando os modelos

mais pertinentes à análise. Cabe ainda pontuar que tais unidades não são as únicas possíveis, sendo algumas mais comuns que outras, dependendo da área de conhecimento.

4.2.3 Introdução

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010), na Introdução, são apresentados o tema central do trabalho e a relevância da pesquisa para a área, são construídos o contexto de estudo em relação a uma determinada área de conhecimento, os problemas e os objetivos trabalhados no artigo. Nessa seção, justifica-se a importância da pesquisa, apontam-se razões para a realização do estudo e para a escolha do tema e do problema a ser solucionado (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). As autoras comentam ainda que, nessa unidade, o autor pode fornecer uma visão geral da organização do trabalho a fim de garantir que o leitor construa um enquadramento mental e antecipe os pontos temáticos que serão tratados no texto.

Nesse cenário, enquanto Hyland (2009) considera a Introdução a parte do artigo em que se encontra o esforço retórico dos autores para justificar a importância do trabalho, Bhatia (1993) afirma que essa seção é responsável por garantir um *link* entre aquilo que já foi pesquisado em um campo relevante e o trabalho a ser feito. Para Bhatia (1993), a função comunicativa da Introdução é bastante clara, uma vez que essa seção somente introduz o artigo sem comentar toda a pesquisa.

Quanto à organização retórica dessa unidade, muitos autores, após a contribuição de Swales (1990), realizaram estudos variados, o que resultou em descrições retóricas voltadas para campos distintos de conhecimento. Como exemplo, Nwogu (1997), ao descrever a organização retórica de artigos de Medicina, afirma que a Introdução possui uma regularidade de três movimentos, o que pode ser conferido na figura 5:

Figura 5 – Descrição retórica da unidade de Introdução da área disciplinar de Medicina

Movimento 1: Apresentando informações gerais

Passo 1 – Referência ao conhecimento estabelecido no campo

Passo 2 – Referência aos principais problemas de pesquisa

Movimento 2: Revisando pesquisas relacionadas

Passo 1 – Referência a pesquisas prévias

Passo 2 – Referência a limitações de pesquisas prévias

Movimento 3: Apresentando nova pesquisa

Passo 1 – Referência ao propósito da pesquisa

Passo 2 – Referência ao principal procedimento da pesquisa

Fonte: Nwogu (1997, p. 135, tradução nossa⁴⁵).

Com base em Nwogu (1997), quanto à caracterização e à descrição dos três movimentos, o movimento 1 (*Apresentando informações gerais*) explica o tópico do discurso seja pela apresentação de conhecimento considerado verdadeiro por um longo período de tempo (Passo 1 - *Referência ao conhecimento estabelecido no campo*), seja pelo destaque do principal problema de pesquisa (Passo 2 – *Referência aos principais problemas de pesquisa*), seja pelos dois. O movimento 2 (*Revisando pesquisas relacionadas*) tem como objetivo indicar que a pesquisa deriva de uma tradição de trabalhos já estabelecidos em determinado campo (Passo 1 – *Referência a pesquisas prévias*), tendo alguns deles lacunas no conhecimento (Passo 2 – *Referência às limitações de pesquisas prévias*).

Já o movimento 3 (*Apresentando nova pesquisa*) introduz nova pesquisa, principalmente, declarando seu propósito (Passo 1 – *Referência ao propósito da pesquisa*). Além disso, esse movimento pode fazer referência a informações que indicam os principais procedimentos de investigação adotados no estudo (Passo 2 – *Referência ao principal procedimento da pesquisa*), em alguns casos, englobando a amostra de dados.

Diferentemente do que ocorre com a área de Medicina, não encontramos modelos de organização retórica voltados, especificamente, para a área de Linguística. Nesse sentido, nessa pesquisa, acreditamos que o modelo CARS, proposto por Swales (1990) para introduções de artigos acadêmicos e já descrito e caracterizado em subtópico anterior, seja

⁴⁵ **Move 1: Presenting Background information**

(1) Reference to established knowledge in the field

(2) Reference to main research problems

Move 2: Reviewing Related Research

(1) Reference to previous research

(2) Reference to limitations of previous research

Move 3: Presenting New Research

(1) Reference to research purpose

(2) Reference to main research procedure

ideal para análise das introduções dos artigos dessa área, tendo em vista que, como afirma Swales (2004), é um modelo relativamente simples, funcional, baseado em *corpus* e *sui generis* para a parte do gênero a que se aplica. Já em relação à área de Medicina, identificamos no modelo proposto por Nwogu (1997) aquele que mais se aplica à análise dos artigos dessa área, uma vez que a investigação desse autor é bastante específica e direcionada para esse campo do conhecimento.

Finalizadas as considerações sobre a unidade de Introdução, passemos ao estudo da seção de Revisão de Literatura.

4.2.4 Revisão de Literatura

Segundo Motta-Roth e Hendges (2010), a unidade de Revisão de Literatura (RL) pode aparecer como uma unidade separada e dentro da Introdução, corroborando o passo 3 (*Revisar a literatura (pesquisas prévias)*) do movimento 1 (*Estabelecer o território*) do modelo CARS. Swales e Feak (2000) afirmam que a RL pode aparecer de três formas: 1) separada, em uma seção independente, como parte de um capítulo ou um capítulo inteiro; 2) incorporada no texto mais amplo; 3) integrada ao longo do trabalho por uma necessidade de comparação e avaliação.

Em relação à função dessa unidade, várias são as contribuições encontradas em pesquisas prévias. Feak e Swales⁴⁶ (2009 *apud* MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010) enfatizam que, na RL, os autores reconhecem e utilizam a criação intelectual de outros autores, além de dar os devidos créditos a essa criação. Bernardino (2007) pontua que a unidade retórica de RL é elaborada, principalmente, com o intuito de apresentar teorias pertinentes para a fundamentação da investigação e da análise a serem realizadas no percurso da pesquisa, o que empresta voz de autoridade ao texto construído. Já Hyland (2009) afirma que, com essa seção, o autor busca justificar o valor da pesquisa e mostrar por que ela pode se diferenciar daquilo que já foi feito anteriormente.

Ainda sobre o papel da RL, para Hendges (2001), com essa unidade, o escritor situa seu trabalho em uma área de pesquisa ao destacar e citar resultados de discussões de estudos prévios, aponta a relevância desse tópico como um todo e discute questões

⁴⁶ FEAK, C. B.; SWALES, J. M. **Telling a Research Story: Writing the Literature Review**. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.

relacionadas ao estado da arte em que a pesquisa se insere. Bhatia (1993), de modo geral, afirma que, quase nunca, trabalhos acadêmicos, como artigos, dissertações e teses, podem ser vistos como completos sem uma adequada seção ou um capítulo de Revisão de Literatura.

Quanto a uma estrutura de organização retórica dessa unidade, Hendges (2001) e Motta-Roth e Hendges (2010), com base em modelo já proposto em 1996 pelas mesmas autoras, apresentam e descrevem a proposta a seguir, na figura 6, que possui a regularidade de apenas um movimento, além do termo *subfunção* substituindo o termo *passo*:

Figura 6 – Descrição retórica da unidade de Revisão de Literatura

Movimento 1: Situar a pesquisa

Subfunção 1A – Estabelecer interesse profissional no tópico ou

Subfunção 1B – Fazer generalizações do tópico e/ou

Subfunção 2A – Citar pesquisas prévias ou

Subfunção 2B – Estender pesquisas prévias ou

Subfunção 2C – Contra-argumentar pesquisas prévias ou

Subfunção 2D – Indicar lacunas em pesquisas prévias

Fonte: Motta-Roth e Hendges (2010, p. 93).

Com base nas autoras citadas, em relação à subfunção 1, ao apresentar informações prévias, o nome do autor não necessariamente precisa ser citado, diferentemente do que ocorre com a subfunção 2. As subfunções 1A e 1B, de modo mais geral, comentam a literatura da área, fornecem uma orientação mais ampla, estabelecem o conhecimento na área de interesse e estabelecem generalizações quanto ao tópico, enquanto as subfunções 2A a 2D comentam questões mais específicas presentes em estudos prévios, servindo para o escritor inserir seu trabalho de forma mais ou menos objetiva no campo de estudo.

Mais especificamente, a partir da subfunção 1A (*Estabelecer interesse profissional no tópico*), o autor do artigo destaca a relevância do tópico estudado a fim de seduzir leitores em potencial. Com a subfunção 1B (*Fazer generalizações do tópico*), o autor faz declarações de caráter amplo sobre o estado da arte, dispensando maiores evidências que as justifiquem, uma vez que exigem conhecimento prévio. Já por meio da subfunção 2A (*Citar pesquisas prévias*), a qual se refere à citação de pesquisas prévias de modo objetivo ou

avaliativo, o autor avalia o conhecimento já produzido e fornece conceitos, procedimentos e resultados que servirão como base teórica para a análise dos dados.

Em relação à subfunção 2B (*Estender pesquisas prévias*), o autor continua a tradição de uma pesquisa na área, mostrando concordância entre seu estudo e estudos prévios. O autor, a partir da subfunção 2C (*Contra-argumentar pesquisas prévias*), deixa evidente que discorda de algum aspecto presente em estudos anteriormente citados, fornecendo uma nova alternativa. Já com a subfunção 2D (*Indicar lacunas em pesquisas prévias*), o autor revela que o estudo anterior não é conclusivo, apresentando alguma falha que procurará compensar em seu trabalho.

Finalizando esse subtópico, na análise, tomaremos como base o modelo de organização retórica proposto por Motta-Roth e Hendges (2010) para a caracterização da unidade separada de Revisão de Literatura dos artigos que compõem o *corpus*.

4.2.5 Metodologia

Quanto à Metodologia, Motta-Roth e Hendges (2010) afirmam que, de modo geral, essa unidade consiste em uma narrativa das ações desenvolvidas na pesquisa com o objetivo de apresentar materiais e métodos a serem adotados, sem interpretação ou dedução de dados. Hyland (2009) pontua que essa seção pode ser mais ou menos elaborada ou sucinta, e Lim (2006) destaca a importância dessa unidade por ligar metodologias de pesquisas particulares com procedimentos de pesquisas prévias e a própria seção com seções-chave, principalmente Introdução e Resultados. Além disso, escritores podem usar a Metodologia para dar credibilidade às suas descobertas apontadas nos Resultados, afastando potenciais críticas e possíveis dúvidas sobre os resultados e as interpretações (LIM, 2006).

Quanto às maneiras de se pensar uma investigação, Oliveira (2003) caracteriza dois tipos de pesquisa: quantitativo e qualitativo, enquanto Motta-Roth e Hendges (2010) destacam outros dois, associando-os aos citados por Oliveira (2003): dedutiva, que parte da teoria para os dados, da hipótese para a análise dos dados, e indutiva, que parte da análise dos dados para a teoria.

Explicando os tipos de pesquisa, com base em Oliveira (2003), a pesquisa quantitativa (análise dedutiva dos dados) é descrita como aquela atrelada à confirmação ou

não de uma hipótese pré-determinada e baseada na visão positivista, fundamentalmente caracterizada pela objetividade, não havendo espaço para interpretação e reflexão da realidade social por parte do pesquisador. Nesse sentido, o papel do investigador é investigar, por meio de rigorosos e sistemáticos métodos experimentais e estatísticos, a causa de um fenômeno, interpretando os resultados obtidos, sem considerar a visão dos que estão sendo estudados (OLIVEIRA, 2003). Quanto à pesquisa qualitativa (análise indutiva dos dados), Oliveira (2003) pontua que esse tipo considera a realidade socialmente construída e que o papel do investigador é explicitar essa realidade ao longo do processo de investigação, contando com a visão dos participantes do contexto estudado na condução e na interpretação de seus resultados.

Além dos tipos de pesquisa, Motta-Roth e Hendges (2010), com base em Cordeiro⁴⁷ (1999), citam dois métodos de investigação: estudo de caso e pesquisa-ação. Quanto ao primeiro, a fim de obter generalizações por meio de uma análise abrangente de um tópico de pesquisa, o método possibilita o estudo intensivo de um indivíduo ou um grupo. Quanto ao segundo, buscando influenciar determinada comunidade estudada e obter resultados que possam ser soluções para problemas encontrados, o método possibilita a participação dos membros dessa comunidade na análise e na interpretação dos dados.

Apresentada a noção das autoras quanto aos métodos de investigação e aos tipos de pesquisa, é necessário salientarmos que não esgotamos os tipos de metodologias existentes por entendermos que isso não é nosso objetivo para esta etapa da escrita. Feitas essas considerações, podemos tratar da organização retórica da unidade de Metodologia, apresentando os dois modelos que servirão de base para a análise de dados: Oliveira (2002, 2003) para Linguística e Nwogu (1997) para Medicina.

Assim, quanto à primeira descrição, Oliveira (2002, 2003), ao analisar e descrever a configuração retórica da Metodologia de 39 artigos acadêmicos eletrônicos de Linguística Aplicada, apresenta e caracteriza o modelo que segue:

Figura 7 – Descrição retórica da unidade de Metodologia da área disciplinar de Linguística Aplicada

Movimento 1: Descrição do *corpus* ou dos participantes da pesquisa

⁴⁷ CORDEIRO, D. **Ciência, pesquisa e trabalho científico**: uma abordagem metodológica. Cadernos Didáticos, n. 7. Goiânia: Ed. Da UCG, 1999.

Passo 1 – Especificação do tamanho da amostra (tamanho do *corpus* ou número de participantes)

Passo 2 – Especificação do perfil dos participantes

Passo 2A – Especificação do sexo e idade

Passo 2B – Especificação do nível de escolaridade (estudantes, professores, etc)

Passo 2C – Especificação da subárea a que os participantes pertencem

Passo 2D – Especificação do nível de conhecimento dos participantes na língua ou no tópico que está sendo investigado pela pesquisa

OU

Passo 3 – Especificação do *corpus* selecionado

Movimento 2: Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados

Movimento 3: Descrição dos procedimentos

Movimento 4: Descrição da análise dos dados

Fonte: Oliveira (2002, p. 248).

De forma breve, com base na autora, o movimento 1 (*Descrição do corpus ou dos participantes da pesquisa*), geralmente, diz respeito à primeira informação que aparece na seção de Metodologia. Com esse movimento, o autor apresenta o tamanho do *corpus* investigado ou o número de pessoas envolvidas na pesquisa. Em seguida, é apresentado o perfil dos participantes a partir de informações como sexo, idade, nível de escolaridade, subárea a que pertencem, nível de conhecimento.

Em relação ao movimento 2 (*Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados*), o autor descreve materiais e instrumentos, como programas de computadores, gravações, entrevistas, questionários, utilizados para a realização da pesquisa. Já com o movimento 3 (*Descrição dos procedimentos*), o autor se preocupa em descrever como as informações foram coletadas e, com o movimento 4 (*Descrição da análise dos dados*), preocupa-se em descrever como a análise e a interpretação dos dados foram feitas.

Quanto à área de Medicina, Nwogu (1997), ao analisar 15 artigos, apresenta e descreve o modelo de organização retórica apresentado na figura 8, a seguir:

Figura 8 – Descrição retórica da unidade de Metodologia da área disciplinar de Medicina

Movimento 1: Descrevendo procedimentos de coleta de dados

Passo 1 – Indicando a fonte de dados

Passo 2 – Indicando a dimensão da amostra

Passo 3 – Indicando critérios para a coleta de dados

Movimento 2: Descrevendo procedimentos experimentais

Passo 1 – Identificando o principal aparato da pesquisa

Passo 2 – Recontando o processo experimental

Passo 3 – Indicando critérios para o sucesso

Movimento 3: Descrevendo procedimentos de análise de dados

Passo 1 – Definindo terminologias

Passo 2 – Indicando o processo de classificação de dados

Passo 3 – Indicando o instrumento/procedimento

Passo 4 – Indicando modificação no instrumento/procedimento

Fonte: Nwogu (1997, p. 135, tradução nossa⁴⁸).

Quanto aos movimentos, brevemente, com base em Nwogu (1997), o movimento 1 (*Descrevendo procedimentos de coleta de dados*) preocupa-se com a apresentação de todos os aspectos do processo de identificação, seleção e delimitação dos dados. O movimento 2 (*Descrevendo os procedimentos experimentais*) apresenta, de maneira lógica e sequencial, os passos e os procedimentos adotados durante a pesquisa. Por fim, o movimento 3

⁴⁸ **Move 1: Describing Data-Collection Procedure**

- (1) Indicating source of data
- (2) Indicating data size
- (3) Indicating criteria for data collection

Move 2: Describing Experimental Procedures

- (1) Identification of main research apparatus
- (2) Recounting experimental process
- (3) Indicating criteria for success

Move 3: Describing Data-Analysis Procedures

- (1) Defining terminologies
- (2) Indicating process of data classification
- (3) Identifying analytical instrument/procedure
- (4) Indicating modification to instrument/procedure

(*Descrevendo procedimentos de análise de dados*) refere-se à identificação de ferramentas usadas no estudo.

Concluindo, podemos afirmar que os modelos apresentados por Oliveira (2002, 2003) e Nwogu (1997) são importantes contribuições metodológicas capazes de auxiliar-nos a compreender melhor como as informações estão dispostas nos artigos do *corpus*.

4.2.6 Resultados, Discussão e Conclusão

No que diz respeito aos Resultados e à Discussão, inicialmente, por existirem muitos autores que preferem trabalhar essas unidades como uma só, muitas vezes denominando-as Análise e discussão dos resultados (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), optaremos por apresentar essas seções em conjunto e, em seguida, trataremos de cada unidade separadamente, apresentando e descrevendo modelos de organização retórica.

Diante disso, segundo Swales (1990), a maioria dos artigos experimentais terminam com seções isoladas de Resultados e Discussão, enquanto outros trazem uma mescla dessas duas unidades. Silva (1999) afirma que a unidade retórica Resultados e Discussão tem a responsabilidade de garantir a permanência da pesquisa na sua área de atuação. A autora afirma ainda que, nessa seção, o autor deverá ter a capacidade de saber apresentar a produção de um novo conhecimento por meio da linguagem a fim de comunicar suas descobertas a seus colegas, isto é, como afirma Bernardino (2007), o autor deverá ter a capacidade de legitimar sua pesquisa e de ganhar adesão de seus pares na academia.

Já para Motta-Roth e Hendges (2010), na unidade Resultados e Discussão, os autores apresentam os resultados, comentam-nos, interpretam-nos com o auxílio de exemplos e discutem-com o fito de perceberem o que se avançou no conhecimento do problema em relação ao estado da arte. Além disso, como afirmam as autoras, os dados são interpretados a partir do que se entende sobre o assunto com base em pesquisas prévias.

Sobre a Conclusão, podemos encontrar modelos de organização retórica de Resultados e Discussão que trazem, como último movimento, as considerações finais do trabalho. Em outros casos, muitos autores preferem apresentar seus comentários finais em uma unidade retórica separada, denominando-a, muitas vezes, Conclusão ou Considerações finais.

Quanto a um modelo de organização retórica que contemple a seção de Resultados e Discussão apresentando o último movimento para as considerações finais, Motta-Roth e Hendges (2010), com base nos modelos de Hopkins e Dudley-Evans⁴⁹ (1988), Brett⁵⁰ (1994), Holmes⁵¹ (1997) e Silva⁵² (1999), apresentam os movimentos mais recorrentes da unidade de Resultados e Discussão:

Figura 9 – Descrição retórica da unidade de Resultados e Discussão

Movimento 1: Recapitulação de informação metodológica

Movimento 2: Declaração dos resultados

Movimento 3: Explicação do final in(esperado)

Movimento 4: Avaliação da descoberta

Movimento 5: Comparação da descoberta com a literatura

Movimento 6: Generalização

Movimento 7: Resumo

Movimento 8: Conclusão

Fonte: Motta-Roth e Hendges (2010, p. 128).

Quanto a um esclarecimento sobre a figura 10, com base nas autoras, podemos afirmar que, no movimento 1 (*Recapitulação de informação metodológica*), o autor relembra as etapas de análise do estudo já apontadas na Metodologia. O movimento 2 (*Declaração dos resultados*) é um movimento descritivo, em que são apresentados os resultados do estudo com tabelas e gráficos com valores numéricos, por exemplo. O movimento 3 (*Explicação do final in(esperado)*) apresenta a discussão e a interpretação dos dados da pesquisa.

Já o movimento 4 (*Avaliação da descoberta*) avalia os resultados indicando sua importância e suas consequências para a área em que o estudo se insere. O movimento 5 (*Comparação da descoberta com a literatura*) compara as declarações feitas com a fundamentação teórica da área, buscando similaridades e diferenças. O movimento 6

⁴⁹ HOPKINS, A.; DUDLEY-EVANS, T. A Genre-Based Investigation of the Discussion Sections in Articles and Dissertations. **English for Specific Purposes**, vol. 7, n. 2, p. 113-121, 1988.

⁵⁰ BRETT, P. A Genre Analysis of the Results Section of Sociology Articles. **English for Specific Purposes**, vol. 13, n. 1, p. 47-59, 1994.

⁵¹ Conferir Referências.

⁵² Conferir Referências.

(*Generalização*) trata de informações mais gerais para o estudo em questão ou para a área em que o estudo está inserido, enquanto o movimento 7 (*Resumo*) destaca os resultados mais relevantes do trabalho e sugere futuras pesquisas.

Por último, o movimento 8 (*Conclusão*), que pode aparecer como uma subparte da unidade de Resultados e Discussão ou como uma unidade separada, resume e interpreta os resultados obtidos no trabalho sem recapitulá-los, demonstra como os resultados e as interpretações concordam ou não com pesquisas prévias, discute as implicações teóricas e as aplicações práticas do trabalho, recomenda futuros aprofundamentos das questões discutidas, deixando uma lacuna a ser preenchida por pesquisas futuras. Essa seção geralmente se encerra com um breve sumário do que foi feito e a significação disso para a área.

Quanto a trabalhar Resultados e Discussão como uma única unidade retórica, como já apontamos anteriormente, Yang e Allison (2003) não veem claramente a relação entre essas duas seções e, ao analisar artigos de Linguística Aplicada, observam a relação entre Resultados e Discussão e apresentam modelos de organização retórica separados para as duas unidades. Da mesma forma, Nwogu (1997), ao analisar artigos da área de Medicina, apresenta movimentos para cada seção isolada. Sendo assim, analisaremos separadamente os modelos de Yang e Allison (2003) e de Nwogu (1997) nos subtópicos seguintes.

4.2.6.1 Resultados

Quanto aos Resultados, Hyland (2000) afirma que essa unidade geralmente oferece uma lista de achados, o que contribui com a unidade persuasiva do artigo. Nesse tocante, Hyland (1998a) pontua que essa seção representa a razão de ser de um artigo experimental por veicular conhecimento novo como apresentação, explanação e interpretação de dados, fato que dá a essa unidade caráter argumentativo por meio de um discurso construído para persuadir leitores quanto à validade de fatos apresentados.

Já Yang e Allison (2003) enfatizam a relevância dessa seção, afirmando que, por meio dela, além de estabelecer resultados, o autor estabelece a importância desses achados, e, a partir da análise de 20 seções de Resultados de artigos de Linguística Aplicada, apresentam o modelo de organização retórica apresentada na figura 11.

**Figura 10 – Descrição retórica da unidade de Resultados da área disciplinar de
Linguística Aplicada**

Movimento 1: Informação preparatória

Movimento 2: Apresentando resultados

Movimento 3: Comentando resultados

Passo 1 – Interpretando resultados

Passo 2 – Comparando resultados com a literatura

Passo 3 – Avaliando resultados

Passo 4 – *Accounting for results*

Movimento 4: Sumarizando resultados

Movimento 5: Avaliando o estudo

Passo 1 – Indicando limitações

Passo 2 – Indicando importância/vantagem

Movimento 6: Deduções a partir da pesquisa

Passo 1 – Recomendando pesquisa futura

Fonte: Yang e Allison (2003, p. 374, tradução nossa⁵³).

Com base em Yang e Allison (2003), a respeito da figura 11, podemos afirmar que o movimento 1 (*Informação preparatória*) tem a função de lembrar e conectar seções, fornecendo relevante informação para apresentação dos resultados. Já o movimento 2 (*Apresentando resultados*) apresenta os resultados do estudo, normalmente com evidências como estatísticas e exemplos. O movimento 3 (*Comentando resultados*) objetiva estabelecer o significado e a relevância dos resultados da pesquisa em relação ao campo em que o estudo se

⁵³ **Move 1: Preparatory information**

Move 2: Reporting results

Move 3: Commenting on results

Interpreting results

Comparing results with literature

Evaluating results

Accounting for results

Move 4: Summarizing results

Move 5: Evaluating the study

Indicating limitations

Indicating significance/advantage

Move 6: Deductions from the research

Recommending further research

insere. As informações nesse movimento envolvem a forma como os resultados podem ser interpretados no contexto de estudo e o modo como podem contribuir para o campo geralmente a partir da comparação com a literatura. Quanto ao movimento 4 (*Sumarizando resultados*), os autores afirmam que esse movimento é opcional, enquanto os movimentos 5 (*Avaliando o estudo*) e 6 (*Deduções a partir da pesquisa*), por meio dos quais os autores estendem os resultados, oferecendo, por exemplo, implicações pedagógicas, são movimentos ocasionais.

Antes de partirmos para a apresentação da unidade de Discussão de artigos de pesquisa, quanto aos artigos de Medicina, Nwogu (1997) apresenta uma proposta de organização para a seção de Resultados com a regularidade de dois movimentos. O primeiro movimento (*Indicando observação consistente*) declara observações gerais feitas no estudo, apresentando informações visuais com tabelas, gráficos e quadros. Já o segundo movimento (*Indicando observações não consistentes*) indica observações não consistentes a partir de resultados que não estão conforme os resultados esperados na pesquisa.

Vejamos o modelo:

Figura 11 – Descrição retórica da unidade de Resultados da área disciplinar de Medicina

Movimento 1: Indicando observação consistente

Passo 1 – Destacando informação global

Passo 2 – Indicando observações específicas

Passo 3 – Explicando observações feitas

Movimento 2: Indicando observações não consistentes

Fonte: Nwogu (1997, p. 135, tradução nossa⁵⁴).

Apresentadas e caracterizadas as propostas de Yang e Allison (2003) e de Nwogu (1997) para a seção de Resultados, passemos, então, à seção de Discussão.

⁵⁴ **Move 1: Indicating Consistent Observation**

(1) Highlighting overall observation

(2) Indicating specific observations

(3) Accounting for observations made

Move 2: Indicating Non-Consistent Observations

4.2.6.2 Discussão

No que diz respeito à unidade de Discussão, Hyland (1998a, 2000) afirma que essa seção trabalha descobertas, comparando-as a pesquisas prévias, e dá suporte a novas afirmações. Swales (2004), citando Berkenkotter e Huckin⁵⁵ (1995), pontua que a Discussão é voltada primeiramente para a revisão dos resultados já apresentados e frequentemente começa com o que os autores consideram mais importante. O autor afirma ainda que o maior problema notado por analistas é a nomenclatura muito inconsistente, de modo que é possível encontrar títulos como *Discussão*, *Discussão* e *Conclusões*, *Discussão Geral*. Nessa perspectiva, em resposta às várias opções, Swales (2004) segue o padrão mais comum no uso, optando pelo termo *Discussão*.

Na tentativa de fornecer um modelo generalizado de organização para a unidade de Discussão, com base nos modelos de Peng⁵⁶ (1987) e Hopkins e de Dudley-Evans⁵⁷ (1988), Swales (1990) apresenta oito movimentos principais:

Figura 12 – Descrição retórica da unidade de Discussão

Movimento 1: Recapitulação de informações

Movimento 2: Confirmação/Afirmação de resultados

Movimento 3: Resultados (in)esperados

Movimento 4: Referência à pesquisa prévia

Movimento 5: Explicação/Explicação

Movimento 6: Exemplificação

Movimento 7: Dedução e hipótese

Movimento 8: Recomendação

Fonte: Swales (1990, p. 172-173, tradução nossa⁵⁸).

⁵⁵ BERKENKOTTER, C; HUCKIN, T. N. **Genre Knowledge in disciplinary communication: Cognition/culture/power**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1995.

⁵⁶ PENG, J. Organizational features in chemical engineering research articles. **ELR Journal** 1: 79-116, 1987.

⁵⁷ Conferir nota de rodapé 49.

⁵⁸ **Move 1: Background information**

Move 2: Statement of results

Move 3: (Un)expected outcome

Move 4: Reference to previous research

Move 5: Explanation

Move 6: Exemplification

Quanto à caracterização desses oito movimentos, com base em Swales (1990), podemos dizer que o movimento 1 (*Recapitulação de informações*) é empregado quando autores desejam fortalecer a discussão recapitulando alguns pontos, destacando informação teórica ou lembrando informações técnicas. O movimento 2 (*Confirmação/Afirmação de resultados*) é um movimento quase obrigatório. A partir do movimento 3 (*Resultados (in)esperados*), o escritor comenta se os resultados são esperados ou não. O movimento 4 (*Referência à pesquisa prévia*), após os movimentos 1 e 2, é possivelmente o mais comum e pode ser elaborado por meio de dois passos: utilizar referências a fim de fazer comparações ou utilizar referências a fim de fornecer suporte à pesquisa em questão.

Em relação ao movimento 5 (*Explicação/Explicação*), Swales (1990) comenta que tal movimento é particularmente comum quando o autor sugere razões para um resultado surpreendente. Já o movimento 6 (*Exemplificação*) apresenta exemplos frequentemente usados para dar suporte ao movimento 5. O movimento 7 (Dedução e hipótese) geralmente é empregado para tratar da capacidade de generalização de um ou de todos os resultados. Por fim, no movimento 8 (*Recomendação*), o escritor apresenta a necessidade de mais pesquisas ou sugere a possibilidade de futuras investigações.

Já de modo mais específico, no que diz respeito a um esquema de organização retórica para área de Linguística, Yang e Allison (2003), após a análise de unidades de Discussão de artigos de Linguística Aplicada, apresentam um modelo com uma frequência de sete movimentos:

**Figura 13 – Descrição retórica da unidade de Discussão da área disciplinar de
Linguística Aplicada**

Movimento 1: Informação geral

Movimento 2: Apresentando resultados

Movimento 3: Sumarizando resultados

Movimento 4: Comentando resultados

Passo 1 – Interpretando resultados

Passo 2 – Comparando resultados com a literatura

Move 7: Deduction and Hypothesis

Move 8: Recommendations

Passo 3 – *Accounting for results*

Passo 4 – Avaliando resultados

Movimento 5: Sumarizando o estudo

Movimento 6: Avaliando o estudo

Passo 1 – Indicando limitações

Passo 2 – Indicando importância/vantagem

Passo 3 – Avaliando a metodologia

Movimento 7: Deduções a partir da pesquisa

Passo 1 – Fazendo sugestões

Passo 2 – Recomendando pesquisa futura

Passo 3 – Traçando implicação pedagógica

Fonte: Yang e Allison (2003, p. 376, tradução nossa⁵⁹).

Quanto à figura 13, podemos encontrar, no modelo para a seção de Discussão de Yang e Allison (2003), movimentos e passos semelhantes àqueles encontrados no modelo para a unidade de Resultados dos mesmos autores. No modelo de Discussão, percebemos dois movimentos diferentes, a saber: movimento 1 (*Informação geral*) e movimento 5 (*Sumarizando o estudo*), e três passos diferentes, a saber: passo 3 (*Avaliando a metodologia*) do movimento 6 (*Avaliando o estudo*) e passos 1 (*Fazendo sugestões*) e 3 (*Traçando implicação pedagógica*) do movimento 7 (*Deduções a partir da pesquisa*).

⁵⁹ **Move 1: Background information**

Move 2: Reporting results

Move 3: Summarizing results

Move 4: Commenting on results

Interpreting results

Comparing results with literature

Accounting for results

Evaluating results

Move 5: Summarizing the study

Move 6: Evaluating the study

Indicating limitations

Indicating significance/advantage

Evaluating Methodology

Move 7: Deductions from the research

Making suggestions

Recommending further research

Drawing pedagogic implication

Quanto a um esquema de organização retórica para a área de Medicina, Nwogu (1997) apresenta uma proposta com uma frequência de três movimentos:

Figura 14 – Descrição retórica da unidade de Discussão da área disciplinar de Medicina

Movimento 1: Destacando resultados globais de pesquisa

Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa

Passo 1 – Declarando um resultado específico

Passo 2 – Interpretando o resultado

Passo 3 – Indicando a importância do resultado

Passo 4 – Contrastando resultados presentes e prévios

Passo 5 – Indicando limitações dos resultados

Movimento 3: Declarando conclusões de pesquisa

Passo 1 – Indicando implicações de pesquisa

Passo 2 – Alertando sobre a necessidade de pesquisas futuras

Fonte: Nwogu (1997, p. 135, tradução nossa⁶⁰).

Em relação à caracterização da proposta apresentada na figura 14, com base em Nwogu (1997), podemos afirmar que o movimento 1 (*Destacando resultados globais de pesquisa*) confirma ou refuta a realização do principal objetivo da pesquisa. O movimento 2 (*Explicando resultados específicos de pesquisa*) declara as principais observações feitas no estudo indicando seu significado, interpreta e justifica esse significado a partir de referências a procedimentos adotados. Já o último movimento (*Declarando conclusões de pesquisa*) representa a tentativa de resumir a visão dos escritores quanto às contribuições que a pesquisa pode oferecer ao campo de estudo e de indicar a necessidade de pesquisas futuras.

⁶⁰ **Move 1: Highlighting Overall Research Outcome**

Move 2: Explaining Specific Research Outcomes

(1) Stating a specific outcome
 (2) Interpreting the outcome
 (3) Indicating significance of the outcome
 (4) Contrasting present and previous outcomes
 (5) Indicating limitations of outcomes

Move 3: Stating Research Conclusions

(1) Indicating research implications
 (2) Promoting further research

Após a apresentação e a caracterização dos modelos pertinentes à análise, no que diz respeito à área de Linguística, apoiar-nos-emos na descrição de Yang e Alisson (2003) para a seção de Discussão, independentemente de as unidades retóricas de Resultados e Discussão se apresentarem junta ou separadamente, visto que esta proposta já contempla todos os movimentos e passos presentes na descrição sugerida para a unidade de Resultados. Do mesmo modo, quanto à área de Medicina, apoiar-nos-emos na proposta de Nwogu (1997).

Por fim, quanto à seção de Conclusão, percebemos que o modelo de organização da unidade de Discussão apresentado por Nwogu (1997) e o modelo para Resultados e Discussão apresentado por Motta-Roth e Hendges (2010) possuem o último movimento voltado para a apresentação das conclusões. No entanto, diferentemente desses autores, Yang e Allison (2003) apresentam um modelo isolado ao analisarem artigos da área de Linguística Aplicada. Vejamos, então, o subtópico seguinte, em que trataremos dessa unidade informacional.

4.2.6.3 Conclusão

Quanto às conclusões, Swales e Feak (2000), ao tratarem do capítulo final de dissertações, afirmam que um capítulo de conclusão pode atualizar aquilo que se tem estudado na pesquisa e os motivos para esse estudo, discutir sobre as limitações do trabalho, sugerir pesquisas futuras e explicar por que tais pesquisas seriam importantes para a área, além de apresentar os principais ou mais significativos resultados, buscando um nível de generalização, identificando um ou dois achados principais para um tratamento mais detalhado, situando os resultados na literatura da área, destacando as contribuições e as implicações teóricas e considerando em detalhes aplicações práticas e implementações.

Sobre essa unidade, Yang e Allison (2003), como já citamos anteriormente, pontuam que os pesquisadores analisam, muitas vezes, Discussão e Conclusão como uma só unidade sem fornecer qualquer evidência que justifique isso. Em seu trabalho de análise de artigos de Linguística Aplicada, esses autores tratam da Conclusão como uma seção de encerramento e oferecem uma proposta de organização retórica com a frequência de três movimentos:

**Figura 15 – Descrição retórica da unidade de Conclusão da área disciplinar de
Linguística Aplicada**

Movimento 1: Sumarizando o estudo

Movimento 2: Avaliando o estudo

Passo 1 – Indicando importância/vantagem

Passo 2 – Indicando limitações

Passo 3 – Avaliando a metodologia

Movimento 3: Deduções a partir da pesquisa

Passo 1 – Recomendando futuras pesquisas

Passo 2 – Traçando implicação pedagógica

Fonte: Yang e Allison (2003, p. 379, tradução nossa⁶¹).

Quanto à figura 15, percebemos que os passos e os movimentos podem ser encontrados no modelo de Discussão também apresentado por Yang e Allison (2003). Apesar dos pontos em comum entre as duas descrições, a pesquisa desses autores mostra que Discussão e Conclusão diferem em termos de propósito comunicativo inicial. A unidade de Discussão tem como foco comentar resultados específicos a partir da interpretação, da explicação e da avaliação ou da comparação com estudos prévios. Já a Conclusão se concentra no destaque de resultados globais e na avaliação do estudo, em outras palavras, sumariza a pesquisa destacando resultados, avaliando e pontuando possibilidades de pesquisas futuras e de implicações práticas. Em relação à distribuição dessas duas unidades retóricas no *corpus*, somente após a análise, verificaremos se os autores optaram por apresentá-las junta ou separadamente e como evidenciaram as diferenças quanto ao propósito comunicativo de cada seção.

Desse modo, para a análise da unidade de Conclusão dos artigos de Linguística, utilizaremos as descrições de Yang e Allison (2003) e, para a análise dos da área de Medicina,

⁶¹ **Move 1: Summarizing results**

Move 2: Evaluating the study

Indicating significance/advantage

Indicating limitations

Evaluating Methodology

Move 3: Deductions from the research

Recommending further research

Drawing pedagogic implication

tomaremos como base o terceiro e último movimento do modelo apresentado por Nwogu (1997).

Finalizando a apresentação de contribuições teóricas, antes de passarmos aos aspectos metodológicos do trabalho, é importante salientarmos que essas descrições retóricas nos servirão como ponto de partida para a análise, como um norte que nos conduzirá na investigação do *corpus* e que nos auxiliará na elaboração de uma proposta de organização sociorretórica junto às descrições das áreas disciplinares e à aplicação do questionário.

5 METODOLOGIA

Neste tópico, apresentaremos as escolhas metodológicas para a realização desta empreitada. Antes, novamente, é importante lembrar que essa investigação está inserida em um projeto maior intitulado *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas*, coordenado pela Professora Doutora Cibele Gadelha Bernardino do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE - PosLA. Esse projeto tem como objetivo central verificar se campos disciplinares distintos constroem diferentemente gêneros acadêmicos em termos de descrição sociorretórica e de construção do metadiscurso. Além disso, o projeto é composto por um *corpus* de análise constituído por artigos científicos publicados em língua portuguesa por docentes efetivos dos cursos de graduação das áreas disciplinares de Letras, Geografia e Medicina da Universidade Estadual do Ceará.

Vale, ainda, ressaltar que a busca e o arquivamento dos artigos do *corpus* desse projeto não foram simples e duraram aproximadamente um mês e meio (20/04/2011 a 06/06/2011), no contexto da Iniciação Científica, durante a graduação em Letras, na Universidade Estadual do Ceará. Nesse período, encontramos problemas que envolviam artigos publicados há muitos anos, artigos repetidos por terem sido escritos por vários autores e artigos publicados em anais ou em periódicos de mídia impressa. Ao todo, fizemos um levantamento de 1547 artigos, mas só conseguimos recuperar 447, sendo 117 da área de Letras, 96 da área de Geografia e 234 da área de Medicina.

Finalizando, os passos seguidos para a compilação dos artigos foram:

- 1) Busca da lista completa de professores efetivos dos cursos de Letras, Geografia e Medicina da Universidade Estadual do Ceará no site⁶² da universidade.
- 2) Levantamento de todos os artigos publicados por meio da consulta ao currículo *Lattes* dos professores.
- 3) Busca e arquivamento de todos os artigos publicados em periódicos disponibilizados na internet e em anais de eventos digitalizados em CD-ROM ou disponibilizados em sites.

5.1 O TIPO DE PESQUISA

⁶² www.uece.br.

A pesquisa possui natureza exploratória-descritiva, tendo a análise de dados cunho interpretativo, já que consiste no levantamento de elementos retóricos presentes nos exemplares que compõem o *corpus* e na interpretação desses dados à luz das teorias já apresentadas em momento anterior e das características do perfil traçado para as culturas disciplinares das áreas em evidência nesse estudo.

5.2 O INSTRUMENTO DA PESQUISA

Quanto ao principal instrumento de pesquisa, elaboramos um questionário⁶³ com sete perguntas essencialmente subjetivas que pudessem abarcar pontos sobre características do gênero artigo acadêmico, sua estrutura bem como propósitos comunicativos de cada seção retórica. Além disso, a fim de assegurar a ética, a legitimidade e a fiabilidade das respostas, solicitamos aos membros das áreas que assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido⁶⁴ para participação no estudo.

5.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Na etapa em que contemplamos o questionário, lidamos com membros das áreas disciplinares, contando com a colaboração de um pesquisador *expert*⁶⁵ da Linguística e um mestrando da Medicina. O contato com esses profissionais se deu por meio de endereço eletrônico, e as respostas foram digitadas no próprio documento que continha as perguntas.

Cabe ainda pontuar que, antes de selecionarmos os sujeitos colaboradores mencionados, tínhamos o intuito de trabalhar somente com professores efetivos dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras e Medicina da Universidade Estadual do Ceará, porém, devido a dificuldades encontradas no decurso da pesquisa, como o difícil acesso aos professores especialmente pelo período de greve enfrentado pela universidade, percebemos a necessidade de explorar outras opções.

⁶³ O questionário por nós elaborado para este estudo pode ser conferido no apêndice A.

⁶⁴ O termo de consentimento livre e esclarecido por nós elaborado pode ser conferido no apêndice B.

⁶⁵ Pesquisador experiente é aquele que possui doutorado na área, projetos de pesquisa, experiência em ensino e em orientação.

Assim sendo, buscamos contatar membros diversos das áreas disciplinares que estivessem envolvidos com o ambiente de pesquisa, a produção e o consumo de gêneros acadêmicos, com o fito de garantir-nos condições de, com a descrição das áreas disciplinares, complementar a análise das descrições retóricas com explicações de caráter mais social. Após o contato, no caso da Medicina, somente obtivemos resposta de um profissional – o mestrando –, fato que nos levou a somente selecionar um colaborador da área de Linguística – o doutor.

5.4 O CORPUS

A fim de alcançarmos os objetivos aqui propostos, contamos com 20 exemplares⁶⁶ do gênero artigo experimental das áreas disciplinares de Linguística e Medicina, sendo dez de cada área, selecionados de periódicos *Qualis* A e B e de anais de congressos. Como já mencionamos na Introdução deste trabalho, os artigos que compõem o *corpus* fazem parte do material de análise do projeto maior *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas*, ao qual essa pesquisa está vinculada.

Quanto à escolha da quantidade de exemplares para análise, inicialmente tínhamos a pretensão de trabalhar com 100 artigos, sendo 50 de cada área, mantendo dez exemplares de cada disciplina no que chamamos de *corpus* piloto. Após refletirmos, decidimos que, por questões de insuficiência de tempo e de recursos, uma vez que esta pesquisa possui um prazo de dois anos somente e a análise de artigos completos demanda bem mais esforços, um recorte no *corpus* seria necessário. Desse modo, reduzimos o material para 40 exemplares – 20 de cada área –, continuando com dez artigos de cada área no piloto.

Novamente, devido ao detalhamento da análise, que nos exigiria tempo em excesso, por ser um trabalho exaustivo pautado na análise de artigos em sua totalidade, na perspectiva do repropósito do gênero (ASKEHAVE; SWALES, 2001) e na contínua revisão por pares, notamos a necessidade de realizarmos um novo recorte, o que nos fez reduzir o *corpus* para 20 artigos – dez de cada área – e descartar a possibilidade de uma análise piloto.

5.5 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

⁶⁶ As referências dos artigos analisados podem ser conferidas no apêndice C.

Nessa pesquisa, diversos foram os procedimentos de análise que adotamos para alcançar os objetivos. Assim, inicialmente, compilamos um *corpus* com 20 artigos experimentais – dez de Linguística e dez de Medicina – publicados em periódicos *Qualis* A e B e em anais de congressos a partir de uma seleção aleatória de exemplares do material de análise do projeto maior. Em seguida, com o intuito de facilitar e agilizar nosso trabalho, identificamos cada artigo com a etiqueta AL (Artigo de Linguística) ou com a etiqueta AM (Artigo de Medicina), acompanhada de uma numeração, como AL1 e AM7.

Com o *corpus* preparado para a análise, descrevemos, detalhadamente, cada artigo quanto à organização retórica – unidades retóricas, movimentos e passos – por meio do reconhecimento, por exemplo, das pistas léxico-gramaticais, do conteúdo propriamente dito, da disposição de blocos textuais, como títulos e parágrafos. Como ponto de partida para essa análise, baseamo-nos nos aparatos teórico-metodológicos propostos por Swales (1990) (Modelo CARS – *Create a Research Space*), Motta-Roth e Hendges (2010), Oliveira (2002, 2003), Yang e Allison (2003) e Nwogu (1997). Aqui, cabe destacar que não simplesmente aplicamos modelos de organização retórica pré-existentes, mas os revisitamos, principalmente com proposição terminológica. Continuando o estudo, após tratarmos dos exemplares, tabulamos os dados encontrados, sempre informando cada frequência em porcentagem e destacando excertos ilustrativos para respaldar a pesquisa.

Concluído o primeiro momento da análise, passamos à descrição das culturas disciplinares das áreas de Linguística e Medicina, enfrentando algumas dificuldades para a realização dessa tarefa. É certo que diversos autores, especialmente Bhatia (2004) e Hyland (2000, 2009), abordam o conceito de cultura disciplinar e expressam a necessidade de uma vinculação entre uma investigação das diferentes culturas e o estudo de gêneros, não apresentando, no entanto, um percurso analítico capaz de nortear novas pesquisas. Apesar desse apelo na própria literatura, até então, não encontramos referências de trabalhos que tenham explorado e aprofundado tal linha de investigação. Em função disso, iniciamos o percurso sem um ponto de partida, sem uma matriz analítica em que pudéssemos nos basear.

Isso nos fez procurar, em um primeiro momento, elementos quaisquer que pudessem ser relacionados às áreas de Linguística e de Medicina, fato que nos conduziu aos principais centros de incentivo à pesquisa que regulam o funcionamento e a estrutura de cursos de pós-graduação nas diversas áreas disciplinares existentes, de modo especial a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Diante disso, logo

fizemos uma varredura no *site*⁶⁷ desse centro de fomento em busca de documentos e relatórios com informações relevantes para a descrição de cada cultura disciplinar. Após essa procura, encontramos os relatórios de área 2013, que são documentos relativos à avaliação trienal mais atualizada de cada área elaborados com informações diversas acerca do perfil das disciplinas.

Após uma análise cuidadosa, percebemos, nesses relatórios, a relevância dos docentes para a base epistemológica de cada área e a relevância das publicações de artigos acadêmicos por meio de periódicos especializados. Com base nisso, partimos para a busca de informações sobre objetos de estudo, metodologias e artigos experimentais, em portais eletrônicos de periódicos e associações diversas, e elaboramos um questionário com perguntas essencialmente subjetivas para ser respondido por membros da Linguística e da Medicina, por meio de *e-mail*, para obtenção de informações referentes à compreensão desses profissionais sobre o artigo acadêmico.

Com os dados obtidos nos relatórios da Capes, nos *sites* de periódicos e de associações e nas respostas dadas pelos membros colaboradores, construímos uma matriz de análise composta pela resenha detalhada dos relatórios de área da Capes, pela apresentação minuciosa de normas e diretrizes para a elaboração de novos textos presentes em periódicos especializados, pela apresentação de associações e seus objetos de estudo e pelas respostas fornecidas pelos membros de cada área. Feito isso, descrevemos as culturas disciplinares das áreas de Linguística e de Medicina com base no cruzamento das diferentes visões.

Analisados os artigos e descritas as culturas, associamos as explicações sociais com os dados tabulados e propusemos descrições retóricas para cada área. Por fim, comparamos as especificidades de cada cultura e as análises sociorretóricas, com o fito de perceber as diferenças e as similaridades entre os exemplares e, conseqüentemente, como diferenças disciplinares influenciam na produção e no consumo de artigos experimentais.

5.6 SÍNTESE DAS METODOLOGIAS E DOS CONCEITOS PERTINENTES À ANÁLISE DE DADOS

Neste tópico, para facilitar a leitura da análise e a discussão dos dados, reunimos, em matrizes analíticas, todas as propostas de descrição retórica usadas como ponto de partida da análise e mencionadas na Revisão de Literatura. Vejamos, então, as figuras 16 e 17.

⁶⁷ www.capes.gov.br.

Figura 16: Propostas de descrição retórica para a análise de artigos de Linguística

INTRODUÇÃO: Modelo CARS (*Create a Research Space*) (SWALES, 1990, tradução de Biasi-Rodrigues, 1998)

Movimento 1: Estabelecer o território

Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou

Passo 2 – Fazer generalização/ões quanto ao tópico e/ou

Passo 3 – Revisar a literatura (pesquisas prévias)

Movimento 2: Estabelecer o nicho

Passo 1A – Contra-argumentar ou

Passo 1B – Indicar lacuna(s) no conhecimento ou

Passo 1C – Provocar questionamento ou

Passo 1D – Continuar a tradição

Movimento 3: Ocupar o nicho

Passo 1A – Delinear os objetivos ou

Passo 1B – Apresentar a pesquisa

Passo 2 – Apresentar os principais resultados

Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo

REVISÃO DE LITERATURA: Motta-Roth e Hendges (2010)

Movimento 1: Situar a pesquisa

Subfunção 1A – Estabelecer interesse profissional no tópico ou

Subfunção 1B – Fazer generalizações do tópico e/ou

Subfunção 2A – Citar pesquisas prévias ou

Subfunção 2B – Estender pesquisas prévias ou

Subfunção 2C – Contra-argumentar pesquisas prévias ou

Subfunção 2D – Indicar lacunas em pesquisas prévias

METODOLOGIA: Oliveira (2002, 2003)

Movimento 1: Descrição do *corpus* ou dos participantes da pesquisa

Passo 1 – Especificação do tamanho da amostra (tamanho do *corpus* ou número de participantes)

Passo 2 – Especificação do perfil dos participantes

Passo 2A – Especificação do sexo e idade

Passo 2B – Especificação do nível de escolaridade (estudantes, professores, etc)

Passo 2C – Especificação da subárea a que os participantes pertencem

Passo 2D – Especificação do nível de conhecimento dos participantes na língua ou no tópico que está sendo investigado pela pesquisa

OU

Passo 3 – Especificação do *corpus* selecionado

Movimento 2: Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados

Movimento 3: Descrição dos procedimentos

Movimento 4: Descrição da análise dos dados

DISCUSSÃO: Yang e Allison (2003, tradução nossa)

Movimento 1: Informação geral

Movimento 2: Apresentando resultados

Movimento 3: Sumarizando resultados

Movimento 4: Comentando resultados

Passo 1 – Interpretando resultados

Passo 2 – Comparando resultados com a literatura

Passo 3 – *Accounting for results*

Passo 4 – Avaliando resultados

Movimento 5: Sumarizando o estudo

Movimento 6: Avaliando o estudo

Passo 1 – Indicando limitações

Passo 2 – Indicando importância/vantagem

Passo 3 – Avaliando a metodologia

Movimento 7: Deduções a partir da pesquisa

Passo 1 – Fazendo sugestões

Passo 2 – Recomendando pesquisa futura

Passo 3 – Traçando implicação pedagógica

CONCLUSÃO: Yang e Allison (2003, tradução nossa)**Movimento 1: Sumarizando o estudo****Movimento 2: Avaliando o estudo**

Passo 1 – Indicando importância/vantagem

Passo 2 – Indicando limitações

Passo 3 – Avaliando a metodologia

Movimento 3: Deduções a partir da pesquisa

Passo 1 – Recomendando futuras pesquisas

Passo 2 – Traçando implicação pedagógica

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nas propostas que servirão de base para a análise.

Figura 17: Propostas de descrição retórica para a análise de artigos de Medicina**INTRODUÇÃO:** Nwogu (1997, tradução nossa)**Movimento 1: Apresentando informações gerais**

Passo 1 – Referência ao conhecimento estabelecido no campo

Passo 2 – Referência aos principais problemas de pesquisa

Movimento 2: Revisando pesquisas relacionadas

Passo 1 – Referência a pesquisas prévias

Passo 2 – Referência a limitações de pesquisas prévias

Movimento 3: Apresentando nova pesquisa

Passo 1 – Referência ao propósito da pesquisa

Passo 2 – Referência ao principal procedimento da pesquisa

METODOLOGIA: Nwogu (1997, tradução nossa)**Movimento 1: Descrevendo procedimentos de coleta de dados**

Passo 1 – Indicando a fonte de dados

Passo 2 – Indicando a dimensão da amostra

Passo 3 – Indicando critérios para a coleta de dados

Movimento 2: Descrevendo procedimentos experimentais

Passo 1 – Identificando o principal aparato da pesquisa

Passo 2 – Recontando o processo experimental

Passo 3 – Indicando critérios para o sucesso

Movimento 3: Descrevendo procedimentos de análise de dados

Passo 1 – Definindo terminologias

Passo 2 – Indicando o processo de classificação de dados

Passo 3 – Indicando o instrumento/procedimento

Passo 4 – Indicando modificação no instrumento/procedimento

RESULTADOS: Nwogu (1997, tradução nossa)

Movimento 1: Indicando observação consistente

Passo 1 – Destacando informação global

Passo 2 – Indicando observações específicas

Passo 3 – Explicando observações feitas

Movimento 2: Indicando observações não consistentes

DISCUSSÃO: Nwogu (1997, tradução nossa)

Movimento 1: Destacando resultados globais de pesquisa

Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa

Passo 1 – Declarando um resultado específico

Passo 2 – Interpretando o resultado

Passo 3 – Indicando a importância do resultado

Passo 4 – Contrastando resultados presentes e prévios

Passo 5 – Indicando limitações dos resultados

Movimento 3: Declarando conclusões de pesquisa

Passo 1 – Indicando implicações de pesquisa

Passo 2 – Alertando sobre a necessidade de pesquisas futuras

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nas propostas que servirão de base para a análise.

5.7 DEFINIÇÕES DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Tabela 1 – Categorias de análise e suas definições

CATEGORIAS DE ANÁLISE	DEFINIÇÕES
Unidade informacional	Qualquer bloco de texto, recorrente ou não, que possui uma função retórica associada ao propósito do artigo.
Unidade retórica	Unidade informacional que corresponde a qualquer seção mais ampla do artigo, como Introdução, Metodologia, Resultados, e que possui uma função retórica e comunicativa específica associada ao propósito do referido gênero.
Movimento	Unidade informacional menor que compõe a unidade retórica e que possui uma função retórica e comunicativa específica associada ao propósito da própria unidade e do artigo. Tendo como base a literatura da área, o movimento é uma unidade semântica associada ao propósito do gênero (AMNUAI; WANNARUK, 2013; AMIRIAN; KASSAIAN; TAVAKOLI, 2008), isto é, moldada por uma função comunicativa específica (HOLMES, 1997).
Passo	Unidade informacional que compõe o movimento e que possui uma função retórica e comunicativa específica associada ao propósito do próprio movimento, da unidade retórica e do artigo. Para Yang e Allison (2003), enquanto o movimento captura a função e o propósito do segmento de texto em um nível mais amplo, o passo implica o significado retórico da realização dessa função.
Frequência/Ocorrência	Número de vezes em que unidades retóricas, movimentos, passos e outras unidades informacionais acontecem nos artigos analisados.
Alta/Elevada/Relevante frequência/ocorrência	Número de vezes em que unidades retóricas, movimentos, passos e outras unidades informacionais acontecem nos artigos analisados igual ou superior a 50%.
Baixa/Irrelevante frequência/ocorrência	Número de vezes em que unidades retóricas, movimentos, passos e outras unidades informacionais acontecem nos artigos analisados inferior a 50%.

Frequência/Ocorrência nula	Número de vezes em que unidades retóricas, movimentos, passos e outras unidades informacionais acontecem nos artigos analisados igual a zero.
Recorrência	Presença de qualquer unidade informacional com frequência igual ou superior a 50%.

Finalizada esta etapa, apresentaremos, a seguir, a caracterização das áreas disciplinares em evidência na pesquisa – Linguística e Medicina –, passando à análise sociorretórica dos artigos experimentais que compõem o *corpus*.

6 A CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE LINGUÍSTICA E A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA DO ARTIGO EXPERIMENTAL

6.1 UM OLHAR PARA A CULTURA DISCIPLINAR

Caracterizar culturas disciplinares distintas não se trata de um trabalho simples, especialmente quando tais culturas se distanciam quanto às epistemologias, aos objetos e às metodologias. Essa tarefa requer uma busca minuciosa que, para o alcance do devido detalhamento, deve partir de uma visão mais ampla, um olhar múltiplo das principais esferas que servem de fonte de informações, já que cada uma dessas esferas constroem uma noção particular sobre cada campo de conhecimento. É, pois, a partir daí que cruzaremos visões peculiares, identificando-as, a fim de perceber como diferenças disciplinares influenciam no processo de escrita de artigos experimentais.

Nesse sentido, a visão de centros nacionais voltados à pesquisa é uma das principais fontes de informações mais específicas, somando-se aos dados apresentados pelas principais revistas e associações nacionais e às respostas fornecidas por membros das áreas em evidência nesse estudo e obtidas por meio do questionário.

Dito isso, antes de iniciarmos, de fato, a descrição, é interessante reconhecermos os dois principais centros nacionais de referência no que diz respeito, de modo geral, ao incentivo à pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, doravante denominados Capes e CNPq⁶⁸ respectivamente.

De modo mais específico, a Capes, fundação do Ministério da Educação (MEC), tem como missão contribuir com a expansão e a consolidação da pós-graduação *stricto sensu* nos estados brasileiros. Assim, em busca de um padrão de excelência para os cursos de mestrado e doutorado, essa fundação avalia a pós-graduação, divulga produção científica, investe na formação de recursos de alto nível no país e no exterior, promove a cooperação científica, induz e fomenta a formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

Já o CNPq, agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), a fim de contribuir para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento

⁶⁸ www.cnpq.br.

sustentável e a soberania nacional, busca fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.

Esses órgãos de fomento à pesquisa, ao contribuírem com o desenvolvimento das diversas áreas disciplinares, com finalidade prática, classificam as áreas de conhecimento e oferecem às instituições de ensino e pesquisa uma forma ágil e funcional de fornecer informações relativas a projetos de pesquisa e recursos humanos a órgãos gestores, sistematizando-as.

Tal classificação, de acordo com as informações contidas nos portais da Capes e do CNPq, distribui as áreas a partir de uma hierarquização em quatro níveis, do mais geral para o mais específico:

- 1) grande área: aglomeração de diversas áreas do conhecimento em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais, refletindo contextos sociopolíticos específicos;
- 2) área do conhecimento ou área básica: conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas;
- 3) subárea: segmentação da área do conhecimento (ou área básica) estabelecida em função do objeto de estudo e dos procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados;
- 4) especialidade: caracterização temática da atividade de pesquisa e ensino. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas básicas e subáreas.

Nesse cenário, observando, de modo particular, a cultura disciplinar de Linguística, temos a seguinte classificação hierárquica: Linguística, Letras e Artes como grande área, Linguística como área do conhecimento e Teoria e Análise Linguística, Filosofia da Linguagem, Linguística Histórica, Sociolinguística e Dialetoлогия, Psicolinguística e Linguística Aplicada como subáreas, não havendo, pelo menos explicitamente na distribuição oferecida pela Capes e pelo CNPq, especialidades.

Quanto à área do conhecimento, iniciando, efetivamente, o trabalho de construção e descrição a partir da visão de um dos órgãos de fomento à pesquisa, temos o documento de

área 2013 da Capes⁶⁹, que considera como área de avaliação o conjunto de duas áreas de conhecimento: Letras e Linguística. Em vista do nosso principal foco, para fins metodológicos, podemos olhar separadamente esses dois campos disciplinares, já que Letras volta-se aos estudos no domínio da Literatura, enquanto Linguística trata dos estudos no domínio da língua.

Afunilando o trabalho, com base no referido documento, entendemos que a Linguística possui, como objeto de análise, a língua e seus variados escopos, tendo como enfoque aspectos críticos, teóricos, descritivos e analíticos. Sua vocação para a interdisciplinaridade reside na base de sua concepção teórico-crítica, permitindo um redimensionamento de objetos e métodos de investigação e conduzindo uma investigação epistemológica atenta a diversas opções de análise. Tal vocação permite a reflexão de conceitos fundamentais e abre-se à interferência de teorias e métodos de áreas distintas, chegando a um diálogo interdisciplinar.

A preocupação da área com o ensino, em suas múltiplas vertentes, é algo natural, independentemente de o foco ser na formação de alunos ou na formação de professores. Seu perfil foi sendo construído a partir de seus objetos de pesquisa inerentes ao fazer científico, de modo que a Linguística forma pesquisadores e docentes que atuam no ensino superior o no ensino básico, contando com o auxílio das diversas associações que foram-se estruturando com preocupação central na formação de professores.

Mais especificamente, em relação à educação básica, ainda de acordo com o relatório da Capes, a área se propõe a, entre outras ações, participar efetivamente de programas de educação continuada de formação de professores, buscando parcerias com as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação e fundações de apoio à pesquisa; participar de projetos governamentais de formação de professores, a exemplo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); desenvolver material didático em língua materna e língua adicionais; elaborar obras de referências, como gramáticas e dicionários; envolver-se com práticas educativas em educação a distância.

Quanto à sua configuração, no Brasil, existem diversos programas acadêmicos, muitos com mestrado e doutorado, com perfis bem delineados e diferenciados entre si, que contemplam tanto estudos linguísticos quanto literários. Tais programas, de modo geral, são avaliados e recebem notas que vão de 3 a 7, sendo os conceitos 3, 4 e 5 os mais recorrentes, e

⁶⁹ Documento mais atualizado referente à última avaliação trienal da área de Letras e Linguística.

se organizam a partir de suas áreas de concentração, suas linhas de pesquisa, seu corpo docente e sua matriz curricular. Em relação à existência de mestrado profissional, há somente dois programas, um na Universidade Estadual do Amazonas, voltado para Letras e Artes, e outro na Universidade Federal da Paraíba, voltado para Educação Básica.

Nesse contexto, pelo menos até a avaliação de 2013, o conjunto das áreas de Letras e Linguística conta com 138 programas acadêmicos, distribuídos pelas cinco regiões do país. Com um total de 66 programas, a região Sudeste é a que mais reúne cursos, seguida da região Sul com 25, da região Nordeste com 23, da região Centro-Oeste com 14 e da região Norte com apenas 10 programas.

Quanto às notas de cada programa, apenas quatro cursos possuem nota 7, estando todos localizados na região Sudeste. Outros sete programas da mesma região e um da região Sul foram contemplados com o conceito 6, enquanto 21 da região Sudeste, sete do Sul, três do Nordeste e somente um da região Centro-Oeste foram classificados com nota 5. Já o conceito 4 foi dado a 17 cursos do Sudeste, 11 do Sul, nove do Nordeste e dois do Centro-Oeste. Reunindo a maioria dos cursos, o conceito 3 classificou 12 cursos do sudeste, nove do Sul, 13 do Nordeste, 11 do Centro-Oeste e dez do Norte.

No que tange à proposta de novos cursos de mestrado e doutorado acadêmicos, no documento de área 2013 da Capes, são apresentados requisitos e orientações. De modo breve, sobre o primeiro ponto trabalhado no relatório – a proposta do programa –, as recomendações da área, no que diz respeito ao perfil do programa, exaltam a necessidade de existir uma unidade que abarque, entre outros pontos, áreas de concentração, linhas e projetos de pesquisa, produção intelectual, matriz curricular detalhada, metas e adequação a questões locais e regionais.

Já o corpo docente, tema abordado no segundo tópico, em sua composição, deve possuir um perfil claro constituído de um núcleo de professores permanentes (pelo menos 70% dos docentes) e um núcleo de professores colaboradores (proporção máxima de 30% dos docentes). Desse todo, até 40% pode participar de dois programas na mesma instituição de ensino superior ou em instituição diferente, e 70% do núcleo permanente deve ter dedicação integral à própria instituição. Os docentes permanentes devem ter título de doutor e produção na área em que atuam e devem realizar atividades de pesquisa, docência e orientação. Para os cursos de doutorado, a Capes recomenda pelo menos dois anos de titulação e duas orientações de mestrado concluídas.

No tocante ao número de docentes no núcleo permanente, um programa com apenas uma área de concentração deve ter, no mínimo, oito professores para cursos de mestrado e 12 para cursos de doutorado, enquanto um programa que contemple duas áreas de concentração distintas deve ter, no mínimo, 12 para mestrado e 14 para doutorado. Em função desse número de docentes, tendo em vista a capacidade de orientação, o número de vagas ofertadas é definido, não podendo ultrapassar oito orientandos por pesquisador, salvo em casos excepcionais.

Em relação à terceira questão tratada, a atividade de pesquisa fundamenta-se no alinhamento entre projetos de pesquisa dos docentes e linhas de pesquisa do curso. Todos os professores devem coordenar pelo menos um projeto, havendo um limite de três para cada docente e uma adequada distribuição. Além disso, segundo o relatório da Capes, é desejável que os professores do núcleo permanente envolvam-se com atividade de orientação e iniciação científica, bem como que alunos aprovados como regulares envolvam-se com algum projeto, compondo parte da equipe de pesquisa.

Sobre a produção intelectual, quarto ponto do relatório, a produção levada em consideração para efeito de avaliação é a do docente permanente, que precisa, por recomendação da Capes, apresentar produtos classificados como produção 1, especificada a seguir, nos últimos três anos, com um quantitativo igual ou superior a três, no caso de curso de mestrado, e a seis, no caso de curso de doutorado. Já os docentes do núcleo de colaboradores, também por recomendação da instituição de fomento, precisam apresentar algum tipo de produto compatível com a produção 1. Diante disso, vejamos a divisão que determina o tipo de produção, especificada no documento de área 2013:

1) produção 1: livro; organização de livro; capítulo de livro; organização de número temático ou dossiê de periódico; editoria de periódicos científicos; artigo e resenha em periódico nacional ou estrangeiro com arbitragem de pares classificado entre A1 e B2; trabalho completo em anais de congressos internacionais publicados no exterior ou no Brasil (eventos internacionais itinerantes com arbitragem de pares); tradução de livro ou de capítulo de livro e artigo científico; livros didáticos destinados ao ensino fundamental, médio e superior; prefácio e verbetes descritivos que se configurem como ensaio;

2) produção 2: trabalho completo publicado em anais de congresso; apresentação de trabalhos em congressos ou evento similar; conferência ou palestra; artigo ou resenha em jornal ou

revista; prefácio ou outra apresentação de publicação que não se configure como ensaio; organização de anais de eventos científicos com ISBN; produção artística; livros de caráter literário; organização de evento e produção técnica.

Quanto ao quinto tópico do relatório, que se refere à infraestrutura de ensino e pesquisa oferecida, é preciso que o programa forneça a descrição completa das condições de funcionamento, especialmente da biblioteca e das outras formas de acesso à informação, como laboratórios de pesquisa, salas de aula, estudo e pesquisa. É importante ainda ser mencionado o meio pelo qual a instituição de ensino contemplará apoio às atividades administrativas do programa proposto, a exemplo de recursos humanos. Por fim, o sexto e último ponto abordado no documento de área trata de recomendações quaisquer consideradas importantes para a implantação e o êxito de um novo curso. No caso em questão, a maturidade científica da equipe deve refletir-se em orientações já realizadas e em produções consideradas relevantes para a área.

Além de seguir as devidas recomendações da Capes, as propostas de novos cursos devem estar intimamente ligadas às considerações e às definições sobre inserção internacional da área de Linguística, que atualmente se encontra em estágio avançado de internacionalização, resultado de um longo e contínuo processo iniciado em meados dos anos 80. Para a área, a internacionalização busca a cooperação com instituições e centros de pesquisa no exterior, com paridade e reciprocidade, dando contribuição efetiva na produção de conhecimento e obtendo ganhos de qualidade nos diálogos entre pares.

Outro importante assunto em evidência no relatório é a discussão sobre avaliação de periódicos conhecida como *Qualis-Periódicos*, já que revistas acadêmicas podem ser vistas como um dos meios mais recorrentes para a participação efetiva em qualquer área disciplinar e para a disseminação do conhecimento. Assim, no ano de 2013, visando ao fortalecimento e à consolidação dos periódicos das áreas de Letras e Linguística, os critérios para a avaliação foram reformulados, sendo definidos parâmetros gerais para nortear a editoração, seguidos de critérios para classificação em estratos e seus respectivos pesos: A1 (peso 100), A2 (peso 85), B1 (peso 70), B2 (peso 55), B3 (peso 40), B4 (peso 25), B5 (peso 10) e C (peso 0). Sabendo dessas informações, observemos, a seguir, os parâmetros e os critérios de avaliação das revistas.

- Parâmetros gerais:

- política editorial claramente definida;
- editor responsável e/ou comissão editorial;
- conselho editorial com afiliação institucional de seus membros;
- ISSN;
- periodicidade regular e atualizada com, no mínimo, dois volumes anuais;
- afiliação institucional e titulação dos autores;
- resumo em língua portuguesa e em uma língua estrangeira, seguidos de palavras-chave;
- chamada aberta com divulgação *on line*;
- especificação das normas de submissão e avaliação transparente pelos pares;
- número mínimo de 14 artigos por ano;
- disponibilidade em formato digital, com acesso *on line* para toda a série e garantia de acesso e preservação de todos os números.

- Critérios para a classificação de periódicos:

- 1) Estrato A1:

- periódicos consolidados – com publicação ininterrupta pelo menos nos oito últimos anos;
- diversidade institucional dos autores: 80% devem ser de, no mínimo, cinco instituições diferentes daquela que edita o periódico. Esse critério também se aplica a revistas não ligadas a programas de pós-graduação;
- conselho editorial efetivamente atuante constituído por pesquisadores nacionais e internacionais;
- artigos de alta qualidade, preferencialmente escritos por doutores do Brasil ou do exterior, com efetiva contribuição científico-acadêmica para a área;
- indexação no Brasil e no exterior;
- periódicos que sejam referência internacional para a área.

2) Estrato A2:

- periódicos consolidados – com publicação ininterrupta pelo menos nos sete últimos anos;
- diversidade institucional dos autores: 80% devem ser de, no mínimo, quatro instituições diferentes daquela que edita o periódico. Esse critério também se aplica a revistas não ligadas a programas de pós-graduação;
- conselho editorial efetivamente atuante constituído por pesquisadores nacionais e internacionais;
- artigos de alta qualidade, preferencialmente escritos por doutores do Brasil ou do exterior, com efetiva contribuição científico-acadêmica para a área;
- indexação no Brasil e no exterior.

3) Estrato B1:

- periódicos consolidados – com publicação ininterrupta pelo menos nos seis últimos anos;
- diversidade institucional dos autores: 70% devem ser de, no mínimo, três instituições diferentes daquela que edita o periódico. Esse critério também se aplica a revistas não ligadas a programas de pós-graduação;
- conselho editorial efetivamente atuante constituído por pesquisadores nacionais e internacionais;
- artigos de alta qualidade, preferencialmente escritos por doutores do Brasil ou do exterior, com efetiva contribuição científico-acadêmica para a área;
- indexação no Brasil e no exterior.

4) Estrato B2:

- periódicos com publicação ininterrupta pelo menos nos quatro últimos anos;
- diversidade institucional dos autores: 60% devem ser de, no mínimo, três instituições diferentes daquela que edita o periódico. Esse critério também se aplica a revistas não ligadas a programas de pós-graduação;
- conselho editorial efetivamente atuante constituído por pesquisadores nacionais e internacionais.

5) Estrato B3:

- periódicos com publicação ininterrupta pelo menos nos três últimos anos;
- diversidade institucional dos autores: 50% devem ser de, no mínimo, três instituições diferentes daquela que edita o periódico. Esse critério também se aplica a revistas não ligadas a programas de pós-graduação;
- conselho editorial efetivamente atuante constituído por pesquisadores doutores.

6) Estrato B4:

- periódicos com publicação ininterrupta pelo menos nos dois últimos anos;
- diversidade institucional dos autores: 40% devem ser de, no mínimo, três instituições diferentes daquela que edita o periódico. Esse critério também se aplica a revistas não ligadas a programas de pós-graduação;
- conselho editorial efetivamente atuante.

7) Estrato B5:

- periódicos com publicação de, pelo menos, dois números no último ano;
- diversidade institucional dos autores: 40% devem ser de, no mínimo, três instituições diferentes daquela que edita o periódico. Esse critério também se aplica a revistas não ligadas a programas de pós-graduação;
- conselho editorial efetivamente atuante.

A partir dos dados presentes no relatório mais atualizado de avaliação trienal da Capes, percebemos que esse órgão de fomento constrói sua noção da área disciplinar de Linguística com questões eminentemente gerais acerca do perfil e da estrutura de cursos de pós-graduação, desconsiderando o fato de a área possuir subáreas e, conseqüentemente, algumas especificidades. Também, por meio desse relatório, ficou evidente a importância dos membros disciplinares – docentes ou discentes –, para a sobrevivência da Linguística, e a importância do gênero artigo acadêmico e dos periódicos para a disseminação do conhecimento nesse campo.

Com base nisso e na hipótese de que periódicos de áreas disciplinares distintas diferenciam-se por meio de seus objetos, seus métodos e suas diretrizes para autores, partimos para um estudo minucioso de algumas revistas, buscando um novo olhar sobre a cultura disciplinar da Linguística, uma nova visão construída com informações que contribuem para traçar o perfil da área.

Desse modo, na área de Linguística, diversos são os periódicos existentes, sendo uns mais conhecidos que outros, especialmente, devido ao seu estrato no *Qualis-Periódicos*. No portal da Capes, podemos verificar uma lista atualizada de revistas de todas as áreas disciplinares com a qualificação aferida por esse órgão de fomento. Os periódicos de Letras e Linguística somam, aproximadamente, mais de 2900 títulos, dos quais muitos são indexados em fontes de informação que podem ser um índice bibliográfico ou uma base de dados.

Para esse estudo, compilamos algumas dessas revistas, buscando, como critério de seleção, perpassar todas aquelas das quais retiramos os artigos analisados⁷⁰, a saber: Revista Brasileira de Linguística Aplicada (UFMG), Linguagem em (Dis)curso (UNISUL), Revista do GELNE, Revista de Letras (UFC), Revista Philologus e Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores (UNIBERO).

Entendendo melhor cada periódico e sua contribuição para a construção da noção sobre a área de Linguística, a primeira revista, Revista Brasileira de Linguística Aplicada, conhecida com RBLA, *Qualis* A1, trata de fenômenos relacionados a problemas de linguagem da vida real que se ligam à língua em uso em contextos diversos e à aprendizagem. A avaliação das submissões se dá por pares, havendo também uma análise para verificar a adequação às normas de publicação da revista. Sobre essas normas, as questões de forma, com destaque nos resumos, nos títulos e nas referências, são o ponto principal.

O segundo periódico da compilação, o periódico Linguagem em (Dis)curso, também *Qualis* A1, trata de questões relativas ao campo textual-discursivo, tendo sempre como objetos o texto e o discurso. Seu método de avaliação assemelha-se ao da RBLA, visto que, anteriormente à avaliação por pares, há uma análise para verificar se o trabalho adequa-se às normas de publicação da revista. Quanto às normas orientadoras da feitura dos trabalhos, aspectos formais são priorizados, havendo, ainda, sem detalhamento, a apresentação da estrutura mais ampla do artigo: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados, Considerações Finais e Referências.

⁷⁰ Um único periódico publicou mais de um artigo.

Já o terceiro periódico, a Revista do GELNE, que, na época, era organizada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), *Qualis* A2, publica artigos tanto de Linguística como de Literatura, submetendo os trabalhos recebidos a uma pré-análise, para conferir se o estudo está de acordo com as normas de publicação da revista, e a uma avaliação por consultores anônimos. Suas diretrizes para a escrita de novos textos focam-se em aspectos formais e citam unidades retóricas do artigo com foco na parte formal das seções.

O quarto periódico da compilação é a Revista de Letras (Fortaleza)⁷¹, *Qualis* B1, que contempla trabalhos nas áreas de Letras e Linguística. De modo semelhante às outras revistas, a avaliação de novos trabalhos ocorre pela apreciação por dois pareceristas, enquanto as diretrizes para os autores detêm-se nas características formais dos textos.

A Revista *Philologus*, *Qualis* B4, o quinto periódico, pertencente ao Círculo Fluminense de Estudos Filológicos (CiFEFiL), publica quadrimestralmente trabalhos nas áreas de Filologia e Linguística. Suas normas e diretrizes versam, prioritariamente, sobre aspectos formativos, como tipo e tamanho de letras, recuo, espaçamentos, estando os novos artigos submetidos à apreciação e avaliação pela equipe de apoio editorial e pelo conselho editorial da revista.

O último periódico, a revista Tradução & Comunicação (Revista Brasileira de Tradutores), *Qualis* B2, tem como objeto de estudo questões sobre tradução e comunicação. Os novos textos enviados para publicação são avaliados por um comitê técnico e científico formado por profissionais de destaque com expressiva produção intelectual na área de conhecimento. As diretrizes para a confecção de novos trabalhos, assim como em outras revistas, somente contemplam questões de forma.

Diante do que expusemos, podemos perceber, inicialmente, que não há um único objeto de estudo para os periódicos, o que já era esperado, pois, como já mencionado anteriormente, há várias subáreas na área disciplinar de Linguística. O fato de haver múltiplos desdobramentos envolvendo a língua e seus escopos já se revela uma característica essencial da área, a qual se reflete em periódicos diversos. Outro detalhe bastante notório é o método de avaliação de novos trabalhos para submissões. Parece ser recorrente, na referida área, a avaliação por pares, o que atende a um parâmetro geral estabelecido pela Capes para a avaliação das revistas e caracteriza uma escolha metodológica da área disciplinar de Linguística.

⁷¹ De acordo com o *webqualis*, existem várias Revistas de Letras em diferentes cidades do Brasil.

Quanto às diretrizes que norteiam a escrita de novos textos, todos os periódicos focam-se, primordialmente, nas características de formatação de texto, não havendo uma real preocupação com orientações que deem aos autores explicações sobre as seções que compõem, de modo especial, artigos experimentais.

No máximo, percebemos, em apenas uma revista, breves menções sobre isso, especialmente sobre as Referências. As outras revistas apenas se limitam a mencionar a existência dessas unidades quando abordam qual a sua devida formatação e sempre ressaltam a necessidade de uma unidade destacada para a apresentação das referências bibliográficas citadas nos textos. Assim, a título de ilustração, uma norma apresentada nas diretrizes da Revista do GELNE diz que “As seções e subseções do texto devem ser numeradas, com exceção da Introdução e das Referências Bibliográficas; os títulos das seções e subseções devem estar em negrito e apenas com a primeira letra maiúscula.”.

Dessa forma, podemos inferir que, possivelmente, as diretrizes para autores são elaboradas a partir da ideia de que membros pertencentes à cultura disciplinar da área de Linguística já reconhecem e sabem elaborar as unidades retóricas de artigos acadêmicos, não havendo necessidade de normas para conduzi-los no processo de escrita. Isso talvez ocorra devido ao fato de as teorias sobre gêneros serem, geralmente, oriundas dos estudos de Linguística Aplicada, o que nos leva a crer que membros da Linguística, ao longo de sua formação, adquirem algum conhecimento sobre organização retórica de artigos.

Mudando o foco dessa caracterização, mas seguindo uma mesma perspectiva, temos as associações nacionais voltadas aos estudos linguísticos, as quais, assim como os periódicos, necessariamente contribuem para o entendimento da área. Imitando o modo como abordamos as revistas, compilamos as características sobre, principalmente, objetivos, foco e escopo institucionais de algumas associações brasileiras com expressiva visibilidade, a saber: Abralín: Associação Brasileira de Linguística, ALAB: Associação de Linguística Aplicada do Brasil, ANPOLL: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, GEL: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo e GELNE: Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste.

A primeira associação, a Abralín: Associação Brasileira de Linguística, congrega profissionais da Linguística para promover, desenvolver e divulgar estudos de Linguística teórica e aplicada no Brasil, por meio de reuniões científicas, cursos de atualização de professores, publicações por meio da Revista da Abralín, fornecimento de bolsas.

A ALAB: Associação de Linguística Aplicada do Brasil, visa a (re)construir um *locus* acadêmico-científico dinâmico e reflexivo, fomentando estudos e reflexões da área de Linguística Aplicada, não concebida como aplicação de teorias linguísticas, mas como um campo de investigação de usos situados da linguagem nas diversas esferas do meio social. Entre outras ações, a fim de cumprir seus objetivos, a ALAB fornece incentivos culturais e econômicos aos intercâmbios e às pesquisas na área, fomenta publicações científicas especialmente por meio da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, desenvolve pesquisas em contexto de cooperação acadêmica em âmbito nacional e internacional, realiza o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada.

A terceira associação, a ANPOLL: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, congrega os programas de pós-graduação *stricto sensu* e de pesquisa em Letras e Linguística com o intuito de incentivar o estudo, o ensino e a pesquisa no âmbito dessas áreas, promover a divulgação e o intercâmbio de trabalhos científicos produzidos, estimular debates, estudos e pesquisas que venham a contribuir para a solução de problemas, promover o intercâmbio docente e a cooperação entre as instituições de pós-graduação e pesquisa.

Já o GEL: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, busca, a partir de reuniões científicas, cursos e publicações, compartilhar informações científicas e promover o progresso da pesquisa linguística, além de congrega profissionais e estudiosos da área com o objetivo de promover e desenvolver estudos teóricos e aplicados no estado de São Paulo.

A última associação, o GELNE: Grupo de estudos Linguísticos do Nordeste, promove e estimula, na região Nordeste, programações técnico-científicas e educativo-culturais nas áreas de Língua, Linguística e Literatura, incentiva, divulga, atualiza e coordena as atividades de pesquisa e ensino, promove cursos de aperfeiçoamento e atualização, promove difusão de obras científicas e didáticas, incentiva o estudo, o ensino e a pesquisa no âmbito das áreas em questão, promove reuniões periódicas, contribui para o aperfeiçoamento dos cursos de Letras.

Basicamente, essas instituições, apesar de não terem, exatamente, os mesmos objetos de estudos, confundem-se quanto ao objetivo principal de promover e divulgar conhecimento linguístico e de fornecer uma base sólida para o alicerce epistemológico da área. Além disso, os diversos meios possíveis para o alcance desses objetivos seguem metodologias semelhantes, a exemplo do incentivo a publicações, da concessão de bolsas, da promoção de cursos de aperfeiçoamento e atualização.

Até o momento, podemos perceber que uma caracterização da área de Linguística com base no relatório mais atualizado da CAPES e nas informações resgatadas nas páginas eletrônicas das revistas e das associações nacionais ainda carece de maior detalhamento, especialmente sobre gêneros acadêmicos. Nesse ínterim, buscamos preencher uma lacuna a partir do entendimento de como membros da área tratam de algumas questões sobre gêneros acadêmicos, de modo particular o artigo científico, principal material de análise neste estudo.

Assim, na visão de um professor doutor da área disciplinar de Linguística, dentre os gêneros acadêmicos, a exemplo de resumos, resenhas, teses, dissertações, o artigo científico é o de maior importância e valor. Para justificar sua resposta, esse membro afirma que tal gênero, além de ser o texto do cotidiano do pesquisador, é o mais valorizado pela Capes do ponto de vista da publicação de resultados de pesquisas, especialmente como contribuição de produção de um docente permanente de qualquer programa de pós-graduação *stricto sensu* para a boa avaliação do programa.

Outrossim, segundo o pesquisador colaborador, é por meio do artigo que se é possível divulgar mais eficientemente e menos burocraticamente resultados de pesquisas, uma vez que seus textos instanciadores são os mais curtos em que, com um mínimo razoável de detalhamento, é possível relatar todos os estágios de uma pesquisa.

Quanto aos tipos de artigo, na opinião do membro da área, apesar da existência de muitos ensaios e relatos de pesquisa, artigos cujo foco é a apresentação e análise de dados são os que predominam. Sobre a principal forma de publicação desse gênero, os periódicos acadêmicos nacionais e internacionais, desde que bem avaliados pelo sistema *Qualis* da Capes, são os mais procurados por pesquisadores, que costumam produzir textos sozinhos ou em coautoria, sendo raro que o número de coautores supere dois ou três.

Já no tocante à organização retórica do gênero, para o colaborador, a Introdução, o Referencial Teórico, a Metodologia, os Resultados, a Discussão, as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas são unidades obrigatórias. Mais especificamente, em relação ao propósito das seções por ele citadas, a Introdução visa a apresentar, em texto corrido e com os verbos no passado, os seguintes itens: tema, delimitação do tema, objetivo geral, objetivo(s) específico(s), pergunta(s) de pesquisa, hipótese(s), justificativa e organização do artigo em seções e subseções.

Para ele, o tema, fraseado em torno de substantivo, trata daquilo que é a pesquisa numa perspectiva geral. A delimitação do tema, também fraseada em torno de substantivo, diz

respeito à forma como a perspectiva geral do tema foi recortada para torná-lo viável de ser investigado. Já o objetivo geral, fraseado em torno de verbo no infinitivo, volta-se, em uma perspectiva geral, ao lugar aonde o pesquisador pretende chegar ao tratar do tema. O(s) objetivo(s) específico(s), fraseado(s) em torno de verbo no infinitivo, volta(m)-se também ao lugar aonde o pesquisador pretende chegar, mas em uma perspectiva do recorte do tema.

A(s) pergunta(s) de pesquisa é(são) consequência(s) do(s) objetivo(s) específico(s), sendo desejo do pesquisador que ela(s) seja(m) respondida(s) a fim de que esse(s) objetivo(s) seja(m) alcançado(s) e o tema, na perspectiva delimitada, seja desenvolvido a partir da análise dos dados do *corpus*. A(s) hipótese(s) surge(m) quando o pesquisador não deseja somente trabalhar com pergunta(s) e formula respostas a estas de caráter apriorístico (respostas dadas antes do contato com os dados), precário (respostas passíveis de serem refutadas) e não modalizado (impossibilidade de se verificar se uma proposição pode ser confirmada ou refutada, já que é uma dúvida, uma probabilidade, podendo ser confirmada ou não após a análise de dados).

Para o professor, outro tópico da Introdução é a justificativa, que é a razão pela qual existiu relevância em o pesquisador ter conduzido uma pesquisa sobre determinado tema delimitado. Na visão dele, somente uma lacuna de ordem teórica e/ou metodológica a ser preenchida pelos resultados pode justificar uma pesquisa por si só. Quanto ao último item da Introdução, organização do artigo em seções e subseções, o colaborador optou por não esmiuçá-lo talvez por seu caráter autoexplicativo.

Finalizada a descrição da unidade de Introdução, o Referencial Teórico é a seção que tem o propósito de apresentar teorias que fundamentam o tema abordado no trabalho; aspectos de cunho teórico de acordo com os quais o tema foi recortado; pesquisas relativas ao estado da arte, resenhadas brevemente na justificativa e novamente em maior detalhe; aspectos teóricos que precisaram ser usados a fim de que a metodologia pudesse ser escolhida; alguma teoria que tenha sido usada diretamente na metodologia para a análise dos dados; qualquer outro aspecto teórico que tenha contribuído também para a discussão dos resultados.

A unidade de Metodologia, na visão do pesquisador, visa a apresentar uma descrição clara e detalhada do tipo de pesquisa, dos sujeitos ou participantes, do *corpus*, dos instrumentos, dos procedimentos de coleta dos dados e dos procedimentos de categorização, etiquetagem, anotação dos dados, além dos critérios de análise.

Os Resultados objetivam apresentar achados encontrados na análise dos dados do *corpus*, retomando perguntas de pesquisa postas na Introdução, respaldando suas respostas com excertos ilustrativos da análise dos dados do material, ou retomando as hipóteses postas na Introdução, dizendo se foram confirmadas ou refutadas, respaldando a confirmação ou refutação com excertos ilustrativos da análise dos dados do *corpus*.

Já a seção de Discussão tem o propósito de apresentar a discussão ou interpretação dos resultados no sentido de que o pesquisador elenca possíveis razões para os achados. Tal interpretação deve ser feita à luz, principalmente, do que foi resenhado sobre o estado da arte no Referencial Teórico e à luz das percepções subjetivas e individuais do pesquisador.

As Considerações Finais buscam apresentar uma retomada breve dos resultados; uma avaliação da pesquisa, dizendo se os objetivos foram alcançados plenamente e se as perguntas foram respondidas ou as hipóteses verificadas adequadamente; as implicações, os impactos ou as contribuições sociais, pedagógicas dos resultados da pesquisa; as sugestões de futuras pesquisas a partir dos resultados. Por fim, a última unidade – as Referências Bibliográficas – visa a apresentar referências completas dos trabalhos citados no artigo.

Perante as respostas do professor pesquisador, fazendo uma breve comparação, diferentemente do que percebemos no relatório da Capes e nas informações encontradas em periódicos e associações nacionais, o membro da área disciplinar de Linguística tratou, esmiuçadamente, da estrutura retórica do artigo acadêmico, demonstrando um excelente domínio do gênero e, talvez, a desnecessidade de orientações nesse sentido no momento da publicação.

Encerrando essa etapa, acreditamos ter traçado um percurso que, junto à resenha teórica feita anteriormente, possa auxiliar-nos na próxima tarefa, que consiste na análise das unidades retóricas dos exemplares do gênero artigo experimental de Linguística. Assim sendo, passemos ao tópico seguinte.

6.2 UM OLHAR PARA A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA

6.2.1 Unidades retóricas

No que diz respeito aos resultados obtidos a partir da análise da organização retórica mais ampla dos artigos, a área disciplinar de Linguística apresentou recorrência das seguintes unidades retóricas: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados e Discussão, Conclusão e Referências. No quadro a seguir, vejamos a frequência de todas as unidades encontradas.

Figura 18 – Frequência das unidades retóricas em artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (10 artigos analisados)

Introdução	100%
Revisão de Literatura	80%
Metodologia	50%
Resultados	10%
Discussão	0%
Resultados e Discussão	90%
Conclusão	100%
Referências	100%

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Compreendendo melhor a figura 18, a Introdução foi elaborada em todos os exemplares, confirmando o que disse o professor colaborador sobre essa seção ser obrigatória na organização retórica do gênero. Ademais, no tocante à descrição da área, um único periódico apresentado – a revista *Linguagem em (Dis)curso* –, mesmo sem muitos detalhes, elenca, além de outras seções, essa unidade como parte obrigatória dos artigos a serem publicados. Sem Introdução, ao que tudo indica, os autores teriam seus trabalhos rejeitados pelo conselho editorial da revista.

Outro ponto a se considerar são os estudos de Swales (1990) e Motta-Roth e Hendges (2010), principalmente, uma vez que esses autores, ao apresentarem a organização retórica de artigos, não abrem possibilidades para uma eventual condição facultativa da unidade.

Sobre a Revisão de Literatura, apesar de essa seção não ocorrer em 100% dos exemplares, uma significativa frequência (80%) foi encontrada, revelando que a unidade

possivelmente é característica da estrutura retórica de artigos da área. Quanto a isso, retornamos ao trabalho de Motta-Roth e Hendges (2010), que acrescentam, em sua proposta de descrição, a unidade de Revisão de Literatura. Além disso, semelhantemente à Introdução, essa seção é considerada obrigatória tanto pelo membro da área quanto pela revista *Linguagem em (Dis)curso*.

Já a unidade de Metodologia mostrou-se recorrente com uma frequência na média de 5 artigos. Isso se deu pois muitas informações metodológicas, em alguns casos, foram elaboradas em seções como Introdução e Resultados e Discussão, denunciando uma certa flexibilidade dos autores de Linguística em relação à construção dessa unidade. Outrossim, considerando o perfil da área, tanto o membro experiente como o já referido periódico confirmam a recorrência da Metodologia em artigos experimentais no momento em que a destacam, respectivamente, em suas respostas e em suas normas e diretrizes.

Pensando nesse resultado, cabe lembrar o que diz Lim (2006) sobre a Metodologia ligar-se a outras seções-chave, principalmente Introdução e Resultados. Assim, parece-nos que muitos autores preferem fazer associações mais estreitas entre informações que poderiam ser apresentadas em unidades separadas.

Sobre a seção de Resultados, presente em apenas um exemplar do gênero, parece-nos não ser característica da área a apresentação de achados da pesquisa isoladamente, sem associação alguma com considerações interpretativas, fato que vai de encontro ao que disse o professor colaborador e às orientações da revista *Linguagem e (Dis)curso*, que apresentam Resultados e Discussão como duas unidades destacadas.

Isso nos leva a observar a frequência nula da seção de Discussão até como algo já esperado. Nesse tocante, a revista, ao indicar qual a estrutura dos artigos para publicação, exclui a unidade de Discussão sem fornecer justificativas talvez por já prever que resultados já devem vir associados a alguma discussão. Já o membro da área de Linguística esmiúça essa seção em suas respostas, evidenciando a importância das informações contempladas por ela.

Como consequência da não recorrência de unidades destacadas para a apresentação de achados e suas interpretações, percebemos uma elevada ocorrência (90%) da unidade de Resultados e Discussão, comprovando o que afirma Swales (1990) sobre alguns autores optarem por apresentar uma mescla dessas duas unidades. Também sobre essa questão, tanto Motta-Roth e Hendges (2010) quanto Silva (1999) tratam de uma única unidade em que os autores tecem comentários sobre achados e possíveis interpretações.

Assim, parece-nos que, no caso da Linguística, essa opção é uma das marcas do perfil da área, apesar de, nas respostas ao questionário e na descrição da cultura disciplinar da Linguística, não haver referência a essa questão.

Em relação à Conclusão, unidade presente em todos os exemplares analisados, podemos citar o trabalho de Motta-Roth e Hendges (2010), autoras que afirmam que essa seção pode aparecer como uma subparte da unidade de Resultados e Discussão ou como uma unidade separada. Na área em questão, os resultados apontam para uma escolha metodológica que destaca a Conclusão, o que nos lembra a crítica feita por Yang e Allison (2003) sobre muitos autores tratarem Discussão e Conclusão ou Resultados e Discussão e Conclusão como se fossem uma só seção sem fornecer qualquer evidência que esclareça isso.

No tocante ao perfil construído para a área de Linguística, as orientações do periódico citado e o membro da disciplina em evidência ressaltam que a unidade de Conclusão é obrigatória em artigos acadêmicos, possivelmente justificando sua ocorrência de 100% no *corpus*.

Antes de verificarmos a frequência da unidade de Referências, cabe destacar que os resultados apresentados até aqui corroboram o trabalho de Bernardino (2007), que, em sua tese, ao analisar as unidades retóricas de artigos de Linguística, destaca, como descrição retórica de artigos experimentais dessa área, as seguintes seções: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados e Discussão e Conclusão.

Passando às Referências, estas foram elaboradas em todos os artigos. Quanto a isso, na revisão de itens teóricos, não encontramos observações retomando essa unidade, porém, em todos os periódicos apresentados e nas respostas do professor colaborador, percebemos o destaque dessa unidade, sinalizando sua importância e a necessidade na elaboração do gênero. Apesar da falta de referências considerando essa seção como unidade retórica, entendemos que, assim como todas as subdivisões do artigo, as Referências realizam uma função comunicativa, compondo a estrutura geral desse gênero.

Com base nas ocorrências da figura 18 e na discussão feita, reunimos, em uma proposta de descrição, as unidades amplas que talvez descrevem o comportamento retórico de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística. Assim, vejamos a figura 19.

Figura 19 – Descrição das unidades retóricas de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística

Unidade retórica 1: Introdução e/ou

Unidade retórica 2: Revisão de Literatura e/ou

Unidade retórica 3: Metodologia e

Unidade retórica 4: Resultados e Discussão e

Unidade retórica 5: Conclusão e

Unidade retórica 6: Referências

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Compreendendo melhor nossa proposta, quanto à posição das unidades retóricas, inicialmente, é importante ressaltar que essa investigação de ordenação das unidades informacionais baseia-se no que chamamos de critério de ocorrência simultânea. Em outras palavras, investigamos e identificamos a ordem predominante de unidades retóricas, movimentos e passos quando estes ocorrem, ao mesmo tempo, em algum exemplar analisado.

Dessa maneira, dos dez artigos, quatro apresentaram, concomitantemente, as seis unidades propostas sempre na mesma sequência: unidade retórica 1: Introdução – unidade retórica 2: Revisão de Literatura – unidade retórica 3: Metodologia – unidade retórica 4: Resultados e Discussão – unidade retórica 5: Conclusão – unidade retórica 6: Referências.

Além disso, a Introdução, em todos os artigos, ocupou a primeira posição, enquanto a Conclusão e as Referências sempre foram elaboradas, respectivamente, como penúltima e última unidades. De modo geral, não houve, em momento algum, inversão de ordem, como Metodologia vir antes da Revisão de Literatura ou Resultados e Discussão antes da Metodologia. No máximo, houve supressão de alguma unidade, uma vez que nem todos os exemplares foram escritos com todas.

Em suma, ao sugerirmos uma proposta de descrição com seis unidades retóricas, extrapolamos a descrição IMRD apresentada em 1990 por Swales e generalizada para áreas disciplinares distintas e, de modo mais específico e justificado, apresentamos a descrição I(RL)M(RD)CR⁷² como o possível comportamento retórico de artigos experimentais da cultura disciplinar da Linguística.

⁷² O uso dos parênteses indica que as letras *R* e *L* e *R* e *D* representam uma única unidade retórica.

Finalizando esse momento, passemos aos tópicos seguintes em que aprofundaremos as explicações e os aspectos particulares de cada seção, caracterizando detalhadamente cada unidade retórica.

6.2.2 Introdução

No tocante à Introdução de artigos de Linguística, percebemos a presença dos três movimentos propostos por Swales (1990). Já em relação aos passos, ainda com base em Swales (1990), observamos uma maior quantidade dos passos do movimento 1 (*Estabelecer o território*), ficando os passos dos movimentos 2 (*Estabelecer o nicho*) e 3 (*Ocupar o nicho*) com menor frequência ou frequência nula. Quanto à recorrência, os três movimentos mostraram-se relevantes. Além disso, encontramos outras duas unidades informacionais que não se encaixaram na proposta swalesiana, a saber: *Apresentar*⁷³ *aspecto metodológico* e *Apresentar motivação para a pesquisa*.

Abaixo, na figura 20, apresentamos a frequência de cada passo bem como a frequência das outras unidades informacionais encontradas:

Figura 20 – Frequência de unidades informacionais em introduções de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (10 artigos analisados)

Movimento 1: Estabelecer o território	
Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou	100%
Passo 2 – Fazer generalização/ões quanto ao tópico e/ou	70%
Passo 3 – Revisar a literatura (pesquisas prévias)	30%

Movimento 2: Estabelecer o nicho	
Passo 1A – Contra-argumentar ou	0%
Passo 1B – Indicar lacuna(s) no conhecimento ou	30%
Passo 1C – Provocar questionamento ou	0%
Passo 1D – Continuar a tradição	50%

⁷³ Seguindo Biasi-Rodrigues (1998), que, em sua tradução do modelo CARS, introduz os movimentos e os passos com verbos no infinitivo, optamos por apresentar, em um primeiro momento, as unidades informacionais de Introduções de artigos da área de Linguística também com verbos no infinitivo.

Movimento 3: Ocupar o nicho

Passo 1A – Delinear os objetivos ou	100%
Passo 1B – Apresentar a pesquisa	30%
Passo 2 – Apresentar os principais resultados	20%
Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo	10%

Apresentar aspecto(s) metodológico(s)	60%

Apresentar motivação para a pesquisa	30%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Swales (1990) e nas outras unidades informacionais encontradas.

Sobre a figura 20, quanto ao primeiro passo (*Estabelecer a importância da pesquisa*) do primeiro movimento (*Estabelecer o território*), presente em 60% dos artigos, observamos que os autores da área de Linguística optaram por, principalmente, apresentar a importância da pesquisa ao informar a existência de outros pesquisadores em atividade na área e de estudos anteriores sobre o tema (exemplos 1 e 2) com expressões lexicais que envolvem numerais e advérbios de intensidade. Ademais, a justificativa capaz de demonstrar a relevância da pesquisa (exemplo 3) e a citação de autores como argumento de autoridade (exemplo 4) também foram estratégias de elaboração desse passo.

- (1) Inúmeras pesquisas sobre a organização discursiva ao nível de macro e micro estrutura dos diversos gêneros textuais têm sido registradas na literatura de lingüística textual. (AL2)
- (2) [...] um número significativo de artigos e livros tem sido publicado no Brasil e no mundo, incluindo nesse contexto, a realização de um Simpósio Nacional de Estudos de Gêneros – SIGET [...] (AL8)
- (3) Acredita-se ser bastante justificável a análise do processo de redução dos ditongos [ay] e [ey] a [a] e [e], uma vez que já reconhecemos que o ensino da língua pressupõe o conhecimento da realidade lingüística dos usuários dessa língua. (AL6)
- (4) Figueiredo (1998: 190) explicita que devemos valorizar “sua presença e importância na sociedade moderna pelo seu poder de transformação nas esferas do comportamento, das atitudes e da mentalidade dos usuários/receptores”. (AL1)

Já o passo 2 (*Fazer generalização/ões quanto ao tópico*) do movimento 1 (*Estabelecer o território*), presente em sete artigos, foi construído a partir da apresentação de informações gerais sobre o tema estudado, principalmente, com o intuito de contextualizar e introduzir a unidade, como podemos observar nos exemplos 5 e 6. Em relação ao último passo (*Revisar a literatura (pesquisas prévias)*) desse movimento, notamos que a maioria dos

autores optou por não revisar itens de literatura prévia, de modo que encontramos esse passo, por meio de citações diretas e indiretas, em apenas três artigos (exemplos 7, 8 e 9).

- (5) A propaganda de produtos ou serviços é uma estratégia de vendas em constante evolução no Brasil e no mundo e está presente em todos os meios de comunicação. [...] Na era atual, os meios de comunicação em massa estão presentes até nos mais remotos lugares do mundo e testemunhamos o crescente avanço da globalização. (AL1)
- (6) Uma das exigências da vida moderna é a aquisição de uma língua estrangeira, em especial, a língua inglesa – língua franca de comunicação mundial – e de habilidades específicas para uso do computador com seus recursos na Internet. Neste novo milênio, para se ter participação efetiva nas diferentes atividades na sociedade e para se ter ascensão social, não só é necessário indivíduos possuírem letramento tradicional, como também o letramento digital, que significa a aquisição de habilidades e competências no uso de novas tecnologias para se comunicar. (AL7)
- (7) Este fato poderia representar uma barreira na comunicação, mas é esclarecido por Ambert (1992: 41): “Uma das conseqüências inevitáveis da internacionalização da comunicação em massa é que novas técnicas têm sido necessárias para alcançar o público-alvo em sua própria língua materna [...]”. (AL1)
- (8) Aburre e Pontara (2006:3), por exemplo, entendem a língua como um “*sistema de representação socialmente construído, constituídos de signos lingüísticos.*” (AL5)
- (9) Como atesta Coutinho (1976: 108), a redução dos ditongos “ascende ao próprio latim vulgar, onde encontramos formas como: celebs (caelebs), sepis (saepis), clostrum (claustrum).” (AL6)

Em relação ao segundo movimento (*Estabelecer o nicho*), notamos o passo 1B (*Indicar lacuna(s) no conhecimento*) presente em três artigos, a partir de afirmações indicando a pouca existência de estudos sobre determinado tópico ou indicando a necessidade de preenchimento de uma falta em determinado campo (exemplos 10 e 11), e o passo 1D (*Continuar a tradição*), em cinco exemplares, por meio de apresentações de suporte teórico-metodológico orientador da análise de dados, o que pode ser observado nos exemplos 12 e 13.

- (10) A razão da escolha deste tema deu-se devido à carência de estudos abrangendo a tradução de propagandas no contexto brasileiro. (AL1)
- (11) Acreditamos que, assim, encontraremos indicadores mais reais dessas crenças dos professores, bem como poderemos entender melhor como elas interferem na sala de aula desses professores. Segundo Barcelos (2001), as pesquisas sobre crenças sobre aprendizagem de línguas precisam ir além de uma simples descrição de crenças como indicadores de um comportamento futuro. É preciso uma investigação mais contextualizada, entendendo como as crenças interagem com as ações dos alunos (e, no nosso estudo, com as ações dos professores também) e que funções elas exercem em suas experiências de aprendizagem dentro e fora de sala de aula. (AL10)
- (12) Este artigo tem por objetivo analisar, com base na teoria de Genre Analysis (análise de gênero textual) postulada por Swales (1990) [...]. (AL2)
- (13) Neste trabalho, propomo-nos a descrever o processo de mudança ocorrido na elaboração das propostas de redação do vestibular da Universidade Federal do Ceará (1990/1 a 2007) a partir de uma análise textual propiciada pelo aparato teórico-metodológico da Linguística Sistemico-Funcional de Halliday (1994) e de uma análise interpretativa apoiada na Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001). (AL3)

Em relação ao último movimento (*Ocupar o nicho*), o passo 1A (*Delinear os objetivos*) foi construído, em todos os artigos (exemplos 14 e 15), por meio de expressões como o léxico *objetivo* e de verbos que indicam a intenção do autor. Já os outros três passos – *Apresentar a pesquisa*, *Apresentar os principais resultados* e *Indicar a estrutura do artigo* – também foram encontrados, porém com baixa frequência, 30%, 20% e 10% respectivamente, e podem ser conferidos, seguindo a mesma ordem, nos exemplos 16, 17 e 18 transcritos abaixo.

- (14) Esta investigação tem como objetivo de estudo o fenômeno da monotongação, que consiste na passagem de um ditongo a uma simples vogal [...]. (AL6)
- (15) Neste trabalho, propomo-nos a descrever o processo de mudança ocorrido na elaboração das propostas de redação do vestibular [...]. (AL3)
- (16) Neste estudo, serão tratados os casos de monotongação dos ditongos orais decrescentes [ay] e [ey]. (AL6)
- (17) No cômputo geral, no universo das 19 cartas em que houve a identificação, os leitores estrangeiros foram os que mais se identificaram, (11 cartas ou 57,9%), seguidos pelos leitores nativos, 8 cartas (42,1%). (AL4)
- (18) O artigo se organiza em duas seções. Inicialmente, apresento os fundamentos teóricos e aspectos metodológicos que nortearam nossa pesquisa [...]. (AL9)

Sobre as unidades informacionais encontradas nos artigos que não se encaixaram nos passos oferecidos por Swales (1990), notamos a unidade *Apresentar aspecto metodológico* em 60% dos exemplares, geralmente com apresentação de procedimentos por meio de verbos (exemplo 19) ou de características de *corpus* de análise (exemplo 20), e a unidade *Apresentar motivação para a pesquisa* com apresentação, como o próprio título sugere, de motivação para a pesquisa, explicitamente, mencionada em 30% dos artigos (exemplo 21).

- (19) Com dois professores (com formação mais antiga e mais recente), estabelecemos uma relação entre o que o professor diz (crenças), ao responder ao questionário e à entrevista, e o que o professor faz (ações) no contexto da sala de aula [...]. (AL10)
- (20) Os verbetes que compõem o *corpus* foram extraídos dos dicionários escolares brasileiros, adotados pelos professores da escola pública [...]. (AL9)
- (21) O que me motivou a pesquisar o gênero ‘resumo’ produzido por pós-graduados na área de Educação foi a necessidade de examinar como estes estudantes organizam e comunicam [...]. (AL2)

Tendo como base os resultados encontrados, percebemos a necessidade de refletir acerca do modo como autores da área disciplinar de Linguística organizam e apresentam os blocos informacionais das introduções de artigos experimentais, buscando entender como as escolhas de determinadas informações contribuem para a construção de uma unidade retórica

que oriente suficientemente a leitura do restante do artigo, cumprindo, assim, a função retórica da Introdução.

Inicialmente, o movimento 1 (*Estabelecer o território*) ocorre de modo relevante somente por meio dos dois primeiros passos (*Estabelecer a importância da pesquisa* e *Fazer generalização/ões quanto ao tópico*). O primeiro passo (*Estabelecer a importância*) confirma os estudos de Silva (1999), quando é elaborado com informações sobre a existência de números consideráveis de estudos na área, bem como retoma a resposta dada pelo professor colaborador, quando este aponta a justificativa apresentada na Introdução como a razão pela qual existiu relevância em se conduzir determinada pesquisa. O segundo passo (*Fazer generalização/ões quanto ao tópico*) também corrobora o que diz Silva (1999) quanto à apresentação de informações mais gerais sobre o tópico pesquisado e funciona com o objetivo principal de contextualizar o assunto central do estudo.

Então, parece-nos que, para os autores dos artigos analisados, a apresentação desses dois passos ocorre por meio de recursos argumentativos para seduzir potenciais leitores capazes de se debruçarem na leitura do artigo, bem como é suficiente quando o interesse é situar o leitor, com base em Silva (1999), na área de estudo específica, no território particular da pesquisa.

Em contrapartida, diferentemente do que ocorreu com os passos 1 (*Estabelecer a importância da pesquisa*) e 2 (*Fazer generalização/ões quanto ao tópico*), o terceiro passo (*Revisar a literatura (pesquisas prévias)*) foi desconsiderado pela maioria dos autores, o que é justificável uma vez que, na área em questão, como já confirmamos no início dessa análise, a prática de se escrever uma unidade retórica específica para os apontamentos sobre referencial teórico denominada Revisão de Literatura é comum, dispensando a necessidade de uma revisão de itens teóricos na Introdução do artigo.

Já o segundo movimento (*Estabelecer o nicho*) foi construído pelos autores dos artigos analisados a partir dos passos 1B (*Indicar lacuna(s) no conhecimento*) e 1D (*Continuar a tradição*). Por esse movimento parecer estar intrinsecamente relacionado ao passo 3 (*Revisar a literatura (pesquisas prévias)*) do movimento anterior (*Estabelecer o território*) por tratar, de modo mais aprofundado, de questões específicas sobre o referencial teórico da área, estabelecendo um tópico a ser estudado, notamos, em decorrência, como já dissemos, da existência de uma unidade denominada Revisão de Literatura, sua desnecessidade na unidade de Introdução para pesquisadores da área de Linguística. Tal observação reflete-se no fato de o passo 1B (*Indicar lacuna(s) no conhecimento*) ser

recorrente em apenas 30% dos artigos e os passos 1A (*Contra-argumentar*) e 1C (*Provocar questionamento*) serem desconsiderados. Diferentemente, o passo 1D (*Continuar tradição*) ocorre com uma frequência relevante (50%), porém não apresenta aprofundamentos teóricos por somente citar o suporte teórico-metodológico que fundamenta a análise de dados.

Quanto ao terceiro e último movimento descrito por Swales (1990) (*Ocupar o nicho*), somente o passo 1A (*Delinear os objetivos*) ocorreu com elevada frequência, o que já era esperado diante da necessidade de existirem, em qualquer pesquisa, objetivos a serem alcançados e da necessidade de se compreenderem tais objetivos para uma leitura eficaz de artigos experimentais, cujo principal propósito é a apresentação de resultados de uma pesquisa. Concordando com essa visão, o membro colaborador da área afirmou que tanto o objetivo geral como os objetivos específicos são elementos da Introdução, os quais tratam do lugar aonde quer chegar o pesquisador.

De modo diferente, o passo 1B (*Apresentar a pesquisa*) foi pouco recorrente, levando-nos a crer que a apresentação de objetivos (passo 1A – *Delinear os objetivos*), na maioria das vezes, dispensa a apresentação da pesquisa, cumprindo o papel, ainda que implicitamente, de evidenciar aquilo que está sendo investigado.

Já o terceiro passo (*Apresentar os principais resultados*) ocorre com uma frequência ainda menor em relação ao passo anterior, sugerindo não ser característica da área a antecipação de descobertas que, durante o processo de investigação, somente aparecem após o pesquisador superar várias etapas. É nessa perspectiva, então, que existe a unidade retórica de Resultados e Discussão, que apenas é encontrada mais no final do artigo e é voltada para a apresentação de achados e suas interpretações, permitindo ao leitor o melhor entendimento do processo de investigação e, conseqüentemente, dos resultados alcançados.

Já o último passo do modelo de Swales (1990) (*Indicar a estrutura do artigo*), presente em apenas um artigo, apesar de ter sido considerado parte da Introdução pelo pesquisador da Linguística, mostrou-se irrelevante talvez devido ao fato de a escrita de artigos experimentais já ser uma prática recorrente na área acadêmica e de os membros da área de Linguística já estarem familiarizados com a estrutura esperada em um artigo de pesquisa, sendo capazes de entendê-la sem a necessidade de algum tipo de orientação. Reforçando essa ideia, temos os periódicos da área apresentados anteriormente, os quais não trazem, em suas diretrizes e normas, orientações completas para a escrita de textos.

Quanto à unidade informacional *Apresentar aspecto(s) metodológico(s)*, destacamos o que dissemos, no início da análise, sobre aspectos metodológicos, por vezes, serem elaborados na unidade de Introdução, reduzindo a frequência da seção de Metodologia nos exemplares apresentados. Já a seção *Apresentar motivação para a pesquisa* mostrou-se sem expressividade talvez por essa estratégia informacional ser uma escolha bastante particular. Por fim, ainda sobre essas duas unidades, na descrição do perfil da área, não encontramos referência alguma que justificasse a presença ou, até mesmo, a ausência de informações desse tipo.

Considerando o que expusemos, notamos disparidades entre o que foi descrito por Swales (1990) e o que realmente ocorreu nos artigos experimentais da área de Linguística. O modelo CARS, proposto por Swales em 1990, de algum modo, descreve parte do comportamento retórico da unidade de Introdução de artigos experimentais de Linguística escritos em língua portuguesa, no entanto, tendo em vista o fato de tal modelo ser generalizado para áreas diversas e o fato de mudanças disciplinares refletidas no processo de escrita terem ocorrido ao longo de quase 25 anos, por meio dos resultados, ficou evidente que alguns passos podem não ser característicos da área em questão.

Assim sendo, pensando nisso e nos baseando nos resultados obtidos com a análise, chegamos a uma proposta de descrição retórica (figura 21) que nos parece mais orientada para as necessidades e os propósitos específicos da área disciplinar de Linguística. Nessa proposta, seguindo autores como Araújo (1996) e Bezerra (2001), os quais analisaram resenhas, e Biasi-Rodrigues (1998), que estudou resumos, sugerimos uma mudança de terminologia para nominar as unidades retóricas ao substituímos substantivos e verbos no infinitivo por verbos no gerúndio. Tal escolha justifica-se, também, pelo fato de verbos no gerúndio indicarem ações em andamento, permitindo uma maior associação entre ações retóricas e movimentos e passos.

Além disso, também seguindo a perspectiva de pesquisadores na área, optamos por não manter a analogia ecológica apontada inicialmente por Swales (1990) e sugerimos um léxico que indique, explicitamente, a função retórica dos movimentos, dos passos e, consequentemente, da unidade de Introdução. Vale ressaltar, ainda, que a ordem das unidades retóricas da descrição segue a ordem que obteve maior recorrência no *corpus* analisado.

Figura 21 – Descrição retórica da unidade de Introdução de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística

Movimento 1: Apresentando o tema

Passo 1 – Fazendo generalização/ões sobre o tópico e/ou

Passo 2 – Estabelecendo a importância da pesquisa e

Movimento 2: Apresentando a pesquisa

Passo 1 – Apresentando objetivos e/ou

Passo 2 – Apresentando aspecto(s) metodológico(s) e/ou

Passo 3 – Indicando suporte teórico-metodológico

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Explicando nossa proposta, quanto à posição dos movimentos, dos dez artigos, oito apresentaram os passos do movimento 1 (*Apresentando o tema*) anteriormente aos passos do movimento 2 (*Apresentando a pesquisa*), enquanto um evidenciou esta ordem invertida, e outro somente apresentou os passos do movimento 2 (*Apresentando a pesquisa*).

Sobre o movimento 1 (*Apresentando o tema*), como podemos perceber, o primeiro passo (*Fazendo generalização/ões sobre o tópico*) refere-se à apresentação de generalizações sobre o tópico pesquisado, enquanto o segundo (*Estabelecendo a importância da pesquisa*) destaca a importância do estudo, diferentemente do que ocorre no modelo CARS (SWALES, 1990), que apresenta essas unidades informacionais de modo inverso. Em relação ao modelo swalesiano, quanto à ordem em que os passos 1 (*Estabelecer a importância da pesquisa*) e 2 (*Fazer generalização/ões sobre o tópico*) foram percebidos nos artigos de Linguística analisados, notamos que 40% das introduções apresentaram, concomitantemente, estes dois passos sempre na mesma sequência: passo 2 seguido do passo 1, não existindo caso algum com a sequência invertida. É relevante ressaltar, ainda, que os demais exemplares do gênero apresentaram estes passos isoladamente.

Quanto à ordem dos passos do movimento 2 (*Apresentando a pesquisa*) da descrição, retomando o critério de ocorrência simultânea, 40% dos exemplares apresentaram, simultaneamente, os três passos, porém nem todos na mesma sequência. Dos quatro artigos, três evidenciaram a sequência exposta na descrição (*Apresentando objetivos – Apresentando aspecto(s) metodológico(s) – Indicando suporte teórico-metodológico*), enquanto somente 1 apresentou o passo 3 (*Indicando suporte teórico-metodológico*) antes do passo 2

(*Apresentando aspecto(s) metodológico(s)*). Já o passo 1 (*Apresentando objetivos*), presente em todos os exemplares, ocupou a primeira posição do movimento em nove artigos, e foi precedido pelo passo 2 (*Apresentando aspecto(s) metodológico(s)*) somente em um exemplar.

Ainda em relação ao segundo movimento (*Apresentando a pesquisa*), por evidenciar mais explicitamente, como já citamos anteriormente, a função retórica da unidade informacional, a terminologia que sugerimos para o passo 3 (*Indicando suporte teórico-metodológico*) substitui a terminologia oferecida por Swales (1990), no modelo CARS, para o passo 1D (*Continuar tradição*) do movimento 2 (*Estabelecer o nicho*). Ademais, propomos uma fusão entre dois movimentos do modelo CARS ao apresentarmos, no segundo movimento (*Apresentando a pesquisa*) da proposta, os passos 1D (*Continuar tradição*) e 1A (*Delimitar os objetivos*) dos movimentos 2 (*Estabelecer o nicho*) e 3 (*Ocupar o nicho*) respectivamente propostos por Swales (1990).

Tal fusão pode ser explicada pelo fato de, nos exemplares em que esses dois passos ocorrem concomitantemente, os objetivos serem citados sempre com referência ao suporte teórico-metodológico de análise. De modo geral, o suporte é apresentado como a base para a análise de determinado *corpus* com o intuito de sempre garantir o alcance dos objetivos propostos nos exemplares do gênero artigo experimental. Diante disso, considerando a íntima relação percebida entre objetivos, aspecto metodológico e suporte teórico-metodológico, acrescentamos, também, no segundo movimento (*Apresentando a pesquisa*), o passo que indica a presença de aspecto metodológico na Introdução (*Apresentando aspecto(s) metodológico(s)*).

Em termos gerais, ao sugerirmos apenas dois movimentos para caracterizar um possível comportamento de introduções de artigos experimentais de Linguística, entendemos que, como base nos resultados, os autores da referida área têm duas preocupações centrais: abordar aspectos mais gerais sobre o tema por meio do primeiro movimento (*Apresentando o tema*), que situa o leitor na área de pesquisa específica, e apresentar aspectos mais peculiares por meio do segundo movimento (*Apresentando a pesquisa*), que, mais detalhadamente, apresenta a própria pesquisa

6.2.3 Revisão de Literatura

Quanto à organização retórica da unidade de Revisão de Literatura (RL) dos artigos de Linguística, como já mencionado anteriormente, essa seção foi elaborada na maior parte dos exemplares do *corpus*, em oito artigos, mostrando-se recorrente e, possivelmente, característica da área em questão. Diante desse dado, para a análise de movimentos e passos, somente consideraremos os oito artigos com a unidade, passando então a considerá-los o total de 100%.

Nessa perspectiva, percebemos todas as seis subfunções esperadas por Motta-Roth e Hendges (2010), porém nem todas com frequência relevante. As quatro primeiras subfunções da proposta das autoras apresentaram porcentagem acima de 50%, enquanto as duas últimas apresentaram-se abaixo dessa média. A subfunção 2B (*Estender pesquisas prévias*) foi notada em todos os artigos, seguida da subfunção 2A (*Citar pesquisas prévias*), presente em cinco exemplares, e das subfunções 1A (*Estabelecer interesse profissional no tópico*) e 1B (*Fazer generalizações do tópico*), evidentes em quatro artigos. Vejamos, na figura seguinte, a frequência, em porcentagem, de cada subfunção.

Figura 22 – Frequência de unidades informacionais em revisões de literatura de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (8 artigos analisados)

Movimento 1: Situar a pesquisa

Subfunção 1A – Estabelecer interesse profissional no tópico ou	50%
Subfunção 1B – Fazer generalizações do tópico e/ou	50%
Subfunção 2A – Citar pesquisas prévias ou	62,5%
Subfunção 2B – Estender pesquisas prévias ou	100%
Subfunção 2C – Contra-argumentar pesquisas prévias ou	12,5%
Subfunção 2D – Indicar lacunas em pesquisas prévias	25%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nas subfunções sugeridas por Motta-Roth e Hendges (2010).

Sobre a figura 22, a subfunção 1A (*Estabelecer interesse profissional no tópico*), presente em 50% dos exemplares, foi construída a partir de informações que revelam a importância do tópico estudado (exemplos 22 e 23). A subfunção 1B (*Fazer generalizações do tópico*), elaborada por meio de informações gerais (exemplos 24 e 25), foi notada também em 50% dos artigos.

- (22) A importância do resumo é reconhecida hoje pela comunidade científica por seus múltiplos objetivos. (AL2)
- (23) Ler é sem dúvida uma atividade importante em todas as esferas da vida, mas quando se trata de estudar uma língua estrangeira a leitura torna-se uma ferramenta fundamental, pois através dela é possível obter informações de ordem lingüística, cultural e etc. (AL5)
- (24) Com o desenvolvimento da Análise Crítica do Discurso (ACD), foi posta em evidência a propriedade dos eventos discursivos enquanto formas de prática social ao mesmo tempo sujeitas a transformações e agentes de mudanças ideologicamente motivadas. (AL3)
- (25) Somente na metade da década de 90 a Internet começou a ser considerada como um meio adequado para aprendizagem em geral e aprendizagem de línguas, em particular. (AL7)

Já a subfunção 2A (*Citar pesquisas prévias*), presente em cinco exemplares, mostrou-se evidente a partir de citações de autores ou pesquisas anteriores sem uma extensa abordagem ou uma revisão propriamente dita da literatura da área (exemplos 26 e 27). A subfunção 2B (*Estender pesquisas prévias*), diferentemente da anterior, tratou especificamente da revisão de literatura em si, com revisão e detalhamento de itens de pesquisas prévias (exemplos, 28, 29 e 30).

- (26) Bhatia (1997b), em seu artigo intitulado *Análise de gêneros hoje*, reconhece que há uma base comum com relação à teoria de gêneros, apesar das diversas orientações apresentadas como Miller (1984), Berkenkotter e Huckin (1995), Martín (1993), Swales (1990) e Bhatia (1993) [...] (AL8)
- (27) Pajares (1992) tem um papel relevante nesse estudo sobre crenças de professores. [...] Ele nos dá alguns exemplos de diferenças de nomenclaturas para referir-se a um mesmo conceito, como: valores, atitudes, julgamento, opiniões, conceituações, pré-conceituações, teorias implícitas, teorias explícitas, estratégia de ação, regras de prática, dentre outros. (AL10)
- (28) O ato de ler envolve o uso de diversas estratégias. Segundo Goodman (1987) estratégia é “*um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informação*”. A partir desse conceito, esse mesmo autor lista pelo menos três estratégias básicas amplamente usadas pelos leitores. A primeira delas é [...] (AL5)
- (29) Maingueneau toma como base as leis do discurso. Entre elas, o princípio de cooperação. Segundo tal princípio, “o destinatário” deve supor que o produtor do enunciado respeita certas “regras do jogo” (2001, p. 31). Aí entra em cena um saber a que todos têm acesso de tal modo que um interlocutor espera que o outro acate as regras [...] (AL4)
- (30) Calderón Campos (1994, p. 51) assim se expressa em relação aos mecanismos de produção: “A informação contextual é imprescindível se queremos que o dicionário sirva para que o leitor seja capaz de usar adequadamente as palavras, e não só compreender seu significado.” O mesmo autor (p. 158) é categórico ao afirmar [...] (AL9)

Por meio da subfunção 2C (*Contra-argumentar pesquisas prévias*), presente em somente um artigo, o autor discorda de determinada abordagem teórica sobre o tema, considerando-a não adequada à sua pesquisa (exemplo 31). Já a última subfunção (*Indicar lacunas em pesquisas prévias*), evidente em dois exemplares do *corpus*, foi elaborada a partir da indicação explícita de que certo tema possui carência de estudos e pesquisas (exemplos 32 e 33).

- (31) Existem diversas possibilidades de avaliar a intervenção do leitor em um texto. Uma delas é de caráter pragmático, com viés cognitivista. O perfil do leitor é guiado por conceitos em voga como *scripts*, *frames*, planos e esquemas, tal como faz Cavalcanti (1989), que lança mão de pesquisas qualitativas e procedimentos analíticos para avaliar o ponto de vista do leitor. Não iremos, todavia, seguir a proposta da autora, porque, por coerência, julgamos melhor abraçar o ponto de vista de Maingueneau (2001), embora este autor tenha pontos de intersecção com a autora retrocitada, com os conceitos de conhecimento prévio e itens lexicais chave. Mas há também divergências que não convém discutir aqui. (AL4)
- (32) Ainda hoje não se tem uma única definição para crenças. (AL10)
- (33) Nos anos recentes, o uso da web como uma fonte de materiais para ensino e aprendizagem de língua têm se expandido e começado a se popularizar entre professores de línguas, porém pouca pesquisa empírica tem sido realizada que demonstre que o uso efetivo desses materiais nos ambientes multimídia produza resultados satisfatórios no que diz respeito ao letramento na língua estrangeira e como esses materiais são avaliados. (AL7)

Considerando os resultados encontrados, percebemos que a maioria dos autores da área de Linguística optaram por organizar a unidade de Revisão de Literatura principalmente com informações mais gerais acerca do tema e com uma abordagem mais detalhada do estado da arte.

A partir da subfunção 1A (*Estabelecer interesse profissional no tópico*), os autores introduziram o tópico a ser revisado, convidando os leitores à continuação da leitura, envolvendo-os. Essa estratégia, para Motta-Roth e Hendges (2010), funciona como uma forma de seduzir leitores em potencial capazes de reconhecer a importância do estudo. Já a subfunção 1B (*Fazer generalizações do tópico*) é uma espécie de passo que intermedia as informações que não carecem de referências e as que carecem. Como, nessa subfunção, as declarações são de caráter mais amplo sobre o estado da arte, dispensando evidências que as justifiquem por exigirem conhecimento prévio (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), esse bloco informacional prepara o terreno para que, mais adiante, os itens teóricos sejam aprofundados.

Em relação às quatro outras subfunções, aquelas que são elaboradas com referência explícita (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), nos artigos de Linguística, houve considerável frequência da subfunção 2A (*Citar pesquisas prévias*) com citações mais objetivas de autores ou teorias. Com frequência mais elevada que a subfunção anterior, a subfunção 2B (*Estender pesquisas prévias*) oferece ao leitor aspectos teóricos, “pesquisas relativas ao estado da arte, resenhadas brevemente na justificativa, resenhadas novamente em maior detalhe”, segundo o pesquisador colaborador. Além disso, essa subfunção permite a continuação de uma tradição de estudos e a revisão com mais detalhes do aparato teórico-metodológico utilizado na pesquisa ou, nas palavras do membro da área, a apresentação de alguma teoria que tenha sido usada diretamente na análise de dados.

Sobre isso, cabe aqui explicar a diferença entre essa apresentação de aparato teórico-metodológico e aquela evidenciada na Introdução de artigos da área. No caso da Introdução, há uma breve menção à base teórico-metodológica da análise, já na Revisão de Literatura, essa base, além de ser citada, é aprofundada, de modo a ser considerada a continuação de um estudo prévio.

Por fim, as duas últimas subfunções (*Contra-argumentar pesquisas prévias* e *Indicar lacunas em pesquisas prévias*) foram pouco consideradas pelos autores de Linguística, ocorrendo com baixa frequência, fato também notado nas respostas dadas no questionário pelo colaborador, que, em momento algum, fez referência sobre o conteúdo dessas unidades informacionais. Talvez, em artigos teóricos ou de revisão de literatura (BERNARDINO, 2007), essas subfunções sejam mais utilizadas, se considerarmos que esses tipos de artigo têm, respectivamente, a teoria como objeto de análise e o objetivo de aprofundar ao máximo os itens de pesquisas prévias.

Considerando os dados apresentados, notamos disparidades entre o que foi descrito por Motta-Roth e Hendges (2010) e o que realmente ocorreu nos artigos experimentais da área de Linguística. A proposta das autoras, de algum modo, retoma parte do comportamento retórico da unidade de Revisão de Literatura de artigos experimentais de Linguística, porém, tendo em vista as mudanças disciplinares refletidas no processo de escrita, por meio dos resultados, percebemos que algumas subfunções podem não ser características da área em questão.

Diante do que expusemos, pensando nos achados obtidos com a análise, chegamos a uma proposta de descrição retórica (figura 23) que nos parece mais orientada para as necessidades e os propósitos específicos da unidade de Revisão de Literatura da área de Linguística. Em nossa proposta, de modo análogo ao que fizemos durante a análise das introduções, sugerimos uma mudança de terminologia para nominar as unidades informacionais ao substituímos verbos no infinitivo por verbos no gerúndio, os quais indicam ações em andamento. Além disso, também optamos por trabalhar com movimentos e passos em substituição às subfunções, inclusive para manter uma relação mais próxima entre esses termos e verbos no gerúndio.

**Figura 23 – Descrição retórica da unidade de Revisão de Literatura de artigos
experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística**

Movimento 1: Destacando a relevância do tópico

Passo 1 – Estabelecendo interesse profissional no tópico e/ou

Movimento 2: Situando a pesquisa

Passo 1 – Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou

Passo 2 – Citando pesquisas prévias e

Passo 3 – Estendendo pesquisas prévias

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Pensando na figura 23, quanto à posição dos movimentos, dos quatro artigos que apresentaram, concomitantemente, pelo menos um passo de cada movimento, três iniciavam com o passo 1 (*Estabelecendo interesse profissional no tópico*) do movimento 1 (*Destacando a relevância do tópico*) seguido de qualquer passo do movimento 2 (*Situando a pesquisa*).

De modo mais específico, sobre o primeiro movimento (*Destacando a relevância do tópico*), o passo 1 (*Estabelecendo interesse profissional no tópico*) refere-se às diferentes formas de o autor expressar ao leitor o porquê de o assunto em questão ser realmente importante. Esse movimento e seu passo, diferentemente do que fizeram Motta-Rotth e Hendges (2010) em sua proposta, foi isolado das outras unidades informacionais, por, de fato, não tratar de itens de pesquisas prévias, mas de conhecimento geral estabelecido na área. Ademais, optamos por nomeá-los de modo a enfatizar sua principal função, que é destacar a importância do tópico e seduzir leitores em potencial.

Quanto ao segundo movimento (*Situando a pesquisa*), o passo 1 (*Fazendo generalizações sobre o tópico*) pode ser construído sem referências teóricas e refere-se a quaisquer considerações gerais necessárias com a finalidade de preparar o leitor para a leitura de tópicos com referências teóricas. Já o passo 2 (*Citando pesquisas prévias*) refere-se apenas à menção mais superficial feita a autores e teorias. O terceiro e último passo (*Estendendo pesquisas prévias*) da proposta é o mais comum, uma vez que teve frequência de 100% nos artigos. Ele trata de um detalhamento do aparato teórico-metodológico utilizado como base para a análise de dados sempre com citações explícitas de autores e teorias.

Ainda sobre o movimento 2 (*Situando a pesquisa*), em relação à ordem dos passos na proposta, como, em nenhum artigo, encontramos os três passos concomitantemente,

iniciamos a análise com a unidade informacional comum em todos os artigos: *Estendendo pesquisas prévias*. Desse modo, dos quatro artigos que apresentaram os passos 2 (*Citando pesquisas prévias*) e 3 (*Estendendo pesquisas prévias*), três foram elaborados com o passo 2 anteriormente ao 3.

Do mesmo modo ocorreu com os quatro artigos que apresentaram, ao mesmo tempo, os passos 1 (*Fazendo generalizações sobre o tópico*) e 3 (*Estendendo pesquisas prévias*), evidenciando que o passo 3 era o último do movimento. Já no tocante à ordem dos passos 1 (*Fazendo generalizações sobre o tópico*) e 2 (*Citando pesquisas prévias*), somente um artigo foi construído com esses dois passos ao mesmo tempo, apresentando o passo 1 antes do passo 2.

Encerrando essa etapa, em termos gerais, ao sugerirmos apenas dois movimentos para caracterizar um possível comportamento de revisões de literatura em artigos experimentais de Linguística, percebemos que, com base nos resultados, os autores buscam convidar os leitores a se envolverem com as questões teóricas, para que possam entendê-las bem e compreender melhor as interpretações feitas na análise de dados.

6.2.4 Metodologia

No tocante à análise da unidade de Metodologia dos artigos de Linguística do *corpus*, essa unidade somente foi construída com destaque em cinco exemplares. Nos outros artigos, as informações metodológicas eram citadas na unidade de Introdução ou de Resultados e Discussão. A partir de então, para efeito de análise e apresentação das unidades informacionais da seção em questão, os cinco artigos que destacaram a Metodologia passam a constituir o universo de 100%.

Tendo em vista a proposta de organização retórica de Oliveira (2002, 2003), percebemos a presença relevante dos movimentos 1 (*Descrição do corpus ou dos participantes da pesquisa*) e 4 (*Descrição da análise dos dados*), ficando o movimento 2 (*Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados*) com frequência nula e o movimento 3 (*Descrição dos procedimentos*) com baixa frequência.

Quanto aos passos do movimento 1 (*Descrição do corpus ou dos participantes da pesquisa*), único que apresenta subdivisões, os passos 1 (*Especificação do tamanho da*

amostra (tamanho do corpus ou número de participante)) e 3 (Especificação do corpus selecionado) ocorreram consideravelmente, enquanto o passo 2 (Especificação do perfil dos participantes) foi desconsiderado pelos autores da área em questão.

Além dos movimentos e dos passos esperados por Oliveira (2002, 2003), notamos outras quatro unidades informacionais: *Retomada*⁷⁴ *de objetivo*, *Justificativa para procedimento*, *Justificativa*⁷⁵ *para escolha do corpus* e *Apresentação de limitações da pesquisa*, presentes, respectivamente em 40%, 20%, 20% e 20% dos exemplares.

Abaixo, na figura 24, apresentamos a frequência de cada passo e das outras unidades informacionais.

Figura 24 – Frequência de unidades informacionais em metodologias de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (5 artigos analisados)

Movimento 1: Descrição do <i>corpus</i> ou dos participantes da pesquisa	
Passo 1 – Especificação do tamanho da amostra (tamanho do <i>corpus</i> ou número de participantes)	100%
Passo 2 – Especificação do perfil dos participantes	0%
Passo 2A – Especificação do sexo e idade	0%
Passo 2B – Especificação do nível de escolaridade (estudantes, professores, etc)	0%
Passo 2C – Especificação da subárea a que os participantes pertencem	0%
Passo 2D – Especificação do nível de conhecimento dos participantes na língua ou no tópico que está sendo investigado pela pesquisa)	0%
OU	
Passo 3 – Especificação do <i>corpus</i> selecionado	100%

Movimento 2: Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados	0%

Movimento 3: Descrição dos procedimentos	20%

Movimento 4: Descrição da análise dos dados	60%

Retomada de objetivo	40%

Justificativa para escolha do <i>corpus</i>	20%

⁷⁴ Seguindo Oliveira (2002, 2003), referimo-nos às outras unidades informacionais a partir de expressões nominais.

Apresentação de aparato teórico-metodológico
40%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Oliveira (2002, 2003) e nas outras unidades informacionais encontradas.

Antes de explicarmos os dados presentes na figura 24, exemplificando-os, é importante salientarmos que, em alguns blocos de informações, percebemos pistas gramaticais claras que nos auxiliaram na identificação das unidades informacionais. Em outros casos, somente identificamos essas unidades a partir do conteúdo exposto.

Diante disso, quanto ao primeiro movimento (*Descrição do corpus ou dos participantes da pesquisa*), o passo 1 (*Especificação do tamanho da amostra (tamanho do corpus ou número de participante)*), presente em todos os cinco exemplares, foi construído, principalmente, por meio de numerais indicando quantidade (exemplos 34, 35 e 36), enquanto o passo 3 (*Especificação do corpus selecionado*), presente também em todos os artigos, foi percebido a partir da observação do conteúdo, que diz respeito à apresentação de características do *corpus* analisado (exemplo 37, 38 e 39).

- (34) O *corpus* consiste de 12 (doze) exemplares de resumos escritos em português [...] (AL2)
- (35) O *corpus* de análise de nossa pesquisa compreende 72 propostas de redação [...] (AL3)
- (36) Nesta investigação, utilizamo-nos de todos os sessenta e dois inquéritos [...] (AL6)
- (37) O *corpus* de análise de nossa pesquisa compreende 72 propostas de redação do vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC), referentes aos exames que vão de 1990/1 a 2007, num total de 26 vestibulares. (AL3)
- (38) O livro possui vinte e quatro unidades, mas como se trata de um volume único, os alunos utilizam oito unidades em cada uma das séries do ensino médio de tal forma que, ao final do 3º ano, já terão visto todo o livro. (AL5)
- (39) O *corpus* consiste de 12 (doze) exemplares de resumos escritos em português e produzidos por pós-graduados do Curso de Mestrado em Educação, sendo 10 textos de dissertações da Universidade Federal do Piauí e 2 textos provenientes de dissertações da Universidade Federal de Santa Catarina, concluídas e defendidas no período de 1991 a 1998. (AL2)

Já o movimento 3 (*Descrição dos procedimentos*) (exemplo 40), percebido em apenas um artigo, e o movimento 4 (*Descrição da análise*) (exemplos 41 e 42), último da proposta de Oliveira (2002, 2003), presente em três artigos, foram notados também a partir do conteúdo apresentado.

- (40) Nesta investigação, utilizamo-nos de todos os sessenta e dois inquéritos coletados pelo projeto PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza). (AL6)

- (41) Na análise dos resumos, cada sentença foi relacionada a um dos quatros componentes dos artigos de pesquisa a saber: introdução, metodologia, resultados e discussão dos resultados. (AL2)
- (42) [...] dividimos nosso *corpus* em três períodos que correspondem, respectivamente, aos exames entre 1990/1 e 1994/2 (10 vestibulares, 23 propostas); entre 1995/1 e 2000 (8 vestibulares, 24 propostas); e, finalmente, entre 2001 e 2007 (8 vestibulares, 24 propostas). (AL3)

Sobre as unidades informacionais encontradas nos artigos que não se encaixaram nos passos oferecidos por Oliveira (2002, 2003), notamos a unidade *Retomada de objetivo* em 40% dos exemplares com apresentação explícita do termo *objetivo* (exemplos 43 e 44), a unidade *Justificativa para escolha do corpus* em 20% dos exemplares a partir de explicações a respeito da seleção de determinado material de análise (exemplo 45) e a unidade *Apresentação de aparato teórico-metodológico* em 40% dos artigos com a exposição de bases teóricas e/ou metodológicas para a análise de dados (exemplos 46 e 47).

- (43) Como nosso objetivo é descrever a mudança ocorrida nesse intervalo de tempo, comparando as propostas antes e depois da mudança [...] (AL3)
- (44) O objetivo desta análise é investigar se a organização estrutural dos resumos de dissertações na área de Educação tem as mesmas características [...] (AL2)
- (45) Para a realização desse trabalho, escolhemos o livro Espanhol *Expansión*. Primeiro pelo fato de esse material já existir há algum tempo no mercado, sendo, por isso, bastante conhecido e segundo por ser adotado em muitas escolas [...] (AL5)
- (46) [...] a análise dos resumos foi baseada no trabalho de Swales (1990), Dudley-Evans (1986) e especialmente, no de Santos (1995, 1996) que seguem o modelo descritivo e analítico de Swales (move-type analysis) para descreverem os vários estágios da organização discursiva de diferentes gêneros textuais. (AL2)
- (47) A análise qualitativa desse material baseou-se nos aspectos do foco de investigação e na perspectiva teórico-metodológica adotada nos estudos analisados. (AL8)

Pensando acerca dos resultados encontrados, percebemos que o movimento 1 (*Descrição do corpus ou dos participantes da pesquisa*) somente foi construído por meio dos passos 1 (*Especificação do tamanho da amostra (tamanho do corpus ou número de participantes)*) e 3 (*Especificação do corpus selecionado*), presentes em todos os cinco exemplares que apresentaram a Metodologia destacadamente, por os artigos apresentarem pesquisas pautadas em *corpus* e não em participantes. Vale lembrar ainda que informações referentes ao *corpus* ou à especificação dele, em alguns casos, foram recorrentes na unidade de Introdução da área de Linguística.

Ainda sobre esse movimento, a forma como os passos foram elaborados corroboram os estudos de Oliveira (2002) e algumas informações obtidas a partir da descrição do perfil da cultura da Linguística, já que o membro *expert* da área declarou que a unidade de Metodologia tem “o propósito de apresentar uma descrição, o mais clara e detalhada possível,

[...] dos sujeitos ou participantes (se for o caso), do corpus (origem, compilação, tamanho etc.)”.

Já o movimento 2 (*Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados*), desconsiderado pelos autores, relaciona-se ao movimento 3 (*Descrição dos procedimentos*), que somente foi citado em um artigo. Tal relação baseia-se no fato de que descrever materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados (movimento 2) pode implicar também a descrição dos procedimentos de coleta das informações (movimento 3). Mais especificamente em relação ao segundo movimento, é importante salientar que nem toda pesquisa é realizada com o auxílio de instrumentos, como programas de computadores, questionários e entrevistas.

Outra importante questão a ser observada é a comparação entre esses dados e as afirmações do pesquisador, que entende que a Metodologia visa a descrever detalhadamente tanto os instrumentos utilizados na pesquisa como os procedimentos de coleta dos dados, de categorização, de etiquetagem, de anotação. Quanto a isso, acreditamos que, apesar de não haver recorrência dos movimentos 2 (*Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados*) e 3 (*Descrição dos procedimentos*) no material analisado, as informações que os caracterizam podem vir a compor a Metodologia de artigos de Linguística em uma posterior análise de um *corpus* mais extenso.

Sobre o último movimento esperado por Oliveira (2002, 2003), o movimento 4 (*Descrição da análise dos dados*) mostrou-se recorrente, o que já era esperado, haja vista a necessidade de informar como a análise e a interpretação de dados foram feitas para garantir credibilidade à pesquisa. Do mesmo modo, o membro da área ressaltou que, nessa unidade retórica, os critérios de análise devem ser descritos e detalhados.

Em relação às unidades informacionais não coincidentes com a proposta que serviu de base para a análise, a *Retomada do objetivo* possivelmente objetivou lembrar ao leitor o aspecto central do estudo e justificar certas escolhas metodológicas. Já a *Justificativa para escolha do corpus* parece ser uma informação especificamente para uma situação particular, visto que não teve ocorrência relevante no *corpus* analisado. A unidade *Apresentação de aparato teórico-metodológico* também não foi construída com recorrência, talvez, devido ao fato de essa unidade ser recorrente na unidade de Introdução de artigos da área, como já destacamos em análise anterior.

Possivelmente confirmando a não recorrência dessas unidades informacionais, não encontramos, no perfil traçado da cultura disciplinar de Linguística, elementos que

indicassem ou justificassem a presença de informações desse tipo. De modo geral, no que diz respeito à construção da cultura da área, não percebemos, nos periódicos, informações que, detalhadamente, tratassem da construção da unidade retórica de Metodologia.

Considerando o que comentamos, percebemos que, em um primeiro momento, a proposta de Oliveira (2002, 2003), pensada para artigos de Linguística Aplicada, de certo modo, trata da organização da unidade de Metodologia de artigos de Linguística. Apesar disso, o comportamento retórico dessa unidade e o modelo da autora ainda apresentam algumas disparidades, fato que indica a heterogeneidade do *corpus*, composto por artigos das diversas subáreas da Linguística, como Teoria e Análise Linguística, Linguística Histórica, Linguística Aplicada.

Com base nisso, a partir dos resultados e da ordem das informações nos exemplares, pensamos em uma proposta de descrição retórica (figura 25) para metodologias de artigos de Linguística, seguindo, como fizemos nas propostas de introduções, o uso de verbos no gerúndio em substituição de nomes, com o fito de relacionar, mais diretamente, ações em andamento com movimentos e passos.

Figura 25 – Descrição retórica da unidade de Metodologia de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística

Movimento 1: Apresentando a amostra da pesquisa

Movimento 2: Apresentando análise de dados

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Comentando a figura 25, quanto à localização dos movimentos, dos cinco artigos, três apresentaram, concomitantemente, os dois movimentos, estando, em todos os casos, o movimento 1 (*Apresentando a amostra da pesquisa*) em posição anterior ao movimento 2 (*Apresentando análise de dados*).

Quanto à eliminação dos dois passos recorrentes (passo 1 – *Especificação do tamanho da amostra (tamanho do corpus ou número de participantes)* e passo 3 – *Especificação do corpus selecionado*) do movimento 1 (*Descrição do corpus ou dos participantes da pesquisa*) da proposta de Oliveira (2002, 2003), percebemos que o conteúdo dessas duas estratégias mantinha uma ligação bastante próxima, podendo ser representado por um único movimento com uma terminologia mais ampla capaz de abarcá-lo com um todo.

Assim como ocorre com o modelo de Oliveira (2002, 2003), o movimento 1 (*Apresentando a amostra da pesquisa*) foca-se na amostra utilizada na pesquisa, especificando-a e detalhando-a. No que tange às mudanças de nomenclatura, optamos pelo termo *amostra*, por sua abrangência em relação a *corpus* e sujeitos de pesquisa, e pelo termo *apresentando*, por, como já mencionamos, ser mais abrangente em relação ao nome *especificação*, sugerido por Oliveira (2002, 2003).

Já o movimento 2 (*Apresentando análise de dados*), diferentemente do que encontrou a autora, é o último da descrição do material de análise. Esse movimento também foi proposto por Oliveira (2002, 2003) e foi elaborado com o intuito de orientar o leitor acerca de como a análise de dados foi feita, o que, de certo modo, dá aos achados credibilidade e afasta possíveis dúvidas sobre a pesquisa.

Diante disso, de modo geral, pudemos notar, nesse primeiro momento, que os autores da área de Linguística, com a unidade de Metodologia, preocupam-se principalmente em apresentar o material de análise ao leitor e em apresentar como se dá a análise de tal material, buscando dar consistência ao estudo apresentado. Outrossim, o fato de nem todos os autores da área optarem por apresentar uma seção destacada no artigo para a unidade faz-nos inferir que apresentar aspectos metodológicos na Introdução, o que é comum na área em questão, como já vimos durante análise anterior, é suficiente para oferecer à pesquisa credibilidade.

6.2.5 Resultados e Discussão

Dando continuidade à análise das unidades retóricas do artigo experimental de Linguística, em relação à unidade de Resultados e Discussão, inicialmente, como já mostramos, essa unidade foi elaborada em nove dos dez artigos que compõem o *corpus*. Assim, trabalharemos com esses nove artigos, considerando-os como um total de 100%.

Mais especificamente sobre a proposta de descrição voltada para a unidade de Discussão de artigos de Linguística Aplicada de Yang e Allison (2003), percebemos que, dos sete movimentos propostos, quatro foram encontrados nos exemplares analisados: movimento 1 (*Informação geral*), movimento 2 (*Apresentando resultados*), movimento 4 (*Comentando resultados*), por meio de três de seus passos, e movimento 7 (*Deduções a partir da pesquisa*). Além desses movimentos, percebemos ainda uma unidade informacional voltada para a

apresentação de aspectos metodológicos diversos, que aqui chamamos de *Apresentando*⁷⁶ *aspecto(s) metodológico(s)*.

Abaixo, na figura 26, vejamos a frequência de cada movimento e passo bem como a frequência da outra unidade informacional encontrada:

Figura 26 – Frequência de unidades informacionais em resultados e discussões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (9 artigos analisados)

Movimento 1: Informação geral	77,77%
Movimento 2: Apresentando resultados	100%
Movimento 3: Sumarizando resultados	0%
Movimento 4: Comentando resultados	
Passo 1 – Interpretando resultados	100%
Passo 2 – Comparando resultados com a literatura	22,22%
Passo 3 – <i>Accounting for results</i>	0%
Passo 4 – Avaliando resultados	22,22%
Movimento 5: Sumarizando o estudo	0%
Movimento 6: Avaliando o estudo	
Passo 1 – Indicando limitações	0%
Passo 2 – Indicando importância/vantagem	0%
Passo 3 – Avaliando a metodologia	0%
Movimento 7: Deduções a partir da pesquisa	
Passo 1 – Fazendo sugestões	0%
Passo 2 – Recomendando pesquisa futura	11,11%
Passo 3 – Traçando implicação pedagógica	22,22%
Apresentando aspecto(s) metodológico(s)	44,44%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Yang e Allison (2003) e na outra unidade informacional encontrada.

⁷⁶ Como não há um padrão para denominar os movimentos e os passos da proposta de Yang e Allison (2003), optamos por já adotar um verbo no gerúndio para a outra unidade informacional encontrada.

Compreendendo melhor a figura 26, o primeiro movimento (*Informação geral*), presente em oito artigos, foi elaborado a partir de quaisquer comentários gerais sobre a pesquisa (exemplos 48, 49 e 50), geralmente como informação anterior à apresentação de resultados. O segundo movimento (*Apresentando resultados*), notado em todos os nove artigos, foi construído por meio da apresentação objetiva dos resultados encontrados (exemplos 51, 52 e 53), muitas vezes, com auxílio de quadros ou tabelas (exemplo 54) e de exemplos (exemplo 55).

- (48) Os tópicos que serão analisados nas atividades de leitura do material escolhido são: as estratégias de leitura exigidas pelas atividades, a variedade de atividades propostas e o ordenamento das atividades. (AL5)
- (49) No *corpus* em análise, destaco alguns dos mecanismos de natureza contextual mais comuns, empregados assistematicamente na mesma obra. Vale lembrar que há dicionários tão pobres desses recursos que podem perfeitamente ser denominados do tipo *de recepção*. (AL9)
- (50) Para realizar a tradução de um texto, faz-se necessária a aplicação de estratégias pelo tradutor, assim como comenta Cristina Valdés (1999:143) [...] (AL1)
- (51) A mudança mais significativa observada corresponde a um crescimento de 700%, do primeiro ao segundo período, na recorrência do uso de itens lexicais referentes a gêneros textuais. Entre 1990/1 e 1994/2 houve somente duas utilizações de léxicos referentes aos gêneros (carta, na proposta III de 1991/1 e manifesto, na proposta I de 1991/2), ao passo que no período seguinte houve 14 recorrências, uma frequência sete vezes maior. (AL3)
- (52) A missiva de número 9 traz uma dupla identificação por parte do leitor-missivista. Este leitor dirige-se diretamente à revista *Newsweek* para pedir que, quando o tema for o conflito Índia-Paquistão, esse órgão de comunicação não se refira à Índia como um país dominado pelo induísmo, devendo denominá-la um Estado secular. Acrescenta que a Índia possui mais mulçumanos do que o Paquistão. (AL4)
- (53) Nas mais variadas formas e extensão, os resumos continham na maior parte o padrão proposto por Santos (1995,1996), sendo que dos cinco moves apresentados nos textos, quatro correspondiam aos moves identificados nos abstracts de artigos de pesquisa e um quinto foi acrescentado ao modelo denominado ‘concluindo a pesquisa’ em substituição ao ‘discutindo a pesquisa’. Dos doze resumos, somente 6 apresentaram os cinco moves, representando 50% do total de textos analisados e somente dois apresentaram dois moves, representando 18% do total. (AL2)

TABELA 1

Efeito do contexto fonético posterior sobre a motogação do ditongo [ay]

Fatores	Apl./Total = %	Peso Relativo
Vogais	9/125 = 7	.06
[j]	114/140 = 81	.92

- (54) (AL6)
- (55) Vejamos o exemplo abaixo (Proposta I de 2006.1):

(8)

Produza um texto publicitário, para ser publicado em uma revista de circulação nacional, no qual você descreve (circunstância de modo/meio) sua “engenhoca”, esclarecendo, aos possíveis usuários, suas características, funções e usos. (AL3)

O quarto movimento da proposta tornou-se evidente por meio dos passos 1 (*Interpretando resultados*), 2 (*Comparando resultados com a literatura*) e 4 (*Avaliando resultados*). Desses passos, somente o passo 1 foi recorrente (100% dos exemplares), tornando-se evidente por meio de considerações interpretativas e explicativas a respeito dos

resultados apresentados (exemplos 56, 57 e 58). Já os passos 2 e 4, presentes em dois artigos somente, foram construídos a partir da relação explícita entre resultados e itens teóricos (exemplos 59 e 60) e de comentários avaliativos (exemplos 61 e 62).

- (56) Visualizando o Quadro 1, concluímos que as possíveis origens das crenças da professora estão, principalmente, ligadas a três fatores: (1) Crença sobre como ensinar, que muitas vezes está ligada à abordagem apenas gramatical do conteúdo; (2) Formação Inicial, que não a preparou para o uso do TL na aula de língua estrangeira, gerando a falta do conhecimento para utilizá-lo como recurso para uma aula de língua e, por fim (3) a extensa carga horária da professora, que pode ser um dos principais fatores para a falta de planejamento de aulas e, com isso, a não utilização do TL nas aulas de E/LE. (AL10)
- (57) Com relação aos recursos interativos, as atividades planejadas mostram que a interação se dá, em geral, entre o aluno e a máquina, poucas são as atividades que estimulem os aprendizes a interagir virtualmente com outros usuários. (AL7)
- (58) Esse fato talvez passasse despercebido não fosse o estereótipo que o consumidor brasileiro carrega de não apreciar a leitura de textos longos, o que leva-nos a deduzir que o tamanho das letras foi aumentado para tornar a leitura mais fácil e, assim, prender a atenção do leitor. (AL1)
- (59) No exemplo, observamos a coexistência de um léxico referindo-se a um determinado gênero textual (texto publicitário), e de outro léxico referindo-se a propriedades estruturais do texto a ser produzido pelo vestibulando (descrevendo). Isto provavelmente tem relação com a premissa de que todo processo de mudança não se institui abruptamente, pois corre o risco de causar choques culturais. Fairclough (2001) observa que as mudanças ocorrem em etapas, entre as quais traços contraditórios / inconsistentes permanecem nos textos durante uma fase de transição, até que novas hegemonias cristalizem-se também nos padrões sociais, sendo textualmente percebidas. (AL3)
- (60) A questão da diferença de intensidade expiratória nos remete ao conceito de saliência fônica. De acordo com a proposta de Guy (1986), os traços mais salientes são aprendidos mais rapidamente por serem mais perceptíveis. Por isso as novas formas são inicialmente introduzidas nestes ambientes para somente mais tarde e, mais fracamente, atingirem os ambientes com saliência mínima. [...] Os resultados aqui apresentados ratificam a hipótese de Guy, já que as sílabas tônicas, aquelas que apresentam maior saliência fônica, são as que mais influenciam a aplicação da regra. (AL6)
- (61) No entanto, é importante dizer que estes *websites* apresentam conteúdo coerente com seus objetivos e adequados ao público-alvo. (AL7)
- (62) Nota-se também o acréscimo de perguntas em que se pede a opinião pessoal do aluno sobre algum aspecto do texto o que é bastante positivo, pois estimula o estudante a refletir criticamente sobre o conteúdo do texto lido. Um outro ponto positivo é a presença de materiais autênticos extraídos de sites, livros de literatura e etc. Esses textos, bem como suas respectivas atividades, foram adequadamente incluídos no livro considerando o nível dos alunos. (AL5)

O último movimento (*Deduções a partir da pesquisa*) do modelo retórico de Yang e Allison (2003) apresentou baixa frequência com os passos 2 (*Recomendando pesquisa futura*), presente em um exemplar do *corpus*, e 3 (*Traçando implicação pedagógica*), presente em dois artigos. Nesse cenário, para elaborar o passo 2, o autor lançou a necessidade de se pesquisar mais sobre determinado tema (exemplo 63), enquanto, para construir o passo 3, mostrou as possíveis consequências pedagógicas com base nos resultados alcançados (exemplo 64).

- (63) Com relação a outras categorias semânticas, observamos uma recorrência esporádica à circunstância de ângulo e ao dizente, portanto não podemos considerar sua ocorrência como característica das propostas após a mudança. Acreditamos ainda que o aspecto da Estrutura Textual das propostas seria passível de estudo, mas não dentro dos limites deste artigo. (AL3)
- (64) Com efeito, o dicionário para o uso escolar deve ser claro em seus procedimentos, sobretudo quando se destina a alunos iniciantes no processo de escolarização. Aliás, a maioria dos dicionários estudados aqui (inclusive os considerados bons pelo MEC) podem ser considerados difíceis pelo consulente, em vários aspectos, inclusive no que diz respeito às metalínguas utilizadas. Por isso, na falta de dicionários bem estruturados e claros, é necessário que o professor forme melhor o leitor, desenvolvendo um trabalho com dicionário em sala de aula, mais eficaz e mais produtivo. (AL9)

Sobre a unidade informacional que não se encaixava na proposta tomada como base para a análise das unidades (*Apresentando aspecto(s) metodológico(s)*), em alguns artigos, foi possível notar a presença de informações referentes a material de análise, procedimentos e critérios de seleção de amostra (exemplos 65, 66, 67).

- (65) Para a análise das atividades de leitura e escrita, selecionou-se 25 sites educacionais gratuitos destinados ao ensino da língua inglesa para uma avaliação geral e para identificação daqueles que apresentam atividades de leitura e escrita. Os sites foram analisados segundo os critérios de: estrutura e organização, público-alvo (aluno, professor ou ambos), conteúdo, objetivo, recursos interativos e usabilidade (facilidade de uso e navegação). Dos 25 *websites* identificados, apenas quinze foram selecionados para análise mais detalhada das atividades de leitura e escrita. (AL7)
- (66) O Estudo foi realizado com dois professores egressos da UECE que atuam nas três séries do Ensino Médio. Escolhemos o mais antigo e mais recente graduado, correspondendo aos anos de 1992 e 2010, respectivamente. Primeiramente foram observadas 12h/a de cada professor, sendo quatro no primeiro ano, quatro no segundo e quatro no terceiro. Antes da realização das observações, fizemos uma visita às escolas para pedirmos autorização à direção, à coordenação e aos professores para coletar os dados e, ainda, conhecer os alunos antes das observações, visando o mínimo de interferências no cotidiano deles durante esse período. (AL10)
- (67) As propagandas analisadas de forma descritiva neste artigo foram nomeadas em cinco grupos gerais: tradução verbal e não tradução visual, tradução verbal e visual, não-tradução verbal e não-tradução visual, não-tradução visual e tradução verbal parcial e tradução visual e tradução verbal parcial. (AL1)

Tendo em vista os resultados encontrados, percebemos que o movimento 1 (*Informação geral*), presente em sete artigos, parece ser uma estratégia para o autor apresentar generalizações quaisquer sobre o que está sendo analisado. Tais generalizações podem representar uma forma de iniciar a análise dos dados com alguma informação relevante, como afirmam Yang e Allison (2003), para, em seguida, aprofundar-se o estudo.

Já o movimento 2 (*Apresentando resultados*) mostrou-se um movimento bastante comum devido à sua ocorrência de 100% nos exemplares, fato já esperado, pois um dos objetivos da unidade de Resultados e Discussão é a apresentação explícita de achados da pesquisa, como já mencionamos no início da análise. Outro detalhe importante diz respeito ao

uso de exemplos e tabelas nos exemplares do *corpus*, confirmando os estudos de Yang e Allison (2003).

Considerando ainda os objetivos da unidade em questão, o passo 1 (*Interpretando resultados*) do movimento 4 (*Comentando resultados*) também já era esperado em todos os artigos, já que tecer comentários interpretativos diz respeito à discussão proposta pelo autor acerca dos resultados, o que é necessário para a conclusão de uma pesquisa e o alcance de objetivos.

Ainda no tocante à função retórica da unidade, apesar de o membro da área ter apresentado separadamente a seção de Resultados e Discussão, cabe destacar a concordância de suas respostas com alguns de nossos achados. No caso da unidade de Resultados, o pesquisador declarou que a unidade tem como propósito apresentar os resultados encontrados na análise com o uso de excertos ilustrativos dos dados do *corpus*. No caso da unidade de Discussão, para o professor, o objetivo da seção é apresentar a discussão ou a interpretação dos resultados à luz do que foi resenhado na Revisão de Literatura e das percepções subjetivas e individuais do pesquisador.

Já os passos 2 (*Comparando resultados com a literatura*) e 4 (*Avaliando resultados*) do movimento 4 (*Comentando resultados*), presentes em apenas dois artigos, foram pouco considerados pelos autores, talvez, porque, na área de Linguística, as observações interpretativas são, com a apresentação de resultados, o foco central da unidade retórica.

Sobre os passos 2 (*Recomendando pesquisa futura*) e 3 (*Traçando implicação pedagógica*) do movimento 7 (*Deduções a partir da pesquisa*), encontrados em, respectivamente, um e dois exemplares, sua baixa frequência, possivelmente deve-se ao fato de tais passos serem característicos da unidade retórica de Conclusão, como veremos no tópico seguinte

Por fim, a unidade informacional *Apresentando aspecto(s) metodológico(s)*, observada em quatro artigos, possivelmente, ocorreu por três dos quatro exemplares não apresentarem uma unidade de Metodologia destacada. Além disso, cabe destacar que não há referências desse tipo de informação na unidade de Resultados e Discussão nas pesquisas prévias e nas respostas do membro da área.

Diante dos dados apresentados, parece-nos que a proposta retórica de Yang e Allison não descreve exatamente a unidade de Resultados e Discussão de artigos em língua

portuguesa da área disciplinar de Linguística. A proposta, de certa forma, encontra-se um tanto desatualizada, evidenciando que, no decorrer de aproximadamente 12 anos, o processo de escrita pode ter sofrido mudanças.

Desse modo, na figura 27, apresentamos nova proposta para a unidade em evidência nesse tópico, substituindo qualquer expressão nominal por verbos conjugados no gerúndio, como fizemos com as outras propostas que apresentamos até o momento.

Figura 27 – Descrição retórica da unidade de Resultados e Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística

Movimento 1: Introduzindo a análise de dados e

Movimento 2: Apresentando resultados e

Movimento 3: Interpretando resultados

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Sobre essa proposta, quanto à posição dos movimentos, dos nove artigos, sete apresentaram, concomitantemente os três movimentos propostos. Desses sete artigos, seis evidenciaram a mesma sequência: movimento 1: *Introduzindo a análise de dados* – movimento 2: *Apresentando resultados* – movimento 3: *Interpretando resultados*.

Quanto ao primeiro movimento (*Introduzindo a análise de dados*), sugerimos uma mudança de nomenclatura por entendermos que a nomenclatura anterior era bastante abrangente e não indicava a real função retórica do movimento. Assim, optamos por uma terminologia capaz de revelar que a unidade informacional em questão introduz a unidade e prepara o terreno para a posterior apresentação de resultados.

O segundo (*Apresentando resultados*) e o terceiro (*Interpretando resultados*) movimentos são os mais comuns e possuem nomenclaturas autoexplicativas, referindo-se, respectivamente, à apresentação de achados, muitas vezes com o apoio de figuras, e à interpretação desses achados à luz da literatura revisada e das concepções subjetivas do pesquisador.

Em termos gerais, os movimentos por nós sugeridos revelam a possível dinâmica da unidade de Resultados e Discussão de artigos de Linguística, auxiliando o pesquisador no alcance de seus objetivos e na conquista de respostas para seus questionamentos.

6.2.6 Conclusão

Partindo para a análise da unidade de Conclusão, presente nos dez artigos que compõem o *corpus*, com base na proposta de Yang e Allison (2003), encontramos, em 100% dos exemplares, o movimento 1 (*Sumarizando o estudo*). O movimento 2 (*Avaliando o estudo*) ocorreu somente por meio do passo 1 (*Indicando importância/vantagem*), em um artigo, e do passo 2 (*Indicando limitações*), em dois artigos. Já o movimento 3 (*Deduções a partir da pesquisa*) somente se mostrou recorrente com o passo 2 (*Traçando implicação pedagógica*), presente em cinco artigos. A seguir, na figura 28, temos a frequência de todos os movimentos e passos.

Figura 28 – Frequência de unidades informacionais em conclusões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística (10 artigos analisados)

Movimento 1: Sumarizando o estudo	100%
<hr/>	
Movimento 2: Avaliando o estudo	
Passo 1 – Indicando importância/vantagem	10%
Passo 2 – Indicando limitações	20%
Passo 3 – Avaliando a metodologia	0%
<hr/>	
Movimento 3: Deduções a partir da pesquisa	
Passo 1 – Recomendando futuras pesquisas	30%
Passo 2 – Traçando implicação pedagógica	50%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Yang e Allison (2003).

Entendendo melhor a figura 28, o primeiro movimento (*Sumarizando o estudo*) foi construído a partir de informações que retomavam objetivos da pesquisa, metodologia, resultados e interpretações (exemplos 68, 69 e 70). O segundo movimento (*Avaliando o estudo*) foi construído por meio do passo 1 (*Indicando importância/vantagem*), em um artigo, com apresentação de contribuições para a área de estudo (exemplo 71), e do passo 2 (*Indicando limitações*), em dois exemplares, com informações indicando limitações do próprio estudo (exemplo 72).

- (68) Neste trabalho, tentei relatar e caracterizar a organização estrutural de resumos baseados em dissertações de mestrado na área de Educação como um gênero discursivo específico ou como um tipo de texto acadêmico bastante praticado por quem desenvolve e relata resultados de pesquisa. A abordagem de análise textual proposta por Swales foi aplicada para caracterizar os resumos. No nível de macroestrutura, a organização discursiva dos resumos foi descrita em um esquema de cinco moves, no qual os moves 1, 2, 3, e 4 estiveram presentes em todos os textos e por isso são considerados obrigatórios. Ao nível de microestrutura, tentamos caracterizar os elementos lingüísticos empregados nos resumos e que foram observados através da evidência textual. Concluiu-se que os autores usam diferentes recursos lingüísticos para caracterizar diferentes moves dependendo do propósito comunicativo de cada move do gênero em foco. Como os gêneros textuais são tipos de textos que têm convenções específicas reconhecidas pela comunidade acadêmica ou científica internacional, esta pesquisa tentou mostrar através de um esquema de cinco moves como se caracterizam os resumos que acompanham as dissertações de mestrado adaptados do modelo de Santos (1995,1996) para abstracts de artigos de pesquisa. Percebemos uma leve diferença entre a organização dos resumos e dos abstracts, com relação ao quinto move, diferença essa justificada pela necessidade de os autores comunicarem as conclusões alcançadas ou sugestões apresentadas para a solução do problema investigado. (AL2)
- (69) Os dicionários brasileiros, sobretudo aqueles classificados pelo MEC, uns mais que outros, apresentam mecanismos de explicação, diversificados. No entanto, tais informações se apresentam assistematicamente no interior de um mesmo dicionário e de forma escassa. Os referidos mecanismos dão ao usuário instruções sobre o uso das unidades léxicas consultadas, sendo os mais comuns: contorno definicional (regime argumental), exemplos de aplicação, marcas de uso. As explicações, do tipo exemplo de aplicação, voltadas para a orientação de produção textual, são raras mesmo nos recomendados com distinção, se se considerar a avaliação do MEC. Tais mecanismos, quando ocorrem, apresentam-se assistematicamente nos dicionários considerados bons e excelentes. Nos considerados menos adotados, os exemplos quase não aparecem. (AL9)
- (70) Percebemos, através dessas observações preliminares, que identificar e entender as crenças dos professores é um trabalho complexo, uma vez que cada um constrói suas crenças de maneira única. No entanto, é necessário conhecê-las, pois algumas dessas crenças podem ser prejudiciais ao processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. O professor tem papel fundamental no ensino/aprendizagem dos alunos e, portanto, é importante que o professor que atua no ensino médio saiba como trabalhar o texto literário numa aula de E/LE, levando em consideração, principalmente, o nível dos alunos e o objetivo da aula. (AL10)
- (71) Também acreditamos que nosso trabalho irá contribuir para o estudo da comunicação, mídia e propaganda por oferecer aos estudiosos e profissionais de publicidade, material de pesquisa em um campo ainda pouco explorado no Brasil, como já enfatizamos anteriormente, que é a tradução de propagandas. (AL1)
- (72) Tendo em vista o caráter breve desse estudo, optamos por encerrar nesse ponto nossas considerações, não sem antes propor sugestões para se trabalhar [...] (AL5)

Já o último movimento (*Deduções a partir da pesquisa*) tornou-se evidente em três artigos com o passo 1 (*Recomendando futuras pesquisas*), destacando a necessidade de mais pesquisas sobre determinado tema (exemplos 73 e 74), e em cinco artigos com o passo 2 (*Traçando implicação pedagógica*), evidenciando possíveis consequências pedagógicas com base nos resultados alcançados (exemplos 75, 76 e 77).

- (73) Para finalizar, consideramos que os dados aqui apontados podem contribuir, de forma relevante, para investigações futuras, particularmente aquelas que dizem respeito aos desdobramentos de mudanças discursivas em propostas de vestibular para as questões relacionadas ao tratamento da produção textual no ensino médio. Eis, então, um convite a futuras pesquisas. (AL3)
- (74) No entanto, muitas pesquisas ainda precisam ser realizadas para se conhecer as práticas pedagógicas com novas tecnologias na aprendizagem de língua estrangeira em contextos mediados por computador e o impacto dessa aprendizagem na vida real dos alunos. (AL7)

- (75) Finalmente, gostaríamos de ressaltar a utilidade de se propor um esquema padrão como instrumento pedagógico a ser utilizado na sala de aula. Segundo Carrell (1985), se os estudantes têm consciência da estrutura de texto, eles irão compreendê-lo mais facilmente e produzi-lo de forma mais coerente. (AL2)
- (76) Tendo em vista o caráter breve desse estudo, optamos por encerrar nesse ponto nossas considerações, não sem antes propor sugestões para se trabalhar de maneira mais profunda os textos a fim de desenvolver a habilidade de compreensão leitora dos alunos. (AL5)
- (77) Os mecanismos de natureza contextual estão presentes, não suficientemente, mas (espera-se) que nas edições seguintes sejam acrescentados mais recursos e que se apresentem com critérios e de forma sistemática. Afinal, são fundamentais no dicionário escolar, para que a função codificadora venha servir às necessidades escolares. (AL9)

A partir dos resultados encontrados, o movimento 1 (*Sumarizando o estudo*), movimento considerado comum dada a sua frequência de 100%, é uma forma de o autor recapitular o percurso traçado durante a pesquisa, além de apresentar resultados e interpretações globais. Com essa estratégia, o autor pode se sentir mais livre para escolher quais informações merecerão destaque na unidade de Conclusão.

Já o movimento 2 (*Avaliando o estudo*) não se mostrou recorrente, podendo não ser característico do comportamento retórico da unidade em evidência nesse tópico. Diferentemente, o movimento 3 (*Deduções a partir da pesquisa*) apresentou considerável frequência com o passo 2 (*Traçando implicação pedagógica*) talvez devido ao fato de a área de Linguística ligar-se intimamente a assuntos educacionais e pedagógicos tanto no ensino básico como no ensino superior, como podemos verificar na descrição do perfil da área com base no relatório de avaliação mais atualizado da Capes. Ademais, a recorrência desse passo na Conclusão justifica sua baixa frequência na unidade de Resultados e Discussão, como averiguamos em tópico anterior.

Ainda, as informações encontradas nos exemplares vão ao encontro do que afirma o membro da área de Linguística. Para ele, a Conclusão é responsável por apresentar uma retomada dos resultados, uma avaliação da pesquisa com base no alcance ou não dos objetivos propostos, a verificação de hipóteses, sumarizando assim o estudo ou parte dele. Outrossim, para o professor, é nessa unidade que autores apontam as implicações, os impactos ou as contribuições sociais e pedagógicas dos resultados da pesquisa.

Diante desses dados, na figura 29, apresentamos nova proposta de descrição retórica para a unidade de Conclusão, mantendo a terminologia com verbos no gerúndio.

Figura 29 – Descrição retórica da unidade de Conclusão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística

Movimento 1: Sumarizando o estudo e/ou

Movimento 2: Traçando implicações pedagógicas

Fonte: elaboração de nossa autoria.

No que diz respeito à figura 29, quanto à posição dos movimentos, cinco artigos apresentaram, ao mesmo tempo, os dois movimentos, sempre na mesma ordem: movimento 1 (*Sumarizando o estudo*) seguido do movimento 2 (*Traçando implicações pedagógicas*).

O primeiro movimento (*Sumarizando o estudo*), como já afirmamos anteriormente, trata de uma unidade informacional bastante comum que deixa o autor com certa liberdade para escolher quais informações de pesquisa devem ser recapituladas e destacadas. Já o segundo movimento (*Traçando implicações pedagógicas*) revela de que modo o estudo, como um todo, relaciona-se a possíveis consequências nos âmbitos educacionais e pedagógicas.

Por fim, de modo geral, os dois movimentos propostos para a unidade de Conclusão de artigos de Linguística pautam-se em informações mais globais e em sugestões com implicações práticas.

6.2.7 Referências

Encerrando o trabalho de análise de artigos de Linguística, a última unidade retórica recorrente é a unidade de Referências, realizada por meio de um único movimento: *Listando*⁷⁷ *referências completas de todos os trabalhos citados*. Vejamos, a seguir, na figura 30, a frequência desse movimento nos artigos da área.

⁷⁷ Como não há uma descrição para a unidade de Referências em que possamos nos basear para nomear o movimento encontrado, optamos por já adotar uma expressão com verbo no gerúndio.

Figura 30 – Frequência de unidades informacionais em referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área disciplinar de Linguística (10 artigos analisados)

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados	100%
--	-------------

Fonte: elaboração de nossa autoria.

A figura 30 é bastante simples por ser composta por apenas um movimento autoexplicativo. A unidade de Referências⁷⁸ organiza-se em torno de uma lista com informações em ordem alfabética que, de modo geral, precisam ser completas, como bem pontua o professor doutor que respondeu ao questionário, com dados que versam, por exemplo, sobre título de textos e de livros, nome e sobrenome de autores, volume e edição de livros e revistas, editora. A título de ilustração, seguindo o padrão de análise de dados, vejamos três exemplos a seguir:

- (78) BONINI, A. Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 37, p. 7-23, 2001. (AL3)
- (79) MARTIN, J. R. *English text: system and structure*. John Benjamins: Amsterdam. 1992. (AL8)
- (80) NONEMACHER, T. M. Formação de professores de espanhol como língua estrangeira. In ROTTAVA, Lucia; LIMA, Maria dos Santos. (orgs.) *Linguística aplicada – Relacionando teoria e prática no ensino de línguas*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. pp. 75-109. (AL10)

Com base nesses dados, a partir do movimento 1 (*Listando referências completas de todos os trabalhos citados*), os autores listam todas as referências citadas durante a escritura do artigo, permitindo que o leitor tenha uma visão mais geral de toda a base teórica utilizada na pesquisa e tenha acesso a informações detalhadas que contribuam com a busca de materiais teóricos em mídia impressa ou em mídia digital.

Essa organização em torno de apenas um movimento justifica-se, também, pelas orientações dadas pelos periódicos da área. Apesar de as revistas não tratarem esmiuçadamente das unidades retóricas do artigo de pesquisa, priorizando somente questões formais, a unidade de Referências é aquela que recebe mais atenção e é sempre mencionada nas diretrizes aos autores, inclusive com vários exemplos, os quais seguem a ABNT.

⁷⁸ Em alguns casos, periódicos da área possuem regras próprias para a apresentação das referências.

Assim, diante dos dados encontrados, vejamos, na figura 31, nossa proposta de descrição retórica para essa unidade, a qual contempla o único movimento encontrado com nomenclatura pautada em verbo no gerúndio.

Figura 31 – Descrição retórica da unidade de Referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Como podemos perceber, o único movimento proposto para essa descrição da unidade de Referências de artigos da área de Linguística foi elaborado por meio de uma nomenclatura autoexplicativa, não exigindo maiores comentários. Diante disso, finalizada essa etapa de análise de artigos experimentais completos da área disciplinar de Linguística, na figura 32 a seguir, apresentamos a descrição do referido gênero a partir da compilação de todas as propostas de organização retórica aqui sugeridas.

Figura 32 – Descrição retórica de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística

INTRODUÇÃO

Movimento 1: Apresentando o tema

Passo 1 – Fazendo generalização/ões sobre o tópico e/ou

Passo 2 – Estabelecendo a importância da pesquisa e

Movimento 2: Apresentando a pesquisa

Passo 1 – Apresentando objetivos e/ou

Passo 2 – Apresentando aspecto(s) metodológico(s) e/ou

Passo 3 – Indicando suporte teórico-metodológico

REVISÃO DE LITERATURA

Movimento 1: Destacando a relevância do tópico

Passo 1 – Estabelecendo interesse profissional no tópico e/ou

Movimento 2: Situando a pesquisa

Passo 1 – Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou

Passo 2 – Citando pesquisas prévias e

Passo 3 – Estendendo pesquisas prévias

METODOLOGIA

Movimento 1: Apresentando a amostra da pesquisa e/ou

Movimento 2: Apresentando análise de dados

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Movimento 1: Introduzindo a análise de dados e

Movimento 2: Apresentando resultados e

Movimento 3: Interpretando resultados

CONCLUSÃO

Movimento 1: Sumarizando o estudo e/ou

Movimento 2: Traçando implicações pedagógicas

REFERÊNCIAS

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

Fonte: elaboração de nossa autoria.

7. A CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE MEDICINA E A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA DO ARTIGO EXPERIMENTAL

7.1 UM OLHAR PARA A CULTURA DISCIPLINAR

Continuando a complexa tarefa de buscar compreender como diferenças disciplinares influenciam na escrita de artigos experimentais, a descrição da cultura disciplinar da Medicina faz-se necessária, mostrando-nos, como esperado, aspectos distintos daqueles existentes na cultura disciplinar da Linguística. Nesse sentido, como já afirmamos, nosso trabalho baseia-se na construção das particularidades de cada cultura a partir de um olhar múltiplo das principais esferas que servem de fonte de informações.

Antes de iniciarmos a descrição da cultura, é importante lembrar a classificação das áreas de conhecimento feita pela Capes e apresentada em subtópico anterior. Assim, a hierarquização proposta por esse órgão de fomento divide-se em grande área, área do conhecimento ou área básica, subárea e especialidade. Partindo disso, tendo em vista a cultura disciplinar da Medicina, temos a seguinte subdivisão: Ciências da Saúde como grande área, Medicina como área do conhecimento, Medicina I, Medicina II e Medicina III como subáreas, havendo, ainda, várias especialidades em cada subárea, as quais listamos a seguir:

- 1) Medicina I: clínica médica, angiologia, dermatologia, cancerologia, endocrinologia, cardiologia, gastroenterologia, pneumologia, nefrologia, fisioterapia e medicina legal e deontologia.
- 2) Medicina II: arlegologia e imunologia clínica, hematologia, neurologia, pediatria, doenças infecciosas e parasitárias, reumatologia, saúde materno-infantil, psiquiatria, anatomia patológica e patologia clínica e radiologia médica.
- 3) Medicina III: ginecologia e obstetrícia, oftalmologia, ortopedia, cirurgia plástica e restauradora, cirurgia otorrinolaringológica, cirurgia oftalmológica, cirurgia cardiovascular, cirurgia torácica, cirurgia gastroenterológica, cirurgia pediátrica, neurocirurgia, cirurgia urológica, cirurgia proctológica, cirurgia ortopédica, cirurgia traumatológica, anestesiologia e cirurgia experimental.

Quanto a uma explicação para o agrupamento dessas especialidades em cada subárea, não encontramos na literatura ou no relatório da Capes informações que justificassem com detalhes a disposição apresentada. No máximo, encontramos que as Medicinas I e II incluem especialidades de larga abrangência na área médica e da saúde e que a Medicina III abarca as especialidades da área cirúrgica.

De modo mais específico, no que tange à área do conhecimento, assim como fizemos ao descrever a área de Linguística, iniciando o trabalho de construção e caracterização, temos a visão de um dos órgãos de fomento à pesquisa, a Capes, por meio do relatório mais atualizado de avaliação trienal das áreas de conhecimento, o documento de área 2013. Diferentemente da primeira área avaliada, a Capes não elaborou um único relatório para a área de concentração da Medicina, tendo realizado três avaliações diferentes, uma para cada subárea.

Desse modo, com base nos referidos documentos, entendemos que a Medicina I vem-se consolidando após o estabelecimento de um perfil de programas predominantemente multidisciplinares. A subárea tem como característica a interdisciplinaridade, estimulada em torno do desenvolvimento de projetos de formação e de produção do conhecimento focados em áreas temáticas, o que propicia o desenvolvimento qualificado da área visível no número de teses e dissertações defendidas (mais de 3700 ao longo dos últimos dez anos) e no número de publicações em periódicos multidisciplinares muito bem conceituados.

Sua relação interdisciplinar com transferência e compartilhamento de metodologias contribui para a expansão das fronteiras de assistência, de gestão e de produção científica e tecnológica, sendo fundamental e vital para a sobrevivência da subárea, já que agrega conhecimento e gera outros novos com melhoria consequente em todos os processos.

Nesse cenário, praticamente todos os cursos de pós-graduação em Medicina I atendem à demanda de profissionais de diferentes formações por entender que a complexidade atual da ciência e a sua evolução necessitam da aproximação de metodologias apropriadas por diferentes pesquisadores e áreas de conhecimento. A subárea, então, hoje é formada por programas que, em 75% dos casos, possuem propostas multidisciplinares.

Nesse tocante, considerando a avaliação de 2013 da Capes, existem 86 cursos, sendo 24 em Ciência da Saúde, nove em Ciências Médicas, 15 em Medicina ou Medicina e Saúde, cinco em Saúde, Tecnologia em Saúde e Saúde e Sociedade e três em Fisiologia Médica. Desse total, oito cursos possuem mestrado, três possuem doutorado, 64 possuem

mestrado e doutorado e 11 possuem mestrado profissionalizante. Especialmente devido ao número e ao perfil qualitativo das publicações da área e ao crescente número de publicações e teses defendidas, esses dados evidenciam um aumento em relação ao triênio anterior, que somente apresentava 80 programas credenciados.

Quanto à uma distribuição regional, há ainda uma heterogeneidade, uma vez que só há um curso na região Norte, 12 cursos no Nordeste, dois no Centro-Oeste, 55 no Sudeste e 16 no Sul, o que é resultado de diferentes densidades regionais de instituições, núcleos e docentes qualificados envolvidos em pesquisa. Sobre isso, para a implantação de novos programas pelo Brasil, propostas com coerência, com multidisciplinaridade e com disciplinas de formação eminentemente metodológicas são valorizadas e estimuladas.

Mais particularmente em relação à educação básica, a subárea considera importantes a existência e o incremento de atividades de extensão voltadas à difusão do conhecimento que lapidem jovens talentos de escolas públicas para a área de pesquisa. Os programas de pós-graduação podem implantar propostas, diretrizes e discussões em nível de ensino fundamental e médio, por meio de programas de extensão extramuros, corpo docente qualificado, alunos de mestrado e doutorado, propiciando mudanças de realidades que influenciam negativamente a saúde e o bem-estar de populações.

No que tange à subárea de Medicina II, semelhantemente à subárea anterior, existe uma tendência que se consolidou na última década: a interdisciplinaridade, exigência natural do que vem acontecendo na Ciência como um todo e na Saúde em particular. Cada vez mais, torna-se evidente uma participação maior de profissionais não médicos nos programas de Medicina II e uma dependência entre geração de conhecimento com impacto relevante na saúde e na interação de saberes e experiências variados, como bioquímica, farmacologia, genética e engenharias.

O perfil dessa subárea é vasto e abrangente, tendo sofrido constante incremento de novos programas, especialmente na modalidade acadêmica, e aumento qualitativo com o crescimento de nota para boa parte dos programas e com o número expressivo de cursos que receberam notas 6 ou 7. A Medicina II inclui vários programas de larga abrangência na área médica e da saúde, contando com diversas especialidades, às quais também se vinculam cursos denominados Ciências da Saúde. Em suas áreas de atuação, os cursos desenvolvem estudos das áreas clínicas e básicas, muitos com forte componente experimental, como componentes básicos aplicados à saúde.

No que diz respeito a uma distribuição nacional, ainda há uma grande assimetria. Dos 82 programas, 77 são de mestrado e doutorado e cinco são de mestrado profissional, não

havendo, na área, apesar de seu potencial, mestrado profissional associado à residência médica. Desse total de cursos, quatro estão credenciados na região Norte, 12 no Nordeste, seis no Centro-Oeste, 49 no Sudeste e 11 no Sul, dados que representam um desafio à área, visto que a formação de pessoas qualificadas e a geração de conhecimento novo em Medicina e Saúde são essenciais para melhorar a assistência à população de qualquer parte do país.

Quanto ao envolvimento da subárea com o ensino fundamental e médio, até o momento, a Medicina II não se envolve diretamente com a educação básica, mas reconhece a necessidade de novas e mais eficazes ações a serem implantadas no sentido de aproximar os dois extremos da formação educacional.

Já a subárea de Medicina III tem como característica central ser eminentemente cirúrgica, incluindo todas as áreas de conhecimento médico-cirúrgicas. Cada especialidade apresenta suas especificidades e, a partir do início de sua criação, tem tido forte caráter multi/interdisciplinar, envolvendo outras áreas de conhecimento, como biologia, biofísica, genética, fisioterapia, desde a abordagem médica até o diagnóstico, o planejamento operatório, o seguimento, a recuperação pós-operatória e a prevenção.

Tal questão interdisciplinar tem contribuído para o progresso do conhecimento científico e da prática cirúrgica, modificando os pensamentos e as metodologias de pesquisa, as formas de ensino e o atendimento, a infraestrutura, as linhas de pesquisa, a estrutura curricular, a inclusão de corpo docente e discente e a própria produção bibliográfica na área.

A subárea inclui programas da área cirúrgica, da cirurgia geral e de todas as especialidades cirúrgicas, existindo, atualmente, 39 programas de pós-graduação: 32 de mestrado e doutorado, quatro de doutorado e três de mestrado profissional, uma quantidade um tanto inferior ao número de cursos das duas outras subáreas, que possuem, cada uma, mais de 80 cursos credenciados. Os programas da Medicina III são distribuídos assimetricamente com elevada concentração na região Sudeste: 28 cursos em São Paulo, três no Rio de Janeiro, três em Minas Gerais, dois no Paraná, um no Ceará e um em Pernambuco.

Sobre a educação básica, a Medicina III tem tido pequena inserção no ensino fundamental e médio devido às características desses níveis de ensino, que não abrangem, de forma direta, conteúdos tão específicos relativos às especialidades cirúrgicas. Assim, a atuação da subárea tem se restringido a atividades didáticas com a participação de alunos em visitas aos laboratórios dos pesquisadores.

Para a criação de novos cursos de mestrado e doutorado, nos documentos de área 2013 da Capes, os requisitos e as orientações são apresentados, havendo algumas diferenças

entre as três subáreas. O primeiro ponto trabalhado nos relatórios é a proposta do programa, que, no caso da Medicina I e da Medicina II, deve explicitar claramente os objetivos do novo curso, os quais devem ser coerentes com a área, havendo compatibilidade desses propósitos com o campo científico no qual a proposta se insere.

A justificativa para a implementação do programa também deve vir exposta com foco na pertinência da área de concentração e sua íntima ligação com as linhas de pesquisa, os projetos em desenvolvimento e as dissertações finalizadas. Além disso, a proposta deve enfatizar a relevância temática do curso e os impactos locais, regionais ou nacionais, além da descrição do perfil esperado para o egresso titulado.

A matriz curricular, de caráter metodológico, deve conter o conjunto de disciplinas e a forma de organização do curso, proporcionando formação em investigação científica com disciplinas que forneçam aos alunos os fundamentos metodológicos para a prática da pesquisa e a divulgação de seus resultados.

No caso de mestrado profissional, como as propostas estimuladas devem agregar competências e metodologias que tenham como objetivos a formação profissional qualificada e a prática inovadora, o aluno deve ser induzido a explorar e a desenvolver os aspectos de inovação e de aplicação tecnológica na sua área de atuação, qualificando o exercício profissional. Devido a isso, o curso deve ter uma clara fonte de financiamento materializada em contratos ou convênios entre instituições e entes do setor de saúde interessado na formação de seus profissionais.

Não pode haver duplicação de cursos na mesma instituição ou cursos semelhantes, sendo essencial nota 3 ou superior para aprovação de proposta no caso de mestrado, inclusive profissional, e nota 4 ou superior no caso de doutorado.

Já no caso da subárea de Medicina III, a proposta de novos cursos apresenta divergências em relação às propostas das subáreas anteriores, especialmente na descrição de pontos a serem considerados em uma possível avaliação. Nesse sentido, a descrição da proposta deve ser clara, com coerência entre os objetivos e os processos de formação do alunado. As áreas de concentração, as linhas de pesquisa e os projetos de pesquisa deverão estar bem articulados para dar subsídio aos projetos e às linhas de pesquisa e à atuação científico-tecnológica.

Entre vários aspectos citados no relatório da subárea, espera-se a listagem dos projetos de pesquisa, a listagem dos docentes permanentes participantes de cada linha de

pesquisa e dos projetos com distribuição equilibrada, o detalhamento da estrutura curricular, a apresentação das ementas com bibliografia, a contratação de docentes, a incorporação de pós-doutores e mecanismos de apoio à pesquisa, o apoio de hospitais universitários com políticas voltadas para pesquisas translacionais e tecnológicas.

Em suma, essa proposta deverá demonstrar que o novo curso terá condições de funcionamento com adequada infraestrutura e massa crítica suficiente para assegurar qualidade e abrangência acadêmica.

Quanto ao mestrado profissional da Medicina III, os cursos têm características distintas dos programas de mestrado acadêmico em termos de objetivos formativos, projetos de formação, composição do corpo docente, natureza da produção intelectual de docentes e discentes, formatos dos trabalhos de conclusão, requisitos avaliativos.

O objetivo desse tipo de mestrado é promover a formação de profissionais com alta qualificação técnico-científica e com experiências que atendam às necessidades locais, regionais e nacionais, devendo a proposta do curso ser suficientemente diferenciada de iniciativas de atualização profissional, como aquelas promovidas pelos cursos de especialização. Essa proposta deve apresentar articulação consistente na produção de conhecimento e na inovação voltadas à solução de problemas humanos, propondo formação que permita a familiarização com as atividades estabelecidas no campo da pesquisa científica.

O segundo tópico trabalhado nos relatórios diz respeito ao corpo docente, que, em Medicina I e II, deve ser formado integralmente por professores doutores, sendo, pelo menos, 10 docentes permanentes, no caso de mestrado, inclusive profissional, 15 docentes em cursos de Medicina I e 12 em cursos de Medicina II, no caso de doutorado. Os docentes em programas de mestrado devem ter experiência na orientação de alunos de graduação e/ou especialização, e, de preferência, parte já deve ter orientado mestres e/ou doutores. Os professores de doutorado já devem ter orientado mestres e doutores, no caso de cursos da Medicina I, e doutores, no caso de cursos da Medicina II.

Em programas da Medicina III, a composição do corpo docente precisa estruturar-se para garantir a sustentação e a continuidade do programa e da sua capacidade de orientação e produção intelectual. Em programas com doutorado, esse corpo deve ser bem qualificado e revelar independência científica a partir de publicações e experiência em orientação de mestrado. Quanto à sua estrutura, o número mínimo de docentes permanentes para a implantação de mestrado acadêmico ou profissional não pode ser inferior a dez e deve ser

igual ou superior a 12 para a implantação de doutorado. Em cursos de mestrado profissional, nas três subáreas, o corpo docente deve ser integrado equilibradamente por doutores, profissionais e técnicos com experiência em pesquisa aplicada ao desenvolvimento e à inovação e com experiência em orientações prévias.

Quanto ao terceiro ponto dos relatórios, a atividade de pesquisa fundamenta-se, nas subáreas de Medicina I e II, na vinculação entre proposta geral do curso e linhas e projetos de pesquisa, de modo que projetos isolados somente serão aceitos se representarem contribuição efetiva para o curso ou se tiverem potencial para a criação de novas linhas. Além disso, a participação de alunos de graduação nos projetos é algo que deve ser incentivado, enquanto projetos financiados por agências de fomento são particularmente valorizados.

A Medicina III, diferenciando-se um pouco das outras subáreas, entende que as linhas de pesquisa devem ser compatíveis com as áreas de concentração e devem ter um número compatível com a dimensão da produtividade do corpo docente permanente. É fundamental, pois, que as linhas sejam produtivas quanto à publicação e à orientação.

Sobre a produção intelectual, quarto ponto do relatório, a produção dos docentes deve estar intimamente relacionada à proposta do curso, às áreas de concentração e às linhas de pesquisa. Tal produção, para efeito de pontuação, apenas valerá se for publicação de artigos completos em periódicos e registros de patentes publicados em bases nacionais e/ou internacionais, dependendo da subárea.

Quanto ao mestrado profissional da primeira subárea, serão consideradas produções técnicas do corpo docente permanente, atendendo à estratificação do *Qualis-Periódicos* da área. Já a segunda subárea valoriza patentes depositadas, livros, capítulos de livros, relatórios técnicos, diretrizes e/ou protocolos sobre procedimentos diagnósticos ou terapêuticos, *softwares* e outros produtos que revelem inovação ou aplicação tecnológica na prática dos serviços de saúde.

Ainda no aspecto sobre a produção intelectual, a subárea de Medicina III considera a importância de essa produção ser compatível com a proposta do programa. No caso de uma proposta de curso de doutorado, a produção deve ser expressiva tanto em qualidade, aferida pelo *Qualis*, como em quantidade, aferida pela boa distribuição entre pesquisadores. A subárea valoriza artigos e patentes e, ainda, no caso de mestrado profissional, processos e protocolos de relevância e impacto na área, registros de patentes e produção técnica de qualidade compatível com a proposta do novo curso.

Quanto ao quinto tópico do relatório, que se refere à infraestrutura de ensino e pesquisa oferecida, a instituição deve contar com laboratórios específicos e efetivamente vinculados ao desenvolvimento dos projetos de pesquisa, como, no caso da Medicina II, hospitais, unidades de saúde, centros de atendimento a pacientes, laboratórios de investigação. Além disso, é necessário que haja biblioteca com acervo dos principais títulos em meio impresso ou eletrônico, salas para docentes e discentes e espaços compatíveis com as necessidades dos programas.

Por fim, o sexto e último ponto abordado no documento de área trata de recomendações quaisquer consideradas importantes para a implantação e o êxito de um novo curso. No tocante às subáreas de Medicina I e II, a experiência prévia do corpo docente e da instituição em atividade de investigação científica, atestada por produção intelectual compatível com as atividades propostas, é vista como condicionante básico para a criação de novos cursos. No que se refere à Medicina III, é fundamental que a proposta de um curso novo seja capaz de refletir a realidade de produção científica, técnica e de inovação tecnológica e a inserção social de docentes permanentes no que diz respeito à formação de pessoas qualificadas, ao mercado de trabalho, ao atendimento das necessidades do Sistema Único de Saúde – SUS brasileiro e ao desenvolvimento de pesquisa.

Relacionadas às propostas de novos cursos estão as considerações e definições sobre internacionalização e inserção internacional das subáreas. Nessa questão, de modo geral, na Medicina, a internacionalização da pós-graduação volta-se para a implantação de ações institucionais como dispor-se e disponibilizar-se a fazer parcerias com instituições estrangeiras, permitir fluxos de discentes e docentes, minimizar impactos burocráticos e culturais que naturalmente existem.

Outro assunto em evidência nos relatórios da Capes é a discussão sobre avaliação de periódicos conhecida como *Qualis-Periódicos*, que é o referencial de análise da qualidade das produções. Diante disso, a produção intelectual é avaliada por meio de artigos completos publicados em periódicos científicos com política editorial de revisão por pares, não sendo consideradas outras formas de divulgação, como livros, capítulos, resumos.

Sob essa ótica, na avaliação dos periódicos de Medicina, existem oito estratos, A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, e, para ser incluído nos sete primeiros, é necessário que o periódico tenha fator de impacto (FI) aferido pela base indexadora do ISI – *Institute for Scientific Information* – ou *cites per doc* medidas pela base Scimago.

Sobre esse método de avaliar periódicos, cabe uma breve explicação com base em Pinto e Andrade (1999). Segundo esses autores, em meados da década de 60, surgiu a Cienciometria, área do saber voltada à análise de aspectos quantitativos sobre geração, propagação e utilização de informações científicas a partir de índices bibliométricos obtidos em bancos de dados que catalogam parte da literatura científica mundial. Nesse cenário, surgiu o *Institute for Scientific Information* (ISI), que organiza um dos bancos de dados mais utilizados.

Para a escolha dos periódicos que compõem o banco de dados do ISI, existem dois critérios: a periodicidade e o impacto da revista, o qual é medido pelo número de citações de seus artigos em outras revistas (PINTO; ANDRADE, 1999). Mais detalhadamente, para calcular o fator de impacto de um periódico em 2014, por exemplo, é preciso seguir a seguinte fórmula: número de citações feitas, em 2014, de artigos publicados em 2012 e em 2013 dividido pelo número de artigos publicados nesses dois anos. Desse modo, para ilustrar, se, em 2014, quaisquer revistas citaram 90 artigos dos 150 publicados em 2012 e em 2013 por determinado periódico, o fator de impacto desse periódico será de $90/150 = 0,6$. Seguindo a mesma fórmula, as *cites per doc* foram criadas como uma alternativa ao fator de impacto.

Dito isso, vejamos o perfil apresentado pelas subáreas de Medicina I e Medicina II na tabela 2 e o perfil da subárea de Medicina III na tabela 3:

Tabela 2 – Perfil e percentual de periódicos em cada estrato (Medicina I e Medicina II)

Estrato	FI ou <i>cites per doc</i>
A1	> 4.0
A2	2.8 – 3.99
B1	1.6 – 2.79
B2	0.8 – 1.59
B3	0.2 – 0.79
B4	< 0.2 + Medline; ISI, Scopus, Scielo

B5	Lilacs e outras bases
C	Sem indexador: periódicos irrelevantes para a área como veículos para disseminação de conhecimento

Fonte: Documento de área 2013 Capes.

Tabela 3 – Perfil e percentual de periódicos em cada estrato (Medicina III)

Estrato	FI ou <i>cites per doc</i>
A1	≥ 4.0
A2	≥ 2.85
B1	≥ 1.6
B2	≥ 0.8
B3	≥ 0.001
B4	Medline, Lilacs, Scielo
B5	Outras bases
C	Sem classificação no ISSN

Fonte: Documento de área 2013 Capes.

Tendo em vista esses dados, cabe ressaltar que a indexação em bases internacionais, de amplo acesso e veiculação, confere classificação mais elevada. Ainda, conforme orientação da grande área Ciências da Saúde, os pesos de acordo com os estratos são A1 – 100, A2 – 80, B1 – 60, B2 – 40, B3 – 20, B4 – 10 e B5 – 5.

A partir dos dados do documento de área 2013 da Capes, assim como ocorreu com a área de Linguística, esse órgão de fomento construiu sua visão da área disciplinar de Medicina com base em questões mais gerais acerca do perfil e da estrutura de cursos de pós-graduação. No entanto, diferentemente do que fez com a cultura disciplinar anterior, a Capes elaborou três relatórios diferentes, sendo uma para cada subárea da Medicina. Apesar disso,

aspectos ligados às especialidades de cada área não foram necessariamente considerados. Também de forma semelhante à Linguística, o relatório evidenciou a importância dos membros disciplinares e do gênero artigo acadêmico e dos periódicos para a sobrevivência da área e para a disseminação do conhecimento nesse campo.

Os perfis das duas culturas disciplinares, apesar de traçados de modo semelhante, diferenciam-se sobremaneira. Propostas de programas, número mínimo de docentes, envolvimento com educação básica e, especialmente, critérios de qualificação de periódicos são aspectos que revelam diferenças disciplinares fulcrais. Diante dessas diferenças e da hipótese de que periódicos de áreas disciplinares distintas diferenciam-se por meio de seus objetos, seus métodos e suas diretrizes para autores, consideramos necessário apresentar uma visão da área disciplinar de Medicina que se diferencia daquela apresentada pela Capes e mais se aproxima de membros da área em evidência.

Desse modo, na área de Medicina, existem diversos periódicos distintos, especialmente, devido ao seu estrato no *Qualis-Periódicos*. Na lista atualizada de periódicos de todas as áreas disciplinares avaliados pela Capes e sua qualificação, encontramos, aproximadamente, 11410 títulos de revistas das três subáreas da Medicina.

Nesse trabalho, compilamos várias revistas, buscando o mesmo critério de seleção utilizado na compilação de periódicos de Linguística: aqueles dos quais retiramos os artigos analisados. Além disso, diferentemente do que fizemos na descrição da área anterior, apresentaremos, concomitantemente, as associações às quais as revistas estão vinculadas.

Nesse sentido, a compilação é composta por nove periódicos⁷⁹ e oito associações distintas, a saber: Revista Ciência e Saúde Coletiva, da Associação Brasileira de Ciência e Saúde Coletiva (ABRASCO); Acta Ortopédica Brasileira, da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT); Revista Brasileira de Educação Médica, da Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM); Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT); Jornal Brasileiro de Transplantes, da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO); Arquivos de Neuropsiquiatria, da Academia Brasileira de Neurologia (ABN); Revista Brasileira de Reumatologia, da Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR); Revista de Saúde Pública, da Universidade de São Paulo (USP), e Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO).

⁷⁹ Um único periódico publicou mais de um artigo.

Conhecendo melhor os periódicos, a primeira revista, a Revista Ciência e Saúde Coletiva, *Qualis* B3, publica debates, análises e resultados de investigações sobre temas relevantes para a saúde coletiva, além de artigos de discussão e análise do estado da arte da área e das subáreas, mesmo que não versem especificamente sobre o tema central da revista.

Quanto às diretrizes apresentadas aos autores, os textos em geral são divididos em seções: Introdução, Métodos, Resultados e Discussão. Além dessas seções, caso haja necessidade, pode haver, anteriormente às Referências, uma unidade de Agradecimentos, destinada à especificação daqueles que contribuíram com a pesquisa, mas não a ponto de serem considerados coautores, como aqueles que forneceram apoio técnico. A unidade de Referências deve vir com as referências do trabalho numeradas de acordo com a ordem em que são citadas nos textos, e, no final do artigo, devem ser especificadas as contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho.

Por fim, a revista segue o propósito da associação da qual faz parte, a Associação Brasileira de Ciência e Saúde Coletiva (ABRASCO), a qual se destina a atuar como mecanismo de apoio e articulação entre centros de treinamento, ensino e pesquisa em saúde coletiva com intuito de fortalecer mutuamente as entidades-membro e ampliar o diálogo com a comunidade técnica e científica, com as organizações governamentais e não governamentais e com a sociedade civil.

O segundo periódico da compilação, a Acta Ortopédica Brasileira, *Qualis* B4, recebe artigos originais e artigos de revisão para a avaliação por pares. Em relação às diretrizes àqueles que desejam submeter seus artigos para a publicação, a revista detalha, consideravelmente, as unidades retóricas que devem estar presentes nos textos.

Nessa perspectiva, a Introdução deve apresentar o assunto e o objetivo do estudo, além de fornecer citações sem fazer qualquer revisão externa do conteúdo. A unidade de Materiais e Métodos descreve o experimento em termos de qualidade e quantidade e os procedimentos suficientemente detalhados a fim de permitir que outros pesquisadores reproduzam os resultados ou continuem o estudo. Ainda, nessa seção a aprovação do comitê de ética de determinada instituição deve ser indicada, independentemente de o estudo tratar de seres humanos ou animais.

Na unidade de Resultados, os autores devem apresentar os resultados em uma sequência lógica, usando tabelas e ilustrações. Nessa seção, somente devem ser enfatizados ou sumarizados os achados mais importantes sem repetições de dados presentes nas figuras. Já a

unidade de Discussão enfatiza novos e importantes aspectos do estudo. Também, métodos anteriormente publicados podem ser comparados com o estudo do artigo com o intuito de se evitarem resultados repetidos.

A seção denominada Conclusões deve ser clara e concisa e estabelecer a conexão entre a conclusão e os objetivos do estudo. A unidade de Agradecimentos é destinada às pessoas que colaboraram intelectualmente com o estudo, porém com contribuições que não justificam uma coautoria. Já as Referências devem ser numeradas consecutivamente de acordo com a primeira aparição no texto. Quanto à existência de conflitos de interesses, os autores devem manifestar no artigo o suporte financeiro recebido, além de outros detalhes que possam indicar relações pessoais e políticas, por exemplo.

O periódico Acta Ortopédica Brasileira é organizado pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), que tem como objetivos, entre outros, congrega os especialistas em Ortopedia e traumatologia, promover responsabilidade na formação de especialistas, contribuir para a elaboração e consecução da política de saúde pública e o aperfeiçoamento do sistema médico assistencial público e privado.

A terceira revista por nós analisada é a Revista Brasileira de Educação Médica, *Qualis* B4, voltada para a publicação de debates, análise e resultados de investigações sobre temas considerados relevantes para a educação médica. Todos os originais enviados ao periódico são avaliados por dois pareceristas no que diz respeito à pertinência temática, às normas gerais de encaminhamento e à qualidade científica do trabalho. Ainda, esses textos devem apresentar a unidade de Referências com referências numeradas de acordo com a ordem de entrada no texto.

Ademais, cabe aos autores indicarem a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética da instituição em que o trabalho se insere bem como as informações sobre a existência ou não de algum tipo de conflito de interesse. De modo geral, é possível perceber a grande divergência entre essa revista e as outras duas apresentadas até o momento. Enquanto as outras prezam mais pelo detalhamento e explicitam qual a estrutura retórica dos artigos, esse periódico opta pela supressão de informações muitas vezes necessárias.

Quanto à associação que organiza esse terceiro periódico, a Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM) busca, entre outras ações, aprimorar a educação médica por meio da aproximação das escolas médicas e de saúde pública do Brasil com o intuito de

atender às necessidades médicas do país; aperfeiçoar os métodos de ensino nas instituições de ensino médico; apoiar e aperfeiçoar a pesquisa científica na área das Ciências da Saúde.

A Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, *Qualis* B3, o quarto periódico, publica pesquisas originais relacionadas a doenças tropicais, medicina preventiva, saúde pública, doenças infecciosas. Os novos trabalhos são avaliados primeiramente por profissionais da secretaria da revista quanto à adequação às normas para depois serem encaminhados a, pelo menos, dois pareceristas.

Suas normas e suas diretrizes versam, em detalhes, sobre a organização das seções dos trabalhos, que devem ser constituídos de Introdução, Métodos, Resultados, Discussão, Conclusões, Agradecimentos e Referências. Nesse sentido, a Introdução deve ser curta e destacar os objetivos do estudo com citação de estudos anteriores de relevância somente quando necessário. Os métodos devem ser detalhados de modo suficiente para que leitores e revisores compreendam precisamente o que foi realizado e para que o estudo possa ser repetido por outros pesquisadores. Ainda, é preciso destacar se a pesquisa está de acordo com os padrões éticos do comitê de ética responsável.

Os Resultados devem relatar concisa e impessoalmente novas informações sem, preferencialmente, repetições de dados e tabelas e ilustrações no texto. A Discussão deve relacionar-se com o estudo relatado sem incluir uma revisão geral sobre o assunto. Os Agradecimentos devem ser curtos, concisos e restritos, enquanto as Referências devem ser numeradas consecutivamente na ordem em que aparecem no texto. Outro aspecto fundamental no estudo é a informação sobre qualquer conflito de interesse que tenha existido durante a pesquisa.

A associação que organiza o periódico, a Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT), divulga temas de interesse na área de doenças tropicais, buscando promover e incentivar estudos e pesquisas relativos à Medicina Tropical em seus aspectos epidemiológicos, etiológicos, clínicos, fisiopatológicos, terapêuticos e preventivos sem deixar de considerar os condicionantes físicos biológicos e socioeconômicos.

O quinto periódico da compilação, o Jornal Brasileiro de Transplantes, *Qualis* B5, destina-se à publicação de artigos com divulgação de resultados da pesquisa científica sobre a área de transplantes de órgãos e especialidade afins. Esses trabalhos devem ser organizados em Introdução, Métodos, Resultados, Discussão, Conclusão, Referências numeradas na ordem

em que são citadas no texto, além de Agradecimentos, seção destinada àqueles que prestaram colaboração intelectual, auxílio técnico ou de fomento.

Essa revista vincula-se à Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO), que, entre outros objetivos, busca estimular o desenvolvimento de todas as atividades relacionadas com os transplantes de órgãos no Brasil e estimular a pesquisa e a difusão de conhecimentos sobre transplantes de órgãos.

A Revista Arquivos de Neuropsiquiatria, *Qualis* B2, sexto periódico, publica artigos originais, editoriais, artigos de revisão, imagens em Neurologia de interesse clínico e discussões de casos didáticos, buscando contribuir com o aprimoramento do atendimento aos pacientes com doenças neurológicas, a formação dos neurologistas, a pesquisa clínica, a educação continuada e a orientação prática ao neurologista.

Mais especificamente em relação aos artigos, a estrutura retórica desses trabalhos deve conter Introdução com objetivo da pesquisa, Métodos, seção destinada a tratar de sujeitos e procedimentos de pesquisa, com referência explícita às normas éticas e à comissão de ética responsável, Resultados, Discussão, Agradecimentos e Referências.

Esse periódico associa-se à Academia Brasileira de Neurologia (ABN), que, entre outras finalidades, espera contribuir para o progresso da Neurologia e das ciências afins, mediante promoção e patrocínio de eventos científicos, edição ou distribuição de publicações científicas, concessão de prêmios e outras atividades com objetivos semelhantes.

O sétimo periódico é a Revista Brasileira de Reumatologia, a qual publica artigos sobre temas reumatológicos e correlatos após a análise pelo conselho editorial. Os artigos devem conter Introdução, Material e Métodos ou Pacientes e Métodos, Resultados e Discussão, Agradecimentos e Referências. Mais detalhadamente, é na Introdução que os autores definem propósitos e razões para a realização do trabalho, não sendo recomendada extensa revisão da literatura da área.

Na seção de Material e Métodos ou Pacientes e Métodos, os autores devem incluir informações suficientes que permitam a reprodução do trabalho e citar os métodos empregados em análises estatísticas. Além disso, é necessário explicitar, quando pertinente, a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética institucional. Na seção de Resultados, os achados devem ser apresentados de modo claro e conciso sem duplicar informações de tabelas e gráficos. Já na Discussão, os resultados devem ser interpretados no contexto da literatura atual.

A seção de Agradecimentos volta-se às pessoas que contribuíram com técnicas, discussão e envio de pacientes, por exemplo. Já a unidade de Referências deve ser organizada a partir da ordem em que as citações ocorrem nos textos. Por fim, cabe aos autores, para garantir a credibilidade dos artigos publicados, revelar a existência de conflitos de interesse.

A associação que organiza essa revista é a Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR), a qual tem como missão promover a excelência da Reumatologia, por meio do incentivo ao ensino, à pesquisa e à assistência, e contribuir com a elaboração de políticas públicas voltadas à saúde e ao bem-estar do paciente reumático. Outrossim, a SBR busca congrega reumatologistas e promover, divulgar e ampliar a abrangência do exercício da especialidade.

O oitavo periódico é a Revista de Saúde Pública, *Qualis A*, organizada pela Universidade de São Paulo (USP). Todos os artigos submetidos à publicação devem possuir objetivos claros e hipóteses, *design* do estudo e métodos, resultados, discussões e conclusões e passar pela revisão por pares.

No que diz respeito à organização retórica dos textos, as diretrizes da revista orientam que os artigos devem seguir, preferencialmente, a estrutura considerada como convencional: Introdução, Métodos, Resultados e Discussão. Assim, a Introdução deve ser breve, definir o assunto estudado, sumarizar sua relevância e destacar as lacunas do conhecimento que será abordado no artigo. Os Métodos podem incluir uma compreensiva e concisa descrição da população que compõe o estudo ou das fontes de informação, amostragem e seleção de critérios e procedimentos analíticos. Ademais, devem comentar sobre a aprovação, quando necessária, da pesquisa pelo comitê de ética institucional.

Já a unidade de Resultados deve incluir somente os resultados encontrados sem quaisquer interpretações ou comparações e sem repetições do conteúdo presente em tabelas e figuras. A seção de Discussão deve incluir a apreciação dos autores acerca das limitações do estudo, do confronto de suas principais implicações e das eventuais sugestões para novas linhas de pesquisa.

Além dessas informações, os autores podem incluir uma unidade para os agradecimentos àqueles que colaboraram intelectualmente com a pesquisa e devem acrescentar a unidade de Referências com os autores listados em ordem alfabética. Por fim, é preciso ainda indicar se houve ou não conflitos de interesses para garantir a credibilidade das publicações.

O nono e último periódico é a Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, *Qualis* B3, que publica contribuições originais sobre temas relevantes no campo da Ginecologia, da Obstetrícia e das áreas correlatas. Sobre a estrutura retórica dos trabalhos, os artigos submetidos a essa revista devem conter Introdução, Métodos, Resultados, Discussão, Agradecimentos e Referências.

Mais detalhadamente, na Introdução, a situação atual dos conhecimentos sobre o tópico em estudo e as divergências e as lacunas que possam eventualmente justificar o desenvolvimento do trabalho devem ser mostradas, sem haver revisão extensa da literatura da área. Na unidade de Métodos, o planejamento do trabalho deve ser indicado, os critérios para a seleção de pacientes ou de grupo experimental devem ser descritos e os equipamentos e os reagentes devem ser identificados. Além disso, caso a metodologia de trabalho aplicada já tenha sido empregada anteriormente, é preciso indicar as suas referências.

Na seção de Resultados, os achados relevantes para o objetivo do trabalho devem ser apresentados em sequência lógica sem interpretações e sem repetições em tabelas e ilustrações. Na Discussão, devem ser realçadas informações novas e originais obtidas na investigação, as observações dos autores do artigo com as de outros autores devem ser comparadas e relacionadas com comentários e explicações a respeito das diferenças. Também, nessa seção, é importante explicar as implicações e as limitações dos achados e fazer recomendações decorrentes.

A unidade de Agradecimentos volta-se às pessoas que tenham colaborado intelectualmente com a pesquisa, mas com contribuição que não justifica coautoria, ou àquelas que tenham fornecido apoio material. Já a unidade de Referências deve ser organizada a partir da ordem em que as citações ocorrem nos textos. Além dessas informações retóricas, a revista aponta a necessidade de os autores apresentarem a existência ou não de conflitos de interesses e a aprovação, se necessária, da pesquisa pelo comitê de ética responsável.

Esse periódico vincula-se à Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), que, entre outros objetivos, tem como finalidade patrocinar, promover, apoiar e zelar pelo aperfeiçoamento técnico e científico, pelos interesses econômicos e pelos aspectos éticos do exercício profissional dos ginecologistas e obstetras.

Diante do que expusemos, assim como ocorre na área de Linguística, não há um único objeto de estudo para as revistas e as associações, o que já era esperado, devido aos desdobramentos da Medicina em subáreas e especialidades. Outro detalhe bastante

importante, à semelhança da área disciplinar de Linguística, é o método de avaliação de novos trabalhos para submissões em periódicos: o sistema de avaliação por pares. Ao que parece, isso é uma exigência geral da Capes para a boa avaliação dos periódicos, transformando esse procedimento metodológico em uma escolha quase obrigatória das áreas e, conseqüentemente, uma característica disciplinar delas.

Sobre as diretrizes que norteiam a escrita de novos textos, possivelmente, nessa questão encontramos a principal diferença entre as culturas disciplinares desse estudo e uma contribuição substancial dos periódicos para a área de Medicina. Na maioria dos casos, as revistas de Medicina explicitam quais as unidades retóricas de artigos acadêmicos, detalhando-as, diferentemente do que fazem os periódicos da área de Linguística.

Assim, podemos inferir que as orientações apresentadas nos periódicos normatizam a produção do gênero artigo, obrigando os autores a obedecer ao que lhes é imposto para que haja aceitação do trabalho submetido e sua posterior publicação.

Após compreendermos, de modo geral, como periódicos e associações tratam a área de Medicina, especialmente no que diz respeito às publicações, complementando nossa tentativa de entender as visões das diferentes esferas acadêmicas, buscamos entender como membros da referida área tratam de algumas questões sobre gêneros acadêmicos, especialmente o artigo científico, principal material de análise neste estudo.

Desse modo, na visão de um mestrando da área disciplinar de Medicina, dentre os gêneros acadêmicos, a exemplo de resumos, resenhas, teses, dissertações, o artigo acadêmico é o de maior importância para fins práticos. Justificando sua escolha, esse membro disciplinar afirma que, por meio desse gênero, é possível produzir modelos e hipóteses capazes de melhor identificar e tratar doenças e agravos à saúde.

Ademais, de acordo com o estudante colaborador, o referido gênero investiga, de maneira empírica e científica, dados concretos que auxiliem em decisões diagnóstico-terapêuticas; estimula a discussão em torno de temas polêmicos da Medicina e fomenta apresentações e evoluções dos modelos que já existem; revisa e apresenta, de maneira sistemática, os conhecimentos já disponíveis, como ocorre nos artigos de revisão; fornece, de maneira imparcial e confiável, dados oficiais sobre epidemiologia (quantidade e distribuição de doentes com determinado diagnóstico) a partir dos órgãos competentes e dos grupos de pesquisa consagrados; serve como instrumento de análise (número e qualidade dos artigos) para a distribuição de recursos a partir de fontes financiadoras.

Em relação aos tipos de artigo predominantes na área, na opinião do colaborador, há maior predominância de artigos de apresentação e análise de dados, apesar de isso depender das especialidades. Quanto à principal forma de publicação desse gênero, os estudos são publicados e apresentados em congressos para aprimorar e divulgar o trabalho, além de serem publicados em revistas da área de interesse.

No que diz respeito às publicações em coautoria, na área em questão, a prática é bastante comum, segundo a resposta do estudante. Para ele, ninguém é detentor de todo conhecimento, e a coautoria trata de uma colaboração para expansão de ideias e utilização de recursos em vários grupos.

Já no tocante à organização retórica do gênero, para o membro da área, os principais elementos são a Introdução, o Objetivo, os Métodos, os Resultados e a Discussão. Com mais detalhes, a Introdução caracteriza o problema estudado e suas fronteiras, o Objetivo traça a razão pela qual se quer estudar determinada questão, os Métodos mostram a maneira pela qual espera obter-se respostas, os Resultados apresentam dados empíricos, enquanto a Discussão mostra o que se pode induzir e intuir a partir dos resultados e apresenta limitações e repercussões do estudo.

Percebemos, então, que o mestrando, apesar de conhecer quais elementos compõem um artigo de pesquisa, não os detalha, enquanto os periódicos da área esmiúçam as unidades obrigatórias dos textos a serem publicados, tornando-se nossa principal fonte de informações.

Finalizando essa etapa, passemos ao estudo das unidades retóricas de artigos experimentais da área de Medicina analisados à luz das teorias resenhadas até aqui e do perfil traçado para a área a partir de três diferentes visões.

7.2 UM OLHAR PARA A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA

7.2.1 Unidades retóricas

No tocante aos dados obtidos por meio da análise da organização retórica dos artigos, a área disciplinar de Medicina apresentou recorrência das seguintes unidades

retóricas: Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusão e Referências. A seguir, observemos a frequência de todas as unidades encontradas.

Figura 33 – Frequência das unidades retóricas em artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados)

Introdução	100%
Metodologia	100%
Resultados	80%
Discussão	80%
Resultados e Discussão	20%
Conclusão	50%
Referências	100%
Agradecimentos	30%
Colaboração dos Autores	30%
Conflito de Interesses	10%

Fonte: elaboração de nossa.

Entendendo melhor a figura 33, percebemos a Introdução em todos os exemplares, confirmando o que disse o colaborador da área sobre essa seção compor a organização retórica do gênero. Além disso, quanto à descrição da área, dos nove periódicos, oito elencaram, detalhadamente, além de outras seções, essa unidade como parte obrigatória dos artigos a serem publicados. Assim, sem Introdução, possivelmente, as revistas rejeitariam trabalhos submetidos para publicação.

Outra questão importante diz respeito aos estudos sobre essa unidade. Como já comentamos no tópico de análise anterior, os estudos de Swales (1990) e os de Motta-Roth e Hendges (2010) confirmam esses dados por considerarem a Introdução um item indispensável na escrita de um artigo. Ademais, Nwogu (1997), ao analisar toda a organização retórica de artigos de Medicina escritos em inglês, acrescenta a seção de Introdução em sua proposta de descrição, conforme a ocorrência em seu *corpus* de análise.

Sobre a Metodologia, todos os artigos apresentaram uma seção destacada para a apresentação de tópicos metodológicos, evidenciando o caráter comum dessa unidade. Esses

dados corroboram, inicialmente, o modelo IMRD de Swales (1990), apesar de este ter sido proposto há aproximadamente 25 anos, e os trabalhos de Motta-Roth e Hendges (2010), autoras que destacam a unidade. De modo particular, essa alta frequência vai ao encontro daquilo que Nwogu (1997) encontrou em suas pesquisas, revelando a importância da seção para a área em questão, especialmente quando o interesse é oferecer credibilidade às descobertas apontadas nos Resultados, evitando críticas e dúvidas a respeito da pesquisa (LIM, 2006).

Quanto à descrição do perfil da cultura disciplinar de Medicina, temos ainda os comentários do membro colaborador, o qual declarou ser a Metodologia uma das principais seções que caracterizam o artigo experimental. Já os periódicos da área, em sua maioria, também, apresentaram diretrizes e normas orientando os autores a escreverem a unidade de Metodologia para a publicação de novos textos. Parece-nos, então, que essa seção é de cunho obrigatório na organização retórica de artigos de Medicina.

Em relação aos Resultados, presentes em oito exemplares do gênero, ao que tudo indica, a apresentação, de forma objetiva, de achados sem associação com explicações e interpretações em uma seção destacada parece ser uma característica da área de Medicina. Esse fato é confirmado tanto pelas respostas do membro da área como pelos periódicos, os quais consideram Resultados e Discussão como duas unidades distintas, com funções retóricas diferentes. Conseqüentemente, a seção de Discussão também foi percebida em oito artigos. Quanto a isso, as revistas e o pesquisador colaborador enfatizam sua importância e sua necessidade para a área.

Ainda, considerando as contribuições de Swales (1990), os achados, até o momento, ratificam o modelo IMRD, exaltando a credibilidade dos trabalhos swalesianos. Outrossim, Nwogu (1997), em sua proposta de descrição para artigos de Medicina, apresenta unidades retóricas distintas para Resultados e Discussão, levando-nos a crer que, de fato, a área em questão aborda essas duas seções separadamente.

Como algo já esperado, em 20% dos exemplares, percebemos uma única unidade para a apresentação de resultados e interpretações, reforçando o que diz Swales (1990) sobre alguns autores apresentarem uma mescla das unidades de Resultados e Discussão. Também, isso nos recorda os trabalhos de Motta-Roth e Hendges (2010) e Silva (1999), visto que essas autoras comentam a respeito da existência de uma única unidade para Resultados e Discussão para artigos de pesquisa. Cabe ainda lembrar que Silva (1999) analisou artigos da área de

Química, ratificando a hipótese inicial de que culturas disciplinares distintas constroem diferentemente gêneros acadêmicos.

Em relação à Conclusão, unidade presente em 50% dos exemplares analisados, podemos citar o trabalho de Motta-Roth e Hendges (2010). Essas autoras afirmam que essa seção pode aparecer como uma subparte da unidade de Resultados e Discussão (ou somente Discussão no caso da Medicina) ou como uma unidade separada, evidenciando seu caráter facultativo e não obrigatório. Na área em questão, os resultados confirmam essa questão por apontarem para uma escolha metodológica que, em igual porcentagem, ora destaca a unidade, ora a exclui.

Já nos trabalhos de Swales (1990) e de Nwogu (1997), não encontramos referências a essa possibilidade apresentada pelas autoras, uma vez que as estratégias informacionais que poderiam compor a unidade de Conclusão são apresentadas como subdivisão da unidade de Discussão. É importante destacar que, no caso dos estudos de Nwogu (1999), essa subdivisão ocupa a última posição do último movimento da seção, o que nos faz questionar uma possível separação dessas estratégias de condução de informações (BIASI-RODRIGUES, 1998).

No tocante ao perfil construído para a área de Medicina, o mestrando, em suas respostas, declarou que a última unidade de um artigo de pesquisa é a de Discussão, concordando com Nwogu (1997). Quanto aos periódicos descritos, apenas três destacam uma unidade de Conclusão como parte dos artigos que devem ser submetidos à publicação, fazendo-nos inferir que, ainda que haja a possibilidade de se apresentar seções distintas para Discussão e Conclusão, a opção que mais predomina, na descrição do perfil da área e nas pesquisas prévias, diz respeito à junção dessas unidades.

Passando às Referências, elaboradas em todos os artigos, podemos dizer que não encontramos observações retomando essa unidade nem nas pesquisas prévias, nem nas respostas do membro da área. Já as normas e as diretrizes dos periódicos deram ênfase a essa unidade, confirmando, com os dados do *corpus*, seu caráter obrigatório. Ademais, mesmo sem referências a respeito dessa seção enquanto unidade retórica, como já afirmamos, entendemos que, assim como todas as subdivisões do artigo, as Referências realizam uma função comunicativa, compondo a organização geral desse gênero.

Os Agradecimentos, unidade voltada ao agradecimento de pessoas que contribuíram com a pesquisa, mas não ao ponto de serem consideradas coautoras, ocorreram

em três exemplares. Essa seção não foi considerada como parte obrigatória pelo mestrando, mas foi percebida nas normas de seis revistas. Cabe ainda destacar que não necessariamente, em toda pesquisa, devem existir pessoas, além dos autores de fato do artigo, que contribuíram com o estudo, justificando, possivelmente, a baixa frequência da unidade.

Já a unidade de Colaboração dos Autores volta-se à descrição e apresentação daquilo que cada autor realizou no decorrer da pesquisa. No *corpus*, somente a percebemos em três exemplares, mesmo com todos os artigos produzidos em coautoria. Quanto à isso, enquanto apenas uma revista mencionou essa seção, o membro da área não a considerou subdivisão de um artigo experimental, legitimando seu caráter facultativo.

Como última unidade encontrada nos exemplares, temos a seção de Conflitos de Interesse, voltada a informações referentes a quaisquer relações políticas e pessoais, por exemplo, que possam indicar eventuais conflitos de interesses. Essa unidade, elaborada em apenas um artigo, não foi mencionada pelo membro da área e foi orientada por seis revistas. Com base nos dados e no perfil da área, entendemos que a baixa frequência da unidade deve-se ao fato de nem sempre existirem, em pesquisas, tais conflitos, levando, talvez, autores a pensarem que relatar essa não existência de conflitos seja desnecessário, já que a ausência da unidade já indica isso.

Encerrando esse momento de apresentação das unidades retóricas notadas em artigos experimentais de Medicina, ressaltamos que, na literatura, não percebemos informações referentes às três últimas unidades apresentadas, indicando a necessidade de mais estudos, já que, de certo modo, ainda que com frequência irrelevante, essas seções compõem, por vezes, artigos experimentais de Medicina e, por consequência, o perfil da área.

Tendo em vista as ocorrências da figura 33 e a discussão feita, reunimos, em uma proposta de descrição, as unidades retóricas que talvez descrevem o comportamento de artigos experimentais de Medicina. Vejamos, então, a figura 34.

Figura 34 – Descrição das unidades retóricas de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

Unidade retórica 1: Introdução e

Unidade retórica 2: Metodologia e

Unidade retórica 3: Resultados e

Unidade retórica 4: Discussão e/ou

Unidade retórica 5: Conclusão e

Unidade retórica 6: Referências

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Explicando a proposta, quanto à posição das unidades retóricas, inicialmente, lembramos o critério de ocorrência simultânea para a investigação da ordenação das unidades. Com base nesse critério, investigamos e identificamos a ordem predominante de seções, movimentos e passos quando estes ocorrem, ao mesmo tempo, em algum exemplar analisado.

Assim, dos dez artigos, somente três apresentaram, simultaneamente, as seis unidades propostas sempre na mesma sequência: unidade retórica 1: Introdução – unidade retórica 2: Metodologia – unidade retórica 3: Resultados – unidade retórica 4: Discussão – unidade retórica 5: Conclusão – unidade retórica 6: Referências.

Quanto a essa sequência, a Introdução, em todos os artigos, ocupou a primeira posição, seguida da Metodologia, enquanto as Referências, em nove artigos, foram elaboradas como última unidade, ficando, em um exemplar, após a Colaboração dos Autores e os Conflitos de interesses, unidades as quais não consideramos devido à pouca ocorrência. De modo geral, não houve, em momento algum, inversão de ordem, como Metodologia vir antes dos Resultados ou Conclusão antes da Discussão. No máximo, houve eliminação de alguma unidade, uma vez que nem todos os artigos foram escritos com todas.

Em suma, ao sugerirmos uma proposta de descrição com seis unidades retóricas, excedemos a descrição IMRD proposta por Swales (1990) para áreas disciplinares distintas e por Nwogu (1997) para a Medicina e, mais especificamente, apresentamos a descrição IMRDCR como o possível comportamento retórico de artigos experimentais da cultura disciplinar da Medicina. Por fim, passemos aos tópicos seguintes em que analisaremos aspectos particulares de cada seção, caracterizando detalhadamente cada unidade retórica com base em Nwogu (1997).

7.2.1 Introdução

Nos dez artigos analisados, percebemos a presença da unidade retórica de Introdução e dos três movimentos propostos por Nwogu (1997). Quanto aos movimentos, somente os movimentos 2 (*Revisando pesquisas relacionadas*) e 3 (*Apresentando nova pesquisa*) apresentaram-se de modo relevante. Em relação aos passos, os passos do movimento 2 (*Apresentando nova pesquisa*) foram empregados em maior quantidade em comparação aos dos outros movimentos. No que tange à ocorrência de unidades informacionais que não se encaixaram na proposta de Nwogu (1997), percebemos apenas uma: *Apresentando*⁸⁰ *hipótese*. Na figura seguinte, vejamos, então, a frequência de cada passo bem como a frequência da outra unidade informacional encontrada.

Figura 35 – Frequência de unidades informacionais em introduções de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados)

Movimento 1: Apresentando informações gerais	
Passo 1 – Referência ao conhecimento estabelecido no campo	0%
Passo 2 – Referência aos principais problemas de pesquisa	30%
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>	
Movimento 2: Revisando pesquisas relacionadas	
Passo 1 – Referência a pesquisas prévias	100%
Passo 2 – Referência a limitações de pesquisas prévias	60%
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>	
Movimento 3: Apresentando nova pesquisa	
Passo 1 – Referência ao propósito da pesquisa	100%
Passo 2 – Referência ao principal procedimento da pesquisa	0%
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>	
Apresentando hipótese	10%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Nwogu (1997) e na outra unidade informacional encontrada.

Explicando a figura 35, sobre o passo 1 (*Referência ao conhecimento estabelecido no campo*) do primeiro movimento (*Apresentando informações gerais*), observamos que os autores da área em questão optaram por desconsiderá-lo, especialmente, devido ao fato de, por meio do passo 2 (*Referência a pesquisas prévias*) do movimento 2 (*Revisando pesquisas*

⁸⁰ Como não há um padrão para denominar os movimentos e os passos na proposta de Nwogu para introduções de artigos de Medicina, optamos por já adotar um verbo no gerúndio para a outra unidade informacional encontrada.

relacionadas), além de apresentarem pesquisas prévias, evidenciarem o conhecimento considerado verdadeiro no campo de pesquisa. No tocante ao passo 2 (*Referência aos principais problemas de pesquisa*) desse primeiro movimento, presente em 30% dos exemplares, notamos que os autores construíram um percurso, longo e detalhado em alguns casos, capaz de indicar os problemas da pesquisa, o que podemos conferir no exemplo 81.

- (81) Acreditando que um dos principais pilares da prevenção e controle da asma diz respeito ao processo educativo, é preciso conhecer as características culturais e sociais da mãe-cuidadora dessa criança asmática que procuram, em crise, o serviço de emergência. Os questionamentos surgem em relacionar as recidivas com a questão cultural materna, o conhecimento dessas mães sobre a doença e que ações preventivas são adotadas na prevenção dessas crises, valorizando o cuidado materno. (AM8)

Em relação ao movimento 2 (*Revisando pesquisas relacionadas*), tanto o passo 1 (*Referência a pesquisas prévias*) quanto o passo 2 (*Referência a limitações de pesquisas*) apresentaram relevante frequência, respectivamente, 100% e 60%. O primeiro passo mostrou-se evidente por meio da citação de autores (exemplo 82), da utilização de índices numéricos que conduziam o leitor a conferir, na unidade de Referências, a que teórico ou teoria determinada informação era associada (exemplo 83) e da utilização dessas duas estratégias de modo simultâneo (exemplo 84). Ainda, em um único artigo, para ilustrar a teoria, os autores apresentaram uma gravura (exemplo 85).

Ademais, esse passo ficou em evidência pela apresentação de informações acerca da existência de estudos anteriores sobre o tema com o uso de expressões lexicais que envolvem numerais e advérbios de intensidade, revelando que a pesquisa em questão deriva de trabalhos já estabelecidos (exemplos 86 e 87). Quanto a essa estratégia, diferentemente, a proposta swalesiana, a partir da evidência da existência de outros estudos, refere-se à apresentação da importância da pesquisa. Já o segundo passo foi notado por meio de informações revelando a incipiência de estudos e trabalhos e a consequente lacuna no conhecimento sobre peculiar tema (exemplos 88 e 89).

- (82) Segundo Kaboli, os farmacêuticos egressos de cursos de especialização em Farmácia Clínica e Residência, bem como aqueles com especialização, mestrado e doutorado em farmacologia clínica podem ser incorporados [...] (AM5)
- (83) Há fortes evidências do papel de fatores genéticos na etiopatogênese da EA, principalmente do antígeno HLAB27, que é encontrado em elevada porcentagem de pacientes com a doença (90% em caucásios versus 4% a 6% da população geral)¹¹⁻¹⁴. (AM7)
- (84) No intuito de minimizar essas dificuldades, em 1992, Buckman publicou o protocolo SPIKES, que é até hoje uma das referências metodológicas mais adotadas a nível internacional na comunicação de más notícias¹⁰. (AM1)

QUADRO 1
O protocolo Spikes⁸

S	<i>Setting up</i>	Preparando-se para o encontro
P	<i>Perception</i>	Percebendo o paciente
I	<i>Invitation</i>	Convidando para o diálogo
K	<i>Knowledge</i>	Transmitindo as informações
E	<i>Emotions</i>	Expressando emoções
S	<i>Strategy and Summary</i>	Resumindo e organizando estratégias

(85) (AM3)

- (86) Diversos trabalhos mostram que a maioria das queixas dos pacientes faz referência a dificuldades comunicacionais com o médico e não a sua competência clínica [...] (AM1)
- (87) Vários trabalhos na literatura mostram que os depósitos predominantes variam de região para região e, principalmente de acordo com os hábitos da população, condições ambientais [...] (AM4)
- (88) No entanto, a falta de estatísticas oficiais e de estudos com base populacional dificulta uma avaliação da magnitude do problema do aborto no Brasil. (AM9)
- (89) São poucos os estudos publicados sobre o tema, em geral com número pequeno de pacientes. Esses estudos nem sempre excluem outras patologias relacionadas a distúrbios psicológicos, utilizam escalas variáveis e às vezes inadequadas de quantificação dos sintomas psiquiátricos e têm resultados discordantes quanto à relação entre os níveis prolactinêmicos e esses sintomas. (AM6).

Quanto ao terceiro e último movimento (*Apresentando nova pesquisa*), o passo 1 (*Referência ao propósito da pesquisa*), presente em todos os exemplares, foi construído por meio do uso de expressões como *objetivo* e de verbos no infinitivo (exemplos 90, 91 e 92), enquanto o passo 2 (*Referência ao principal procedimento da pesquisa*) foi desconsiderado pelos autores.

- (90) O objetivo do presente estudo é relatar intervenções farmacêuticas realizadas durante a rotina diária do farmacêutico residente nas unidades de transplante hepático e renal de um Hospital Universitário [...] (AM5)
- (91) Desta forma, o objetivo deste trabalho foi avaliar os resultados de uma intervenção com o peixe *Betta splendens* para controlar formas imaturas do *Aedes aegypti* [...] (AM4)
- (92) O presente estudo tem como principal objetivo avaliar o uso do modelo Spikes para o ensino de habilidades comunicacionais na transmissão de más notícias [...] (AM3)

Sobre a única unidade informacional diferente das que foram propostas por Nwogu (1997), observamos a unidade *Apresentando hipótese* (exemplo 93) com a frequência de apenas 10%.

- (93) A hipótese inicial é de que haja um maior número de macrófagos nas vilosidades coriônicas de placentas coletadas após parto vaginal. (AM10)

Pensando nos resultados encontrados com a análise de introduções de artigos de Medicina escritos em língua portuguesa, percebemos que o movimento 1 (*Apresentando informações gerais*) foi desconsiderado pela maioria dos autores da área em questão, levando-

nos a acreditar que as informações apresentadas por meio do passo 1 (*Referência a pesquisas prévias*) do movimento 2 (*Revisando pesquisas relacionadas*) descartam a necessidade de apresentação de informações gerais sobre o tópico estudado. Ainda sobre esse passo, cremos que sua ocorrência em 100% dos exemplares se dê pela ausência, no todo do artigo, de uma unidade retórica somente voltada para o referencial teórico.

Já em relação ao terceiro movimento (*Apresentando nova pesquisa*), recorrente apenas por meio do passo 1 (*Referência ao propósito da pesquisa*), percebemos que os autores somente revelam sua pesquisa com a apresentação dos objetivos do estudo, rejeitando a necessidade de citar aspectos metodológicos (passo 2 – *Referência ao principal procedimento da pesquisa*), já que existe, na referida área disciplinar, a prática de se elaborar uma unidade de Metodologia em artigos de pesquisa. Assim, por meio do passo 1 (*Referência ao propósito da pesquisa*) desse movimento, os autores permitem ao leitor a compreensão da pesquisa, ao passo que, por meio dos passos 1 (*Referência a pesquisas prévias*) e 2 (*Referência a limitações de pesquisas prévias*) do movimento 2 (*Revisando pesquisas relacionadas*), eles situam o leitor no campo de conhecimento.

Explicando melhor esse panorama, inicialmente, o movimento 1 (*Apresentando informações gerais*) não ocorreu relevantemente por meio de nenhum de seus dois passos, evidenciando que esse movimento proposto por Nwogu (1999), possivelmente, não compõe o comportamento retórico da unidade de Introdução. Quanto a isso, nenhum periódico, ao orientar a escrita da Introdução, fez menção à existência de informações mais gerais. Pelo contrário, as recomendações sempre destacavam a brevidade dessa unidade, dispensando, assim, informações talvez desnecessárias. Da mesma forma, o membro da área não teceu comentários que justificassem esse movimento, limitando-se a dizer que “a Introdução caracteriza o problema estudado e suas fronteiras”.

Já o movimento 2 (*Revisando pesquisas relacionadas*) mostrou-se relevante com seus dois passos. O passo 1 (*Referência a pesquisas prévias*) pode ser justificado, principalmente, pela ausência de uma unidade voltada para a revisão de itens prévios, apesar de esse passo não aprofundar exatamente aspectos teóricos. Além disso, a maioria das normas e diretrizes de revistas orientam escritores a destacarem estudos de relevância para a pesquisa quando necessário, recomendando a não realização de extensa revisão de literatura da área.

Quanto ao passo 2 (*Referência a limitações de pesquisa*), duas das nove revistas compiladas enfatizaram que, na Introdução, lacunas e divergências no conhecimento que

possam justificar o desenvolvimento do trabalho devem ser evidenciadas. Isso vai ao encontro do que dizem Motta-Roth e Hendges (2010), de modo que, nessa unidade, autores apresentam justificativa para a importância da pesquisa, razões para a realização do estudo e para a escolha do tema e do problema a ser trabalhado.

Assim, parece-nos que esse movimento confirma os trabalhos de Nwogu (1997), indicando que a pesquisa deriva de trabalhos já instituídos na área, podendo alguns deles possuir lacunas no conhecimento a serem preenchidas por um novo estudo.

Em relação ao movimento 3 (*Apresentando nova pesquisa*), somente o passo 1 (*Referência ao propósito da pesquisa*) apresentou frequência de 100%, confirmando estudos de Motta-Roth e Hendges (2010), Swales (1990) e Nwogu (1997) bem como as normas e as diretrizes dos periódicos compilados. Ainda sobre esse passo, cabe pontuar que o membro colaborador o destacou como uma unidade informacional diferente, a qual traça a razão pela qual se quer estudar determinada questão.

Diferentemente, o segundo passo (*Referência ao principal procedimento da pesquisa*) obteve frequência nula, possivelmente, devido ao fato de existir uma unidade voltada à apresentação de procedimentos da pesquisa. Tal frequência também deve ser justificada pela ausência de informações sobre essa estratégia retórica nas normas e diretrizes dos periódicos e nas respostas do mestrando, confirmando sua não recorrência no comportamento retórico de introduções de artigos experimentais de Medicina em língua portuguesa.

No tocante à unidade informacional *Apresentando hipótese*, não encontramos informações que justificassem sua ocorrência nem nas orientações oferecidas pelos periódicos, nem na literatura sobre a Introdução na área, nem nas respostas do pesquisador da área, esclarecendo sua irrelevante frequência.

Considerando o que expusemos, notamos disparidades entre o que foi descrito por Nwogu (1997) e o que realmente ocorreu nos artigos experimentais da área de Medicina em língua portuguesa. O modelo de Nwogu (1997), de certo modo, serviu de base para a descrição de parte do comportamento retórico da unidade de Introdução de artigos de Medicina em português, no entanto, considerando as mudanças disciplinares refletidas no processo de escrita que ocorreram ao longo de quase 15 anos, entendemos que alguns passos podem não ser característicos da área em questão.

Diante dos aspectos apresentados sobre a proposta de Nwogu (1997) e dos achados, percebemos que uma descrição mais atualizada e mais voltada para os propósitos da área de Medicina pode ser sugerida. Dessa maneira, abaixo, na figura 36, apresentamos nova proposta de organização retórica para introduções de artigos da área, a qual segue a ordem em que os movimentos e os passos foram encontrados na análise. Além do mais, considerando o que já esclarecemos, optamos por verbos no gerúndio, a fim de associarmos ações retóricas, movimentos e passos.

Figura 36 – Descrição retórica da unidade de Introdução de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

Movimento 1: Apresentando o tema

Passo 1 – Fazendo referência a pesquisas prévias e/ou

Passo 2 – Indicando limitações de pesquisas prévias e

Movimento 2: Apresentando os objetivos da pesquisa

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Entendendo melhor a disposição dos movimentos e dos passos da figura 36, dos dez artigos, nove apresentaram o passo 1 (*Fazendo referência a pesquisas prévias*) em primeira posição, enquanto somente um apresentou o passo 2 (*Indicando limitações de pesquisas prévias*) nessa posição. Outrossim, todos evidenciaram o movimento 2 (*Apresentando os objetivos da pesquisa*) em última posição, sempre encerrando a unidade retórica.

Em linhas gerais, encerrando esse panorama sobre introduções de artigos experimentais de Medicina, nesse primeiro momento de análise, saltou-nos aos olhos o fato de que autores da área preocupam-se em situar o leitor de modo detalhado, deixando claro aspectos do campo de conhecimento para dar suporte ao estudo – movimento 1: *Apresentando o tema* –, bem como em inseri-lo no mundo particular da investigação por meio da apresentação de objetivos – movimento 2: *Apresentando os objetivos da pesquisa*.

7.2.3 Metodologia

Quanto à análise da unidade de Metodologia dos artigos de Medicina do *corpus*, essa seção foi elaborada com destaque em todos os dez exemplares, como já afirmamos em análise anterior. A partir da proposta de organização retórica de Nwogu (1997), percebemos a presença relevante dos três movimentos sugeridos (*Descrivendo procedimentos de coleta de dados*, *Descrivendo os procedimentos experimentais* e *Descrivendo procedimentos de análise de dados*).

Quanto aos passos do movimento 1 (*Descrivendo procedimentos de coleta de dados*), somente os passos 1 (*Indicando a fonte de dados*) e 2 (*Indicando a dimensão da amostra*) foram elaborados com recorrência, ficando o passo 3 (*Indicando critérios para a coleta de dados*) com baixa frequência. Já o movimento 2 (*Descrivendo os procedimentos experimentais*) mostrou-se relevante somente por meio dos passos 1 (*Identificando o principal aparato da pesquisa*) e 2 (*Recontando o processo experimental*), uma vez que o passo 3 (*Indicando critérios para o sucesso*) obteve frequência nula.

O movimento 3 (*Descrivendo procedimentos de análise de dados*) foi construído consideravelmente a partir do passo 2 (*Indicando o processo de classificação de dados*), enquanto seus três outros passos foram elaborados com baixa frequência ou frequência nula. Além desses movimentos e passos, notamos outras cinco unidades informacionais diferentes das que foram propostas pelo autor: *Apresentando*⁸¹ *o tipo de pesquisa*, *Indicando aprovação por comitê de ética*, *Caracterizando a amostra*, *Apresentando método(s)* e *Apresentando critérios de análise*.

Dito isso, vejamos a figura 37 a seguir, em que apresentamos, em porcentagem, as frequências encontradas.

Figura 37 – Frequência de unidades informacionais em metodologias de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados)

Movimento 1: Descrivendo procedimentos de coleta de dados

Passo 1 – Indicando a fonte de dados	80%
Passo 2 – Indicando a dimensão da amostra	70%
Passo 3 – Indicando critérios para a coleta de dados	30%

Movimento 2: Descrivendo procedimentos experimentais

⁸¹ Seguindo nossa tradução para a proposta de Nwogu (1997), referimo-nos às outras unidades informacionais a partir de verbos no gerúndio

Passo 1 – Identificando o principal aparato da pesquisa	50%
Passo 2 – Recontando o processo experimental	100%
Passo 3 – Indicando critérios para o sucesso	0%
<hr/>	
Movimento 3: Descrevendo procedimentos de análise de dados	
Passo 1 – Definindo terminologias	20%
Passo 2 – Indicando o processo de classificação de dados	60%
Passo 3 – Indicando o instrumento/procedimento	50%
Passo 4 – Indicando modificação no instrumento/procedimento	0%
<hr/>	
Apresentando o tipo de pesquisa	40%
<hr/>	
Indicando aprovação por comitê de ética	80%
<hr/>	
Caracterizando a amostra	40%
<hr/>	
Apresentando método(s)	60%
<hr/>	
Apresentando critérios de análise	40%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Nwogu (1997) e nas outras unidades informacionais encontradas.

Diante da figura 37, quanto ao primeiro movimento (*Descrevendo procedimentos de coleta de dados*), o passo 1 (*Indicando a fonte de dados*), elaborado em oito exemplares, foi percebido, principalmente, a partir do conteúdo expresso na unidade (exemplos 94, 95, 96), que diz respeito ao local de onde a amostra foi retirada. Já o passo 2 (*Indicando a dimensão da amostra*) foi construído por meio de numerais indicando quantidade (exemplos 97, 98 e 99), enquanto o passo 3 (*Indicando critérios para coleta de dados*) também foi identificado por meio da observação do conteúdo expresso (exemplos 100 e 101).

- (94) Fizeram parte desse estudo 18 (dezoito) cadáveres humanos, não formolizados e não reclamados, interessando 36 (trinta e seis) tornozelos, obtidos no Instituto Médico Legal do Estado do Ceará [...] (AM2)
- (95) Os pacientes hiperprolactinêmicos foram identificados através da listagem de indivíduos que dosaram prolactina no laboratório central de Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. (AM6)
- (96) Foi realizado um estudo de caso-controle nas quatro principais maternidades públicas de Fortaleza, Ceará: Maternidade Escola Assis Chateaubriand, Hospital Geral Dr. César Cals, Hospital Geral de Fortaleza e Hospital Distrital Gonzaga Mota de Messejana. (AM9)
- (97) Numa seleção aleatória, entrevistaram-se vinte médicos de ambos os sexos com tempo de serviço variável, de quatro a vinte e oito anos de formados [...] (AM1)
- (98) Analisou-se cerca de 2.000 formulários (etiqueta FAD-02) utilizados na rotina do Programa de Controle do Dengue, para o envio de espécimes ao laboratório. (AM4)
- (99) Participaram do estudo sete mães, biológicas ou adotivas, de crianças que possuíam história clínica e/ou prontuários que informassem [...] (AM8)

- (100) Os critérios de inclusão foram: mãe de criança com idade entre dois e cinco anos, em razão da maior importância do diagnóstico clínico nessa faixa etária, pois em criança menor de um ano [...] (AM8)
- (101) Considerou-se caso o neonato vivo ou morto com peso igual ou superior a 500 g, independentemente do sexo, produto ou não de gestação única, diagnosticado com MF congênita no pré-natal ou durante o período neonatal até a sua alta hospitalar, nascido nas instituições da pesquisa no decorrer do estudo. (AM9)

Já o passo 1 (*Identificando o principal aparato da pesquisa*) do movimento 2 (*Descrivendo os procedimentos experimentais*), percebido em 50% dos exemplares, foi elaborado com a indicação clara de aparatos como entrevistas e questionários (exemplos 102, 103 e 104), enquanto o passo 2 (*Recontando o processo experimental*), evidente em todos os artigos, foi percebido, especialmente, com o auxílio de verbos conjugados para narrar algum processo (105, 106 e 107). É importante ressaltar que esses verbos foram conjugados, principalmente, na voz passiva, visto que não parece ser uma característica da área o uso de marcadores pessoais como estratégia metadiscursiva (HYLAND, 2000), a exemplo de pronomes de primeira pessoa e adjetivos possessivos.

- (102) No desenvolvimento de nosso trabalho, foram realizadas entrevistas abertas com os estudantes de Medicina do terceiro semestre [...] (AM3)
- (103) Dessa forma, os dados foram coletados por meio de uma guia de perguntas abertas que busca propiciar respostas espontâneas e não monossilábicas. (AM1)
- (104) O domicílio da família foi o local onde foram conduzidas entrevistas semi-estruturadas de forma individual [...] (AM8)
- (105) No exame físico foi feita avaliação da coluna cervical, torácica e lombar (lordose, distância dedo-chão, teste de Schober) e das articulações sacroilíacas (sinais de Menell e de Gaenslen e teste de Patrick). (AM7)
- (106) Foram realizados cortes histológicos de 5 micra (5 μ m) no criostato à temperatura de 25 °C. Depois de preparadas, as lâminas foram fixadas em acetona (Synth, Diadema – SP) e metanol (Reagen – Rio de Janeiro- RJ) durante dois minutos à temperatura ambiente. (AM10)
- (107) Após anotados, esses fatos observados foram analisados complementarmente aos depoimentos. O material gravado e transcrito foi classificado com base em extratos de narrativas, frases recorrentes e não usuais identificadas nos depoimentos, analisados segundo temas [...] (AM8)

Em relação ao movimento 3 (*Descrivendo procedimentos de análise de dados*), o primeiro passo (*Definindo terminologias*), somente identificado em dois artigos, foi construído a partir de etiquetas dadas aos sujeitos da pesquisa ou a outros aspectos que necessitam de identificação específica (exemplos 108 e 109). O segundo passo (*Indicando o processo de classificação dos dados*), evidente em 60% dos exemplares, foi elaborado a partir da apresentação de critérios para o reconhecimento de determinadas informações (exemplos 110, 111 e 112). Já o terceiro passo (*Indicando o instrumento/procedimento*), construído em

cinco artigos, foi notado a partir da apresentação de instrumentos voltados especificamente para análises estatísticas (exemplos 113, 114 e 115), como indica Nwogu (1997).

- (108) O ponto de referência anatômico 3 (PRA3) é representado por uma linha reta que tem início no PRA1 e termina na inserção do tendão do calcâneo (ITC). O ponto de referência anatômico 4 (PRA4) é formado pela linha reta que parte do centro do primeiro metatarso (C1°M) e termina no ITC. O ponto de referência anatômico 5 (PRA5) é uma linha reta que corre paralela à tibia passando pelo PRA1. (AM2)
- (109) Para efeitos de identificação, as mãos foram nomeadas de M1 a M7. (AM8)
- (110) Os sintomas foram agrupados em distúrbios de ansiedade, depressão e outros diagnósticos psiquiátricos. Os distúrbios de ansiedade englobam agorafobia, fobia social, fobia isolada, ansiedade generalizada, pânico, hipocondria, transtorno obsessivo compulsivo e outras ansiedades. (AM6)
- (111) A classificação dos PRM neste estudo seguiu o 2º Consenso de Granada (1999), sendo classificados em necessidade (PRM 1 – O doente tem um problema de saúde por não utilizar o medicamento que necessita; PRM 2 – O doente tem um problema de saúde por utilizar um medicamento que não necessita); efetividade (PRM 3 – O doente tem um problema de saúde por uma inefetividade não-quantitativa do medicamento; PRM 4 – O doente tem um problema de saúde por uma inefetividade quantitativa do medicamento) e segurança (PRM 5 – O doente tem um problema de saúde por uma insegurança não-quantitativa de um medicamento; PRM 6 – O doente tem um problema de saúde por uma insegurança quantitativa de um medicamento)¹⁵. (AM5)
- (112) O ponto de referência anatômico 3 (PRA3) é representado por uma linha reta que tem início no PRA1 e termina na inserção do tendão do calcâneo (ITC). O ponto de referência anatômico 4 (PRA4) é formado pela linha reta que parte do centro do primeiro metatarso (C1°M) e termina no ITC. O ponto de referência anatômico 5 (PRA5) é uma linha reta que corre paralela à tibia passando pelo PRA1. (AM2)
- (113) O programa utilizado para análise foi o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 13.0. (AM9)
- (114) Os cálculos foram realizados por meio o programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). (AM10)
- (115) Um estudo das articulações sacroilíacas por RM foi realizado em oito familiares incluídos na investigação, utilizando um aparelho supercondutor de 1,5 Tesla, da marca Siemens (Enlengen, Alemanha), modelo Magnetom Vision. (AM7)

Quanto às unidades informacionais diferentes dos movimentos e dos passos propostos por Nwogu (1997), a unidade *Apresentando o tipo de pesquisa* foi elaborada em quatro exemplares com indicação clara do tipo de pesquisa realizada (exemplos 116 e 117). Já a unidade *Indicando aprovação por comitê de ética*, presente em 80% dos artigos, foi construída a partir de informações sobre a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética institucional (exemplos 118, 119 e 120).

- (116) Estudo descritivo, transversal, no qual foram analisados os registros da atividade clínica de rotina [...] (AM5)
- (117) A presente pesquisa consiste em um estudo qualitativo baseado em entrevistas abertas com médicos [...] (AM1)
- (118) Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição. (AM6)
- (119) Foram cumpridas as determinações da Resolução 196/96 (Conselho Nacional de Saúde — CNS) sobre pesquisa com seres humanos, e a coleta de dados se iniciou após aprovação do projeto,

elaborado de acordo com as diretrizes do CNS, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição em que o estudo foi realizado. (AM3)

- (120) Após a obtenção do consentimento livre e esclarecido, conforme protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Clínica do Centro de Ciências da Saúde e Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Ceará [...] (AM10)

A unidade *Caracterizando a amostra*, evidente em quatro artigos, foi elaborada por meio de informações com características da amostra analisada (exemplos 121, 122 e 123), enquanto a unidade *Apresentando método(s)* foi elaborada em seis artigos a partir da indicação de qual método foi usado para nortear a pesquisa ou a própria análise de dados (exemplos 124, 125 e 126). Por fim, a última unidade informacional, *Apresentando critérios de análise*, presente em quatro exemplares, foi construída com informações sobre parâmetros nos quais a análise se baseou (exemplos 127 e 128).

- (121) Oitenta e seis por cento (12/14) dos pacientes e 87% dos familiares (26/30) estudados eram do sexo masculino. Setenta e nove por cento dos pacientes eram brancos e 21% mulatos, enquanto entre os familiares de primeiro grau 67% eram brancos e 33% eram mulatos, sendo o grau de parentesco o seguinte: 16 irmãos, 3 irmãs, 9 filhos, 1 filha e 1 pai. (AM7)
- (122) Quinze cadáveres (83,3%), pertenciam ao sexo masculino e três (16,6%) ao sexo feminino. A idade aparente foi de 20 a 45 anos, com a média de idade aparente de 27,5 anos. Com relação à raça, sete eram da raça branca (38,8%), oito eram da raça mestiça (44,4%) e três eram da raça negra (16,6%). (AM2)
- (123) Os pacientes previamente submetidos a cirurgia ou radioterapia hipofisária apresentavam adequada reposição hormonal. Nenhum caso apresentava outra doença endócrina relacionada a depressão. (AM6)
- (124) A pesquisa de campo foi norteadada pela prática etnográfica, delimitando-se abordagem particular do tema cultural da asma na infância. (AM8)
- (125) Os critérios de inclusão e exclusão seguiram o método do Estudo Colaborativo Latino-Americano de Malformações Congênitas (ECLAMC)¹³. (AM9)
- (126) Os dados foram analisados por meio do teste Kolmogorov-Smirnov para estudo da distribuição placentária no que diz respeito ao percentual de positividade de células. O teste de Mann-Whitney foi utilizado para comparar as GVAG (placentas de partos vaginais) e GCES (placentas de cesarianas eletivas). (AM10)
- (127) Para a análise de proporções utilizou-se testes não paramétricos (c2, Fisher-Freeman-Halton). O grau de significância estatística considerado foi de $p < 0,05$. (AM5)
- (128) Um nível de significância igual a 0,05 foi utilizado em todos os testes. (AM6)

Refletindo acerca dos resultados alcançados, quanto à alta frequência do primeiro passo (*Indicando a fonte de dados*) do movimento 1 (*Descrevendo procedimentos de coleta de dados*), não encontramos explicações nas questões teóricas. Em relação ao perfil traçado da área, em um único periódico, percebemos diretrizes que consideravam a Metodologia a seção em que se poderiam incluir as fontes de informações.

Sobre o segundo passo (*Indicando a dimensão da amostra*) desse movimento, semelhantemente ao que ocorreu com o passo anterior, somente encontramos, na descrição do

perfil da área, três periódicos que tratavam, na Metodologia, de detalhes sobre sujeitos, população e pacientes, fazendo-nos inferir que, nesses detalhes, características da amostra também podem ser especificadas, como percebemos com a unidade informacional *Caracterizando a amostra*. Já no tocante ao passo 3 (*Indicando critérios para coletas de dados*), somente percebemos normas e orientações mais vagas sobre critérios analíticos, o que nos leva à também baixa frequência da unidade informacional *Apresentando critérios de análise*.

O movimento 2 (*Descrivendo procedimentos experimentais*), recorrente por meio de seus dois primeiros passos, lembra-nos o trabalho de Motta-Roth e Hendges (2010) sobre a Metodologia consistir em uma narrativa das ações desenvolvidas na pesquisa, o que nos remete ao passo dois (*Recontando o processo experimental*) desse movimento. De modo geral, não encontramos estudos aprofundados ou normas e diretrizes específicas para os passos do movimento 2 (*Descrivendo procedimentos experimentais*). Ainda sobre essa questão, o mestrando colaborador foi bastante vago em suas respostas afirmando que “os Métodos mostram a maneira pela qual espera obter-se respostas”.

Quanto ao terceiro movimento (*Descrivendo procedimentos de análise dos dados*), percebemos, nas diretrizes de alguns periódicos, referências a procedimentos analíticos, justificando a recorrência de alguns de seus passos. De modo especial, uma revista destaca a importância de se apresentar os métodos empregados em análises estatísticas, levando-nos ao passo 3 (*Indicando o instrumento/procedimento*), já que esse passo refere-se a instrumentos de análise estatística, e à unidade informacional *Apresentando método(s)*.

De modo geral, percebemos que os três movimentos tratam de procedimentos, variando o tipo de procedimento. Os periódicos, apesar de não tratarem especificamente de cada passo apresentado, tratam de procedimentos de pesquisa com uma terminologia bem mais abrangente que talvez legitime a recorrência dos três movimentos propostos por Nwogu (1997).

Sobre a unidade *Apresentando o tipo de pesquisa*, não percebemos no perfil da área informações que justificassem a ocorrência em quatro artigos, porém, com base nas maneiras de se pensar uma investigação detalhadas por Oliveira (2003) e Motta-Roth e Hendges (2010), acreditamos que essa unidade pode vir a compor a unidade de Metodologia de artigos de pesquisa de Medicina após uma análise de um *corpus* mais extenso.

Por fim, no tocante à unidade *Indicando aprovação por comitê de ética*, nas normas e orientações de quase todos os periódicos, percebemos a referência explícita da necessidade de se informar a aprovação da pesquisa por comitê de ética institucional na unidade de Metodologia do artigo, fato que corrobora a alta frequência dessa unidade no material analisado.

A partir do que mostramos, percebemos que a proposta de Nwogu (1997) possui muitos passos que de fato descrevem a organização retórica de artigos experimentais de Medicina, no entanto existem também algumas disparidades em evidência. Com base nisso, refletindo acerca dos resultados e da ordem das informações nos exemplares, pensamos em uma proposta de descrição retórica (figura 38) para metodologias de artigos de Medicina, mantendo os verbos no gerúndio.

Figura 38 – Descrição retórica da unidade de Metodologia de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

Movimento 1: Descrevendo procedimentos de coleta de dados

Passo 1 – Indicando a fonte de dados e/ou

Passo 2 – Apresentando a amostra e

Movimento 2: Descrevendo procedimentos experimentais

Passo 1 – Relatando o processo experimental e/ou

Passo 2 – Identificando o principal aparato da pesquisa e/ou

Movimento 3: Descrevendo procedimentos de análise de dados

Passo 1 – Indicando o processo de classificação de dados e/ou

Passo 2 – Indicando o instrumento de análise estatística e/ou

Passo 3 – Apresentando método(s) e/ou

Movimento 4 – Indicando aprovação por comitê de ética

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Apresentando nossa proposta, quanto à ordem dos movimentos, com base no critério de ocorrência simultânea, dos dez artigos, oito apresentaram, concomitantemente, os quatro movimentos. Desses oito, cinco apresentaram a seguinte sequência: movimento 1 (*Descrevendo procedimentos de coleta de dados*) – movimento 2 (*Descrevendo*

procedimentos experimentais) – movimento 3 (*Descrevendo procedimentos de análise de dados*) – movimento 4 (*Indicando aprovação por comitê de ética*).

Em relação à ordem dos passos, dos cinco artigos que foram construídos com os passos 1 (*Indicando a fonte de dados*) e 2 (*Apresentando a amostra*) do movimento 1 (*Descrevendo procedimentos de coleta de dados*), três apresentaram o passo 1 seguido do passo 2. Já em relação à mudança de nomenclatura sugerida para o passo 2, entendemos que o verbo *apresentando* é bastante abrangente, englobando tanto a dimensão da amostra como qualquer outra característica dela.

A respeito do movimento 2 (*Descrevendo procedimentos experimentais*), dos cinco artigos com seus dois passos, três apresentaram o passo 1 (*Relatando o processo experimental*) seguido do passo 2 (*Identificando o principal aparato da pesquisa*), sequência inversa em relação à sequência proposta por Nwogu (1997). Quanto à mudança de nomenclatura para o passo 1 desse movimento, enfatizamos que isso diz respeito a uma escolha estilística pessoal.

Sobre o movimento 3 (*Descrevendo procedimentos de análise dos dados*), somente dois exemplares foram elaborados com os dois passos, cada um com uma sequência diferente: passo 1 (*Indicando o processo de classificação de dados*) seguido do passo 2 (*Indicando o instrumento de análise estatística*) e passo dois (*Indicando o instrumento de análise estatística*) seguido do passo 1 (*Indicando o processo de classificação de dados*). Por não termos encontrado uma ordem predominante dos passos desse movimento, optamos por manter a disposição de Nwogu (1999). No tocante à nova nomenclatura do passo 2 desse movimento, acreditamos que a mudança proposta explícita, de fato, sua função retórica.

Ainda sobre o movimento 3 (*Descrevendo procedimentos de análise dos dados*), adicionamos a ele o passo *Apresentando método(s)* por dois motivos. Em primeiro lugar, não encontramos uniformidade na posição dessa unidade informacional nos artigos analisados, fato que nos levou a adotar novamente o critério de ocorrência simultânea, no caso, de todos os movimentos e os passos da proposta. Nesse sentido, encontramos apenas um artigo adequado a esse critério com o novo passo logo após os passos do movimento 3 (*Descrevendo procedimentos de análise dos dados*). Em segundo lugar, percebemos que, geralmente, a apresentação de algum método estava relacionada à análise dos dados.

De modo geral, somente uma análise de um *corpus* mais extenso poderia fornecer informações mais concretas a respeito desse passo. Por enquanto, sabemos da relevância da

apresentação de métodos em metodologias de artigos de Medicina e acreditamos que essa informação ajuda a compor o comportamento retórico dessa unidade.

Finalizando, quanto ao último movimento (*Indicando aprovação por comitê de ética*), sugerimos um movimento destacado por as informações sobre aprovação de pesquisa, na maioria dos casos, constituírem informação isolada, sem relação com as outras unidades informacionais.

7.2.4 Resultados

Prosseguindo com a análise das unidades retóricas do artigo experimental de Medicina, quanto à unidade de Resultados, inicialmente, como já mostramos, essa unidade foi elaborada em oito dos dez artigos do *corpus*. Desse modo, esses oito artigos passam a compor, a partir de então, o total de 100%.

Quanto à proposta de descrição voltada para a unidade de Resultados de artigos de Medicina sugerida por Nwogu (1997), percebemos uma apresentação clara e objetiva de resultados com o auxílio de excertos ilustrativos. Desse modo, o passo 1 (*Destacando informação global*) do movimento 1 (*Indicando observações consistentes*), que parece fazer referência, principalmente, a resultados mais gerais, foi encontrado em apenas um artigo, enquanto o passo 2 (*Indicando observações específicas*), que parece indicar resultados específicos, foi elaborado em todos os oito exemplares. Já o passo 3 (*Explicando observações feitas*) desse mesmo movimento e o movimento 2 (*Indicando observações não consistentes*) obtiveram frequência nula.

A seguir, na figura 39, apresentamos a frequência de cada passo e de cada movimento.

Figura 39 – Frequência de unidades informacionais em resultados de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (8 artigos analisados)

Movimento 1: Indicando observação consistente

Passo 1 – Destacando informação global	10%
Passo 2 – Indicando observações específicas	100%
Passo 3 – Explicando observações feitas	0%

Movimento 2: Indicando observações não consistentes
0%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Nwogu (1997).

Compreendendo melhor a figura 39, o primeiro passo (*Destacando informação global*) do primeiro movimento (*Indicando observação consistente*), presente em apenas um artigo, foi construído por meio de informação com resultado global da pesquisa (exemplo 129). Já o segundo passo (*Indicando observações específicas*) foi elaborado com informações bem pontuais indicando resultados específicos (exemplos 130, 131, 132 e 133). Cabe ressaltar que, em todos os artigos, os resultados foram ilustrados com o auxílio de imagens, gráficos e tabelas (exemplos 134, 135 e 136).

- (129) Os parâmetros clínicos do GVAG e GCES foram muito semelhantes. As médias da idade materna, a idade gestacional e o peso ao nascer não apresentaram diferenças significantes. (AM10)
- (130) Com base nas respostas à primeira pergunta aberta, percebe--se que muitos alunos tentaram classificar o modelo usando expressões como “guia”, “metodologia”, “protocolo”, “roteiro”, “ferramenta”, “instrumento” ou o próprio termo “modelo”, já contido na pergunta. (AM3)
- (131) Todos os pacientes e 60% dos familiares (18/30) apresentaram o antígeno HLA-B27, tanto pelos métodos de linfocitotoxicidade como pela citometria de fluxo, que mostraram uma concordância de 100%. (AM7)
- (132) Quanto à exposição a fatores físicos, cerca de 24% de toda a amostra relatou que sofreu algum tipo de traumatismo, radiografia, procedimento invasivo e choque elétrico, embora sem consequências para a gestação. Não houve diferença significativa quando comparadas frequências de exposição física entre os grupos caso e controle ($p=0,7$). (AM9)
- (133) Através do teste t de Student, os níveis de significâncias de 5% e 1%, constatou-se que não houve diferença significativa entre o tempo médio operatório dos tornozelos direitos e esquerdos, p valor 0,71. (AM2)

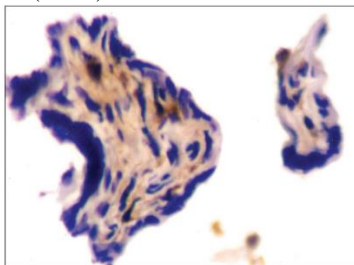
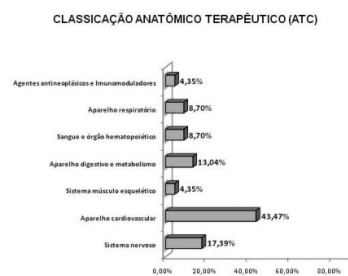


Figura 1 – microfotografia de vilosidades coriônicas terminais de uma placenta humana a termo, corada pelo anticorpo anti-CD68. [aumento 400x].

(134)

Figura 1: Classificação ATC dos medicamentos identificados nos PRM e objeto das intervenções realizadas por farmacêutico residente em serviços de transplante hepático e renal em hospital universitário, no período de maio a setembro de 2010. (Anexado em formato TIF com resolução de 96 dpi).



(135)

Tabela 2 - Fatores biológicos de risco para malformações fetais nos casos e controles

Fatores	Caso		Controle		Total		Valor de p
	n	%	n	%	n	%	
Idade materna (anos)							0,6
Até 19	14	11,1	21	16,6	35	13,9	
20 a 35	99	78,6	93	73,9	192	76,2	
Acima de 35	13	10,3	12	9,5	25	9,9	
Idade paterna (anos)							0,3
Até 39	106	85,5	108	90,0	214	87,7	
≥ 40	18	14,5	12	10,0	30	12,3	
Consanguinidade							0,6
Sim	12	9,5	9	7,3	21	8,4	
Não	114	90,5	114	92,7	228	91,6	
História familiar de malformação							0,6
Sim	23	18,3	19	15,2	42	16,7	
Não	103	81,7	106	84,8	209	83,3	
Apresentação ao nascer							0,03*
Cefálica	85	76,6	99	87,6	184	82,1	
Pélvica	22	19,8	9	8,0	31	13,8	
Outra	4	3,6	5	4,4	9	4,0	

Valor de p no teste do χ^2 .

*p inferior a 0,05.

(136)

A partir dos resultados apresentados e ilustrados com exemplos, de modo geral, o movimento 1 (*Indicando observação consistente*), voltado, principalmente, para a apresentação de resultados gerais ou específicos, justifica-se tanto pelos aspectos presentes na literatura como pelos aspectos apresentados na descrição do perfil da área. Assim, enquanto o membro da área afirmou que a unidade de Resultados apresenta dados empíricos, quase todas as revistas destacam que essa seção deve incluir somente resultados sem quaisquer interpretações com o auxílio de excertos ilustrativos. Além do mais, explicando o caráter bastante objetivo da unidade retórica em questão, mais da metade das revistas compiladas enfatizaram que os achados não devem repetir ou duplicar dados presentes em tabelas e ilustrações.

Da mesma forma, os achados corroboram a pesquisa de Nwogu (1997), especialmente com relação à predominância de informações visuais com tabelas, gráficos e quadros que auxiliam a apresentação de resultados. Ainda sobre aspectos teóricos, Hyland (2000) pontua que essa unidade geralmente oferece uma lista de achados, contribuindo com a unidade persuasiva do artigo.

Diante do que expusemos, apresentamos, na figura seguinte, a possível descrição retórica da unidade de resultados de artigos de Medicina com apenas um movimento autoexplicativo construído com verbo no gerúndio, tendo em vista algumas inconsistências percebidas entre essa seção e a proposta de Nwogu (1997).

Figura 40 – Descrição retórica da unidade de Resultados de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

Movimento 1: Apresentando resultados específicos

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Com essa proposta, entendemos ser a unidade de Resultados de artigos de Medicina uma seção voltada para a apresentação clara e objetiva de resultados sem associação alguma com interpretações, visto que há uma seção para esse fim. Ainda, sugerimos uma modificação de nomenclatura que indicasse mais explicitamente a função retórica da unidade em detrimento de uma nomenclatura vaga.

7.2.5 Discussão

Partindo para a unidade de Discussão, assim como ocorreu com os Resultados, essa seção foi elaborada em oito dos dez artigos que compõem o *corpus*. Desse modo, o novo universo de 100% agora é composto por esses oito exemplares.

Mais especificamente sobre a proposta de descrição voltada para a unidade de Discussão de artigos de Medicina sugerida por Nwogu (1997), percebemos que o movimento 1 (*Destacando resultados globais*) apresentou frequência irrelevante, o movimento 2 (*Explicando resultados específicos de pesquisa*) apresentou recorrência de seus quatro últimos passos (*Interpretando resultado*, *Indicando a importância do estudo*, *Contrastando resultados presentes e prévios* e *Indicando limitações dos resultados*) e o movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*) mostrou-se recorrente somente pelo passo 1 (*Indicando implicações de pesquisa*). Além dos movimentos e dos passos esperados por Nwogu (1997), encontramos ainda outra unidade informacional: *Apresentando informação introdutória*.

Abaixo, na figura 41, vejamos a frequência de cada movimento e de cada passo e da outra unidade informacional.

Figura 41 – Frequência de unidades informacionais em discussões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (8 artigos analisados)

Movimento 1: Destacando resultados globais de pesquisa	10%
<hr/>	
Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa	
Passo 1 – Declarando um resultado específico	0%
Passo 2 – Interpretando o resultado	100%
Passo 3 – Indicando a importância do resultado	62,5%
Passo 4 – Contrastando resultados presentes e prévios	75%
Passo 5 – Indicando limitações dos resultados	50%
<hr/>	
Movimento 3: Declarando conclusões de pesquisa	
Passo 1 – Indicando implicações de pesquisa	50%
Passo 2 – Alertando sobre a necessidade de pesquisas futuras	25%
<hr/>	
Apresentando informação introdutória	70%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e nos passos sugeridos por Nwogu (1997) e na outra unidade informacional encontrada.

A partir desses dados, o primeiro movimento (*Destacando resultados globais de pesquisa*), evidente em apenas um exemplar do gênero, foi elaborado por meio de apresentação de resultados mais gerais sem uma associação direta com considerações interpretativas (exemplo 137). Ademais, esse movimento, por apresentar-se como a primeira informação, também funcionou como informação introdutória. Diferentemente, o passo 1 (*Declarando um resultado específico*) do movimento 2 (*Explicando resultados específicos de pesquisa*) não foi uma estratégia utilizada pelos autores da área. Explicando melhor, houve referência a resultados, porém tal referência sempre ocorreu associada, principalmente, a interpretações e comparações com a literatura.

É nessa perspectiva que temos os últimos quatro passos do movimento 2 (*Explicando resultados específicos de pesquisa*). O passo 2 (*Interpretando o resultado*), presente em todos os artigos, foi elaborado com apresentação de resultados seguidos de suas considerações interpretativas (exemplos 138, 139, 140 e 141). Da mesma forma, o passo 4 (*Contrastando resultados presentes e prévios*), presente em seis exemplares, foi construído, havendo sempre ligação entre resultados de pesquisa e comparações com a literatura (exemplos 142, 143 e 144).

- (137) Demonstrou-se com clareza a capacidade do *Betta splendens* como agente de controle biológico para formas imaturas de *Aedes aegypti*, em tanques de alvenaria. (AM4)
- (138) A ausência de níveis acentuadamente elevados de prolactina na série, apesar da presença de prolactinomas, está possivelmente associada à abordagem cirúrgica prévia e ao uso de bromocriptina em vários casos. A falta de normalização dos níveis de prolactina na presença desse agonista dopaminérgico pode estar relacionada ao uso irregular deste ou à utilização de doses insuficientes para obtenção de valores normais de prolactina. (AM6)
- (139) Em nosso estudo, 21% dos familiares sintomáticos (3/14) preencheram os critérios modificados de Nova York para o diagnóstico de EA, enquanto um outro familiar apresentava sacroiliite suspeita (grau I). Prevê-se, portanto, que, com maior tempo de observação, este último paciente e outros desse grupo deverão apresentar alterações radiológicas diagnósticas de EA. (AM7)
- (140) O acesso ao Túnel do Tarso no sentido proximal - distal no tornozelo direito e de distal - proximal no tornozelo esquerdo não apresentaram diferenças estatísticas quanto à liberação do retináculo flexor; em ambos, a liberação se deu de maneira parcial nos primeiros casos, o que pode ser explicado pela curva de aprendizado enfrentada pelos autores. No entanto, houve maior facilidade quando o acesso distal foi utilizado, fato esse que pode ter sido determinado pela rigidez cadavérica. (AM2)
- (141) No que tange às características dos RN investigados, as diferenças de peso, adequação de peso e idade gestacional, status ao nascimento e status na alta hospitalar encontradas entre os grupos caso e controle não interferiram na análise de causalidade de misoprostol sobre a MF, porque são eventos sabidamente decorrentes dos defeitos congênitos. (AM9)
- (142) Em relação aos métodos de imagem, em um estudo de Bremner et al.³⁵ foram encontradas 16% de alterações radiológicas bilaterais em articulações sacroilíacas, entre 250 familiares de primeiro grau de pacientes com EA avaliados. Do mesmo modo, Moller et al.³⁴ diagnosticaram 10% a 20% de EA em familiares de primeiro grau de pacientes com a doença, dependendo da presença do HLAB27. Esses achados são concordantes com os encontrados em nosso trabalho, de 20% de sacroiliite radiológica (definida ou suspeita) e de 10% de diagnóstico de EA entre os familiares. Em nossos estudos de RM realizados em oito familiares de primeiro grau, houve uma concordância de 100% em relação à radiografia convencional, tendo-se detectado anormalidades nos três familiares diagnosticados como EA, coincidindo com as observações de Ahlstrom et al.⁹. (AM7)
- (143) Em nenhum dos tornozelos estudados detectou-se a presença de lesões de estruturas neurovasculares produzida pela técnica endoscópica, o que está de acordo com os estudos de Day e Napples^(3,4). (AM2)
- (144) Nossa observação de que células CD68+ (macrófagos) constituíram 17,6% das células do estroma viloso está de acordo com as de outros pesquisadores que encontraram porcentagens semelhantes: 17¹⁸ e 15%¹⁹ (AM10).

Já os passos 3 (*Indicando a importância do resultado*) e 5 (*Indicando limitações dos resultados*), notados, respectivamente, em cinco e quatro artigos, ora se apresentavam de modo associado à apresentação prévia de resultados (145 e 146), ora se apresentavam de modo isolado, algumas vezes, ligando-se a dados apresentados anteriormente (147 e 148).

- (145) Observou-se ainda que a redução da infestação ocorrida nos outros tipos de depósitos deve-se, provavelmente, ao fato da diminuição da população de mosquitos, devido a predação das larvas pelo peixe, e não apenas a mudança de local de postura como ocorre quando se veda um depósito ou se elimina o mesmo do ambiente doméstico. Desta forma, a utilização desta espécie de peixe se mostrou mais interessante do que a utilização dos larvicidas convencionais, pois foi capaz de baixar as infestações sem a necessidade de utilização de componentes químicos no ambiente. (AM4)
- (146) Acreditamos que a alta frequência de positividade do antígeno HLA-B27 em nossos pacientes seja decorrente do acaso, favorecido pelo pequeno tamanho da amostra e pelo fato de somente três pacientes não serem completamente caucasóides. (AM7)

- (147) Apesar de limitações no poder estatístico, os resultados deste estudo sugerem uma maior exposição ao misoprostol durante a gestação em RN malformados comparados a RN saudáveis, estando os primeiros mais suscetíveis a MF congênicas limitantes. Estes dados são também apropriados para posterior incorporação em meta-análises sobre o tema. (AM9)
- (148) Como limitação do estudo, deve-se considerar que as perguntas foram aplicadas alguns meses após o treinamento oferecido, quando os alunos já se encontravam no semestre seguinte. Isto pode ter distorcido algumas respostas. Por outro lado, acreditamos que aplicar o estudo logo após o treinamento no método também não seria conveniente, visto que poderíamos obter muitas respostas positivas, não tendo havido tempo para reflexão sobre o método e até mesmo para sua utilização na prática. Além disso, poder-se-ia questionar a abordagem do assunto em momento que poderia ser considerado prematuro na carreira médica (segundo ano do curso), ainda um tanto longe do contato mais próximo e continuado com pacientes, o que só ocorre, na maioria dos currículos no Brasil, nos últimos dois anos. (AM3)

Em relação ao movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*), o passo 1 (*Indicando implicações de pesquisa*), evidente em metade dos exemplares, foi construído, principalmente, a partir de sugestões de implicações práticas no dia a dia da profissão médica (exemplos 149, 150 e 151). O segundo passo (*Alertando sobre a necessidade de pesquisas futuras*) somente foi notado em dois exemplares por meio de informações a respeito de novos estudos sobre determinado tema (exemplos 152 e 153).

- (149) Uma vez detectada a alta prevalência de distúrbios psiquiátricos em pacientes hiperprolactinêmicos, conclui-se pela necessidade de investigação cuidadosa tanto de indivíduos com queixas psiquiátricas, quanto de indivíduos com hiperprolactinemia, com a finalidade de detectar situações potencialmente tratáveis e que permitam melhor qualidade de vida para estes pacientes. (AM6)
- (150) A implementação das ações sugeridas para a segurança do processo assistencial reveste-se de especial importância quando consideramos que o estudo foi conduzido em um hospital universitário. (AM5)
- (151) Além disso, para que esta tecnologia de controle apresente resultados sustentáveis é extremamente importante que as comunidades se apropriem deste método, não só acreditando na sua eficácia mas contribuindo de forma direta; principalmente repondo os peixes que por algum motivo tenham morrido ou tenham sido retirados dos tanques. Através de trabalhos de mobilização social e educação em saúde é possível informar a população das vantagens desta estratégia e principalmente consultá-la acerca da adoção desta ou de outra medida de controle. Com as ações de controle de endemias descentralizadas para os municípios é importante coordená-las de forma direcionada para cada localidade, devendo atuar quase que de forma personalizada em cada situação. Só assim será possível uma redução sustentável da infestação. (AM4)
- (152) Conclui-se também pela necessidade de estudos que avaliem o efeito do tratamento da hiperprolactinemia sobre as manifestações psiquiátricas e estudos que investiguem as bases neuropatológicas desta associação. (AM6)
- (153) A realização de um estudo clínico mais amplo, comparando a técnica aberta com endoscópica poderá trazer maiores esclarecimentos com relação às vantagens de uma sobre a outra. (AM2)

Por fim, quanto à unidade informacional *Apresentando informação introdutória*, presente em sete artigos, percebemos informações relacionadas a aspectos metodológicos,

objetivos e aspectos teóricos com o intuito de introduzir a seção de Discussão, o que podemos conferir nos exemplos 154, 155, 156 e 157.

- (154) Alguns cuidados foram providenciados para tentar controlar os vieses característicos dos estudos de caso controle. Primeiro, foram selecionados os serviços responsáveis pela maioria dos partos realizados na cidade de Fortaleza para diminuir o viés de amostragem. Depois, a amostra foi pareada segundo gênero, local e tempo de nascimento de forma a tornar os grupos mais semelhantes, sendo o diagnóstico de malformação a única característica (AM9)
- (155) O Túnel do Tarso comporta no seu interior estruturas passíveis de sofrerem compressão (nervo tibial posterior e seus ramos), com conseqüente repercussão clínica^(1,8). (AM2)
- (156) A intervenção farmacêutica é o momento no qual o farmacêutico, em contato com o médico ou enfermeiro realiza recomendações e apresenta evidências para as mesmas, dando suporte aos demais profissionais para escolha e adoção das melhores práticas na assistência ao paciente, sobretudo no tocante à farmacoterapia, incluindo a avaliação do uso dos medicamentos e impacto sobre a qualidade de vida.¹⁷ A IF pode ser resultante da identificação de PRM, devendo ser contínua e incorporada ao cotidiano da farmácia hospitalar.⁷ (AM5)
- (157) Este trabalho objetivou, primariamente, a caracterização clínica, imunogenética e radiológica de familiares de primeiro grau de pacientes com diagnóstico estabelecido de EA. (AM7)

Com base nos resultados apresentados, o movimento 1 (*Destacando resultados globais de pesquisas*) revelou-se incomum, confirmando as determinações dos periódicos, uma vez que, de modo geral, normas editoriais visam à interpretação dos dados no contexto da literatura atual, à apreciação acerca das limitações do estudo, às principais implicações e sugestões de pesquisas futuras. Diante disso, percebemos que os movimentos 2 (*Explicando resultados específicos de pesquisa*) e 3 (*Declarando conclusões de pesquisas*) fundamentam-se nas recomendações das revistas.

Outrossim, esses movimentos corroboram o que diz Hyland (1998a, 2000) sobre a unidade de Discussão trabalhar descobertas, comparando-as a pesquisas prévias, e dar suporte a novas afirmações. Mais especificamente sobre o movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisas*), notamos que sua ocorrência também dependeu da existência de uma unidade retórica voltada somente para as considerações finais, como verificaremos no tópico de análise seguinte. Quanto a isso, o mais importante é lembrar-se das considerações de Motta-Roth e Hendges (2010), que afirmam que as informações referentes a conclusões podem ser apresentadas no final da unidade de Discussão ou como uma seção independente,

Já a unidade *Apresentando informação introdutória*, apesar de recorrente, não encontra respaldo na literatura, no perfil traçado para a área ou nas repostas do membro colaborador. Por essa unidade não corresponder somente a um tipo de informação, abrangendo tópicos relativos à revisão de literatura, aos objetivos, aos aspectos metodológicos e à apresentação de resultados globais, possivelmente, sua principal função retórica é apenas

introduzir a unidade de Discussão da maneira que o autor achar mais adequada, fato que merece ser confirmado em *corpus* mais amplo.

Diante do que apresentamos, vejamos a seguir a possível descrição retórica para a unidade de Discussão de artigos de Medicina. Nossa proposta é construída com verbos conjugados no gerúndio, seguindo Nwogu (1997) e associando mais intimamente movimentos e passos com ações em andamento.

Figura 42 – Descrição retórica da unidade de Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

Movimento 1: Apresentando informação introdutória e

Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa

Passo 1 – Interpretando o resultado e/ou

Passo 2 – Indicando a importância do resultado e/ou

Passo 3 – Comparando resultados com literatura prévia e/ou

Passo 4 – Indicando limitações dos resultados e/ou

Movimento 3: Indicando implicações práticas de pesquisa

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Sobre a proposta, quanto à posição dos movimentos, dos oito artigos que foram elaborados com a unidade de Discussão destacada, seis apresentaram o movimento 1 (*Apresentando informação introdutória*) em primeira posição. Partindo do critério de ocorrência simultânea, dos oito exemplares, três apresentaram os três movimentos sempre na mesma ordem: movimento 1 (*Apresentando informação introdutória*) – movimento 2 (*Explicando resultados específicos de pesquisa*) – movimento 3 (*Indicando implicações práticas de pesquisa*).

Quanto à ordem dos passos, o movimento 2 (*Apresentando informação introdutória*) foi construído com todos os passos em apenas dois artigos, não apresentando predominância de qualquer ordem. Devido a isso, optamos por manter a sequência proposta inicialmente por Nwogu (1997). Ainda sobre esse movimento, ressaltamos que a mudança de nomenclatura para o passo 3 (*Comparando resultados com literatura prévia*) se deu por escolha estilística particular.

Por fim, em relação à mudança proposta para o passo 1 (*Indicando implicações de pesquisa*) do movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*) da descrição de Nwogu (1997), percebemos que esse passo foi elaborado em quatro exemplares sempre na última posição. Além disso, essa estratégia informacional sempre foi apresentada fechando a unidade mais isoladamente, sempre tratando de implicações práticas na área médica, o que justifica a nova nomenclatura que sugerimos.

7.2.6 Conclusão

Seguindo com o estudo, a unidade de Conclusão foi elaborada em metade dos artigos de Medicina do *corpus*, sendo, então, esses cinco exemplares o novo total de 100%. A análise, baseada no movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*) da descrição da seção de Discussão de Nwogu (1997), revelou a ocorrência de uma unidade informacional voltada para interpretações mais gerais dos achados (*Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa*), seguida da apresentação de implicações práticas – passo 1 (*Indicando implicações de pesquisa*) do movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*) – e da sugestão de novos estudos – passo 2 (*Alertando sobre a necessidade de pesquisas futuras*) do movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*).

Na figura seguinte, apresentamos a frequência, em porcentagem, dos passos do movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*) e da outra unidade informacional encontrada.

Figura 43 – Frequência de unidades informacionais em conclusões de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (5 artigos analisados)

Movimento 3: Declarando conclusões de pesquisa	
Passo 1 – Indicando implicações de pesquisa	60%
Passo 2 – Alertando sobre a necessidade de pesquisas futuras	20%

Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa	100%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base nos movimentos e passos sugeridos por Nwogu (1997) e na outra unidade informacional encontrada.

Entendendo melhor a figura 43, o passo 1 (*Indicando implicações de pesquisa*) do movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*), elaborado em três exemplares, foi construído a partir de informações sobre implicações práticas relacionadas à profissão médica ou à sala de aula no âmbito acadêmico somente, uma vez que, segundo o relatório da Capes, a área não atua efetivamente no ensino básico (exemplos 158 e 159). Já o segundo passo, evidente em apenas um artigo, foi elaborado por meio de indicação da necessidade de novas pesquisas sobre determinado tópico (exemplo 160). Por fim, a unidade informacional *Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa*, presente em todos os exemplares, mostrou-se evidente com comentários gerais acerca dos resultados e da pesquisa (exemplos 161, 162 e 163).

- (158) Portanto, recomenda-se realizar um trabalho educativo intenso, dialógico e problematizador em estreita colaboração com o tratamento, visando à melhoria do prognóstico da doença. Dessa forma, profissionais de saúde e mãe cuidadora da criança devem ser responsabilizados pela prevenção e eliminação da doença, bem como pela a promoção da saúde. (AM8)
- (159) Esta questão chama a atenção para que se insista neste ponto durante as aulas e se enfatize a importância da adaptação a cada situação. Isto pode ser mais trabalhado por meio de dramatização com situações-problema. (AM3)
- (160) Diante disso, evidencia-se a maior necessidade de estudos e discussões acerca do assunto, visando a uma melhor formação do médico oncologista no âmbito da relação médico-paciente-família. (AM1)
- (161) Os resultados obtidos no presente estudo sugerem que a participação do farmacêutico residente na equipe assistencial de transplante hepático e renal do hospital universitário é importante, necessária e amplamente aceita pela equipe médica e de enfermagem, contribuindo para o contínuo aprimoramento da qualidade da assistência prestada aos pacientes. (AM5)
- (162) Os portais determinados permitiram o acesso ao Túnel do Tarso pela técnica endoscópica, a secção total do retináculo dos flexores foi obtida em todos os casos após a curva do aprendizado. 2 . A utilização do portal no sentido proximal -distal ou reverso não interfere no resultado final. (AM2)
- (163) Os significados culturais da asma infantil, com origem na mãe-cuidadora, estão relacionados à falta de conhecimentos, formação ou de mais informação. (AM8)

Tomando como base os resultados apresentados, percebemos que o passo 1 (*Indicando implicações de pesquisas*) do movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*) foi construído em todos os artigos cuja unidade de Discussão não foi elaborada com esse passo. Semelhantemente, porém com baixa frequência, o passo 2 (*Alertando sobre a necessidade de pesquisas futuras*) também foi elaborado somente em um artigo cuja Discussão não abordou a necessidade de novos estudos.

Esses dados corroboram os estudos de Swales e Feak (2000) sobre conclusões de dissertações. Esses autores afirmam que, além de outras informações, na unidade de Conclusão, pesquisas futuras devem ser sugeridas e aplicações práticas e implementações devem ser destacadas em detalhes.

Já a unidade *Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa*, apesar de ter-se mostrado recorrente, não se justifica a partir de considerações teóricas ou de aspectos traçados no perfil da área. Essa unidade parece ocorrer principalmente como uma retomada do estudo por meio de comentários interpretativos mais gerais, constituindo-se um meio de ligação entre a Discussão e a própria Conclusão.

De modo geral, a unidade de Conclusão ainda é pouco comentada na literatura, especialmente quando os estudos se afastam das Ciências Humanas. Quanto ao perfil traçado na área, somente um periódico abordou a unidade de Conclusão destacadamente sem explicações detalhadas que, de fato, esclarecessem o real comportamento da seção. Outrossim, o membro colaborador não listou a Conclusão como unidade retórica de artigos de Medicina, encerrando suas respostas na seção de Discussão.

Perante esses dados, na figura 44, apresentamos a provável descrição retórica da unidade de Conclusão de artigos de Medicina, mantendo a terminologia com verbos no gerúndio.

Figura 44 – Descrição retórica da unidade de Conclusão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

Movimento 1: Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa e/ou

Movimento 2: Indicando implicações práticas de pesquisa

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Explicando a proposta, quanto à posição dos movimentos, partindo do critério de ocorrência simultânea, dos cinco artigos que foram elaborados com a unidade de Conclusão destacada, três apresentaram os dois movimentos propostos sempre na mesma sequência: movimento 1: *Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa* – movimento 2 (*Indicando implicações práticas de pesquisa*). Os outros dois artigos foram construídos apenas com o movimento 1 (*Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa*).

Semelhantemente ao que fizemos na análise da unidade de Discussão, quanto à mudança proposta para o passo 1 (*Indicando implicações de pesquisa*) do movimento 3 (*Declarando conclusões de pesquisa*) da descrição de Nwogu (1997), notamos que esse passo foi elaborado isoladamente, constituindo um novo movimento. Além disso, a nomenclatura sugere mais explicitamente a função retórica do movimento.

Em termos gerais, os movimentos dessa proposta revelam uma unidade com informações mais globais. Seu caráter conclusivo reside no fato de as informações referentes à realização da pesquisa encerrarem-se nessa seção, de modo que a unidade seguinte, a qual, com efeito, finaliza o artigo, somente informa a fonte dos itens de pesquisas prévias utilizadas para a análise de dados.

7.2.7 Referências

Encerrando o trabalho de análise de artigos de Medicina, a última unidade retórica recorrente é a unidade de Referências, construída por meio de um único movimento: *Listando*⁸² referências completas de todos os trabalhos citados. A seguir, apresentamos, na figura 45, a frequência desse movimento nos artigos da área.

Figura 45 – Frequência de unidades informacionais em referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina (10 artigos analisados)

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados	100%
--	-------------

Fonte: elaboração de nossa autoria.

A figura 45 é simples e autoexplicativa por ser composta por um único movimento. A seção de Referências é composta por uma lista com informações que se organizam de acordo com a ordem de citação e aparição de referências bibliográficas no restante do artigo marcada com índices numéricos. Tais informações precisam ser completas, tratando de dados como sobrenome de autores, nome de revistas, volumes, edições. Diante disso, observemos os exemplos 164, 165 e 166, nos quais destacamos alguns trechos de texto marcados com índice numérico e sua respectiva referência.

- (164) Na apresentação clínica, os sintomas podem ser diversos com achados físicos variáveis, dificultando muitas vezes o diagnóstico inicialmente⁽¹⁾.
1. Bailie DS, Kelikian AS. Tarsal tunnel syndrome: diagnosis, surgical technique and functional outcome. *Foot Ankle Int* 19:65-72, 1998. (AM2)

⁸² Como não há uma descrição par a unidade de Referências em que possamos nos basear para nomear o movimento encontrado, optamos por já usar uma expressão com verbo no gerúndio.

- (165) A IF pode ser resultante da identificação de PRM, devendo ser contínua e incorporada ao cotidiano da farmácia hospitalar.⁷
7. Rovers, JP, Currie, JD. Guia Prático da Atenção Farmacêutica. Pharmabooks. 3a edição. 2010. p.305. (AM5)
- (166) Em relação ao espectro de malformações relacionadas ao uso do misoprostol no presente estudo, todas as condições, com exceção do RN com higroma cístico, obedecem a um padrão de defeitos congênitos citados em artigos publicados sobre uso de misoprostol e relação com MF congênicas^{7,8}.
7. Da Silva Dal Pizzol T, Knop FP, Mengue SS. Prenatal exposure to misoprostol and congenital anomalies: systematic review and meta-analysis. *Reprod Toxicol*. 2006;22(4):666-71.
8. Gonzalez CH, Marques-Dias MJ, Kim CA, Sugayama SM, Da Paz JA, Huson SM, et al. Congenital abnormalities in Brazilian children associated with misoprostol misuse in first trimester of pregnancy. *Lancet*. 1998;351(9116):1624-7. (AM9)

Com base nesses dados, a partir do movimento 1 (*Listando referências completas de todos os trabalhos citados*), as referências são listadas no final do artigo, permitindo ao leitor uma visão ampla de toda a base teórica utilizada na pesquisa e o acesso a informações detalhadas que contribuam com a busca de materiais teóricos em mídia impressa ou em mídia digital.

Essa organização em torno de um movimento fundamenta-se, principalmente, nas orientações dadas pelos periódicos da área. As revistas, de modo geral, além de abordarem detalhadamente as unidades retóricas que apresentam a pesquisa em si, esmiúçam a seção de Referências sempre com exemplificações, seguindo, principalmente, o Estilo Vancouver, elaborado pelo *International Committee of Medical Journal Editors – ICMJE*.

Diante do que comentamos, vejamos, na figura 46, a descrição retórica para essa unidade, a qual se organiza em torno do único movimento encontrado com nomenclatura pautada em verbo no gerúndio.

Figura 46 – Descrição retórica da unidade de Referências de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

Fonte: elaboração de nossa autoria.

A partir da figura 46, o único movimento proposto para nossa descrição da unidade de Referências de artigos da área de Medicina foi elaborado por meio de uma nomenclatura autoexplicativa, não demandando maiores explicações. Desse modo, findada essa etapa de análise de todas as unidades retóricas do artigo de pesquisa da área disciplinar

de Medicina, observemos, na figura 47, a descrição completa do artigo experimental, a qual reúne todas as propostas de organização retórica sugeridas.

Figura 47 – Descrição retórica de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

INTRODUÇÃO

Movimento 1: Apresentando o tema

Passo 1 – Fazendo referência a pesquisas prévias e/ou

Passo 3 – Indicando limitações de pesquisas prévias e

Movimento 2: Apresentando os objetivos da pesquisa

METODOLOGIA

Movimento 1: Descrevendo procedimentos de coleta de dados

Passo 1 – Indicando a fonte de dados e/ou

Passo 2 – Apresentando a amostra e

Movimento 2: Descrevendo procedimentos experimentais

Passo 1 – Relatando o processo experimental e/ou

Passo 2 – Identificando o principal aparato da pesquisa e/ou

Movimento 3: Descrevendo procedimentos de análise de dados

Passo 1 – Indicando o processo de classificação de dados e/ou

Passo 2 – Indicando o instrumento de análise estatística e/ou

Passo 3 – Apresentando método(s) e/ou

Movimento 4 – Indicando aprovação por comitê de ética

RESULTADOS

Movimento 1: Apresentando resultados específicos

DISCUSSÃO

Movimento 1: Apresentando informação introdutória e

Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa

Passo 1 – Interpretando o resultado e/ou

Passo 2 – Indicando a importância do resultado e/ou

Passo 3 – Comparando resultados com literatura prévia e/ou

Passo 4 – Indicando limitações dos resultados e/ou

Movimento 3: Indicando implicações práticas de pesquisa

CONCLUSÃO

Movimento 1: Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa e/ou

Movimento 2: Indicando implicações práticas de pesquisa

REFERÊNCIAS

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

Fonte: elaboração de nossa autoria.

8 UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS CULTURAS DISCIPLINARES DAS ÁREAS DE LINGUÍSTICA E MEDICINA

Dando continuidade ao trabalho, chegamos ao momento final da análise, o qual corresponde a uma comparação entre detalhes particulares das duas áreas e as propostas de descrição retórica para os artigos de Linguística e Medicina.

Desse modo, diante dos perfis construídos para cada cultura disciplinar, observamos a pertinência da reflexão acerca de alguns aspectos. Ainda, cabe lembrarmos que traçamos um percurso por meio de diferentes visões: a visão dos relatórios de área da Capes, a visão de periódicos e de associações e a visão de um membro de cada cultura. Inicialmente, de modo geral, o relatório mais atualizado de avaliação trienal da Capes nos revelou semelhanças e diferenças entre as duas áreas que vão desde as distintas grandes áreas e áreas de concentração, perpassando questões relativas às orientações para novos cursos, até os critérios de publicação.

Assim, partindo da subdivisão das áreas apresentadas pela Capes, quanto à cultura da Linguística, há uma hierarquização entre a grande área de Letras, Linguística e Artes, a área de concentração de Linguística e algumas subáreas. Já no que tange à cultura da Medicina, a grande área de Ciências da Saúde abrange a área de concentração de Medicina, as subáreas das Medicinas I, II e III, resultando em diversas especialidades, diferentemente do que ocorre com a Linguística.

Diante disso, é evidente uma diferença fulcral marcada pela distinta natureza epistemológica das culturas e, ao que parece, pelas metodologias e pelos objetos de estudo, já que a Linguística volta-se ao estudo da língua e seus variados escopos, enquanto a Medicina trata de questões de saúde. Conseqüentemente, funções sociais divergentes emergem, especialmente quando o objetivo é contribuir para o bem-estar coletivo.

Como característica semelhante, a interdisciplinaridade é parte das duas culturas, porém com particularidades próprias. A Linguística abre-se à interferência de teorias e de métodos de áreas distintas, buscando um diálogo interdisciplinar e diversas opções de análise. A Medicina envolve-se com outras áreas do conhecimento, expandindo fronteiras e experiências em relação à produção científica e tecnológica e à abordagem médica.

No que diz respeito ao envolvimento das áreas com a educação básica, é evidente o quanto a Linguística se aproxima desse âmbito, ao passo que a Medicina se distancia. A

cultura disciplinar da Linguística possui uma íntima e natural relação com o ensino, focando-se na formação de alunos e de professores. Diferentemente, a cultura disciplinar da Medicina pouco se insere no ensino básico, especialmente, devido às características dos níveis de ensino fundamental e médio.

Mais especificamente, sobre as orientações para os novos cursos, uma comparação entre todos os pontos do relatório torna-se interessante por revelar a composição física e intelectual das duas áreas. Antes, porém, ressaltamos, em termos numéricos, a discrepância na quantidade de programas de cada área. Considerando as três subáreas da Medicina, essa área de concentração possui, com base na última avaliação da Capes, uma média de 207 cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Já a Linguística abrange 138 programas de pós-graduação *stricto sensu*, sendo muitos deles também voltados para estudos literários.

Passando ao primeiro ponto abordado nos relatórios de avaliação – a proposta do programa –, na área de Linguística, as recomendações exaltam que deve existir uma unidade que dê conta das áreas de concentração, das linhas e dos projetos de pesquisa, da produção intelectual, da matriz curricular. No caso das Medicinas I e II, a proposta deve ser clara quanto aos objetivos do novo curso, havendo compatibilidade desses propósitos com o campo científico no qual a proposta se insere. Quanto à Medicina III, a descrição da proposta deve apresentar coerência entre os objetivos e o processo de formação dos alunos bem como as áreas de concentração, as linhas de pesquisa e os projetos de pesquisa precisam ser bem articulados.

De modo geral, as propostas de novos cursos devem evidenciar condições de funcionamento com estrutura física e intelectual que possam garantir qualidade e abrangência acadêmica, ainda que as características de cada área sejam diferentes.

Sobre o corpo docente, segundo tema abordado nos relatórios, de modo geral, no caso das duas culturas disciplinares, a recomendação predominante é um núcleo permanente formado por professores doutores com experiência em atividade de orientação. Isso nos revela a correspondência entre as características das duas áreas, ainda que haja algumas divergências, como a variação no número mínimo de professores e a existência também de um núcleo colaborador na área de Linguística.

No tocante ao terceiro aspecto tratado pela Capes, a atividade de pesquisa, na área de Linguística, fundamenta-se no alinhamento entre os projetos de pesquisas dos professores e as linhas de pesquisas dos cursos. Além disso, cada professor deve coordenar ao menos um

projeto e deve envolver-se com atividade de orientação de iniciação científica, bem como os alunos aprovados devem envolver-se com algum projeto, compondo parte da equipe de pesquisa.

Já no caso das subáreas de Medicina I e II, a atividade de pesquisa alicerça-se na vinculação entre proposta geral do curso e linhas e projetos de pesquisas. Também, a participação de alunos da graduação deve ser incentivada, bem como projetos financiados por agências de fomento devem ser particularmente valorizados. No caso da Medicina III, as linhas de pesquisa precisam ser compatíveis com as áreas de concentração e com a dimensão da produtividade do corpo docente permanente. Além disso, as linhas devem ser produtivas quanto à publicação e à orientação.

Em relação à produção intelectual, quarto ponto do relatório, na área de Linguística, a produção considerada é a do docente permanente. A produção na área é classificada como produção 1 e produção 2, havendo uma lista vasta em cada uma dessas duas subdivisões que abrange, entre diferentes tipos de produção, artigo e resenha em periódico nacional ou estrangeiro, livro, organização de livro, trabalho completo publicado em anais, prefácio, livro de caráter literário.

No caso das subáreas da Medicina, a produção dos docentes devem relacionar-se à proposta do curso, às áreas de concentração e às linhas de pesquisa. Essa produção, para efeito de publicação, valerá somente no caso de publicação de artigos completos em periódicos e registros de patentes publicados em bases nacionais e/ou internacionais, a depender da subárea.

Quanto ao quinto tópico do relatório, a infraestrutura de ensino e pesquisa, em uma perspectiva geral, deve estar bem descrita na proposta, de modo que os programas devem fornecer boas condições de funcionamento, como laboratórios de pesquisa, salas de aula, estudo e pesquisa, biblioteca com acervo considerável. No caso da Medicina II, essa estrutura envolve ainda hospitais, unidades de saúde, centros de atendimento a pacientes.

O sexto e último ponto do relatório refere-se a quaisquer recomendações importantes para a implantação e o êxito de um novo curso. Para a área de Linguística, as recomendações se voltam para a maturidade científica da equipe, a qual precisa estar evidente em orientações já realizadas e em produções consideradas relevantes para a área. De modo semelhante, para as Medicinas I e II, as orientações tratam da experiência prévia do corpo

docente e da instituição em atividade de investigação científica, aferida pela produção intelectual compatível com as atividades propostas.

Já para a subárea de Medicina III, as novas propostas precisam refletir a realidade da produção científica, técnica e de inovação e a inserção social de docentes permanentes quanto à formação de pessoas qualificadas, ao mercado de trabalho, ao atendimento de necessidades, principalmente, do Sistema Único de Saúde – SUS brasileiro e ao desenvolvimento de pesquisa.

Ligadas às propostas de novos cursos estão as considerações e definições sobre inserção internacional. Nesse sentido, a área de Linguística encontra-se em estágio avançado de internacionalização. Para a área, sua inserção internacional busca a cooperação com instituições e centros de pesquisa no exterior, com paridade e reciprocidade, oferecendo efetiva contribuição na produção de conhecimento e obtendo qualidade nos diálogos entre pares. De modo análogo, a internacionalização da área de Medicina volta-se para a implantação de ações institucionais, a exemplo da disponibilização e disposição para fazer parcerias com instituições estrangeiras, permitir fluxo de discentes e docentes, minimizar impactos burocráticos e culturais que naturalmente existem.

Ainda sobre a visão dos relatórios de área da Capes, outro importante assunto que merece destaque nessa comparação é a discussão a respeito da avaliação de periódicos. Assim, há uma extrema aproximação entre as duas culturas quanto à forma de divulgar e compartilhar conhecimento dentro de um *locus* de pesquisa por meio do artigo acadêmico, o qual ganha espaço central, adquirindo cada vez mais *status* entre os acadêmicos.

Apesar disso, existem diversos aspectos que se distanciam especialmente nos critérios de avaliação dos periódicos em cada área disciplinar. Inicialmente, os estratos (A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C) para qualificar revistas são iguais nas duas culturas, porém os pesos para avaliação variam entre as áreas. Além disso, os parâmetros gerais e os critérios para classificação de periódicos, na área de Linguística, são listados detalhadamente, enquanto, na área de Medicina, são embasados no chamado fator de impacto (FI) da revista aferido pela base indexadora do ISI – *institute for Scientific Information* – ou nas *cites per doc* medidas pela base Scimago.

Partindo para a visão dos periódicos e das associações, percebemos claramente uma grande divergência entre os objetos de estudo e, principalmente, as diretrizes para a elaboração de novos textos nas duas áreas. Inicialmente, as revistas e as associações da

Linguística e da Medicina, como já esperado, não possuem os mesmos objetos de pesquisa, no entanto, quando o foco central é promover conhecimento específico, além de fornecer uma base sólida para o firmamento epistemológico da própria área, elas se aproximam.

O grande afastamento, na verdade, reside nas normas dos periódicos direcionadas aos autores. A área disciplinar de Linguística apresenta uma grande carência nessa questão, visto que, das seis revistas compiladas, somente uma trata da organização completa das unidades retóricas de artigos, de modo bem superficial, citando, além da unidade de Referências, a Introdução, a Revisão de Literatura, a Metodologia, os Resultados e a Conclusão.

De modo desigual, as diretrizes presentes na maioria dos periódicos da área disciplinar de Medicina abordam, com detalhes, como devem ser construídas as unidades recorrentes de artigos experimentais, como a Introdução, a Metodologia, os Resultados, a Discussão, a Conclusão e as Referências, e as unidades não recorrentes, como os Agradecimentos, o Conflito de Interesses e a Colaboração dos autores. Também, essas normas enfatizam questões mais específicas, a exemplo da indicação de aprovação da pesquisa por comitê de ética institucional.

É interessante ainda destacar que os periódicos, mesmo que não tratem de uma unidade voltada para a revisão de itens de pesquisas prévias, fazem breve menção à citação de pesquisas quando detalham a seção de introdução. Já os periódicos de Linguística, em momento algum, fazem referências às unidades de Agradecimentos, Conflito de Interesses e Colaboração dos autores, nem às informações sobre comitê de ética.

Finalizando a construção do perfil das culturas disciplinares, temos a visão dos membros das áreas acerca de gêneros acadêmicos, de modo especial o artigo de pesquisa. Primeiramente, os dois membros afirmaram ser o artigo acadêmico o gênero de maior importância para a própria comunidade disciplinar. É importante ressaltar que tal importância, na visão dos colaboradores, reside na capacidade que o artigo tem de difundir conhecimento, contribuindo com a evolução e a sobrevivência de cada cultura. Essa informação faz referência aos relatórios da Capes, os quais atribuem ao referido gênero o maior destaque durante a avaliação da produção intelectual dos membros da área.

Sobre a publicação, com base nas respostas dadas pelos colaboradores, a divulgação de artigos acontece, de modo especial, por meio dos periódicos, reforçando a importância do *Qualis-Periódicos*. Ainda nesse sentido, o mestrando da Medicina enfatizou a

recorrência da produção e da publicação de gêneros em coautoria, fato confirmado no *corpus*, pois, nos artigos de Medicina analisados, a média de autores por produção é de aproximadamente seis. Já o pesquisador da Linguística confirmou a coautoria na área, porém destacou que geralmente há um limite de dois ou três autores, fato também confirmado no material de análise, visto que todos os artigos de Linguística foram elaborados por um ou dois autores.

No que tange às principais seções do artigo experimental, percebemos disparidades nas respostas dos membros das áreas. Tais disparidades encontram-se no detalhamento das respostas oferecidas. O pesquisador da Linguística, esmiuçou, quais as unidades retóricas de um artigo, apresentando, com bastantes detalhes, o propósito de cada uma. O mestrando da Medicina já se mostrou mais econômico em suas repostas, limitando-se a citar, breve e superficialmente, as seções e seus objetivos.

Buscando aprofundar essa comparação, parece-nos que há uma correlação entre as respostas dos questionários e o que os periódicos apresentam. No caso da Linguística, podemos inferir que não há um detalhamento por, de certo modo, os membros da área já estarem bastante familiarizados com a estrutura do gênero. No caso da Medicina, a preocupação em orientar com detalhes existe independentemente de seus membros conhecerem ou não o gênero. Mais especificamente, o mestrando que colaborou com nosso estudo, por exemplo, ofereceu respostas sucintas demais. A brevidade das respostas talvez indique uma insuficiência de conhecimentos sobre o tópico em questão, a qual, no momento da produção, seria suprida a partir das normas das revistas.

Após compararmos o perfil das duas culturas, um detalhe merece destaque. Apesar de todas as especificidades já apresentadas, a caracterização das culturas leva-nos a pensar sobre uma possível existência de variações dentro das próprias áreas, especialmente no caso da Medicina, que se desdobra em diversas especialidades. Nessa perspectiva, um estudo mais aprofundado e mais detalhado de cada cultura disciplinar pode trazer à tona explicações para determinadas escolhas metodológicas que não conseguimos fundamentar com base na teoria e na descrição dos campos de conhecimento.

Na perspectiva do que expusemos até o momento, naturalmente, nasce a necessidade de se investigar as diferentes formas de se construir o gênero artigo experimental. Partindo dessa noção e do aprofundamento do estudo com a análise de artigos completos de Linguística e de Medicina, uma comparação entre as propostas de descrição sociorretórica para os artigos dessas duas áreas é imprescindível para completarmos a pesquisa.

Considerando isso, percebemos diferenças e semelhanças nas unidades retóricas dos artigos de cada cultura no que diz respeito à ocorrência dessas seções e ao próprio conteúdo. Assim, quanto à composição mais ampla dos artigos, mudanças foram evidentes de uma área para outra. Na área de Linguística, as unidades retóricas recorrentes foram Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados e Discussão, Conclusão e Referências, enquanto, na área de Medicina, as seções predominantes foram Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusão e Referências.

Quanto a essa composição ampla, a unidade de Introdução, presente em 100% dos artigos tanto de Linguística como de Medicina, teve sua alta frequência fundamentada em questões teóricas, como os estudos de Swales (1990), Motta-Roth e Hendges (2010) e Nwogu (1997), e em normas e diretrizes para publicação de novos textos, especialmente as da área médica. Além disso, os membros colaboradores das duas áreas destacaram essa seção como parte fundamental de um artigo de pesquisa.

De modo mais específico, apesar da igual ocorrência nas duas comunidades disciplinares, essa seção organiza-se diferentemente quanto às unidades informacionais que a constituem. No caso da Linguística, os movimentos 1 (*Apresentando o tema*) e 2 (*Apresentando a pesquisa*) abordam, respectivamente, aspectos mais gerais sobre o tema, situando o leitor na área de pesquisa específica e contextualizando inicialmente o tópico, e aspectos mais peculiares, detalhando a própria pesquisa com apresentação de objetivos, aspectos metodológicos e suporte teórico-metodológico.

No caso da área de Medicina, a preocupação maior dos autores é situar o leitor no campo de pesquisa com aspectos do campo de conhecimento para dar suporte ao estudo – movimento 1: *Apresentando o tema* – e inseri-lo no mundo particular da investigação a partir da apresentação de objetivos – movimento 2: *Apresentando os objetivos da pesquisa*.

Para facilitar o entendimento dos resultados apresentados, a seguir, na figura 48, podemos verificar o comportamento de introduções nas duas áreas.

Figura 48 – Descrições retóricas da unidade de Introdução de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina

LINGUÍSTICA

Movimento 1: Apresentando o tema

Passo 1 – Fazendo generalização/ões sobre o tópico e/ou

Passo 2 – Estabelecendo a importância da pesquisa e

Movimento 2: Apresentando a pesquisa

Passo 1 – Apresentando objetivos e/ou

Passo 2 – Apresentando aspecto(s) metodológico(s) e/ou

Passo 3 – Indicando suporte teórico-metodológico

MEDICINA

Movimento 1: Apresentando o tema

Passo 1 – Fazendo referência a pesquisas prévias e/ou

Passo 2 – Indicando limitações de pesquisas prévias e

Movimento 2: Apresentando os objetivos da pesquisa

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Explicando a figura 48, é possível percebermos que as duas áreas buscam orientar o leitor inicialmente, de modo a situá-lo no estudo e seduzi-lo para a leitura do artigo, porém com estratégias distintas. A Linguística, por meio do movimento 1 (*Apresentando o tema*), declara informações bem mais gerais de conhecimento já estabelecido no campo, não fazendo referência a estudos prévios (passo 1 – *Fazendo generalização/ões sobre o tópico*) e justificando a relevância do trabalho (passo 2 – *Estabelecendo a importância da pesquisa*).

Já a Medicina, com o movimento 1 (*Apresentando o tema*), contextualiza o tema com aspectos mais peculiares do campo de conhecimento, mas sem aprofundamentos teóricos (passos 1 – *Fazendo referência a pesquisas prévias* e 2 – *Indicando limitações de pesquisas prévias*), como orientam muitos periódicos.

A tentativa de apresentar a pesquisa propriamente dita revela uma aproximação quanto à apresentação dos objetivos com o passo 1 (*Apresentando objetivos*) do movimento 2 (*Apresentando a pesquisa*) em introduções de Linguística e com o movimento 2 (*Apresentando os objetivos da pesquisa*) em introduções de Medicina, sendo essa aproximação o único elemento comum entre as duas descrições. Ademais, a área de Linguística parece ampliar os limites informacionais, citando dados teóricos e/ou metodológicos (passo 2 – *Apresentando aspecto(s) metodológico(s)* e passo 3 – *Indicando suporte teórico-metodológico*), o que não ocorre com a Medicina.

No tocante à unidade de Revisão de Literatura, somente presente nos artigos de Linguística com uma frequência de 80%, podemos afirmar que essa seção, voltada para o aprofundamento de itens de pesquisas prévias que servem de norte para a análise de dados, é a principal divergência entre as duas áreas, o que nos impede de fazer uma comparação minuciosa. Diante disso, de modo breve, Motta-Roth e Hendges (2010), os periódicos de Linguística e o membro experiente da área confirmam a alta recorrência dessa unidade nos artigos analisados. De modo oposto, a ausência dessa unidade em artigos de Medicina pode ser justificada pela ausência de informações referentes a isso nas diretrizes dos periódicos e no trabalho de Nwogu (1997).

É importante destacar, também, que a área médica informa sobre a existência de estudos prévios, porém isso se dá sem aprofundamentos, com citações breves especialmente na unidade de Introdução, como mostram as diretrizes dos periódicos, e, na maioria das vezes, com índices remissivos que conduzem o leitor à leitura das referências do artigo e, conseqüentemente, à literatura da área.

Sobre a unidade retórica de Metodologia, evidente em metade dos artigos de Linguística e em todos os artigos de Medicina, identificamos que essa seção foi construída com algumas divergências pelas duas áreas. Apesar de não haver referências diretas na literatura, no caso da Linguística, a frequência de 50% se deu por muitos artigos apresentarem aspectos metodológicos em outras unidades retóricas, como Introdução e Resultados e Discussão. Com base nisso, podemos inferir que a Metodologia, em artigos dessa área, pode ser uma seção facultativa, existindo a possibilidade de informações metodológicas serem construídas em outras unidades.

Em relação à Medicina, os periódicos da área e as pesquisas prévias, especialmente os estudos de Nwogu (1997) voltados particularmente para essa área, confirmam a elevada ocorrência dessa unidade. Essa alta frequência indica o cunho comum e obrigatório dessa seção confirmado ainda pelas respostas do mestrando.

Quanto às particularidades da Metodologia, a área de Linguística parece ser menos detalhista, limitando-se a tratar da amostra utilizada na pesquisa (movimento 1: *Apresentando a amostra da pesquisa*) e dos procedimentos de análise de dados (movimento 2: *Apresentando análise de dados*).

Distintamente, a área de Medicina parece prezar pelo detalhamento com informações relativas à amostra da pesquisa (movimento 1: *Descrevendo procedimentos de*

coleta de dados), aos procedimentos experimentais (movimento 2: *Descrevendo procedimentos experimentais*) e aos procedimentos de análise de dados (movimento 3: *Descrevendo procedimentos de análise de dados*). Além disso, um ponto importante é a informação sobre a aprovação do estudo por comitê de ética institucional (movimento 4 – *Indicando aprovação por comitê de ética*), algo bastante incomum na área de Linguística, apesar de haver pesquisas que necessitem dessa aprovação.

Para compreender, de modo sistemático, as duas descrições, vejamos, a seguir, a figura 49.

Figura 49 – Descrições retóricas da unidade de Metodologia de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina

LINGUÍSTICA

Movimento 1: Apresentando a amostra da pesquisa e/ou

Movimento 2: Apresentando análise de dados

MEDICINA

Movimento 1: Descrevendo procedimentos de coleta de dados

Passo 1 – Indicando a fonte de dados e/ou

Passo 2 – Apresentando a amostra e

Movimento 2: Descrevendo procedimentos experimentais

Passo 1 – Relatando o processo experimental e/ou

Passo 2 – Identificando o principal aparato da pesquisa e/ou

Movimento 3: Descrevendo procedimentos de análise de dados

Passo 1 – Indicando o processo de classificação de dados e/ou

Passo 2 – Indicando o instrumento de análise estatística e/ou

Passo 3 – Apresentando método(s) e/ou

Movimento 4 – Indicando aprovação por comitê de ética

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Com base na figura 49, é possível percebermos que as duas áreas se aproximam quanto às questões sobre a amostra utilizada no estudo e sobre os procedimentos de análise. No entanto, a área de Medicina, visivelmente, é mais minuciosa, apresentando especificidades com os dois passos dos movimentos 1 (*Indicando a fonte de dados e Apresentando a amostra*) e 2 (*Relatando o processo experimental e Identificando o principal aparato da pesquisa*), as quais, talvez, sejam necessárias para tornar as informações apresentadas nas unidades seguintes – Resultados e Discussão – confiáveis.

No caso da Linguística, é importante pontuar que, apesar de não haver passos mais específicos nos movimentos 1 (*Apresentando a amostra da pesquisa*) e 2 (*Apresentando análise de dados*), um detalhamento é possível caso seja do interesse do autor. Ademais, a falta desses passos específicos pode significar também o caráter mais breve e facultativo da própria unidade.

Já o movimento 2 (*Descrevendo procedimentos experimentais*) da descrição de metodologias de artigos de Medicina é o que mais diferencia as duas propostas, uma vez que as informações dos dois passos (*Relatando o processo experimental e Identificando o principal aparato da pesquisa*) desse movimento ocorreram com baixa frequência ou frequência nula nos artigos de Linguística.

Com base nesses dados, podemos inferir que, talvez as principais diferenças sejam reflexo do fato de todos os exemplares de Medicina terem apresentado a unidade de Metodologia, enquanto somente metade dos de Linguística apresentou destacadamente essa seção. Ainda, é possível que o fato de a área de Linguística, em metade do *corpus*, apresentar informações metodológicas em outras unidades retóricas, como Introdução e Resultados e Discussão, em detrimento da própria seção de Metodologia, revele a menor importância que é dada a essa unidade, justificando seu menor grau de detalhamento em artigos da área.

No que tange às unidades de Resultados e Discussão, há divergências quanto à forma como essas seções são elaboradas nas duas culturas. Na Linguística, há elevada ocorrência (90%) de uma única unidade para achados e suas interpretações, enquanto na Medicina a apresentação de duas seções separadas para cada tipo de informação é a principal estratégia, evidente em 80% dos exemplares. No primeiro caso, há uma maior liberdade de organização, já que o autor decide se apresenta todos os resultados antes de todas as interpretações ou se apresenta resultados já associados às suas respectivas interpretações. Já no segundo caso não há opção, costumando o autor sempre apresentar separadamente essas informações.

Essas diferenças possuem fundamentos nas teorias sobre o assunto, visto que pesquisadores como Swales (1990) afirmam que essas seções podem ser elaboradas junta ou isoladamente. Nesse sentido, de modo mais específico, Motta-Roth e Hendges (2010) destacam uma única unidade para autores tecerem considerações sobre achados e interpretações, fundamentando o comportamento retórico encontrado em artigos de Linguística. Já Swales (1990), com o seu modelo IMRD, e Nwogu (1997), com sua análise de artigos de Medicina, confirmam, junto às orientações de periódicos, a alta ocorrência das duas unidades em questão em artigos da área médica.

Quanto às especificidades de cada seção em cada área, a unidade de Resultados e Discussão de artigos de Linguística foca-se, especialmente, na apresentação de achados com o movimento 2 (*Apresentando resultados*) e na interpretação de dados com o movimento 3 (*Interpretando resultados*) imediatamente após apresentar informações que introduzem a seção por meio do movimento 1 (*Introduzindo a análise de dados*).

No caso da Medicina, a unidade de Resultados é extremamente objetiva, limitando-se a apenas declarar resultados de pesquisa (movimento 1: *Apresentando resultados específicos*), enquanto a unidade de Discussão foca-se na interpretação dos resultados (movimento 2: *Explicando resultados específicos de pesquisa*) e na apresentação de consequências práticas para a área profissional e/ou acadêmica (movimento 3: *Indicando implicações práticas de pesquisa*).

Diante disso, observemos as três unidades com o fito de melhor perceber os aspectos que se aproximam e se distanciam.

Figura 50 – Descrições retóricas da unidade de Resultados e Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Linguística e das unidades de Resultados e de Discussão de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Medicina

LINGUÍSTICA

Resultados e Discussão

Movimento 1: Introduzindo a análise de dados e

Movimento 2: Apresentando resultados e

Movimento 3: Interpretando resultados

MEDICINA

Resultados

Movimento 1: Apresentando resultados específicos

Discussão

Movimento 1: Apresentando informação introdutória e

Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa

Passo 1 – Interpretando o resultado e/ou

Passo 2 – Indicando a importância do resultado e/ou

Passo 3 – Comparando resultados com literatura prévia e/ou

Passo 4 – Indicando limitações dos resultados e/ou

Movimento 3: Indicando implicações práticas de pesquisa

Fonte: elaboração de nossa autoria.

A partir da figura 50, podemos notar que, apesar de as informações sobre resultados e interpretações serem apresentadas com um arranjo desigual nos artigos das duas áreas, algumas particularidades se assemelham. Nessa perspectiva, o movimento 1 da seção de Resultados e Discussão (*Introduzindo a análise de dados*) e da unidade de Discussão (*Apresentando informação introdutória*) parecem ter funções retóricas bastante parecidas, uma vez que simplesmente introduzem as unidades retóricas.

Além disso, o movimento 2 (*Apresentando resultados*) da unidade de Resultados e Discussão e o movimento 1 (*Apresentando resultados específicos*) da seção de Resultados compartilham a mesma objetividade. Já o movimento 3 (*Interpretando resultados*) presente em Resultados e Discussão e o movimento 2 (*Explicando resultados específicos de pesquisa*) da seção de Discussão aproximam-se quanto ao objetivo de interpretar e explicar resultados, no entanto distanciam-se quando ao detalhamento por meio de passos específicos encontrados na descrição da área de Medicina.

Por fim, o movimento 3 (*Indicando implicações práticas de pesquisa*) da Discussão é o principal diferencial entre as descrições, por ser também uma unidade informacional pertencente à Conclusão de exemplares da Medicina, como já conferimos em

análise anterior, só possuindo relação com a unidade de Conclusão de artigos de Linguística, como veremos adiante.

Desse modo, passando à unidade de Conclusão, as frequências apresentadas nos artigos das duas áreas mostram a diferença no grau de relevância dessa seção para as duas culturas. Enquanto todos os exemplares de Linguística foram elaborados com considerações finais em unidade destaca, somente metade dos artigos de Medicina apresentaram a Conclusão como unidade retórica.

Esse resultado indica o caráter comum dessa unidade em artigos de Linguística e o caráter facultativo em exemplares de Medicina, o que é justificável, pois, como afirmam Motta-Roth e Hendges (2010), as informações finais podem ser apresentadas na unidade de Discussão, sendo desnecessária a sua repetição na Conclusão. Além disso, essa divergente frequência é confirmada pelos membros das duas culturas: enquanto o pesquisador experiente da área de Linguística considerou a unidade de Conclusão como parte obrigatória do artigo, o mestrando da Medicina a desconsiderou em suas respostas.

No que diz respeito aos detalhes dessa unidade, nos artigos de Linguística, é oferecida ao leitor certa liberdade para sumarizar o estudo com o movimento 1 (*Sumarizando o estudo*), permitindo-lhe a possibilidade de retomar informações variadas relativas às outras unidades retóricas do artigo. Outrossim, com o movimento 2 (*Traçando implicações pedagógicas*), os autores indicam possíveis consequências voltadas especialmente para o ensino.

Já nos artigos da área de Medicina, há uma apresentação de informações mais gerais relacionadas a interpretações globais dos resultados do estudo, por meio do movimento 1 (*Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa*), e uma apresentação de efeitos práticos resultantes da pesquisa por meio do movimento 2 (*Indicando implicações práticas de pesquisa*).

Diante desses dados, apresentamos, na figura seguinte, as descrições da unidade de Conclusão das duas áreas.

Figura 51 – Descrições retóricas da unidade de Conclusão de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina

LINGUÍSTICA

Movimento 1: Sumarizando o estudo e/ou

Movimento 2: Traçando implicações pedagógicas

MEDICINA

Movimento 1: Apresentando interpretações gerais dos achados da pesquisa e/ou

Movimento 2: Indicando implicações práticas de pesquisa

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Explicando a figura 51, a descrição de artigos de Linguística, apesar de somente apresentar dois movimentos, mostra-se um pouco mais minuciosa do que a descrição dos exemplares de Medicina. Isso se dá especialmente com o primeiro movimento das duas descrições. No caso dos exemplares de Linguística, esse movimento pode ser elaborado com informações que retomem considerações de todas as outras unidades retóricas, ao passo que, nos artigos de Medicina, faz referências, principalmente, a informações presentes nas unidades de Resultados e de Discussão.

Em relação às implicações práticas geralmente sugeridas nessa unidade retórica, as duas áreas, por meio do segundo movimento da descrição, valorizam a possibilidade de extrapolar os muros da pesquisa acadêmica, mas em perspectivas distintas. A Linguística, área que se volta para a educação básica e superior, de modo geral, sugere implicações que se voltam para a educação. Já a Medicina, além de indicar implicações voltadas somente para o ensino superior, já que a área não atua efetivamente no ensino básico, sugere mudanças também no dia a dia do profissional que lida com pessoas adoentadas.

Já em relação à última unidade retórica presente nos artigos das duas culturas disciplinares, temos as Referências em 100% dos exemplares do *corpus*. Essa alta frequência determina o caráter obrigatório dessa seção, o que é confirmado somente pelas normas e diretrizes de todos os periódicos apresentados, já que não há, na literatura, informações sobre esse tópico.

Quanto à descrição retórica propriamente dita, essa unidade, nos artigos das duas áreas, foi elaborada com um único movimento (*Listando referências completas de todos os*

trabalhos citados) voltado à apresentação de detalhes sobre as pesquisas citadas no texto. Vejamos, então, a comparação das duas propostas.

Figura 52 – Descrições retóricas da unidade de Referências de artigos experimentais da cultura disciplinar das áreas de Linguística e de Medicina

LINGUÍSTICA

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

MEDICINA

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Como podemos perceber na figura 52, essa seção assemelha-se, nas duas áreas, no que tange ao detalhamento no momento da apresentação das fontes de pesquisa. Em contrapartida, há uma diferença quanto à ordenação de cada item, uma vez que a área de Linguística segue, geralmente, as normas da ABNT e a área de Medicina segue o Estilo Vancouver.

Encerrando esse tópico da análise, tomando como base as descrições I(RL)M(RD)CR para Linguística e IMRDCR para Medicina, são evidentes as diferenças quanto à organização retórica entre artigos de áreas disciplinares distintas, refletindo crenças, normas, nomenclaturas, enfim, particularidades de cada cultura. Apesar dessas especificidades, é importante destacar que as estratégias de organização dos textos comuns às duas áreas parecem indicar a existência de uma matriz para descrição retórica de artigos da academia como um todo e não somente de uma única disciplina, fato que merece atenção e aprofundamento de estudos.

9 CONCLUSÃO

Propomo-nos, nesse trabalho, a percorrer um caminho laborioso, instigante e capaz de suscitar uma tradição de estudos. Tentamos, ao longo dessa empreitada, contribuir com as pesquisas em Linguística Aplicada, especialmente com aquelas voltadas ao ensino e à produção de gêneros acadêmicos. Ainda, temos consciência de que abraçamos um projeto que exigiria de nós um verdadeiro comprometimento acadêmico, um esforço dedicado e a coragem necessária para, ao longo de dois anos, amadurecermos um estudo baseado em uma temática até então pouco explorada. É, pois, em face desse compromisso e do respeito para com o leitor que acreditamos ser necessário resgatarmos nossas questões e nossos objetivos de pesquisa, dispensando-lhes o devido tratamento, se desejarmos encerrar essa etapa do percurso com a mesma diligência com que desenvolvemos o restante.

Diante disso, entender como diferenças disciplinares influenciam na produção e no consumo do artigo acadêmico experimental nos levou a uma análise minuciosa da descrição sociorretórica desse gênero e das distintas culturas disciplinares das áreas de Linguística e Medicina, áreas de conhecimento em evidência nessa pesquisa. Tal análise nos mostrou que a lógica que subjaz o artigo experimental, além de ter fundamento no próprio propósito do gênero, apoia-se nos elementos que compõem as culturas disciplinares.

Assim, o entendimento de cada cultura, construído a partir de diferentes visões, revelou-nos, primeiramente, que os propósitos comunicativos do artigo experimental parecem ser compreendidos pelos pesquisadores das áreas investigadas, assemelhando-se quanto ao objetivo comum de difundir e compartilhar conhecimento especializado e promover *feedback*, independentemente das diferenças disciplinares. Nesse tocante, cabe destacar que, apesar de semelhantes quanto a um objetivo mais geral, os propósitos específicos variam, particularmente, devido aos diferentes objetos de estudo e às diferentes metodologias, crenças, normas, posturas, como podemos confirmar com as características das culturas e com os dados encontrados nos exemplares analisados.

Já a organização retórica dos textos, de modo geral, justifica-se, primeiramente, pelas práticas adotadas durante a própria pesquisa de campo, de modo que, no artigo, autores textualizam todo o processo experimental. Em um segundo momento, as estratégias retóricas adquirem peculiaridades que podem ser explicadas pelas particularidades das culturas disciplinares em que determinado trabalho se insere. Outro detalhe que merece destaque é o

fato de que, apesar da influência de especificidades disciplinares, as estratégias de condução de informações comuns às duas áreas parecem indicar a existência de uma matriz de organização retórica da academia e não somente de uma disciplina.

Ficou bastante evidente, então, que, na área de Medicina, os periódicos especializados orientam a escrita de novos textos de modo detalhado. Os autores, por conseguinte, veem-se obrigados a seguir as normas e as diretrizes que lhes são impostas, uma vez que somente desse modo poderão aumentar a quantidade e a qualidade de sua produção intelectual, fato essencial para os cursos de pós-graduação alcançarem uma boa nota na avaliação feita por órgãos de fomento.

Já no caso da área de Linguística, de modo geral, apesar de as revistas não orientarem a escrita de artigos, o pesquisador experiente mostra-se bastante conhecedor da configuração desse gênero. Em função disso, alguns novos questionamentos nos incomodaram ao longo do estudo, os quais elencamos a seguir: de onde professores da cultura disciplinar da área de Linguística tiram o padrão para escrever artigos? Em que momento eles adquirem esse conhecimento? Letramento ou experiência?

Tais perguntas, de algum modo, já eram esperadas devido a certas limitações do trabalho que correspondem às dificuldades encontradas durante a caracterização das áreas. De modo geral, os relatórios de área da Capes não nos fornecem elementos que possam explicar a escrita de artigos acadêmicos, conduzindo-nos às revistas das áreas e à opinião dos pesquisadores, ao destacarem, respectivamente, a importância do *Qualis-Periódicos* e a estrutura do corpo docente de programas acadêmicos.

Somada a essa questão está a limitada extensão do *corpus*. Por esse estudo tratar-se de uma pesquisa exploratória de artigos completos de áreas disciplinares distintas, todo o trabalho demandado condicionou o tamanho do material de análise, haja vista a necessidade de idas e vindas ao *corpus* para uma análise detalhada e de olhares diferenciados⁸³, a fim de que dados e informações pudessem ser confirmados.

Apesar desses obstáculos enfrentados, é certo que nosso estudo avançou consideravelmente. Primeiramente, ao tratarmos da organização retórica dos artigos, revisitamos modelos de descrição existentes, propondo uma reformulação das terminologias com maiores explicações, inclusive sociais por meio da caracterização das áreas, para unidades retóricas, movimentos e passos. Consequentemente, alcançamos diferentes propostas

⁸³ Os artigos foram analisados várias vezes tanto por mim quanto por minha orientadora.

de descrição retórica para artigos experimentais mais atuais e mais intimamente ligadas às características de cada área refletidas no processo de escrita.

Ainda, ao propormos uma matriz analítica para o estudo de culturas disciplinares, sabemos ter traçado um valioso percurso teórico e metodológico para pesquisadores que futuramente se interessem em replicar essa pesquisa ou em iniciar um novo projeto que envolva esse tema. Sabemos também que nossos resultados contribuem, sobretudo, com o ensino explícito de gêneros, o qual defendemos, facilitando o trabalho de docentes e discentes durante a produção acadêmica por meio de uma proposta teórico-metodológica mais clara e estimulando o devido letramento nas diferentes áreas.

Por fim, apesar de essas linhas carregarem um tom de desfecho, é fato que muito ainda há para se pesquisar, especialmente diante da diversidade de gêneros e das várias culturas disciplinares existentes na academia. Destarte, convidamos pesquisadores a se debruçarem sobre essa temática, reproduzindo e aprimorando esse estudo, com a investigação de novas culturas e de um *corpus* mais extenso.

REFERÊNCIAS

AMIRIAN, Z.; KASSAIAN, Z.; TEVAKOLI, M. Genre analysis: an investigation of the Discussion sections of Applied Linguistics research articles. **The Asian ESP Journal**, v. 4, n. 1, p. 39-63, abr. 2008.

AMNUAI, W.; WANNARUK, A. A move-based analysis of the Conclusion sections of research articles published in international and thai journals. **3L: Journal of Language, Linguistics and Literature - The Southeast Asian Journal of English Language Studies**, v. 19, n. 2, p. 53-63, set. 2013.

ARAÚJO, A. D. **Lexical Signalling: A Study of Unspecific Nouns in Book Reviews**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

_____. Gêneros textuais acadêmicos: reflexões sobre metodologias de investigação. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 26, p. 21-27, jan./dez. 2004.

ARAÚJO, J. C. A comunidade discursiva dos Tananans: uma experiência etnográfica em sala de chat. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. T. (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ASKEHAVE, I. Communicative purpose as genre determinant. **Hermes, Journal of Linguistics**, n. 23, p. 13-23, 1999.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: teoria, pesquisa, ensino**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BERNARDINO, C. G. **Depoimentos dos alcóolicos anônimos: um estudo do gênero textual**. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

_____. **O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BEZERRA, B. G. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. New York: Longman, 1993.

_____. **Worlds of written discourse: a genre based-view**. London: Continuum, 2004.

BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J. C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. T. (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, R.L.S. A organização retórica do gênero artigo experimental em comunidades disciplinares distintas. **Entrepalavras: Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC**, v. 2, p. 126-146, 2012.

GAEDE-SAKATA, C. R. **A comunidade discursiva virtual Sociedade Senhor dos Anéis: caracterização e condições de participação**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

_____. A comunidade discursiva virtual Sociedade Senhor dos Anéis. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. T. (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011(1973).

HENDGES, G. R. **Novos contextos, novos gêneros: a seção de Revisão da Literatura em artigos acadêmicos eletrônicos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

HOLMES, R. Genre Analysis, and the social sciences: an investigation of the structure of research article Discussion section in three disciplines. **English for Specific Purposes**, v. 16, n. 4, p. 321-337, 1997.

HYLAND, K. Scientific claims and community values: articulating an academic culture. **Language and Communication**, v. 17, n. 1, p. 19-32, 1997.

_____. **Hedging in Scientific Research Articles**. Amsterdam: John Benjamins, 1998a.

_____. Persuasion and context: the pragmatics of academic discourse. **Journal of Pragmatics**, 30, p. 437-55 (1998b)

_____. **Disciplinary discourses: social interactions in Academic Writing**. Singapore: Pearson Education Limited, 2000.

_____. **Metadiscourse**. London: Continuum, 2005.

_____. Genre and academic writing in the disciplines. **Language teach.** 41:4, p.543-562. London: Cambridge University Press, 2008.

_____. **Academic discourse: English in a global context**. London: Continuum, 2009.

LIM, J. M. H. Method sections of Management research articles: a pedagogically motivated qualitative study. **English for Specific Purposes**, v. 25, p. 282-309, 2006.

LIMA, J. P. E. **(Blog)ueiros: Critérios para o estudo de comunidades discursivas globais e locais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 3 ed. Revista e aumentada. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NWOGU, K. N. The Medical research paper: structure and functions. **English for Specific Purposes**, v. 16, n. 2, p. 119-138, 1997.

OLIVEIRA, F. M. A configuração textual da seção de Metodologia em artigos acadêmicos eletrônicos de Linguística Aplicada. **Vidya**, Santa Maria, v. 21, p. 237-252, jan./jun. 2002.

_____. **A configuração textual da seção de Metodologia em artigos acadêmicos de Linguística Aplicada.** 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

PINTO, A. C.; ANDRADE, J. B. Fator de impacto de revistas científicas: qual o significado deste parâmetro?. **Química Nova**, São Paulo, v. 22 (3), p. 448-453, 1999.

SILVA, L. F. **Análise de gênero:** uma investigação da seção de Resultados e Discussão em artigos científicos de Química. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

SWALES, J. M. **Genre analysis:** English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Repensando gêneros: nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. In: BEZERRA, Benedito G.; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica M. (Orgs.). **Gêneros e sequências textuais.** Recife: EDUPE, 2009. Título original: Re-thinking genre: another look at discourse community effects. Comunicação apresentada em Re-thinking Genre Colloquium, Ottawa: Carleton University, 1992.

_____. **Other floors, other voices:** a textography of a small university building. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

_____. **Research genres:** explorations and applications. New York: Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. Sobre modelos de análise do discurso. In: BIASI-RODRIGUES, Bernardete; ARAÚJO, Júlio César; SOUSA, Socorro Tavares de (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas:** um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SWALES, J. M.; FEAK, C. B. **English in today's research world:** a writing guide. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2000.

YANG, R.; ALLISON, D. Research articles in Applied Linguistics: moving from Results to Conclusions. **English for Specific Purposes**, v. 22, p. 365-385, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário respondido pelos membros das culturas disciplinares

1. Da lista abaixo, qual o gênero acadêmico de maior importância para a sua comunidade disciplinar? Justifique sua resposta.

- Resumo acadêmico
- Resenha acadêmica
- Artigo acadêmico
- Monografia
- Dissertação
- Tese
- Outro – Qual?

2. Qual a importância do artigo acadêmico (AA) em sua área disciplinar? Apresente, no mínimo, cinco argumentos que justifiquem sua resposta.

3. Em sua área, predominam artigos cujo foco é a apresentação e discussão de teoria ou a apresentação e análise de dados?

4. Como ocorre a forma de publicação e circulação do AA em sua área disciplinar?

5. Em sua área, produzir gêneros em coautoria é uma prática recorrente? Justifique sua resposta.

6. Quais as principais seções (Exemplos: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados, Discussão) que caracterizam o AA?

7. Qual o propósito das seções escolhidas?

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) professor(a),

Sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA da Universidade Estadual do Ceará – UECE (biênio 2013 a 2015) e orientanda da Professora Doutora Cibele Gadelha Bernardino, professora do PosLA e do Curso de Letras da UECE. Na pós-graduação, desenvolvo uma pesquisa sobre escrita acadêmica intitulada *Culturas disciplinares e artigos acadêmicos experimentais: um estudo comparativo da descrição sociorretórica*, a qual está inserida em um projeto maior intitulado *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas*.

Tal projeto maior tem como objetivo investigar se campos disciplinares distintos constroem diferentemente gêneros acadêmicos em termos de organização retórica e de construção do metadiscurso, contemplando as áreas disciplinares de Linguística, Geografia Física e Medicina. Quase na mesma perspectiva, em minha pesquisa de mestrado, busco analisar a produção e o consumo de artigos de pesquisa nessas áreas, tendo em vista os propósitos comunicativos do gênero em questão e sua relação com as práticas de organização retórica adotadas em cada campo disciplinar.

Para o alcance desses objetivos, além de analisar artigos de pesquisa, necessito entender como os autores/professores lidam com a produção e o consumo desse gênero em sua área disciplinar particular. Com isso, em trabalho conjunto com minha orientadora, busco contribuir para o ensino nas universidades, oferecendo a docentes e discentes auxílios no que diz respeito à elaboração de artigos, tendo em vista a influência de diferenças disciplinares nesse processo.

Desse modo, solicito sua colaboração, pedindo que o(a) senhor(a) responda um questionário simples sobre gêneros acadêmicos e autorize o uso, de forma anônima, de suas respostas em minha análise de dados. Ressalto ainda que tais respostas somente serão utilizadas para fins acadêmicos, de modo a não causar nenhuma forma de transtorno ou prejuízo. Lembro também que, como sua participação é voluntária, o(a) senhor(a) pode, a qualquer momento, deixar de participar deste estudo sem sofrer danos, se assim achar conveniente, e que esta pesquisa poderá ser veiculada em eventos ou artigos científicos.

Por fim, garanto ao/à senhor(a) o recebimento de quaisquer informações a respeito do meu trabalho, se dessa forma desejar esclarecer eventuais dúvidas, e, para isso, deixo,

abaixo, os meus contatos, o da minha orientadora, o do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA e o do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UECE.

Mestranda Raquel Leite Saboia da Costa: (85) 9904-7614/raquel.leite@gmail.com

Professora Doutora Cibele Gadelha Bernardino: cibeleghab@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA: (85) 3101-2032

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UECE: 3101-9890

Fortaleza, _____ de _____ de 2014.

Assinatura do(a) colaborador(a)

Assinatura da mestranda

Assinatura da orientadora

APÊNDICE C – Referências do *corpus* de análise

ALVES, J. A.; CAMARA, L. M.; COSTA, F. S.; ROCHA, R. S.; ARAUJO, M. N. Os macrófagos na placenta durante o trabalho de parto. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 90-93, 2009.

ARAÚJO, A. A. A monotongação de [ay] e [ey] na norma culta de Fortaleza. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2005, Brasília. **Anais do IV Congresso Internacional da Abralín**, 2005. p. 767-776.

ARAÚJO, A. D. Uma análise da organização discursiva de resumos na área de educação. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 01, n. 01, p. 26-30, 1999.

_____. Gêneros Textuais Acadêmicos: Reflexões sobre Metodologias de Investigação. **Revista de Letras (Fortaleza)**, Fortaleza, v. 26, n. 1/2, p. 21-27, 2004.

_____. Computadores e ensino de línguas estrangeiras: uma análise de sites instrucionais. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v. 09, p. 441-461, 2009.

ARAUJO, A. S. A Tradução de Propagandas no Brasil: uma questão de sedução. **Tradução & Comunicação (Revista Brasileira de Tradutores)**, São Paulo, v. 01, p. 7-16, 2007.

BERNARDINO, C. G.; NOBRE, Kennedy Cabral. A mudança léxico-gramatical em propostas de redação de vestibular. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, p. 699-722, 2010.

BEZERRA, M. J. C.; LEITE, J. A. D.; ESTRELA NETO, J.; ROMERO, S. Liberação do túnel do tarso pela técnica endoscópica: uma proposta de acesso cirúrgico. **Acta Ortopédica Brasileira**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 46-48, 2005.

CARDOSO, M. M. A relevância discursiva da identificação do leitor em Newsweek. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 62-74, 2010.

DALLAGO, C. M.; PIZARRO, C. B.; GOLBERT, L.; OLIVEIRA, M. C. Hiperprolactinemia e distúrbios psiquiátricos. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 671-676, 2000.

FROTA, M. A.; M., M. C.; SANTOS, R. C. A. N. Significados culturais da asma infantil. **Revista de Saúde Pública (Online)**, São Paulo, v. 42, p. 512-516, 2008.

LINO, C. A.; AUGUSTO, K. L.; OLIVEIRA, R. A. S.; FEITOSA, L. B.; CAPRARA, A. Uso do protocolo *Spikes* no ensino de habilidades em transmissão de más notícias. **Revista Brasileira de Educação Médica (Impresso)**, Rio de Janeiro, v. 35, p. 52-57, 2011.

OPALEYE, E. S.; COELHO, H. L. L.; SCHÜLER-FACCINI, L.; ALMEIDA, P. C.; SANTOS, E. C.; RIBEIRO, A. J. V.; COSTA, F. S. Avaliação de riscos teratogênicos em gestações expostas ao misoprostol. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia (Impresso)**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 19-35, 2010.

PAMPLONA, L. G. C.; LIMA, J. W. O.; CUNHA, J. C. L.; SANTANA, E. W. P. Avaliação do impacto na infestação por *Aedes aegypti* em tanques de cimento do município de Canindé, Ceará, Brasil, após utilização do peixe *Betta splendens* como alternativa de controle biológico. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba - MG, v. 37, n. 5, p. 400-405, 2004.

PONTES, A. L. Marcadores semântico-sintáticos em dicionários pedagógicos. **Revista de Letras (Fortaleza)**, Fortaleza, v. 1-2, p. 5-10, 2007.

SILVA, G. M.; ARAGÃO, C. O. Uso do texto literário nas aulas de espanhol do ensino médio de escolas públicas de Fortaleza: uma reflexão sobre as crenças e a prática docente de egressos da UECE. In VII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2011, Curitiba. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**. Curitiba, 2011. p. 1642-1656.

SILVA, C. M. G. C.; RODRIGUES, C. H. S.; LIMA, J. C.; JUCÁ, N. B. H.; AUGUSTO, K. L.; LINO, C. A.; CARVALHO, A. G. N.; ANDRADE, F. C.; RODRIGUES, J. V.; CAPRARA, A. Relação médico-paciente em oncologia: medos, angústias e habilidades comunicacionais de médicos na cidade de Fortaleza (CE). **Ciência e Saúde Coletiva (Impresso)**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1457-1465, 2011.

SOUZA, N. D.; ARAGÃO, C. O. Análise de atividades de leitura: livro *Expansión*. In: II SILLE: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUÍSTICA, LITERATURA E EDUCAÇÃO DA FGF, 2010, Fortaleza. **Anais do II SILLE: Seminário Interdisciplinar Linguística, Literatura e Educação da FGF**. Fortaleza: Faculdade da Grande Fortaleza/FGF, 2010. p. 165-177.

SOUZA, T. R.; LOPES, D. M. A.; FREIRE, N. M.; SALMITO, G. A.; VASCONCELOS, H. C. A.; OLIVEIRA, A. B.; PINHEIRO, N. A.; NÉRI, E. D. R.; FERNANDES, P. F. C. B. C.; GARCIA, J. H. P. Importância do Farmacêutico Residente em uma Unidade de Transplante Hepático e Renal: Intervenções Farmacêuticas realizadas. **Jornal Brasileiro de Transplantes**, São Paulo, v. 13, p. 1368-1373, 2010.

VIEIRA, R. M. R. A.; ELIAS JUNIOR, J.; BARBOSA, M. H. N.; VOLTARELLI, J. C. Espondilite Anquilosante: Investigação Familiar de Aspectos Clínicos, Imunogenéticos e Radiológicos. **Revista Brasileira de Reumatologia**, São Paulo, v. 43, p. 287-293, 2003.